

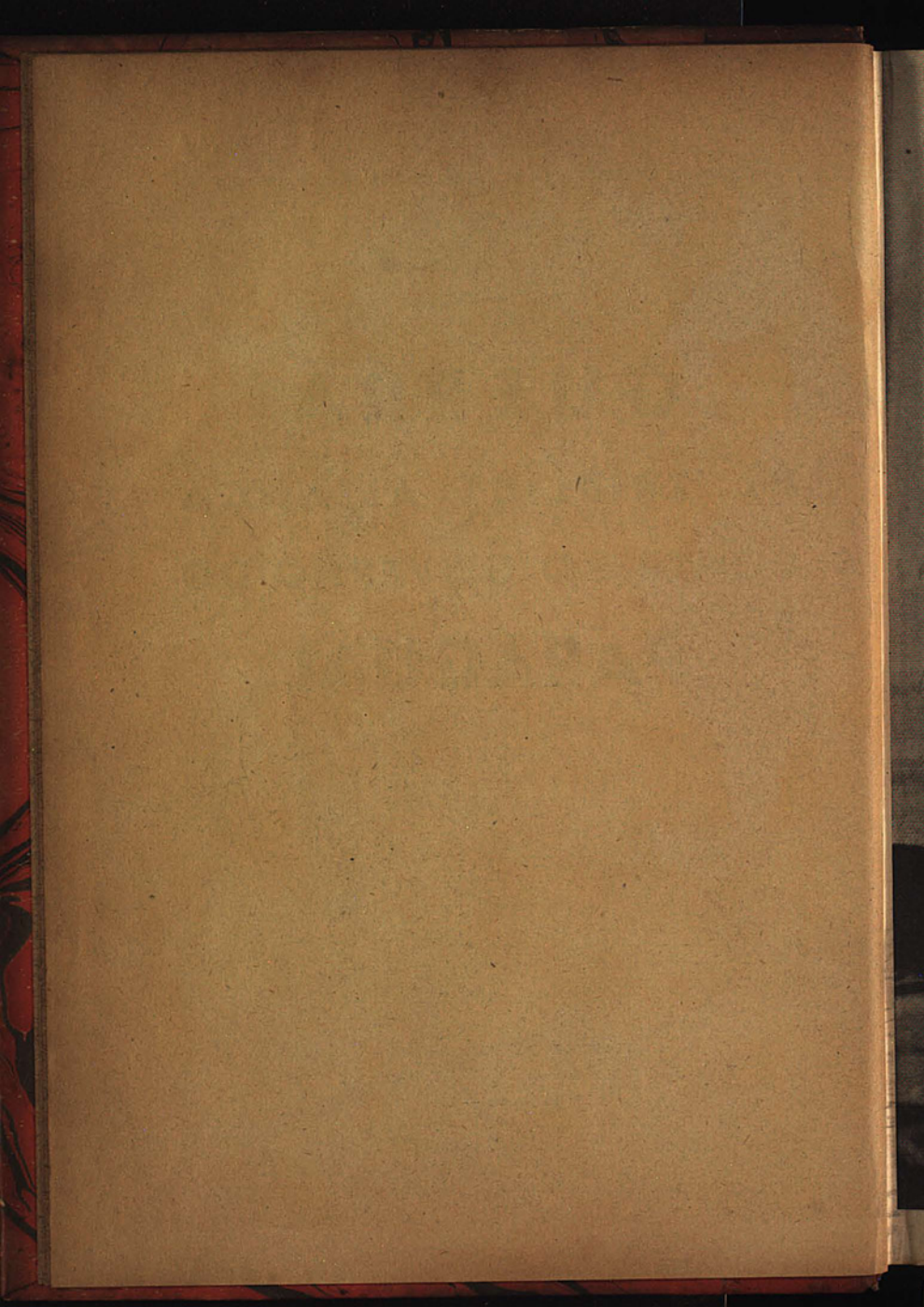
CORONEL MAURÍLIO DA CUNHA

(PROFESSOR DE HISTÓRIA DO BRASIL NA ESCOLA DE AERONÁUTICA)

GUERRA
DA TRÍPLICE ALIANÇA
CONTRA O GOVERNO DO
PARAGUAI

GP-206

ESCOLA DE AERONÁUTICA
CAMPO DOS AFONSOS
Rio de Janeiro — 1946





JOAQUIM MARQUES LISBOA

Historia Marinha de Portugal

À Armada Brasileira que tanto contribuiu com a ação decisiva do seu supremo chefe, Almirante Marquês de Tamandaré, dos seus oficiais e dos seus marinheiros, para a Vitória da causa dos Aliados, as homenagens do

AUTOR.

ANTECEDENTES

Não fosse a história uma lição moral, porque na realidade é a melhor mestra da vida e cuja crítica é a melhor bússola da inteligência, e naturalmente poderíamos omitir certos factos do passado dos povos, ou apagá-los da memória dos homens que, então, não sentiriam a influência das paixões e erros das gerações transatas.

Mas acontece que a história é hoje uma ciência conjectural e não a podem domar as paixões do historiador. Por isso, ela deve ser julgada através de uma crítica rigorosa, de modo que os factos sejam contados com o conhecimento exacto dos fenómenos de relação, para que justas sejam as apreciações que se possam tirar em consequência deles.

Assim, é lamentável, mas é justo que se narre a luta quase fratricida que arrastou, por cinco longos anos, quatro povos vizinhos, por assim dizer, nos primórdios de sua formação nacional.

Durante algum tempo, os povos hispano-americanos foram vítimas, nas suas lutas intestinas, duma caudilhagem desenfreada que retardou em parte a marcha da civilização da América espanhola.

Daí o aparecimento das grandes ditaduras imperialistas que com Lopez e Rosas tiveram na América os protótipos de suas existências e que com um pouco mais de sorte, também Urquiza, Oribe, Rivera, Flores e Aguirre chegariam à mesma fase do imperialismo.

As acções turbulentas dos caudilhos iam além de suas fronteiras para, na satisfação de suas ambições, perturbar a paz de outros povos, seus vizinhos, que por isso tinham de tomar uma atitude permanente de guerra.

Por isso, não eram propriamente guerras as lutas que por vezes se mostravam tremendas entre os povos do Prata, pois cêssavam logo que desaparecia do teatro nacional o caudillo turbulento.

Diz Rocha Pombo: "O Brasil estava, pela sua situação geográfica, pelas particularidades de sua história e pelas próprias condições de sua existência, sujeito a sofrer mais do que outro Estado do Continente, as repercussões da vasta discórdia platina nas suas crises".

O marechal Borman diz o seguinte: "Quem conhece a história dos povos do Rio da Prata sabe, sem dúvida, que o ditador Rosas afagou por muito tempo a ideia de conquistar as repúblicas do Paraguai e do Uruguai.

Estes dois Estados, anexados à República Argentina, constituiriam um agrande nação que, embora inferior ao seu vizinho Brasil, quanto à população, aproximar-se-iam quanto à natureza do solo, às suas variadas riquezas, e ainda sob outros aspectos.

As atribuições do Paraguai durante a Ditadura de Rosas, que tanto desonrou a América do Sul, e particularmente ensanguentou a República Argentina; os receios de que esse ditador, de um momento para outro, procurasse realizar a sua ideia de conquista, aconselharam ao então timorato governo paraguaio a preparar-se para repelir qualquer tentativa nesse sentido.

Enquanto o ditador foi uma ameaça à independência daquele país, o governo entreteve com o Brasil as mais amistosas relações, porque das potências da América do Sul era ele a mais forte e a mais interessada em conservar e defender a independência das suas vizinhas.

Era, pois, o Brasil um verdadeiro aliado, poderoso e sincero, que tinha a República do Paraguai".

O Brasil desempenhou na América do Sul o papel de defensor das liberdades, opondo seus esforços primeiramente às pretensões da tirania de Rosas, em seguida, livrando das pretensões de Solano Lopez, as províncias do Prata.

Diz o padre Galanti: "Concluída a campanha contra Rosas, procurou o Brasil obter de Carlos Solano Lopez a livre navegação do rio Paraguai, conforme se tinha implicitamente estabelecido no tratado de 1850.

Entendeu, porém, Lopez que esta questão não se devia separar da dos limites, a respeito da qual apresentou condições inaceitáveis.

Exaltaram-se, então, tanto os ânimos, que, em Agosto de 1853, Lopez mandou os passaportes ao ministro brasileiro Felipe José Pereira Leal, acusando-o oficialmente em sua nota diplomática de dedicar-se à intriga e à impostura por ódio ao supremo governo do Estado, e de levantar calúnias contra ele.

Afim de exigir uma satisfação por esta ofensa, o governo enviou à Capital daquela República uma esquadra comandada por Pedro Ferreira, que ia como plenipotenciário.

Intimou-o Lopez a que deixasse a esquadra no Paraná, fora das águas do Paraguai, seguindo ele com um só navio. Curvou-se Ferreira a essa exigência difícil de qualificar e, tendo o navio "Amazonas" encalhado antes de chegar à Assunção, trocou-se, entre o plenipotenciário brasileiro e o governo paraguaio, uma correspondência singular".

Essa atitude do Brasil foi um verdadeiro desastre e tanto assim reconhecida, que o próprio governo do Brasil não a ratificou.

Lopez resolveu enviar um seu representante ao Rio de Janeiro com o qual o futuro visconde do Rio Branco assinou um tratado de navegação e comércio. (6 de Abril de 1856). Mas, pouco tempo depois, Lopez anulou este tratado por intermédio de uma série de regulamentos que praticamente tornavam impossível o comércio com a província de Mato-Grosso.

Por este motivo, foi mandado à Assunção o próprio visconde do Rio Branco que obteve o ajuste de 12 de Fevereiro de 1858.

O Brasil naturalmente tinha interesse na questão do trânsito para Mato-Grosso. Esta e outras atitudes do Paraguai, demonstravam a sua política imperialista já com certo incremento no tempo de Carlos Lopez, pai de Francisco Solano.

Estava claro que o Paraguai aspirava reconstituir o vice-reinado do Prata, mas o império do Brasil constituia um sério obstáculo às suas pretensões.

Naturalmente sem o antagonismo do Brasil essa, reconstrução seria exequível, pois a Argentina mesmo somada ao Uruguai não podia resistir com vantagem a uma ofensiva paraguaia, tanto mais que havia dentro da própria Argentina uma corrente favorável ao governo de Assunção.

Assim devia culminar em Francisco Solano Lopez a ideia de retomar decisivamente o pensamento ditatorial de Rosas, com a preocupação de formar no Prata um grande império, rival do Brasil que deveria ser humilhado diante seu rival em poder.

“O plano propriamente dicto, diz R. Pombo, não era dele, mas do pai. Desde 1842, começara Carlos Lopez a pre-munir-se de meios para sair daquele isolamento, mas as condições em que se achavam o país e os vizinhos, não lhe permitiam tentar coisa alguma. Teve de viver muito discreto, e reprimindo-se diante dos assanhos em que andavam os outros, cuidando só de pôr-se em guarda contra eles, e, mesmo quando se sentiu desassombrado de Rosas, não se animou a romper contra o Brasil, por não ter ainda reunido os elementos de acção que julgava indispensáveis, e por estar em divergência aberta com os outros caudilhos da Confederação Argentina, principalmente com Urquiza.

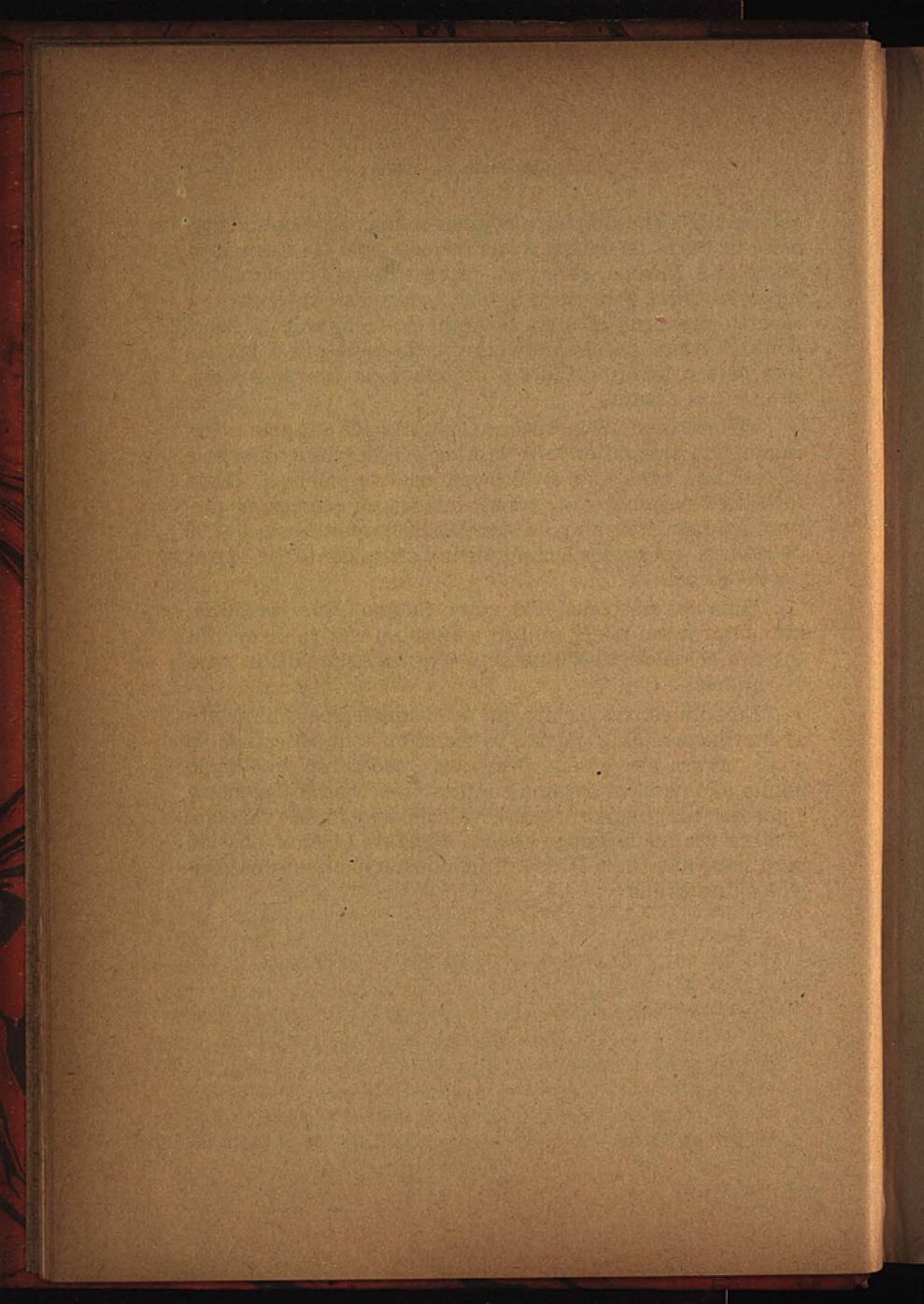
E' pois o segundo Lopez quem vai concretizar os intentos ainda vagos no espírito do seu predecessor. Não se descuidou de serviços que se relacionassem com o desen-

volvimento geral do país e ocupou-se com particular interesse de obras de defesa e das relações com o estrangeiro. Mandou à Europa, como seu representante diplomático, o próprio filho, Francisco Solano Lopez. Este inteligente e esperto, procurou estudar as coisas do velho mundo sob o ponto de vista que lhe convinha; e dir-se-ia que a viagem fora para o futuro ditador o noviciado da função histórica que iria assumir.

Quando, em 1862, faleceu Carlos Lopez, possuía o Paraguai um arsenal onde se fabricavam barcos e vapores e se fundiam canhões e todo o material de guerra. Tinha fortalezas perfeitamente construídas e um exército pequeno, mas bem disciplinado, com 28.000 veteranos e 64.000 de reserva, em vários acampamentos, e marinha de 11 vapores de combate”.

Uma vez no poder, Francisco Solano Lopez procurou aumentar o seu poder militar e elevou o efetivo do exército para cerca de 90.000 homens e a sua esquadilha para 14 vapores.

Embora estivesse claro que todo aquele aparelhamento se destinava a uma guerra, os vizinhos, todavia contra os quais fixara ele os seus desígnios, pensavam que tudo aquilo não passava de uma simples preocupação defensiva e por isso ninguém se inquietava com semelhante manejo. Mas na realidade Lopez apenas esperava melhor ocasião para escarmentar o Brasil, único obstáculo aos seus projectos ditatoriais.



A GUERRA DO URUGUAI

As questões do Uruguai iam fornecer o pretexto que Lopez esperava, pois que a política platina, ainda e cada vez mais, prendia as atenções da diplomacia brasileira.

Na presidência, depois da rendição de Oribe, ficara João Francisco Giró, oribista e inimigo do Brasil.

Este novo presidente, preocupado com as revoltas constantes dos seus adversários, sem obter, como pedira, a intervenção do Brasil, foi posteriormente deposto, sendo substituído por uma junta composta de Flores, Lavaleja e Frutuoso Rivera. (24 de Setembro de 1853). Mortos os dois últimos, Flores foi eleito presidente aos 11 de Março de 1854. Nessa época o Brasil era tido como o único instigador das desordens ocorridas no Uruguai. Quer tentasse ou negasse a intervenção solicitada por esse governo, todas as intrigas eram consideradas como oriundas da diplomacia brasileira.

“E os nossos aliados da véspera, diz Rocha Pombo, punham-se já de prevenção contra nós.

Em 1855, foi o Brasil obrigado a mandar uma expedição ao Paraguai para o que foi induzido por motivos legítimos e altamente poderosos; e quem primeiro se ergueu para criar embaraços aos justos reclamos do Brasil foi o general Urquiza, esquecido dos recentes tratados com o Brasil.

Livres, porém, tanto Urquiza como Lopez, daquele espantalho de Rosas, já se sentiam outra vez bem fortes para continuar a manter aquela atitude de suspeita e de repulsa contra tudo o que fosse do Brasil. Mas é principalmente do Uruguai que vinham todos os tropeços para a política imperial”.

Com a elevação de Venâncio Flores à Presidência do Uruguai, assanharam-se os partidos e, no dia 28 de Agosto de 1855, foi Flores deposto e embarcado à força para Buenos-Aires.

Nessa ocasião, houve uma tentativa de acordo entre os partidos (Blancos e Colorados) e foi elevado à Presidência o dr. Manuel Bustamante que exercia o cargo de presidente do Senado.

Acontece, porém, que Venâncio Flores havia, em seguida, estabelecido a sua capital na vila União e com isso, agravado uma situação que se teria tornado mais grave se não tivesse havido um acordo entre Flores e Oribe que resolveram dar todo o apoio a Bustamante, com a condição de este garantir a liberdade do voto nas eleições que se realizariam pouco depois.

O eleito foi Gabriel Antônio Pereira que, de fato, conseguiu um rápido período de paz, mas logo influenciado por seu ministro Antônio de las Carreras, do partido Colorado, viu-se novamente em grandes agitações políticas, mormente quando as tropas brasileiras se retiraram de Montevidéu por julgar o governo imperial que nada mais aí havia de anormal.

Com o apoio de Buenos-Aires, um grupo sob a direção dos generais Cesar Dias e Manuel Freire, havia-se revoltado contra o governo de Gabriel Pereira e para combatê-lo, este enviou o general Anacleto Medina ao Passo do Quintero (15 de Janeiro de 1858). Aí o encontro foi sangrento e após a capitulação dos restantes insurgentes, o governo ainda influenciado por seu ministro Carrera, mandou fuzilá-los, segundo dizem, de maneira bárbara. O bárbaro fuzilamento de Quintero, que se deu nos primeiros dias de Fevereiro de 1858, foi, durante muito tempo, para os Colorados o grito de guerra contra os Blancos.

Depois desses acontecimentos, o governo do Uruguai, com habilidade, conseguiu que aos 2 de Janeiro de 1859, fosse assinado no Rio de Janeiro e com a presença dos re-

presentantes da Argentina, do Uruguai e do Brasil, um tratado definitivo, segundo o qual não mais seria incorporado ao Brasil ou á Confederação Argentina a antiga Banda Oriental.

Quando tudo, porém, parecia que ia tomar um rumo de paz no Uruguai com a subida ao poder do novo presidente Prudêncio Berro, soube-se que Venâncio Flores havia regressado de Buenos Aires e desembarcado na aldeia de Caracoles, junto a foz do rio Negro, em Abril de 1863.

Diante deste imprevisto, Berro apelou para o Brasil que então se declarou neutro na contenda que ia ensanguentar de novo o Uruguai. A agitação em Montevidéu tomou verdadeiro carácter de pânico e o governo declarou-se indignado contra o chefe do partido Colorado e contra o Brasil e a Argentina, julgados responsáveis pela ousadia de Flores.

Uma luta terrível, então, teve começo e depois de vários encontros e choques violentos, que aqui não cabe narrar, entre os partidos, Flores deixou de ser um simples aventureiro, pois que então tinha já o apoio da grande maioria da nação.

Para dar termo à contenda, Berro, depois de propor vários ajustes sem conseguir acordo entre os partidos, elegeu Aguirre, do seu partido para Presidente da República.

Mal Aguirre tomou posse do governo, a situação agravou-se consideravelmente, em virtude do próprio temperamento do novo presidente que não admitia transacções nem acordos.

“O próprio Aguirre começou a usar de linguagem veemente e até ameaçadora contra o Presidente da Confederação acusando-o de proteger abertamente os Colorados e de auxiliar Flores.

A questão com o Brasil tornou-se ainda mais melindrosa, porque o governo de Montevidéu não tinha querido nunca atender às graves reclamações do Império, relativas às vexações de súbditos brasileiros estabelecidos no Estado Oriental.

Assumiu, agora, essa questão um aspecto de excepcional gravidade, porque os estancieros, desesperados de verem cessar os seus infortúnios enquanto Aguirre estivesse no poder, tomaram o partido de Flores, fazendo assim, que redobrasse contra eles as crueldades dos Blancos". (op. cit.).

No Rio Grande do Sul, houve grande agitação em face dessa situação e no próprio Rio de Janeiro exacerbava-se a opinião pública por não tomar o governo uma atitude mais enérgica.

Resolveu, então, o governo Imperial mandar para Montevidéu um enviado extraordinário, afim de exigir do governo Oriental garantias, reparos e satisfações com respeito aos brasileiros conculcados em seus direitos.

Para esta difícil missão foi escolhido o conselheiro José Antonio Saraiva, e concomitantemente foram tomadas outras medidas de carácter militar.

Assim foi reforçada a força naval brasileira no rio da Prata a qual estava sob o comando do vice-almirante barão de Tamandaré, ao mesmo tempo que se determinou a permanência de um exército na fronteira oriental sob o comando do marechal de campo João Propício Mena Barreto.

O governo de Aguirre continuava com os mesmos subterfúgios às nossas reclamações e o conselheiro Saraiva, enviado extraordinário do Brasil, não obteve resultados satisfatórios. As respostas do governo uruguaio eram sempre feitas em termos desabridos.

"O que indispunha naturalmente o governo do Uruguai contra o Brasil e até certo ponto com alguma razão, se se esquece a contingência em que se viu o nosso governo,

foi a circunstância de coincidir a missão diplomática e já apoiada de movimento de forças, com a revolta dos Colorados.

Havia de parecer sem dúvida aos Blancos que o governo do Brasil se aproveitava dos embaraços internos, com que lutava naquele momento a república, para fazer-lhe imposições que, talvez em outra ocasião fossem naturais e legítimas, porém que naquele momento se afiguravam descabidas". (R. Pombo).

Além de tudo, os termos enérgicos da nota brasileira aumentaram as desconfianças por parte do governo uruguaio, embora houvesse certa reserva e cuidado por parte de Saraiva, que não escondia o propósito de um formal pedido de satisfação.

Dizia textualmente o ministro dos Estrangeiros do Uruguai: "A situação que atravessa o país, e que tem crecido ao seu governo a invasão que, organizada e armada em territórios argentino e brasileiro, ocasionou a mais ruidosa e injustificável guerra, sem que até hoje se tenha posto paradeiro por parte de nenhuma das autoridades desses territórios aos atentados cometidos, colocaria o mesmo governo no caso bem justificável de desatender a reclamações retrospectivas, com justo número, reunido de propósito, com cujas exagerações e inexatidões pareceria querer-se minorar a responsabilidade e justificar procedimentos que, ante o direito e as atenções devidas à República por parte dos países limítrofes, não tem justificação possível".

A situação tornou-se ainda mais grave em vista da atitude assumida pelo Uruguai que públicamente demonstrava repulsa ao Brasil, ao mesmo tempo que pretendia se aliar às províncias de Corrientes e Entre-Rios já integradas na Confederação Argentina e, falhadas estas tentativas, recorreu ao Paraguai que, julgando-se também vítima da política conjunta do Brasil e Argentina, tinha reivindicações a pleitear contra estes dois países.

Nesta ocasião e após a morte de Carlos Lopez, havia assumido o governo do Paraguai, o seu filho Francisco Solano Lopez que tomou disposições para colocar-se como árbitro das complicações platinas.

Assim teve acolhimento, por parte do governo do Paraguai, o apelo dos Blancos para que aquele país servisse de mediador nesta citada questão. Ficava, assim bem esclarecida a atitude do governo uruguaio de Aguirre, chefe dos Blancos, quando tomou a arrogante decisão contra o Brasil, pois, é claro, que já então contava com o auxílio do Paraguai.

Mesmo assim o Brasil ainda procurou com habilidade rebater os pontos da resposta do Uruguai sem ferir sua soberania, demonstrando os perigos que a guerra civil traria ao país, consentindo na ampla expansão da caudilhagem que travava a marcha de civilização platina e, então, acrescentava a nota brasileira: "A política esclarecida do Império não concorrerá jamais para a ruína desta República; assim como o apelo ao púdonor, com o motivo de recusarem-se o governo do Uruguai as justas e moderadas reclamações do Brasil, não demoveria este país do propósito de conseguir que os brasileiros gozassem da proteção, ainda que débil da República".

Não deixando a nota-resposta do Uruguai uma esperança de conseguir aquilo que o Brasil não podia prescindir sem faltar aos seus mais sagrados deveres, concluía dizendo que levaria todo o ocorrido à presença de S. M. o Imperador e dele aguardaria ordens".

Depois dessa troca de notas, ainda o Brasil procurou com a cooperação da Argentina e da Inglaterra, uma solução honrosa para o Uruguai terminar a guerra civil entre Colorados e Blancos. Todas as tentativas nesse sentido foram inúteis, todavia.

Em vista disso, o governo brasileiro notificou ao do Uruguai que as suas tropas iriam invadir o território oriental para proteger os brasileiros ali residentes, contra os excessos dos revolucionários uriguaiois.

Na realidade, as forças brasileiras já reunidas no Rio Grande do Sul atravessaram a fronteira e ocuparam toda a região nordeste do Uruguai até as montanhas do Serro Largo, ao mesmo tempo que os voluntários do general Neto seguiam em direção ao Oeste.

Enquanto isto, o almirante Tamandaré determinara que três dos seus navios subissem o rio Uruguai.

Rocha Pombo conta o seguinte: "No dia 7 de Setembro, navegavam a Jequetinhonha e a Belmonte de Salto para Paisandu, quando a uma hora da tarde, se avistou, descendo o rio com grande velocidade, um daqueles vasos orientais, o Vila del Salto, que fazia o transporte de tropas de Montevidéu para os portos do litoral e que havia sido intimado por Tamandaré à imobilidade.

Chegando a uma enseada, nas vizinhanças de Paisandu, o capitão do navio fugitivo, compreendendo que não podia salvá-lo, fez retirar de bordo a artilharia, e deitou-lhe fogo.

A notícia desse desastre produziu imensa indignação em Montevidéu e logo apressou-se o governo em enviar os passaportes ao nosso ministro residente, dr. João Alves Loureiro, vedando toda e qualquer comunicação das forças marítimas e terrestres do Império com o território da República, ao mesmo tempo que lançou as mais violentas proclamações contra o Brasil.

Tentou o Brasil ainda um esforço, enviando ao rio da Prata o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, a ver se era possível conseguir alguma coisa.

Mas era tarde e os Blancos estavam cada vez mais dispostos a afrontar o Império numa guerra que eles próprios "julgavam raciais".

Naturalmente Aguirre, então Presidente do Uruguai, já estava amparado nas promessas de proteção do Paraguai que, impaciente por entrar nas complicações do Prata, havia primeiramente protestado contra a Argentina

por ter Flores, saindo de Buenos Aires, atacado o Uruguai, e depois proposto mediação entre o Império e a República, quando o conselheiro Saraiva havia chegado a Montevidéu.

Essas descabidas propostas, por certo, não poderiam ser levadas em consideração por parte do Brasil que as rejeitou.

Aconteceu, porém, que na mesma ocasião, quando o conselheiro Saraiva entregou o ultimatum do Brasil ao Uruguai, o governo do Paraguai dirigiu ao nosso ministro em Assunção, Cesar Viana de Lima, a seguinte nota: "O governo da República do Paraguai deplora profundamente que o de V. Excia. haja julgado oportuno afastar-se, nessa ocasião, da política de moderação em que se devia confiar, agora mais do que nunca, depois de sua adesão às estipulações do Congresso de Paris, e não pode ver com indiferença e menos consentir que, em execução da alternativa do ultimatum imperial, as forças brasileiras, quer sejam navais, quer sejam terrestres, ocupem parte do território da República Oriental, nem temporariamente, nem permanentemente; e S. Excia. o Sr. Presidente da República ordenou ao abaixo assinado que declare a V. Excia., como representante de S. M. o Imperador do Brasil: que o governo da República do Paraguai considerará qualquer ocupação do território Oriental por forças imperiais, como atentatório aos Estados do Prata, que interessa à República do Paraguai, como garantia de sua segurança, paz e prosperidade; e que protesta de maneira a mais solene contra tal acto, desonerando-se desde já de toda a responsabilidade pelas consequências da presente declaração. (Marechal Borman)".

Estava claro que o governo do Brasil não podia dar importância a tão descabida ameaça que insuflou os Blancos contra nós, e que deu motivos aos excessos contra o Brasil ocorridos em Montevidéu, quando até o próprio Aguirre mandou que se queimassem em praça pública os textos de todos os tratados realizados com o Brasil.

Foi de grande abalo a repercussão no Rio de Janeiro destes acontecimentos ocorridos em Montevidéo.

Fix diz o seguinte: "O Paraguai observara fielmente, por espaço de cinco anos, uma política de abstenção, e nenhuma vantagem lhe poderia resultar de uma aliança com o Uruguai.

Aquele repentino despertar, aquela ameaça de intervenção nas complicações existentes foram consideradas como bravatas, e o governo imperial prosseguiu no seu propósito.

Se houvesse previsto que Lopez invocaria mais tarde aqueles precedentes para justificar a legitimidade de suas empresas; se tivesse adivinhado quão vastos eram os projectos em cuja execução ia o ditador Lopez empregar a sua inteligência e energia, o governo do Brasil não teria de certo desprezado aquelas ameaças, e houvera assumido, para com o importuno vizinho, uma outra atitude".

Daí o entusiasmo dos Uruguaios a favor da guerra e a atitude de grande animadversão contra o Brasil em Montevidéo.

Diante desses acontecimentos, o governo brasileiro deu ordens ao general Mena Barreto para que, reunido aos Colorados, marchasse sobre Montevidéo, e, ao mesmo tempo, mandou que o almirante Tamandaré se entendesse com Flores para uma acção conjunta contra Aguirre. Sem perda de tempo, no dia 25 de Outubro, os portos de Salto e Paisandu foram considerados bloqueados. Em seguida investindo Flores contra Salto que foi tomado sem resistência, as tropas aliadas arrancaram contra Paisandu.

Paisandu era uma cidade de cerca de 8.000 almas e situada à margem do rio Uruguai. Aí tinham os Blancos sob o comando de Leandro Gomez, uma força de perto de 2.000 homens das três armas, em situação vantajosa de defesa, quando aos 3 de Dezembro de 1864 foi assediada e bloqueada pelos elementos de Flores, dos voluntários sul-rio-grandenses e tropas desembarcadas de marinha, até que chegassem as forças imperiais para o assalto.

No dia cinco do mesmo mês, foi, então, a praça atacada por terra e pelo lado do rio e, depois de alguma preparação e pequenos combates, chegou afinal o exército do general Propício Mena Barreto com cerca de 6.000 homens das três armas, composto de duas divisões, comâdadas respectivamente pelos generais José Luís Mena Barreto e Manuel Luís Osório.

Deliberaram nessa ocasião os aliados atacar a cidade por um assalto decisivo e, de facto, antes do amanhecer deste dia, deu-se o primeiro tiro, como sinal de início do combate.

A luta foi terrível e sem descanso, até que os sitiados conseguiram penetrar na cidade onde se desenrolou encarniçada luta.

Finalmente a cidade de Paisandu veio a render-se no dia 2 de Janeiro de 1865, ficando sob o domínio do general Flores.

Logo em seguida (12 de Janeiro), os aliados marcharam em direcção ao sul e alcançaram Fray-Bento, pequena povoação à margem do rio Uruguai e distante apenas 46 quilómetros de Paisandu.

Nesta localidade, onde se incorporou ao exército imperial uma brigada de 1.700 homens, estava o conselheiro Paranhos, plenipotenciário no Prata, à espera do general Flores, afim de firmar com ele vários acordos sobre sua conduta em relação ao Brasil, quando assumisse a Presidência do Uruguai.

Foi, então, dirigido por Flores um manifesto ao Uruguai e, em seguida, foi por ele entregue ao conselheiro Paranhos, logo que todos chegaram a Santa Lúcia, o seguinte compromisso: "Quartel General do Exército Libertador Colorado, em 28 de Janeiro de 1865 — Sr. Ministro — A aliança entre o Brasil e a grande maioria da Nação Oriental, que me cabe a honra de representar como general-chefe do exército libertador, está feita.

Ela existe de há muito nos sentimentos e nas conveniências recíprocas; hoje existe também nos factos, porque o triunfo de Paisandu foi selado com o generoso sangue dos bravos de uma e outra nacionalidades.

Sempre fiz justiça às nobres atenções do Brasil; sempre confiei no seu respeito à independência de minha pátria, e na força dos princípios de justiça e liberdade que professam o povo brasileiro e o seu ilustre monarca.

Hoje, porém, tenho novos penhores de seus generosos sentimentos para com o povo oriental, que tanto amo, e sinto o dever de dar uma demonstração do meu reconhecimento e do quanto desejo estreitar a sólida amizade entre os Orientais e os Brasileiros.

Como general-chefe dos Orientais, que compõem o exército libertador e representam em nossa honrosa cruzada a grande maioria dos seus compatriotas, cabe-me a honra de dar ao Brasil a segurança de que as suas reclamações, que motivaram o ultimatum de 4 de Agosto último serão atendidos com rigorosa justiça e inteira lealdade, valendo esta minha declaração como empenho de honra e acto solene e perfeito da soberania oriental, logo que esta esteja libertada da facção que hoje a oprime... assegura por último ao governo de S. M. o Imperador do Brasil que a República Oriental, desde já e com a maior razão, quando for de todo libertada de seus actuais opressores, prestará ao Império toda a cooperação que esteja ao seu alcance, considerando como empenho sagrado a sua aliança com o Brasil na guerra deslealmente declarada pelo governo paraguaio, cuja ingerência nas questões internas da República do Uruguai é uma pretensão ousada e injustificável".

Concentradas todas as forças em Santa Lúcia, daí partiram com cerca de 7.000 homens em direcção de Montevideú.

Esta cidade, capital dos Orientais, estava inteiramente abalada e consternada com a capitulação de Paisandu e agora, ante o perigo às portas, tomou-se de pânico e grande sobressalto.

Dentro de Montevidéu, assanharam-se os elementos perturbadores que aproveitavam a situação de incertezas e apreensões para se lançarem em grandes grupos, à prática de toda sorte de crimes, agora contra o próprio governo de Aguirre, fraco e indeciso.

“Organizou-se, diz Jourdan, uma junta de Salvação Pública, que exigiu a exoneração do ministro da Guerra que foi substituído por um louco, Susviela.

Daí começou a anarquia na cidade e o general João Sáa (Lança-seca) que se havia recolhido à Capital com pouca gente do seu exército, foi nomeado comandante-chefe do exército da Capital.

O famoso coronel Massa foi designado para dirigir a defesa de Montevidéu. Começou, então, o domínio do punhal e aumentou extraordinariamente a emigração da cidade”.

Compreendeu Aguirre a sua difícil situação com o povo amotinado dentro da própria Capital e ainda mais sem o apoio do corpo diplomático.

Quís ainda tentar um golpe mandando invadir a fronteira brasileira com os coronéis Muños e Aparício, mas tudo foi frustado em face da resistência que estes encontraram.

Desiludido com a situação e não tendo mais esperanças no auxílio prometido por Solano Lopez, resolveu diante da anarquia que assolava Montevidéu e das medidas de terror tomadas por seus ministros Carrera e Susviela, quando já as tropas aliadas (25 de Fevereiro de 1865) se encontravam diante dos muros da cidade, renunciar à Presidência e ordenar que se convocasse o Senado para eleger outro presidente.

Logo depois de tomadas essas providências, Aguirre e seus ministros fugiram com destinos diferentes.

Eleito o novo presidente provisório (15 de Fevereiro), senador Tomaz Vilalba, entablaram-se negociações para a capitulação da praça e entrega do poder ao general Flores.

Foram, então, assentadas as bases da capitulação (20 de Fevereiro) e assinado o respectivo protocolo, quando sômente entraram na cidade o general Flores e o conselheiro Saraiva sob imenso júbilo de todos os Colorados.

Estava assim terminada aquela terrível guerra e sômente em seu término pode o governo brasileiro apreciar a causa imediata de outra guerra que se ia esboçando: a guerra do Paraguai.

A GUERRA DO PARAGUAI

Depois do término da guerra contra o governo Aguirre do Uruguai, bem compreendeu o governo brasileiro as responsabilidades que ia arcar com a nova guerra já rompida com o governo de Solano Lopez.

De surpresa, aquele ditador e sem prévia declaração de guerra, havia aprisionado o navio brasileiro "Marquês de Olinda", a cujo bordo ia para Mato-Grosso o coronel Carneiro de Campos, nomeado presidente daquela Província.

Em face desses acontecimentos, o nosso ministro em Assunção, pediu os passaportes e após grande custo e sérios vexames, conseguiu, com a intervenção do ministro norte-americano, deixar o território paraguaio.

O rio Paraguai era a chave ou linha natural de invasão da nossa Província de Mato-Grosso e o forte de Coimbra, situado em uma das suas curvas, proporcionaria ao invasor cobrir de frente, de flanco e de revés as embarcações que por ali passassem.

A nossa província de Mato-Grosso estava em condições lastimosas de defesa sob a presidência do general Alexandre Albino de Carvalho que enfermo e já exonerado ao tempo de invasão, ainda se mantinha à frente da província à espera do seu sucessor.

Em toda esta grande província havia apenas uns 1.300 homens espalhados em pequenos destacamentos pelas cidades de Cuiabá, Vila Maria, Corixa, Corumbá, Miranda, Nioac, Fortes do Príncipe da Beira, de Casal, Vasco, de Coimbra e colônias militares de Miranda e de Dourado.

O presidente de Província, já mais ou menos avisado do que podia suceder, não só pelo almirante Tamandaré, como pelo nosso ministro em Assunção, procurou, com os poucos recursos de que dispunha, tomar as medidas necessárias.

Acontece, porém, que aos 14 de Dezembro de 1864, havia zarpado rio acima a Esquadra paraguaia, composta de cinco vapores de guerra, levando a reboque três escunas e duas chatas artilhadas às quais se incorporaram, em Conceição, mais três vapores, entre os quais se achava o nosso vapor "Marquês de Olinda", também armado para a guerra.

Esta esquadra transportava cêrca de 4.200 homens de desembarque, com 12 canhões raiados de artilharia a cavalo, e ia sob o comando do coronel Barrios, cunhado do Presidente Lopez. Por terra caminhava outra coluna com perto de 5.000 homens, sob o comando do general Resquin.

Subindo o rio Paraguai atingiu a esquadra do comando de Barrios, na noite de 26, o Forte de Coimbra onde se encontrava o coronel Porto Carreiro com apenas 157 homens mal equipados. Diante do perigo iminente e da intimação de rendição imposta por Barrios, não se intimidou o coronel Porto Carreiro e tomando disposições de defesa, resolveu aquele bravo coronel rebater com os canhões de que dispunha os ataques das baterias inimigas.

"O coronel Hermenegildo Porto Carreiro, diz o marechal Borman, exercia o cargo de comandante do Districto do Baixo Paraguai e do 2.º Batalhão de Artilharia e estava, naquele momento no Forte, em visita de inspecção.

Era este official muito conhecido no exército paraguaio, onde fora instructor, no tempo das atribuições da República".

Francisco Solano Lopez tinha sido um dos seus discipulos e amigo particular, quando companheiro de casa no Passo da Pátria e em Humaitá, onde Porto Carreiro exercia em comissão o cargo de instructor do exército paraguaio.

Os Paraguaiois, em vista da resistênciã oposta pelos Brasileiros, resolveram desembarcar parte de suas forças na margem direita do rio, encaminhando-as para a encosta da montanha (donde a cavaleiro se divisa o Forte pela retaguarda) com a intenção de bater o Forte a tiros de canhão.

Em seguida romperam os Paraguaiois, de bordo e terra renhido bombardeio, crepitando em seguida forte fuzilaria contra o forte que para poupar munição esperou que os Paraguaiois chegassem ao alcance eficaz dos fogos brasileiros.

Pouco depois e já com a aproximação dos Paraguaiois, começou o fogo com intensidade e já a infantaria inimiga tentava escalar o forte, em várias investidas inúteis.

Depois de terrível luta e já ao anoitecer, cessou o fogo e recuaram até a bordo dos seus navios, os homens que haviam desembarcado à margem direita do rio.

No dia seguinte começou mais terrível ainda a luta e novamente são repetidas as tentativas de escalada que pareciam choques de feras sedentas de sangue. Lutou-se assim outra vez até a noite, quando de novo os atacantes se afastaram.

Nesse momento e quando se pressentiam novas investidas contra os brasileiros, Porto Carreiro, avaliando a gravidade da situação para evitar que se sacrificassem inutilmente aquelas duzentas e tantas vidas, resolveu a retirada da guarnição e passou-se com toda a força para bordo da canhoneira Anhambaí (11 horas da noite) que zarpuo rio acima burlando a vigilância inimiga, em demanda a Corumbá.

Em vista disso os Paraguaiois entraram facilmente no forte e dali partiram rio acima, apoderando-se de Miranda, Dourado e de Corumbá, cujos habitantes haviam fugido da cidade.

Estavam, pois, os Paraguaiois senhores de toda a parte sul de Mato-Grosso, que tomou então o nome de alto e baixo Paraguaí.

A notícia da invasão de Mato-Grosso consternou o Rio de Janeiro onde o povo foi levado a um grande clamor de indignação contra o governo do Paraguai.

Diz o general Tasso Fragoso: "Caso Lopez, depois da invasão de Mato-Grosso guardasse a defensiva estratégica, competia-nos ir acometê-lo em seu território. Por onde? Partindo de Mato-Grosso, do Paraná ou do Rio Grande do Sul?"

O caminho mais fácil naquele momento era evidentemente o último, mas tinha o inconveniente de exigir a travessia de uma província argentina (Corrientes)."

Na verdade todos sabiam que a posse de Mato-Grosso era de grande importância para Lopez, mas também ninguém ignorava que por ali não se havia de decidir o conflito em questão.

Por outro lado também não se podia abandonar Mato-Grosso, tanto para castigo do invasor, como para desagravo da nossa honra ofendida.

Assim, foi imediatamente pensado um contra-ataque aos Paraguaioes invasores de Mato-Grosso, e preparou-se uma expedição nesse sentido, mas, naquele momento, a preocupação do governo era a questão com os Blancos do Uruguai que se haviam reunido em Paisandu (2 de Janeiro de 1865) e onde já os Aliados em caminho de Montevideu esperavam derrotar o Presidente Aguirre que contava com o auxílio daqueles nossos adversários.

Desafogado daquela angústia, cuidou o governo imperial de prevenir-se, a toda a pressa contra as novas e ainda mais duras emergências que sobreviessem.

Ordenou a aplicação geral do recrutamento e a criação de nova milícia (Voluntários da Pátria), aumentou a marinha de guerra, comprando navios na Europa e construindo muitos em nossos próprios estaleiros; chamou às armas a guarda nacional nas províncias do sul.

Concomitantemente com estas providências, o Brasil comunicou às nações amigas a declaração formal de guerra ao ditador Lopez (27 de Janeiro) e Tamandaré to-

mou imediatamente medidas de bloqueio contra os portos do rio Paraguai mandando partir para a confluência dos rios Paraguai e Paraná uma divisão da esquadra sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Gomensoro.

Mas, segundo a ideia de manobra que se tinha em vista, era necessário que as nossas tropas pudessem atravessar o rio Uruguai, para na sua margem direita marchar ao encontro do inimigo. Para isso era também preciso que tivéssemos o consentimento da Argentina que, entretanto, havia determinado manter inteira neutralidade entre os beligerantes, afirmando que os rios podiam ser trafegados livremente, contando que fossem respeitadas as margens sob a sua soberania.

Aconteceu, porém, que Lopez na esperança de aliar todos os povos do Prata contra o Império, havia, já muito antes do sítio de Paisandu, entabulado negociações com o general Urquiza, que lhe prometera franquear a passagem pelo seu território e auxiliá-lo com o reforço de dez mil cavalariãos, quando os Paraguaioes penetrassem em território Uruguai.

Conhecedor dessas maquinações, o presidente Mitre da Argentina ordenou que se observasse uma atitude neutra em toda a confederação.

Diz o general Tasso Fragoso: "A 14 de Janeiro de 1865, depois de haver invadido a província de Mato-Grosso, e desejoso de pôr em obra o seu plano de vir atacar o Brasil no Rio Grande do Sul, atravessando Corrientes, Lopez solicitou a necessária permissão ao governo da Argentina.

Em 1855, dizia o governo paraguaio, o governo Imperial mandou uma esquadra com tropas de desembarque contra o Paraguai pelo Prata e Paraná (missão Pedro de Oliveira), com o consentimento do governo de Buenos Aires. Logo, este governo pode hoje fazer-lhes concessões idênticas, facultando a ida do exército da República à província do Rio Grande do Sul.

A este pedido, levado a Buenos Aires pessoalmente por Luís Caminos, deu Mitre a resposta elevada e digna que reclamava (9 de Fevereiro de 1865).*

O que fez em 1865 não obriga o governo na hora presente; e em tese aquilo que um neutro consentiu ontem, pode julgar inoportuno hoje.

Demais não havia paridade entre os dois casos, pois em 1855 o governo imperial, interrogado, declarou não levar nenhuma intenção hostil, e a prova desse sentimento é que foi recebido amistosamente pelo governo do Paraguai.

Além disso, o trânsito terrestre não é, porém, trânsito fluvial; logo o caso invocado não é aceitável como justificativa do que se pretende, e terminava pela negação clara e formal do que era solicitado”.

A decepção dessa resposta coincidiu com os ataques da imprensa portenha contra o ditador que resolveu então afrontar só com os seus próprios recursos a realização dos seus planos, pois verificou que não podia contar com o concurso dos outros povos do continente.

A Bolívia, o Perú, o Chile e outras Repúblicas do continente negaram-se a tomar parte no conflito contra o Brasil.

Desejoso de mostrar que, pelo menos, estava com o seu povo, Lopez convocou aquilo a que deu o nome de Câmara dos Representantes e esta, ao receber a proposta segundo a qual tácitamente se considerava o país em guerra com a Argentina, uma vez que este país lhe negara o que lhe fora pedido, acrescentou, entre muitas outras, as seguintes determinações: que se queimassem em praça pública os jornais de Buenos-Aires que insultavam o Presidente e o povo paraguaio; que fosse declarada a guerra à Argentina, etc.

Mas embora ainda não se tivesse declarado a guerra, já os Paraguaioes começavam a penetrar o território argentino pela fronteira setentrional de Corrientes.

Diz Juordan: "A surpresa da agressão foi tal que, quando os vapores de guerra, paraguaios Taquarí, Iporá e Marquês de Olinda desceram o rio, passando em frente ao ancoradouro de Corrientes para depois na subida aprisionarem os navios argentinos Vinte e Cinco de Maio e o Gualaguaí e bombardear a cidade, nem a bordo destes navios, nem em terra, ninguém tomou a defesa.

Ao aproximarem-se dos vapores argentinos, ancorados e de fogos apagados, os Paraguaiois deram carga de metralha, e ao mesmo tempo fuzilaram todos os argentinos que apareciam nos conveses ou no porto.

Acostando, lançaram-se à abordagem, matando os que não se atiravam ao rio, e fuzilando os que nadavam.

Ficou, com esta presa, a esquadra paraguaia composta de 23 vapores e canhoneiras, cinco navios de vela, três lanchões e várias chatas".

Ao mesmo tempo, uma força de cerca de cinco mil Paraguaiois, sob o comando do general Robles, ocupou a cidade de Corrientes, onde foi instituído um governo provisório, independente de Buenos-Aires.

"Segundo Fix, o governo posto por Lopez em Corrientes era amigo do ex-competidor de Mitre e outro inimigo deste, general Virasoro foi nomeado comandante do futuro exército correntino".

Causou grande emoção em Buenos-Aires a notícia da violência insólita praticada por Solano Lopez, e no mesmo dia o governo argentino declarou o estado de sítio em todo o país e ordenou a mobilização da Guarda Nacional.

Em seguida Mitre, lançou a seguinte proclamação: "Provocados à luta, depois de haver feito tudo quanto decorosamente podíamos e devíamos fazer para evitá-la, guardando a neutralidade, que era a regra da nossa política, responderemos à guerra, com a guerra, e falaremos com toda a energia e poder que reclamam os gloriosos antecedentes da nação argentina, deslealmente vulnerada em sua honra e atacada em sua segurança".

Diz R. Pombo: “A impressão causada pela audácia dos Paraguaiois foi tão profunda que não só o novo presidente do Uruguai, general Venâncio Flores, mas até o próprio governador de Entre-Rios, general Urquiza, alarmados, partiram a todo a pressa para Buenos-Aires, afim de se entenderem com o general Mitre e o plenipotenciário brasileiro, dr. Francisco Otaviano de Almeida Rosa, que a 16 de Abril substituiria o conselheiro Paranhos”.

Urquiza percebeu as dificuldades de sua situação e para evitar quaisquer dúvidas que pudessem ser jogadas contra sua lealdade, declarou que poria de parte todos os seus antigos ressentimentos pessoais contra a política partidária e solicitava, em favor da sua honra, o comando da vanguarda do exército contra os Paraguaiois.

Assim em meio de tantas apreensões e em virtude de tanta audácia por parte do governo do Paraguai, re resolveram o Brasil, a Argentina e o Uruguai assinar um tratado denominado “Tríplice Aliança” e que foi celebrado no dia 1.º de Maio de 1865.

Dentre os seus dezenove artigos, apenas transcrevemos aqueles que se nos parecem mais oportunos: art. 3 — Devendo começar as operações de guerra no território da República Argentina ou na parte do território paraguaio que é limítrofe com aquele, o comando-chefe e direção dos exércitos aliados ficam confiados ao presidente da mesma Republica, general chefe do exército argentino, brigadeiro general d. Bartolomeu Mitre.

Embora as altas patentes contratantes estejam convencidas de que não mudará o terreno das operações de guerra, todavia para salvar os direitos soberanos das três nações, firmam desde já o princípio de reciprocidade para a chefia do comando caso as ditas operações se houverem de traspassar para o território brasileiro ou oriental.

As forças marítimas dos aliados ficarão sob o imediato comando do vice-almirante visconde de Tamandaré, comandante chefe da esquadra de S. M. o Imperador do Brasil.

As forças terrestres de Sua Majestade o Imperador formarão um exército debaixo das immediatas ordens do seu general chefe brigadeiro Manuel Luís Osório; as forças terrestres da República Oriental, uma divisão das forças brasileiras e outras das forças argentinas, que designarem seus respectivos chefes superiores, formarão um exército às ordens immediatas do governo provisório da república Oriental do Uruguai, brigadeiro general Venâncio Flores.

art. 6 — Os aliados se comprometem solenemente a não depor as armas senão de comum acordo, e somente depois de derribada a autoridade do actual governo do Paraguai, bem como a não negociar, separadamente com o inimigo comum, tratados de paz, trégua ou armistício, nem convenção alguma para suspender ou findar a guerra, senão de perfeito acordo entre todos.

art. 8.º — Os aliados se obrigam a respeitar a independência, soberania e integridade territorial da República do Paraguai; em consequencia, o povo paraguaio poderá escolher o governo e instituições que lhe aprouverem, não podendo encorporar-se a nenhum dos aliados, nem pedir o seu protetorado como consequência desta guerra”.

As forças armadas da Guiné são compostas por dois componentes principais: as Forças Armadas da Guiné (FAG) e a Guarda Nacional. O artigo 111.º da Constituição estabelece que a organização, o recrutamento e o funcionamento das forças armadas são regulados por lei. O artigo 112.º afirma que as forças armadas são instituídas para a defesa da soberania, da integridade do território e da independência da Guiné. O artigo 113.º estabelece que as forças armadas são submetidas ao controle civil e ao respeito pelos direitos humanos.

Além disso, a Constituição prevê a criação de um Conselho de Defesa e de Segurança Nacional, composto por representantes do Presidente da República, do Parlamento e dos membros das forças armadas. Este conselho tem a função de coordenar a defesa e a segurança do país, bem como de supervisionar a aplicação da política de defesa. O artigo 114.º estabelece que o Conselho de Defesa e de Segurança Nacional é presidido pelo Presidente da República e inclui membros do Parlamento e representantes das forças armadas.

Por fim, a Constituição estabelece que o Presidente da República tem o poder de declarar o estado de emergência em caso de ameaça à soberania, à integridade do território ou à independência da Guiné. Este poder é exercido em conformidade com a lei e sob o controle do Parlamento. O artigo 115.º estabelece que o Presidente da República pode declarar o estado de emergência quando necessário para a defesa da Guiné.

SITUAÇÃO MILITAR DO BRASIL

Terminada, como vimos, a guerra do Uruguai com o convênio de 20 de Fevereiro de 1865, ficou o Brasil mais desafogado para enfrentar a guerra que lhe era imposta pelo governo do Paraguai.

Tinha o governo do Brasil conhecimento da intenção de Lopez de atacar-nos através de Corrientes, pois que aos 10 de Fevereiro o governo argentino comunicara ao nosso governo não ter permitido, por pedido de Lopez, que as tropas deste ditador atravessassem aquela província argentina. Já nesta ocasião a província de Mato-Grosso estava em poder dos Paraguaiois.

Estava claro que se devia emcaminhar o exército de Mena Barreto que se achava em Montevidéu para um local indicado para a concentração inicial das nossas forças e ao mesmo tempo devia-se, como se fez, determinar à esquadra que operasse de acordo com ele.

A situação era premente e de grandes apreensões, mas já um tanto mais desafogada com o rompimento da Argentina com o Paraguai. Todavia, era urgente que tivéssemos uma orientação de defesa e ataque, isto é, um plano de operações definido que coordenasse todos os nossos movimentos de guerra.

O almirante Tamandaré expôs em officio ao Ministro da Marinha o seguinte (3 de Março de 1865): — Concluída, como se acha, a campanha oriental pela entrega de Montevidéu ao general Flores e provável submetimento ou derrota das forças que ainda estão em armas, cumpre-me romper no mais curto espaço possível as hostilidades contra a República do Paraguai.

O governo imperial, porém, ainda não deu a conhecer o plano geral de campanha que tenha resolvido adotar nessa guerra justa, que provocou aqui mesmo simpatias, nem exigiu a opinião de seus generais de mar e terra incumbidos do comando das forças em operações.

Apenas V. Excia. aprovou a ideia que tive de bloquear os portos daquela República, logo que o pudesse fazer, sem prejuizo da campanha do Uruguai.

E para o bom êxito dela, sabe V. Excia. que fui forçado a retirar da Boca do Guassú as três embarcações que tinha ali em observação à esquadra paraguaia, afim de com os navios da nossa esquadra, transportar parte do nosso exército de Fray Bentos para o rio Santa Luzia.

Este serviço, o bloqueio do porto de Montevidéu, que exigia grande número de vapores, a possibilidade de terem eles de operar contra as linhas de fortificação dessa praça e a necessidade de manter no rio Uruguai uma força naval respeitável para conter os projectos de acontecimentos que se elaboravam em Entre-Rios contra Paisandu e Salto, fracamente guarnecidas por gente do general Flores, tudo isto obstou a que eu dispusesse dum número de vasos suficientes para fazer um bloqueio efetivo do Paraguai e para tomar uma attitude imponente em suas águas.

Felizmente hoje estão mudadas as circunstâncias e a esquadra desembaraçada para cumprir a nova e gloriosa missão que lhe está reservada.

Desde já preparo uma forte divisão composta do Amazonas, Jequitinhonha, Beberibe, Paranaíba e Belmonte, que até o dia 15 deve partir e tomar posição conveniente para fazer efetivo o bloqueio daquela República.

É, porém, minha opinião que o bloqueio deveria ser estabelecido simultaneamente com o desembarque de uma força de 10.000 homens, quinze milhas abaixo de Humaitá.

nos
ná,
em
que
pas.

toda
mer
de a
que
com
tem
suas
orga
sobr
pleta
mili

nhed
entr
nien
mar

o dit
gand
pores
chata

tada
ces, p
marg

F
gem
uma
despe

O acampamento deste exército seria flanqueado por nossas canhoneiras tanto no rio Paraguai como no Paraná, e assim em comunicação com a marinha ficaria logo em circunstâncias de resistir ao triplo de forças inimigas que o quisessem atacar, protegendo-se com fortificações passageiras.

O bloqueio, deste modo, não só concorreria para obter toda comunicação com o Paraguai, que ficaria completamente isolado, como teria a utilidade de ser um acto sério de agressão, que daria que fazer aos nossos inimigos, porque algumas embarcações poderiam fazer exploração, com força de desembarque em alguns dos portos que ele tem no Paraguai e Paraná, para distrair a atenção de suas forças e dar tempo a que as nossas estivessem assaz organizadas para fazerem um reconhecimento em regra sobre Humaitá, o qual nos poderia levar a destruir completamente as fortificações desse importante ponto militar.

Se por acaso se não julgasse prudente fazer um reconhecimento desta classe, nossas forças se conservariam, entretanto, na posição em que proponho, até que, convenientemente aumentadas, estivessem habilitadas para tomar a ofensiva, apoiadas sempre sobre nossa força naval.

Penso, portanto, que deveríamos já transportar para o dito lugar o exército que se acha em Montevidéu, empregando nesse transporte todos os nossos paquetes e os vapores de nossa esquadra, rebocando os navios de vela e chatas que fosse mistér fretar aqui para esse fim.

Até a cavalaria poderia ser assim conduzida, desmontada sim mas levando cada soldado seus arreios e pertences, para vestir a cavalaria que recebesse em Corrientes, à margem do Paraná.

Em 30 dias colocaríamos 15 a 20 mil homens na margem direita desse rio, em território paraguaio, poupando uma longa e imensa viagem por terra a este exército e as despesas inerentes”.

Em seguida, no mesmo officio, faz Tamandaré uma série de considerações sobre a vantagem desse plano de guerra e diz que ficaria então o Paraguai ameaçado pelo sul por um exército que poderia ser elevado a uns 30.000 homens, apoiado por uma esquadra poderosa, ao mesmo tempo que outro exército de 20.000 homens o atacaria pelo norte.

Segundo a acta da sessão do tratado de aliança, verifica-se que foi então na mesma ocasião assentado um plano de operações de guerra: "O objectivo das operações da campanha deve ser a posição de Humaitá, e a elle devem subordinar-se as operações e itinerários militares. — Em vista disso, considera-se a via fluvial do Paraná como o caminho militar mais natural e mais fácil, e que leva mais directamente ao objectivo. — A invasão do território paraguaio por Candelária, São Cosme ou outro ponto immediato, embora apresente algumas facilidades e vantagens para a marcha, por causa da natureza do terreno, deve ser considerado como uma falsa ponte de invasão, tanto pela extensão do trajecto, pelos rios a atravessar, pelas comunicações a garantir, quanto pela consideração fundamental de que qualquer vitória aí não decidirá sobre o domínio do país. Cumpre portanto aproveitar esse ponto unicamente para chamar a atenção do inimigo.

Quaisquer que fossem as vantagens que se conseguissem pelo itinerário já marcado, restaria sempre a dificuldade criada por Humaitá e a necessidade de buscar-se nova base de operações no rio Paraná, com apoio da esquadra, o que patenteia ainda mais a necessidade de se dominar aquele ponto estratégico das operações do inimigo.

E termina acrescentando: Reconheceram a conveniência de que a artilharia e a infantaria se concentrem em Corrientes, de que a cavalaria do Rio Grande, assim como o exército oriental, penetre pela fronteira do Uruguai, na certeza de que encontrará em Entre-Rios suficientes ele-

mentos de mobilidade, e de que a esquadra brasileira ficará habilitada para poder efetuar operações mais decisivas, contando com maior número de forças de desembarque até que os aliados se achem em condições de abrir a campanha com segurança”.

A situação militar do Brasil era de completo desânimo quando fomos atacados pelo Paraguai, pois não tínhamos um serviço militar regulamentado, nem reservas instruídas, capazes de no momento serem jogadas como tropas eficiente.

Diz o general Tasso: “Dispondo apenas de um exército permanente diminuto e sem reservas constituídas, achava-se o governo do Brasil em sérias dificuldades para mobilizar um numeroso exército de campanha de que necessitava naquela conjuntura.

Felizmente acudiu-lhe a ideia de aproveitar o entusiasmo que a defesa do solo pátrio havia despertado depois da invasão de Mato-Grosso, e com este objectivo publicou o decreto n.º 3.371, de 7 de Janeiro de 1865, pelo qual se criavam Corpos de Voluntários da Pátria formados por todos os que se apresentassem espontaneamente para servir nas fileiras do exército durante o período da guerra.

Por outro decreto do mesmo mês e ano, foram chamados a serviço cerca de quinze mil homens de guardas nacionais”.

“Em 1 de Fevereiro de 1865, o exército brasileiro que se encontrava nas vizinhanças de Montevidéu numerava 6.868 homens, afora a cavalaria voluntária de Neto com cerca de 1.200 cavalarianos.

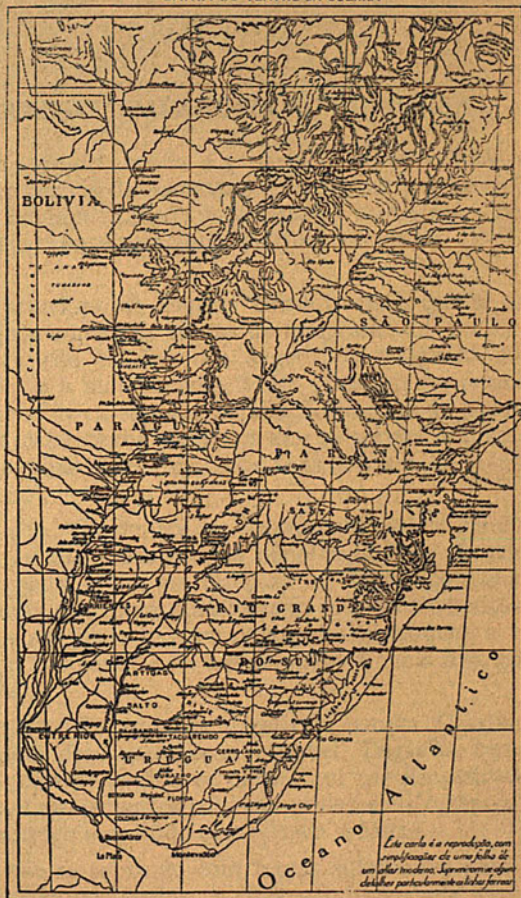
Em 1 de Março desse mesmo ano o dito exército já sob o comando de Osório atingia 10.255 homens, e, em 1 de Maio, 13.181.

Além disso tínhamos em organização no Rio Grande do Sul outro exército que já contava 13.925 homens.

Dest'arte dispúnhamos em campanha, só no sul, de 27.106 homens; em 1 de Julho de 1865 o exército de Osório, reunido em Concórdia, numerava 18.977 homens.

Em Janeiro de 1866, este mesmo exército tinha 32.256 homens e o de Porto-Alegre tinha concentrado em S. Borja 15.660.

CARTA DO TEATRO DA GUERRA



Escala 1:750000

en
ra
tra
rie

fra
tos
log
pu
tes
órk
seu

de
arg
Pa
gre
gu
em

o g
cur
aí
da

tra
pa
30

A OFENSIVA PARAGUAIA NO RIO PARANÁ

Como vimos, ainda a guerra não estava declarada entre os governos de Assunção e Buenos-Aires, já os Paraguaioi haviam atacado o território argentino, penetrando pela fronteira setentrional da provincia do Corrientes.

Diz Octaviano de Souza: "Era a invasão que se fazia francamente contra as regras da neutralidade, em afrontosa provocação à República Argentina, exigindo desde logo um freio à mão armada, tanto mais que o invasor já pusera em prática sobre a população inerme de Corrientes, todos os bárbaros processos que se podem realizar na órbita das paixões de uma tropa fanatizada pela causa do seu governo".

Ocupada Corrientes, os Paraguaioi, sob o comando de Robles, continuaram a sua penetração em território argentino para o sul, em direcção da zona ribeirinha do Paraná, mas sem nenhuma ligação com os elementos do grosso que em Maio haviam alcançado Riachuelo, a vanguarda em Mercedes e os destacamentos mais avançados em Cuevas.

Quando os Paraguaioi investiram contra Corrientes, o governador dessa provincia Manuel Lagrãña, sem recursos de defesa, retirou-se para o sul até Empedrado, e aí convocou os elementos com que pudesse enfrentar o audacioso inimigo e de tudo deu ciência a Mitre.

Mas não se sentindo com forças suficientes para entrar em acção defensiva contra o inimigo que investia para o sul, Lagrãña passou do Empedrado para S. Roque, 30 léguas distante de Corrientes.

Imediatamente compreendeu o governo argentino que Lagraña não podia só com os elementos de que dispunha obstar a marcha dos Paraguaiois e por isso determinou (18 de Abril) a formação de uma coluna contra o exército de Robles colocando-a sob o comando do coronel Wenceslau Paunero, do exército argentino, então inspector e comandante geral de armas.

Paunero tinha sob suas ordens, integrando a sua columna, o 2.º batalhão de linha, a legião militar e o 2.º esquadrão do regimento de artilharia com uma bateria de seis peças, além das milícias de Corrientes.

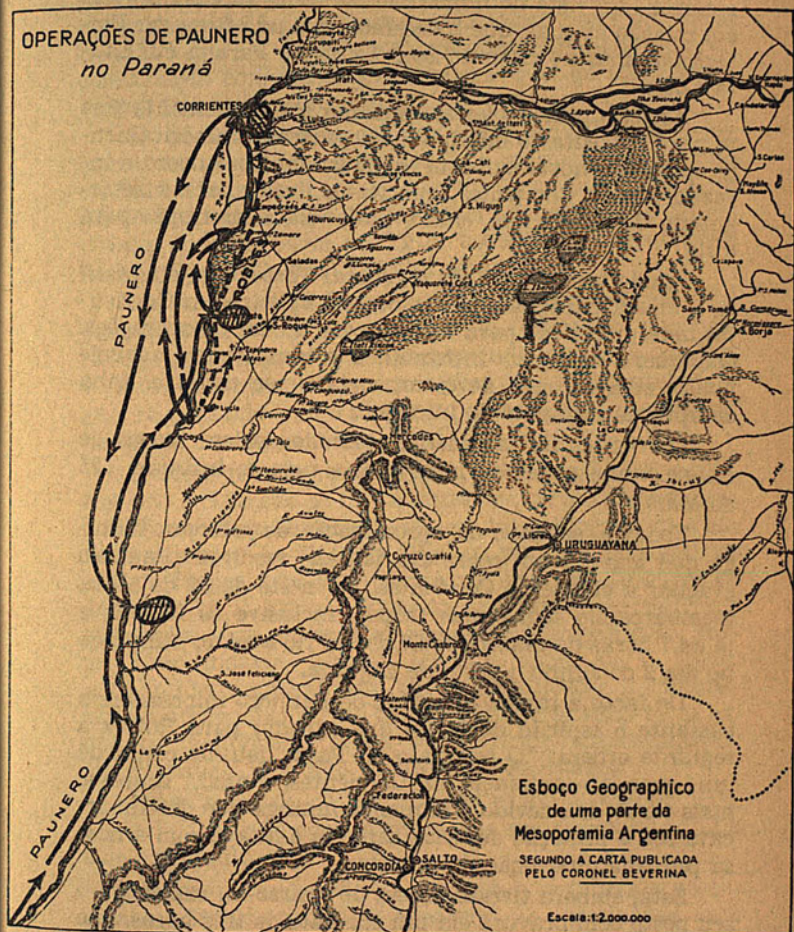
Partindo imediatamente de Buenos Aires, Paunero, já aos 3 de Maio se encontrava em Bela-Vista onde tratou de providenciar sobre tudo de que necessitava a sua columna.

Mitre ao ter conhecimento da invasão, havia determinado às províncias de Corrientes e Entre-Rio que dessem cada uma cerca 5.000 homens de cavalaria da guarda nacional como tropa de formação de duas colunas que ficariam respectivamente sob o comando dos generais Cáceres e Urquiza.

Assim Cáceres, já em Maio, havia assumido o comando de todas as forças correntinas e verificou que os Paraguaiois tinham uma vanguarda composta de cerca de quatro mil homens, já em Empedrado, com o grosso em Riachuelo.

O general Paunero com o intuito de abrir operações contra o inimigo, rompeu marcha para o norte no dia 11 de Maio, e para ganhar tempo solicitou ao comandante Gomensoro, embarcá-lo e os corpos sob a suas ordens a bordo dos navios da esquadra daquele comandante brasileiro.

Embarcados todos os elementos com Paunero nos navios de Gomensoro, aquele general argentino, depois de atingir Empedrado e ter contacto com o general Cáceres,



resolveu, em vista do número elevado das forças inimigas em relação às suas, que o desembarque não fosse em Empedrado, mas no rição do Souto, entre o Paraná e o Santa Luzia.

Todavia, ainda não se sentindo suficientemente forte para enfrentar o inimigo mais poderoso numéricamente embarcou novamente na esquadra de Gomensoro e investiu contra Corrientes, que tinha ficado para a retarguarda de Robles que, então, progredia celeremente para o sul.

“Tudo leva a crer, diz o general Tasso, que, enquanto a massa paraguaia se desloca, só existirá em Corrientes uma guarnição para lhe proteger a base de operações. Qualquer irrupção instantânea e inesperada naquele ponto, será coroada de êxito, cortando-se assim a linha de aprovisionamento do inimigo”.

Corrientes foi facilmente tomada pelas tropas de Paunero que penetrou na cidade e nela se instalou. (25 de Maio).

Todavia, sabendo da aproximação de reforços inimigo que marchavam sobre Corrientes, resolveu Paunero evacuar a cidade de Corrientes na noite de 26 de Maio, reembarcando todas suas tropas, inclusive os feridos, e já às 7 horas da manhã de 27 descia rio abaixo, atingindo no dia 2 de Junho o porto de Esquina.

De facto a rápida investida de Paunero impressionou bastante o espírito de Lopez que expediu para Robles a seguinte ordem: “O telégrafo do Passo deu-me conta de um grande canhoneio em Corrientes, o qual, soube-se mais tarde, era devido à esquadra inimiga que desembarcava sob a proteção dos seus canhões e lutava com a nossa pequena guarnição de infantes.

Esta, embora tivesse ordem de retirar-se, sustentou o seu posto com bravura em um combate de três horas, que só cessou com a escuridão da noite e recuou para Extremuros, onde se conservou sitiando a povoação.

Para desalojar os atacantes, não é necessário o concurso das suas forças, embora seja lógico que esse "golpe de mão" sobre a cidade de Corrientes tenha sido feito de combinação com Cáceres e Reguera que desapareceram de sua frente com este intuito.

E', porém, conveniente que nessa situação retroceda com toda a sua força, percorrendo a margem esquerda do rio Santa Luzia ou transpondo-o no Passo de S. Roque, ou no de Cáceres, quatro léguas mais acima, arrebanhando cavalos entre S. Luzia e o Batel, à distância proporcionada e prudente do grosso de sua coluna.

Passando em S. Roque ou em Cáceres, dirigir-se-á para Saladas e dali para Corrientes, buscando incorporar-se a mim nesse rumo e perseguindo o inimigo que por ventura encontre. Estas instruções são suficientes para que, respeitando-lhes o espírito, possa resolver com toda a liberdade em todas as ocasiões".

Robles, quando recebeu esta ordem de Lopez, verificou que a situação se havia mudado consideravelmente, pois Paunero já também havia evacuado Corrientes e assim respondeu ao ditador: "Recebo por dois estafetas do senhor Berges, que se juntaram no caminho, o supremo despacho de V. Excia.. Ficando inteirado das ordens e instruções para um movimento deste acampamento, permito-me, todavia, esperar segunda ordem de V. Excia. para minha marcha, visto ter-se modificado a circunstância do acontecimento do dia 25, isto é, visto ter a esquadra abandonado outra vez a cidade, conservando-se em Riachuelo, segundo informes do Sr. Berges".

Esta resposta de Robles encolerizou o ditador que, segundo disse, viu com surpresa que sua ordem não tinha sido executada.

Depois de uma série de despachos, censuras e admoestações, Robles tratou de obedecer ao presidente sem mais objecções, até que no dia 23 foi preso por Barrios, por ordem de Lopez.

Mais tarde, por suspeita de correspondência com chefes correntinos, foi Robles fuzilado em Humaitá e substituído por Resquin, que, com cerca de 20.000 homens, avançou até Bela-Vista e daí até Góia, fortificando, conjuntamente com Bruguez os pontos mais importantes da margem esquerda do Paraná, flanco direito do exército paraguaio.

Cogitava, então, Lopez fazer duas arremetidas contra os aliados: a destruição da esquadra brasileira que dominava o rio Paraná, de Corrientes para baixo, e a ocupação do Rio Grande do Sul para reduzir à defensiva as forças brasileiras.

A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

Em sua estação de campanha, a nossa esquadra esteve permanentemente em actividade e em estreita cooperação com as forças terrestres dos aliados.

Não fosse a actividade do comandante Gomensoro, naturalmente Paunero não teria realizado a sua investida a Corrientes e determinado com a sua acção a retirada ou retraimento de Robles.

Diz Octaviano de Souza: "Pessoal sempre pronto a bordo, armado e municiado, de luzes apagadas, redes atracadas, fogos abafados, artilharia assentada, lenha bastante e carvão destinado aos lances de presteza.

Com fatura de mata e gado na vizinhança, estava bem a esquadra em seu fundeadouro: detinha-se em espera estratégica e não bloqueada e inactiva, como se afigurou a jornais platinos, que lhe não podiam penetrar as intenções e o alcance dos esforços, nem mesmo ao tocante à indefesa Buenos-Aires que, sem o escudo das armas imperiais, ficaria à mercê do inimigo".

Não resta dúvida que a esquadra teve, nesse começo de hostilidades e mais tarde, como teremos ocasião de apreciar, acção eficaz, constituindo verdadeira barreira aos Paraguaiois, cujos interesses sempre contrariou, ferindo-os mortalmente com seu bloqueio rigoroso que foi muitas vezes o amparo das gloriosas acções das nossas forças terrestres.

Daí a preocupação de Lopez de desfazer esse impedimento para os Paraguaiois pondo em acção todos os seus recursos fluviaes reunidos na esquadra de Meza para anular o trabalho dos nossos bravos marinheiros.

Diz o general Tasso: “Logo compreendeu (Lopez) que as suas operações terrestres na provincia de Corrientes e ao longo do rio Paraná, seriam inteiramente improficuas emquanto a esquadra brasileira dominasse as águas do rio, embora apenas a jusante das Três Bocas.

Os preparativos para o ataque à esquadra brasileira foram feitos em Humaitá, sob a direcção de Lopez. Seu pensamento primordial resumia-se em reunir sob um só comando todos os navios de que podia dispor para esse lance e em jogá-los de surpresa contra a esquadra de Barroso, que ele sabia permanecer estacionada abaixo da cidade de Corrientes.

O chefe brasileiro havia de facto escolhido para base do bloqueio um amplo fundeadouro do lado do Chaco, a jusante de Corrientes, e fronteiro a um monumento denominado “A Coluna”, erecto na margem esquerda do rio”.

Assim no dia 9 de Junho de 1865, Lopez havia, após lançar uma proclamação aos Paraguaiois, se transportado para Humaitá a bordo do Taquari, naturalmente para dirigir os preparativos do ataque à esquadra brasileira.

A esquadra paraguaia já então se achava em Humaitá, pouco acima das Três Bocas, emquanto a brasileira a umas cinco milhas de Corrientes.

A fragata Amazonas que ficara encalhada para abaixo do rio, além de Bela-Vista, conseguira pôr-se a navegar e incorporara-se ao grosso da esquadra sob o comando de Barroso.

Segundo Inácio Joaquim da Fonseca, a esquadra brasileira era então composta das seguintes unidades: Amazonas, pequena fragata movida a rodas, sendo todas as outras movidas a hélice; Ipiranga; Jequitinhonha; Beberibe; Belmonte; Parnaíba; Araguari; Iguatemi e a Mearim.

Não tomaram parte na batalha a Itajaí e o Avaí que fora guardar Bela-Vista.

“Naquela posição, diz R. Pombo, a nossa esquadra não só ameaçava Corrientes e bloqueava todos os portos do rio Paraguai, como paralisava as operações do próprio inimigo”.

A esquadra paraguaia compunha-se dos seguintes navios: Taquari (navio chefe); Paraguari; Iguaci; Iporá; Marquês de Olinda; Jejuí; Salto Oriental; Pirabebê e o Iberá, e mais seis chatas armadas em guerra.

Lopez depois de preparar o seu plano de combate, determinou que tudo fosse feito sob grande sigilo e que se levantasse junto a foz do Riachuelo uma linha de baterias para apoiar a acção da sua esquadra.

À testa da esquadra paraguaia estava o capitão Meza auxiliado pelo capitão Cabral.

Esta esquadra largou de Humaitá às 12 horas da noite de 10 de Junho de 1865.

Segundo Thompson a ordem paraguaia era a seguinte: “Surgir em cima dos Brasileiros ao romper do dia, passar de largo por eles e volver em seguida; cada vapor paraguaio deveria, então, colocar-se ao lado de um navio brasileiro e, descarregando contra ele toda a bateria e a da chata, saltar a abordagem e senhoreá-lo”.

A esquadra brasileira estava, como dissemos, a cerca de cinco milhas de Corrientes e a outras tantas de Riachuelo, em linha de escarpa e era constituída da divisão de Barroso e da de Gomensoro, menos a Itajaí e a Avaí, num total de nove navios.

Depois de dar as necessárias ordens de combate, ordenou Lopez que ao amanhecer de 11 de Junho, descesse a esquadra pelo rio Paraná e efetuasse o combate como se havia determinado.

Achava-se a esquadra brasileira, como vimos, fundada em linha do lado do Chaco no meio da distância de Corrientes às barrancas do Riachuelo, quando já por volta de 9 horas da manhã de 11 de Junho, içou a Mearim que era o navio de vigilância avançada, o sinal de “Inimigo à Vista”.

De facto a esquadra paraguaia, já então com oito vapores por ter sofrido uma avaria a hélice do Iberá que ficara nas Três Bocas, aproximava-se águas abaixo, desfilando em frente aos nossos pelo canal do leste.

Imediatamente Barroso expediu ordens: Preparar para o combate, atacar o inimigo, pois que "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Todavia, a esquadra de Meza recebida a tiros pela esquadra brasileira, continuou águas abaixo, naturalmente para oferecer no local, onde se achavam camufladas as baterias de terra, o combate em melhores condições para os Paraguaiois.

Centurión dizia: "A operação dos Paraguaiois deveria verificar-se, de maneira que os navios brasileiros não tivessem tempo de se pôr em movimento, nem de se preparar para o combate, e que os Paraguaiois ficassem em condições de lutar com Brasileiros braço a braço, na certeza de que levariam sobre eles incôstável vantagem".

Mas os navios brasileiros não deixaram passar incólume a esquadra paraguaia e atiraram sobre ela com sua artilharia.

Diz o general Tasso: "Depois de certo percurso até a Cancha de Lagraña, o capitão Meza aproou a sua esquadra à corrente do rio, acercou-se da sua margem esquerda, e fundeou as chatas, emquanto pairava com cada navio entre duas delas.

Destarte tomava uma atitude de espera, à sombra dos fuzis e dos canhões que haviam sido dispostos sigilosamente por cima da barranca.

Quando a esquadra brasileira viesse enfrentá-lo, ele poderia lançar-se sobre ela como um tigre escondido na mata assalta o caçador, fruindo a vantagem inestimável de ser apoiado pela artilharia das chatas e pelas tropas do exército que as sobrelevavam.

O dispositivo tático de Meza é de todo em todo diferente do que lhe impunha o plano de Lopez; em vez da ofensiva tática pela abordagem que este lhe prescrevera, vemo-la agora assumir a defensiva e aguardar o ataque do contendor.

Barroso não se fez esperar: percebe-o na sua nova atitude e corre sobre ele.

Toda a sua esquadra desce a corrente, virando por contra marcha em torno da capitânea, a Amazonas, como pião”.

Era domingo da Santíssima Trindade e acabava-se de ouvir missa a bordo da Amazonas e da Jequitinhonha, quando se desencandeou terrível o ataque inesperado dos Paraguaiois.

A nossa esquadra avançou na seguinte ordem: a Belmonte à frente, seguida da Jequitinhonha, navio chefe da divisão de Gomensoro, da Parnaíba, da Iguatemi da Beberibe, da Mearim, da Ipiranga e da Araguari.

“Quando o navio testa de coluna (a Belmonte) investe o canal, entre as ilhas Palomeras e o Riachuelo os Paraguaiois rompem o fogo, revelando então os canhões e a fuzilaria postadas na barranca, e de que ninguém até ali havia suspeitado”. (op. cit.)

Mas ao virar águas abaixo, a Jequitinhonha onde se encontrava Gomensoro encalhou bem em frente da artilharia mascarada, e virou sua proa no sentido da corrente.

Este movimento da Jequitinhonha foi imitado no seu sentido de marcha, por grande parte da esquadra, menos pela Belmonte que continuou descendo sôzinha águas abaixo.

Mas Barroso na Amazonas que ficara na rectaguarda da coluna para impedir a retirada do inimigo, percebeu a gravidade da situação e procurou indicar a todos que deviam seguir a esteira de Belmonte, mas não sendo compreendido tomou a resolução de com a Amazonas efetuar a manobra desejada e assim tôdas as outras o imitaram.

Neste momento pronunciou a célebre frase ouvida por Tefé: "Sigam as minhas águas que a vitória é nossa".

Na esteira do bravo, seguiram a Beberibe, a Iguatemi, a Mearim e a Araguari.

Infelizmente nessa ocasião, a Parnaíba que ficara distanciada das outras foi abordada pelos navios paraguaios Tacuari, Parguairi e o Salto.

Na peleja que aí então se travou, sucumbiu o guardamarinha Greenhalgh e o marinheiro Marcílio Dias.

Nesse momento de desespero para a corveta Parnaíba e quando tudo parecia perdido, a Amazonas com Barroso a seu bordo, remontando a corrente, voltou sobre o inimigo e arremeteu-se contra êle, pondo sucessivamente a pique o Jujui, o Marqués de Olinda e o Salto. Os outros navios paraguaios em face desse arrojo de Barroso, salvaram-se fugindo. (Tacuari, Pirabebê, Iguaraí e o Iporá).

Estava ganha a batalha para os brasileiros depois de uma luta verdadeiramente heróica.

Disse mais tarde o almirante Jaceguai: "Foi uma vitória completa, porque da esquadra paraguaia composta de 14 navios, só quatro vapores conseguiram escapar pela fuga e estes quase totalmente desmantelados, e ainda porque o vencedor ficou dominando o campo de acção que os Paraguaios haviam escolhido.

Foi técnicamente uma vitória decisiva, porque todo o poder naval do Paraguai ficou aniquilado naquela jornada".

O próprio general Mitre assim declarou: "A vitória naval dos Brasileiros foi esplêndida. Felicito-me por ela mais do que ninguém, porque sempre sustentei que os Brasileiros haviam de ser heróis em terra e no mar, como qualquer que tendo sangue nas veias, sabe morrer e pode matar".

A batalha durara nada menos de dez horas e foi realmente um feito de grandes proporções, sob o ponto de vista militar, e um dos mais notáveis que reza a história.

Este feito, não ha dúvida, influenciou desivamente na sorte da guerra e abalou toda a estratégia de Lopez que dali por diante, sem mais poder naval, reduziu-se desesperadamente a uma defensiva inútil.

O comandante paraguaio Meza foi depois encarcerado, porque estava gravemente ferido, pois o ditador fez-lhe sentir que assim que se restabelecesse seria fuzilado.

Não foi necessário, pois o valente Meza sucumbiu aos ferimentos.

Após esse grande acontecimento, os Paraguaioes tentaram um novo golpe naturalmente com o fim^{de} obterem a reabilitação perante seus chefes militares.

Assim, tentou Bruguez reparar com o seu exército o desastre que soffrera a sua esquadra e então procurou guarnecer as barrancas de Mercedes ao sul do Riachuelo, com algumas baterias apoiadas por três mil atiradores com o fim de bloquear a nossa esquadra.

Informado dessa manobra dos Paraguaioes, pelo comandante do Araguari, resolveu Barroso descer o rio imediatamente, e na manhã de 18 de Junho desfilou pela frente artilhada e fundeou ao sul de Empedrado.

Durante esta passagem de Mercedes, houve um duelo de artilharia entre Brasileiros e Paraguaioes que dispunham de 36 bocas de fogo com três batalhões de infantaria.

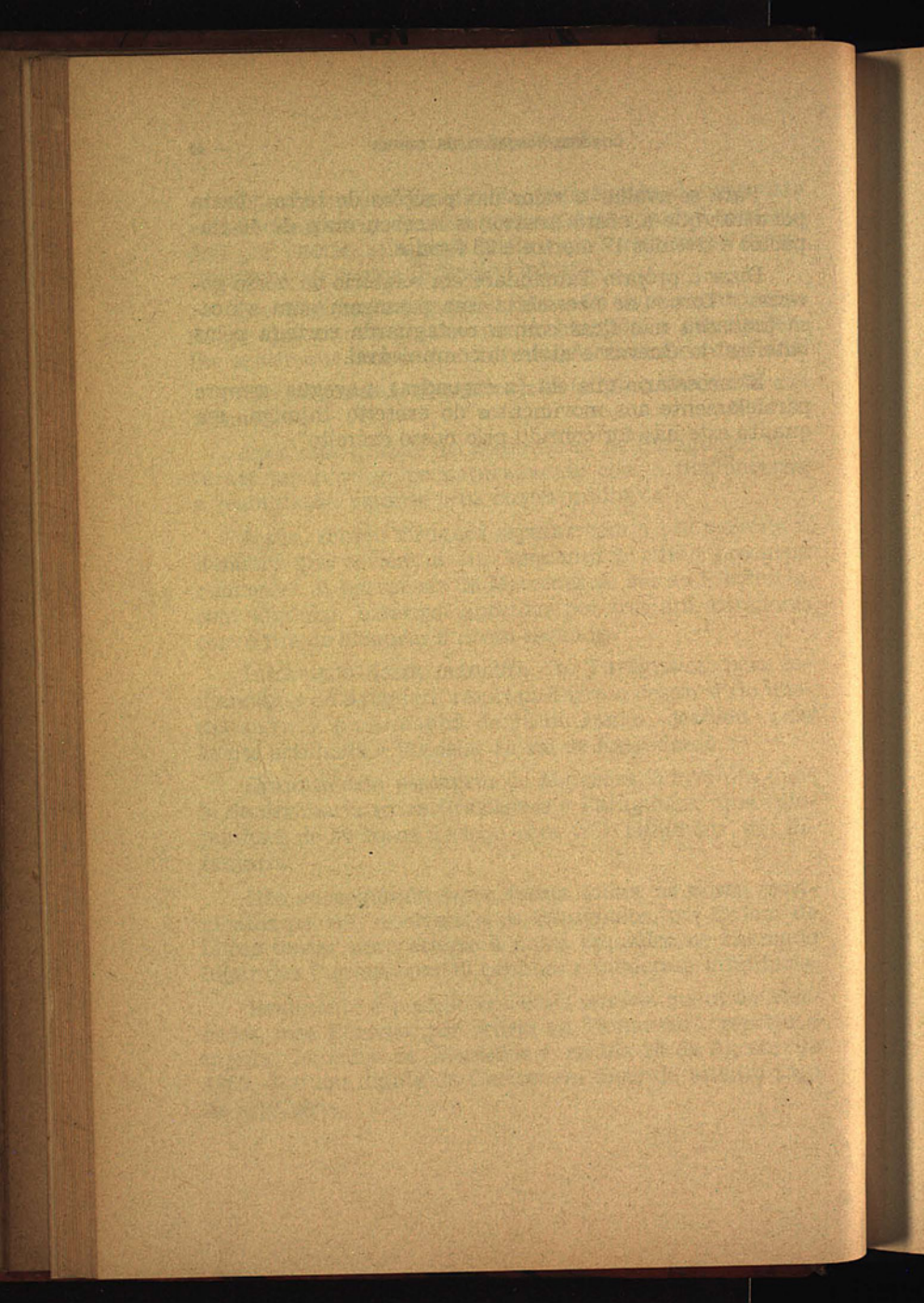
Não conseguindo desta forma tolher os nosso movimentos no rio, resolveram os Paraguaioes, por ordem de Lopez tentar novo ataque à nossa esquadra no chamado lugar das Cuevas, com 40 canhões e numerosa infantaria.

Realmente a posição era mais temível que a de Mercedes, mas Barroso, por ordem de Tamandaré, repetiu a mesma façanha de Mercedes e, no dia 10 de Agosto de 1865, desfilou diante de Cuevas em meio de intenso fogo de artilharia.

Para se avaliar o valor das posições de terra, basta ponderar que a nossa Amazonas recebeu mais de 40 impactos e tivemos 17 mortos e 35 feridos.

Disse o próprio Tamandaré em relatório ao nosso governo: "Tornou-se necessária essa passagem para a nossa esquadra não ficar com a retaguarda cortada pelas baterias de Cuevas e assim incomunicável.

E' necessário que ela (a esquadra) navegue sempre paralelamente aos movimentos do exército inimigo, em quanto este não for contido pelo nosso exército".



AS OPERAÇÕES DO RIO PARANA

Lopez não satisfeito com a atuação de Robles que foi preso por Barrios por sua ordem, como tivemos ocasião de relatar, nomeou o coronel Resquin, que então comandava a região de Mato-Grosso, para substituir Robles no comando das forças em operação ao longo do rio Paraná.

Diz o general Tasso: "Segundo ele próprio declarou por escrito, Lopez revelou-lhe (a Resquin) em confiança, a má situação das operações em Corrientes e o sítio a que estava sujeito Estigarribia dentro de Uruguaiana (como veremos mais adiante), sítio do qual certamente não poderia livrar-se, dizia Lopez, sem novos auxílios que por mingua de tempo não lhe podiam ser remetidos".

Em nota à parte diz o mesmo autor o seguinte: "Resquin afirma em seus dados históricos que Lopez lhe falou, a 22 de Junho, do encerramento de Estigarribia em Uruguaiana, o que não é crível, visto que este chefe paraguaio só aos 5 de Agosto entrou em Uruguaiana".

O facto é que não se conhece exatamente a data da posse de comandante do coronel Resquin na coluna Robles que se tornara prisioneiro por Lopez. Promovido a general, Resquin entrou logo em suas novas funções e, por ordem de Lopez, abalou do seu acampamento em Empedrado e ocupou a margem direita do Santa Luzia, no sítio de Quevedo, onde recebeu um reforço de cinco mil homens de infantaria e cavalaria com grande material de guerra.

Desta foma ficou Resquin com um exército de cerca de 40.000 homens das três armas.

THE HISTORY OF THE

The first part of the history of the
country is a description of the
natural history of the country
and the progress of the
civilization of the country
from the first settlement
to the present time. The
second part of the history
is a description of the
political history of the
country from the first
settlement to the present
time. The third part of
the history is a description
of the social history of
the country from the first
settlement to the present
time. The fourth part of
the history is a description
of the economic history of
the country from the first
settlement to the present
time. The fifth part of
the history is a description
of the cultural history of
the country from the first
settlement to the present
time.

By the Hon. John Jay
of the Hon. Senate of the
United States

A INVASÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Com o objetivo de invadir a nossa fronteira do Rio Grande do Sul, os Paraguaiois concentraram suas forças, cerca de 12.000 homens, no departamento de Candelária: S. Loreto, S. Carlos e S. Cristóvão, sob o comando do coronel António Estigarríbia.

Diz o general Tasso: "Antes de mover-se do seu acampamento (inicial), Estigarríbia lançou para frente um destacamento de descoberta, sob o comando do major Pedro Duarte.

Avançou este até S. Tomé e mais ao sul, depois recuou momentâneamente sob a pressão ameaçadora da cavalaria correntina.

Mais tarde retomou o avanço, foi de novo até o Quai, e volveu outra vez a S. Tomé afim de esperar o grosso de Estigarríbia" (30 de Maio).

No dia 31 de Maio; Estigarríbia deixou Pindapoi com o grosso de sua tropa e, depois de passar por S. Cristóvão, S. Tomás, S. Carlos e outras localidades, alcançou, no dia 7 de Junho, S. Tomé, onde reunido ao major Duarte deu execução às ordens de Lopez e transpôs com o grosso de sua tropa o rio Uruguai para atacar S. Borja.

Diz Octaviano de Souza: "Os Paraguaiois começaram logo a atravessar o rio em canoas, cada uma com um pelotão de soldados, calculando-se em 400 o número de homens transportados em cada viagem.

Cem praças do 3.º corpo provisório de infantaria da guarda nacional, era a única força que então se achava no Passo de S. Borja, sob o comando do major José Ramos.

Foi ela a primeira em se opôr aos invasores do território nacional, recebendo a cerradas descargas de fuzilaria as canoas que abicavam à praia, transbordando de combatentes.

Já 1.600 Paraguaioi haviam desembarcado, quando ao Passo acudiu o tenente-coronel José Fernandes Guimarães com 30 praças, e depois o tenente-coronel Araujo Nóbrega com 230 homens do 22.º Provisório.

Tomando pé nas duas margens, já o rio deixou de ser obstáculo aos Paraguaioi, e o combate logo se travou re-nhido no solo brasileiro.

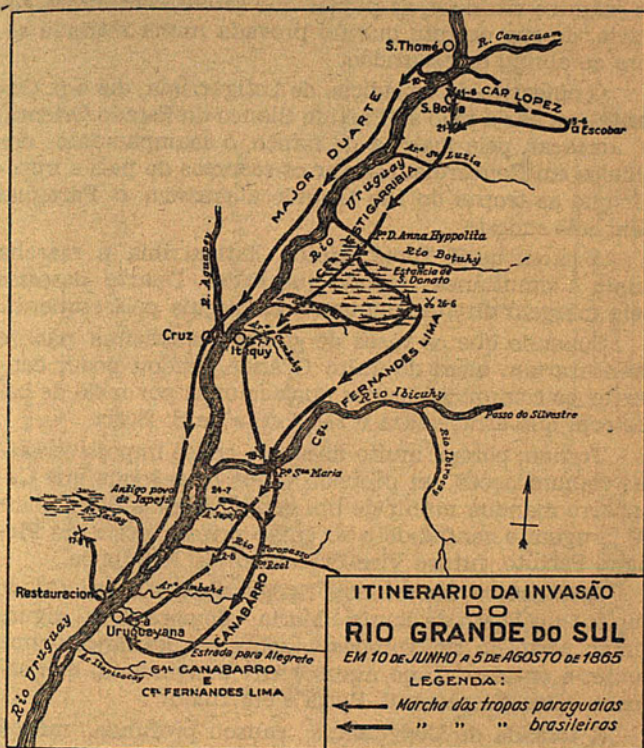
Mas toda a nossa força teve de recuar para a vila, à procura de obstáculos em que se apoiasse para atenuar a sua inferioridade numérica e ficar em condições de repe-lir o audacioso invasor”.

De repente, quando ainda os Brasileiros, acossados pelo inimigo muito superior em número, recuavam sobre a vila, ouviu-se um toque de clarins e, de súbito, rompe sobre o adversário o 1.º de Voluntáriado sob o comando do coronel João Manuel Mena Barreto que, em arrancadas heróicas conjuntamente com as forças de Sousa Doca, Cardoso Tito e o 22.º Provisório de Araujo Nóbrega, fizeram recuar o inimigo, juncando o campo de cadáveres e feridos.

Mas a superioridade numérica do inimigo era enorme e por isso os Brasileiros tiveram de recuar sobre a vila que se viu salva em três quartas partes de sua população que teve tempo de buscar a campanha para fugir ao saque do invasor.

Julgou Mena Barreto insustentável a posição diante de um inimigo com cerca de 4.000 infantes e muita cavalaria e, por isso, abandonou S. Borja que foi ocupada pelos Paraguaioi.

Daí os Paraguaioi avançaram em direção a Itaquí, pondo-se em movimento no dia 19 de Junho. Logo Estigarríbia com o grosso de sua tropa acampou nas margens do Santa Luzia e no dia seguinte estacionou em Sant'Ana.



Extraído do livro "Redenção de Uruguaiana" do Ten. Cel Augusto Fausto de Souza

Sòmente a 22, conseguiu alcançar Butuí onde havia uma partida brasileira para dar-lhe combate e defender o Passo.

Havia aí dois corpos de cavalaria comandados pelos coronéis Fernandes de Lima e Sezefredo de Mesquita que atacaram no dia 26 as forças de Estigarríbia que, embora

se julgasse vitorioso, as perdas que sofreu bem dizem, todavia, de sua derrota que foi provada numa retirada sélere ao abrigo da escuridão.

O objectivo da expedição de Estigarríbia, diz o p. Galante, era dar a mão ao Partido Blanco do Estado Oriental e ameaçar, pela marcha de flanco, o acampamento dos aliados em Concórdia, esgotar os recursos do país e impedir que as tropas do Rio Grande atacassem o Paraguai pelo lado sudeste.

A partir de S. Tomé adotou Estigarríbia a marcha dupla e simultânea fazendo que Pedro Duarte descesse pela margem direita, enquanto ele seguia pela esquerda.

Supondo que os vasos de guerra brasileiros não se aventurariam além do Salto Grande, cuidou poder conservar as comunicações das duas colunas por meio de botes com que atravessara o rio diante de S. Borja.

Tornou, porém, muito difíceis e quase impossíveis essas comunicações um pequeno vapor de reboque que Canabarro mandou munir de um canhão, dando-lhe o nome de Uruguai e confiando-o ao então primeiro-tenente Floriano Peixoto, futuro Vice-Presidente da República.

Atravessava, entretanto, Estigarríbia o Ibicuí (21 de Junho) no Passo de Santa Maria, demorava-se algum tempo perto do rio Toropasso, sobre o qual lançou uma ponte, e entrava (5 de Agosto) em Uruguaiana, que saqueou como fizera em S. Borja e em Itaquí”.

A tomada de Uruguaiana causou profunda mágoa em todo o país e ainda mais quando se sabia que não tinha havido por parte da nossa defesa uma eficiente energia para, pelo menos, privar o inimigo de abastecer-se com os nossos recursos.

Em face desses acontecimentos, era necessário que o governo provesse as nossas forças de um chefe digno desse nome. Contentou-se este porém em permitir que Caldwell se incumbisse dessa missão para a qual não tinha a energia necessária.

Caldwell, diz o general Tasso, em vez de fazer sentir com a máxima decisão a sua ação pessoal, recorreu ao processo condenável dos conselhos de guerra e nunca soube impor aos seus subordinados qualquer pensamento tático ou estratégico.

Por isso Canabarro ousou dizer-lhe por escrito: V. Excia. hábil militar, nunca quis assumir a responsabilidade das operações perigosas; consultava os comandantes das brigadas e aceitava os seus pareceres; jamais pode dizer que foi contrariado”.

Assim o governo convenceu-se de que devia dar um novo comandante às nossas tropas no sul e nomeou, por decreto de 20 de Julho de 1865, o general Barão de Porto-Alegre chefe do exército em operações na província do Rio Grande do Sul.

Realmente foi uma escolha feliz, pois Porto Alegre reunia todos os predicados de talento e bravura para exercer o elevado cargo de que fora investido.

Porto-Alegre assumiu as suas funções aos 21 de Agosto de 1865, nas imediações de Uruguaiana, onde se realizava o sítio desta cidade.

Desde 19 de Julho já se achava na cidade de Porto-Alegre o imperador D. Pedro II que viera ao teatro da guerra acompanhado do seu genro, o conde d'Eu, e do duque de Saxe, do Ministro da Guerra, conselheiro Ferraz, do Marquês de Caxias do chefe Delamare e de outros generais.

No dia 22 de Agosto recebeu o Imperador a notícia jubilosa da vitória de Jataí.

Sobre esta vitória escreve o p. Galanti: “Acompanhava o general Estigarríbia, o major Pedro Duarte que em S. Tomé se separou dele, seguindo pela margem direita em marcha paralela, conservando-se sempre na mesma altura e em contínua correspondência com o seu chefe.

Contudo, quando essa comunicação ficou impedida pelo pequeno vapor Uruguai, Pedro Duarte se achou isolado. Continuou, todavia, a sua marcha indo no dia dez de Agosto pôr o seu campo na confluência do pequeno rio Jataí com o Uruguai.

Informado dessa invasão, os generais do acampamento da Concórdia resolveram que Paunero se reunisse a Flores e, juntos, agredissem os Paraguaiois.

Flores, que se achava em Concórdia, partiu imediatamente.

Paunero, desde o feliz cometimento de Corrientes, tomara posição no centro dessa província, à igual distância do Paraná e do Uruguai, afim de, segundo as circunstâncias, acudir ou ao general Cárceres em Bela Vista e Santa Luzia, ou aos Brasileiros concentrados no Rio Grande do Sul”.

Assim Paunero e Flores com cerca de 8.000 homens atacaram Pedro Duarte que comandava uns três mil homens e que se encontrava na rectaguarda do riacho Jataí.

A luta foi desfavorável a Duarte (17 de Agosto) que, depois de um combate sangrento, foi capturado e remetido para Buenos-Aires.

Diante destes factos, Estigarríbia compreendeu a gravidade da situação, pois tinha à sua direita inimigos com tropa igual à sua e, à esquerda os destacamentos brasileiros que o molestavam incessantemente.

Por isso resolveu efetuar uma retirada, mas ainda esperançado na intervenção de Urquiza a seu favor, contramarchou sobre Uruguaiana, onde entrou aos 5 de Agosto.

Nessa ocasião os aliados estabeleceram o sítio desta cidade com as tropas de Paunero, de Flores e as forças de Caldwell e Canabarro.

Diz o general Tasso: “Querendo tirar proveito imediato do abalo moral que a derrota de Duarte com certeza teria produzido, dirigiu-lhe (Flores) no dia 19 de Agos-

to, por intermédio de um oficial que caira prisioneiro em Jataí (tenente Zorila), um apelo para que se rendesse, evitando o sacrifício de novas vidas.

Canabarro fez indêntico apelo no mesmo dia, aludindo ao de Flores, e salientando que, além das forças desse general, tinha Estigarríbia à sua frente mais de nove mil Brasileiros.

Por sua vez também Caldwell escreveu ao chefe paraguaio convidando-o a render-se.

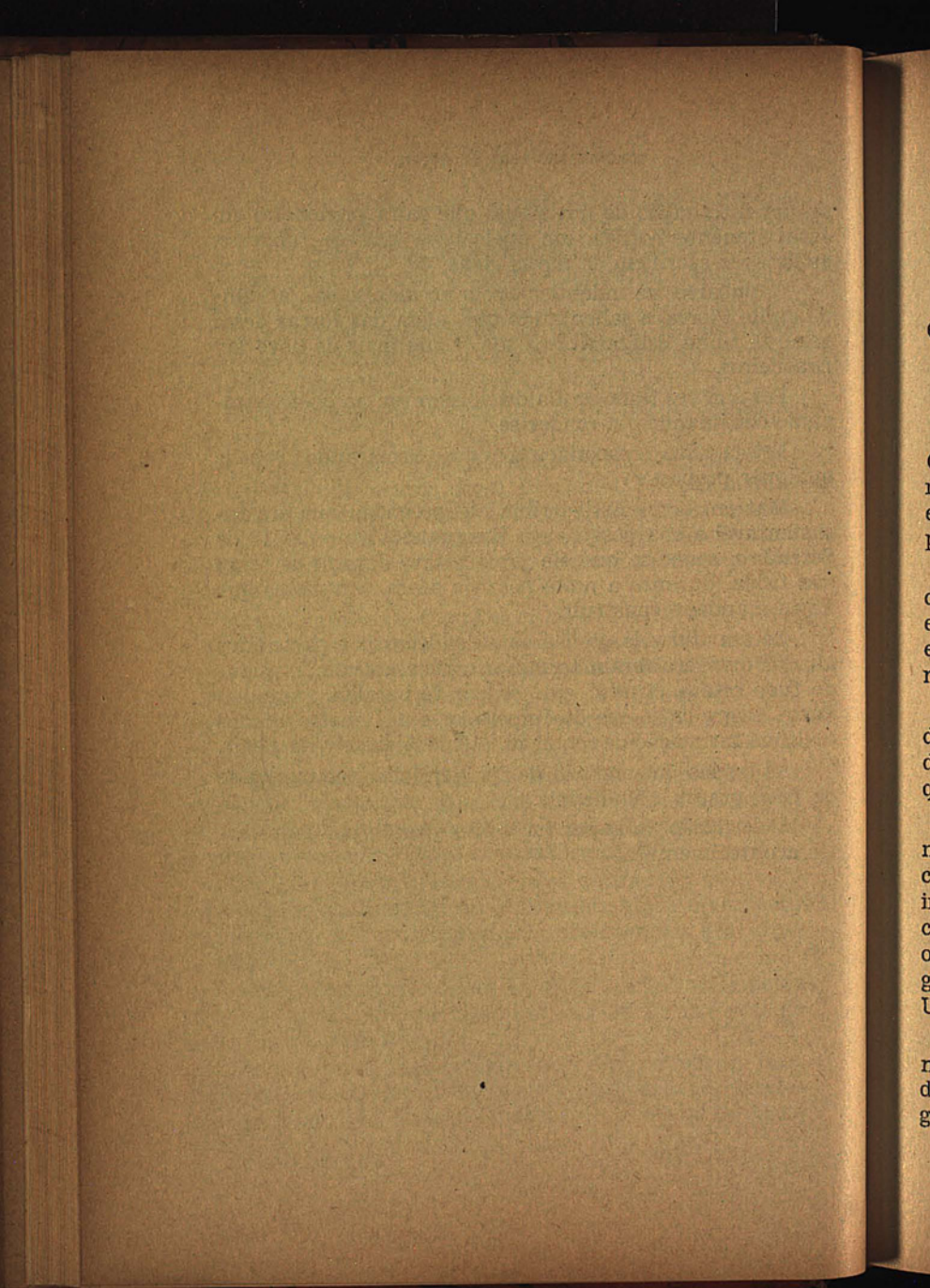
Estigarríbia respondeu a todos declarando repelir qualquer proposta”.

Mas em breve Estigarríbia compreendeu que era insustentável a sua posição em Uruguaiana e no dia 15 de Setembro, soube-se que ele premeditava evadir-se com sua tropa, durante a noite pelo rio afora, em botes que havia mandado construir.

Foram tomadas todas as precauções por parte dos aliados que resolveram terminar aquele assédio, e, quando tudo estava pronto em ordem de batalha, mandou Porto Alegre em nome do Imperador e dos chefes aliados a última intimação de rendição. (18 de Setembro de 1865).

As tropas de rendição de Estigarríbia compunha-se de 5.500 praças e 59 oficiais.

A desilusão de Lopez foi muito grande por todos estes acontecimentos.



CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ACONTECIMENTOS PASSADOS ATÉ A RENDIÇÃO DE URUGUAIANA

A invasão de Lopez contra a nossa província de Mato-Grosso foi feita numa ocasião em que o Brasil com o seu reduzidíssimo exército permanente, pouco podia fazer de eficiente para anular imediatamente aquela violência paraguaia.

Além disso, naquela época, ainda estávamos a braços com a guerra do Uruguai e naturalmente só depois da elevação de Venâncio Flores à presidência do Estado oriental, é que, então, podíamos como fizemos deliberar mais acertadamente sobre a violência do nosso invasor.

Não tínhamos, então, reservas eficientes e aparelhadas e nem havíamos pensado, com antecipação, no modo de defesa do país, quando acontecesse, contra nós, qualquer agressão estrangeira.

A rapidez da invasão paraguaia em Mato-Grosso, que não encontrou grandes resistências diante de si, foi feita, como dissemos, quando, não havíamos terminado a nossa intervenção no Prata. Liquidada, porém, esta contenda com o convênio de 20 de Fevereiro de 1865, deliberou-se ordenar o que no momento mais se impunha, isto é, o regresso ao Rio Grande, de nossas forças em operações no Uruguai.

Este pequeno exército que serviu de núcleo para a nova campanha que se esboçava, compunha-se apenas de duas divisões, respectivamente comandadas pelos brigadeiros Manuel Luís Osório e José Luís Mena Barreto.

A primeira divisão compunha-se de la. Bda. de Cav. sobre o comando do coronel Cândido José da Silva Pereira com quatro regimentos da 2.^a Bda, sob o comando do coronel Carlos Resim com dois btls. de inf. e da 3.^a Bda. sob o comando do coronel Antonio de Sampaio com três btls. de inf.

A segunda divisão compunha-se de um Bda. de Cav. sob o comando do brigadeiro José Joaquim de Andrade Neves com dois corpos provisórios da Guarda Nacional, respectivamente comandadas pelos tenentes-coronéis Vicente de Siqueira Leitão e Fidelis de Abreu e Silva e de duas outras Bdas. de Cav. compostas de três corpos provisórios da Guarda Nacional cada uma, e comandadas respectivamente pelo brigadeiro José Gomes Portilho e pelo coronel José Alves Valença. Havia ainda um regimento de art. a cavalo, sob o comando do coronel Emílio Luiz Mallet.

Todos estes corpos não iam além de seis mil homens mal fardados e sem reservas aparelhadas.

Diz Octaviano de Sousa o seguinte: "Tirante os corpos que serviram na campanha oriental, compunham-se de paisanos-voluntários da pátria que nem sequer tinham tempo de passar a pronto da instrução de recrutas, e de soldados bisonhos dos corpos de linha que estacionavam nas províncias a fazer guardas, ou disseminados pelos sertões em deligências especiais. Todos, porém, quer os que haviam feito a campanha do Uruguai, quer os que do Rio chegavam a pouco e pouco, careciam igualmente de fardamento e equipamento. Os nossos arsenais eram insufficientes para o fornecimento em regra. O Ministro da Guerra, determinou então se comprasse no Rio da Prata tudo aquilo de que mais se houvesse mistér. Disto resultou uma grande desuniformidade no fardamento, já mesclando-se de blusas de baeta vermelha, alparcatas de sola de cordas trançada, assim como de calções franjados. Era frequentissimo o ponche pala, assim como o chiripá na

cavalaria. Os patriotas usavam chapéus negros de feltro de aba levantada, pelo número e pelo tope nacional". Mas em meio de tantas dificuldades, o Brasil tinha de começar uma nova guerra e tudo parecia que os Paraguaiois se aprestavam para outra invasão pelo nordeste de Corrientes, partindo de Candelária.

Todavia não tínhamos e pelo menos ainda hoje não temos disto documentos, um plano de guerra de emergência.

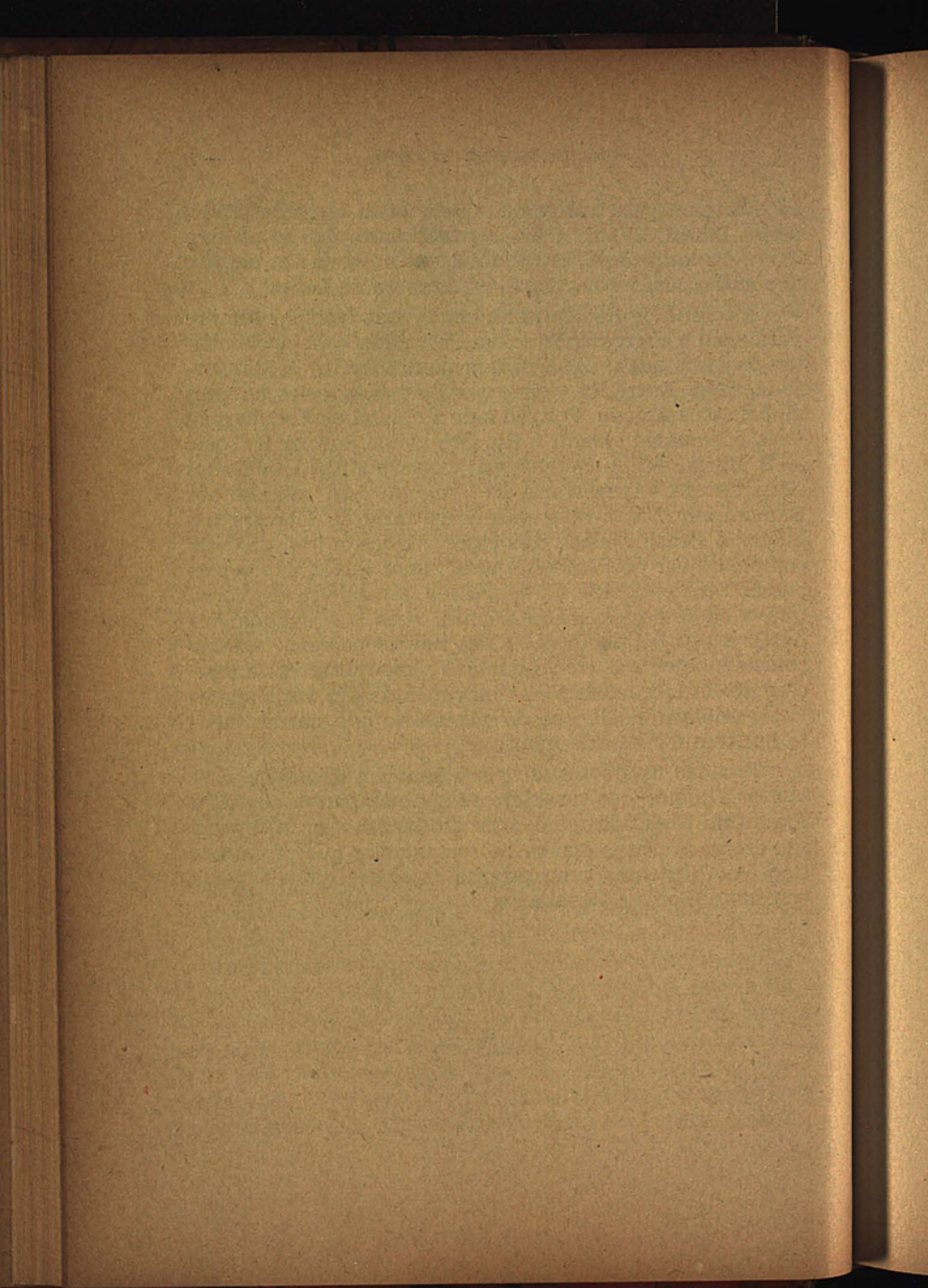
Aconteceu, porém, que Lopez havia pedido a Argentina, como já relatamos, permissão para atravessar a província de Corrientes com o seu exército, o que não lhe foi permitido, antes o desmascarou nas suas intenções de manobra contra o Brasil. Em seguida Lopez, indignado contra o procedimento da Argentina, invadiu este país e por isso foi assinada a Tríplice Aliança. Era uma nova situação de mais desafogo para o Brasil. Neste momento, deliberou-se a tomada de Humaitá como primeiro objectivo da campanha e considerou-se o rio Paraná como linha de operações mais natural aos fins em vista. Mitre assumiu, então, por força do novo tratado, a chefia das operações. Nesta ocasião, Tamandaré foi conservado no comando de todas as nossas forças e elaborou um plano de guerra contra Lopez, exposto em officio datado de 3 de Maio de 1865.

Em compensação, o plano de Lopez no início de suas operações, era uma verdadeira incógnita, pois lançou contra os aliados duas colunas: a de Corrientes pela margem do rio Paraná sob o comando de Robles e a das margens do rio Uruguai, sob o comando de Estigarríbia que devia invadir o nosso Rio Grande do Sul. Era impossível atribuir-se ponderação e sensatez a um plano onde se consebiam duas colunas isoladas entre si e com obstáculos (região da Laguna Iberá) que tornavam impossível qualquer idéia de contacto, a não ser pela beira do Paraná, muito

ao norte ou pela transversal Bela Vista-Mercedes-Passo de los Libres, ao sul. A única justificativa que se poderia dar a tamanho erro estratégico, era o objectivo político que então dominava a idéia de manobra de Lopez.

A coluna de Robles tinha por missão avançar sempre para o sul e engrossando-se em Corrientes com os elementos políticos que o aguardavam para sublevar-se, lançar-se-ia sobre Entre-Rios onde seria apoiada pelos adeptos da causa paraguaia. Por seu lado a coluna de Estigarríbia teria por missão invadir o Rio Grande do Sul por S. Tomé — S. Borja, seguindo então para o sul na direcção Itaquí-Uruguaiana, e penetraria no Uruguai para aliar-se aos Blancos em contra-revolução ao governo de Flores e seu aliado, o Brasil. Nestes dois casos citados, o levante seria completo quer no Estado Oriental, quer talvez com repercussão bem profunda na Argentina, levando-se em conta que, a não ser o governo nacional, tudo no Uruguai era hostil à política do Brasil. Mas não se podiam, mesmo com tais objectivos, desprezar as regras militares de ligação, apôio, coordenação nos movimentos dos vários escalões e sobretudo a acção do adversário que naturalmente também não ficaria inactivo.

Tais são os erros que se nos parecem razoáveis atribuídos a Lopez logo no início de sua campanha contra a Argentina-Brasil-Uruguai, pois anularam, com a dispersão de suas forças, o poder do seu exército que se viu batido em Corrientes e na própria fronteira gaucha pelas tropas de Flores e Canabarro.



LIGEIRA APRECIACÃO DOS FACTOS ESTUDADOS

O poder militar dos brasileiros era o que mais inquietava os Paraguaiois, e era justamente o que mais distante estava do teatro de operações. O Brasil assumiu, então, encargos bastante pesados, pois além de armar e manter alguns contingentes uruguaiois, ainda havia emprestado ao governo do general Mitre, avultada soma para a sua despesa extraordinária de guerra. Em face do que vamos relatando, ainda se levando em conta as dificuldades dos transportes de tropa e de material por estradas e caminhos terrestres e fluviaes por vezes bem difíceis, concluímos quão penosa era a tarefa do Brasil, quando sabemos que no Uruguai, na Confederação e talvez no próprio Brasil, o Paraguai possuía muitos simpatizantes à sua causa e que bastava que tivéssemos uma derrota mais espetaculosa para que o Paraguai recuperasse imediatamente todas as vantagens perdidas.

Para melhor esclarecimento do movimento de concentração dos aliados em Concórdia e da sua aproximação para o teatro das operações, faremos um relato succinto dos movimentos da coluna invasora paraguaia, no rio Paraná, já que resumidamente também estudamos os progressos da coluna Estigarríbia no rio Uruguai.

Vimos o avanço da coluna paraguaia sob o comando de Robles, no rio Paraná.

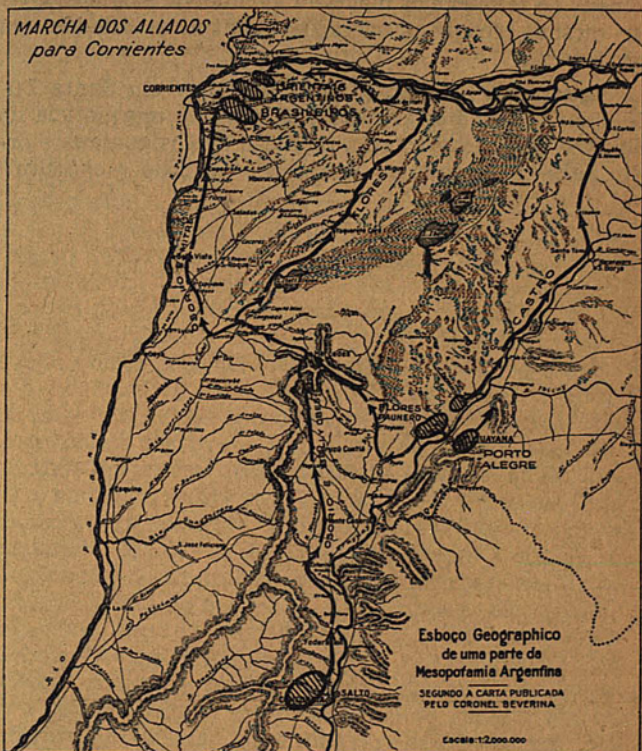
Depois da tomada de Corrientes, havia Robles feito sua concentração em Riachuelo (25.000 homens segundo Thompson) e daí tomou a direcção para o Sul (11 de Maio de 1865) alcançando Bela Vista no dia 20 e Santa Luzia no dia 26 com sua vanguarda em Góia, sob o comando do

coronel Aguiar. Durante estes movimentos de Robles, deu-se, como vimos, "o golpe de mão" do coronel argentino Paunero sobre Corrientes que foi por este tomada. (25 de Maio). Em vista deste facto, o ditador Lopez determinou a Robles que recuasse para o Norte pela margem esquerda do Santa Luzia, passando por São Roque até Saladas.

Atormentado com a ideia de que não teria movimentos livres no rio Paraná enquanto não derrotasse as forças navais de Tamandaré, Lopez caiu no grande erro de provocar o combate naval do Riachuelo, atacando a nossa esquadra aí, sob o comando de Barroso, como já estudámos linhas atrás. (11 de Junho). Em vez da batalha do Riachuelo, devia Lopez ter obstruído, onde fosse possível e necessário, o rio e os seus vários canais, fortificando-os onde lhe aprouvesse afim de cortar o passo à esquadra brasileira. Nunca, porém, expôr os seus navios a uma luta que mesmo vitoriosa, teria a desvantagem da perda de unidades que não poderiam ser substituídas.

De Saladas, Robles fez partir as suas forças em duas colunas : uma em direcção a Empedrado, e outra em direcção a Mburucuiá (13 de Junho). Durante esta retirada paraguaia, a cavalaria correntina, sob o comando de Cáceres, inquietava a rectaguarda da coluna inimiga.

Depois desses movimentos, vimos que, por suspeitas de convivência com o inimigo, fora Robles substituído no comando desta coluna, por Resquin que então estava em Vila Miranda, em Mato-Grosso. Resquin, já então general, assumiu o comando da coluna que já em 24 de Junho estava em Empedrado, quando recebeu ordens de ocupar a margem direita do Santa Luzia, desde a capela de São Roque. Octaviano de Sousa diz o seguinte: "Ao general Resquin foram dadas instruções para marchar em rumo do Uruguai e ligar-se a Estigarríbia, afim de juntos atacarem o exército do general Flores. Contra semelhante determinação, ponderou Resquin que o dicto exército ca-



recia de meios de mobilidade e que os comandantes das divisões, compostas de três mil a quatro mil homens, não as sabiam manobrar, podendo, assim, arrastar o exército a uma derrota; que empresa de tal magnitude pairava acima de suas forças, e que, afinal, só mesmo Solano Lopez poderia realizá-la, como se fazia mistér naquele momento. Em resposta, prometeu Lopez enviar-lhe 22.000

homens de reforço e os meios de mobilidade exigidos, e vir ele mesmo dirigir as operações contra os aliados em Corrientes...

Aguardava Resquin a vinda de Lopez em Santa Luzia, quando aos 5 de Outubro, lá recebeu uma notícia do Ministro da Guerra sobre a rendição de Uruguaiana e ordem para recolher-se ao Paraguai com todo o exército”.

O FIM DA OFENSIVA PARAGUAIA

Logo depois da assinatura da Tríplice Aliança, Osório transportou o seu exército que havia operado no Uruguai, em escalões para o Norte, ao longo do rio Uruguai na região de Daiman. Em ofício dirigido ao Ministro da Marinha, assim se expressou o almirante Tamandaré: "O grosso do exército acampado em Montevideú já foi transportado para o norte do rio S. Francisco. Esta operação executou-se com os vapores Oiapock, Apa, Princesa e Imperial, fazendo os três primeiros duas viagens cada um e o Imperial apenas uma". A força de cavalaria transportou-se por terra (8 de Maio) de Santa Luzia, sob o comando do general José Luiz Mena Barreto, de tal forma que no dia 30 estava toda a tropa em S. Francisco nas imediações de Paisandu, e no dia 31 em Daiman, onde se demorou cerca de um mês. Nesta localidade, Osório teve conhecimento da invasão de S. Borja e recebera de Canabarro um pedido de auxílio de 4.000 homens de infantaria. Todavia, bem contrariado, mas de acôrdo com o que se deliberara com Mitre, respondeu Osório àquele chefe brasileiro, que seria provável a remessa de uma força, para o socorro pedido, sob o comando do general Flores, Presidente do Uruguai, que ainda estacionava com sua tropa em Montevideú, por falta de transporte.

No dia 24 de Junho, Osório fez a passagem de suas tropas para Concórdia, na margem direita do rio Uruguai, já em território de Entre-Rios, onde se encontrava Mitre que tinha vindo de Buenos-Aires. No dia 26 de Julho, Mitre comunicou ao General Caldwell, comandante das armas do Rio Grande do Sul, a sua intenção de remeter-lhe os necessários socorros, depois de pô-lo a par dos

efectivos concentrados em Concórdia compostos de 18.000 homens dos exércitos brasileiro e argentino. Disse Mitre ainda que mandaria tropas sob o comando de Venâncio Flores (4.000 homens com 8 peças de artilharia) na direcção das forças paraguaias que invadiam as duas margens do rio Uruguai e que com aquelas forças de Flores se juntariam além de outras enumeradas, as do general Paunero que tinha sob seu comando cerca de 4.500 homens de infantaria com 24 bocas de fogo. "V. Excia. vai manobrar com um belo exército de 9.500 homens, disse Mitre a Flores antes da partida deste. A sua potente artilharia dará conta dos imprudentes Paraguaiois que por ambas as margens do Uruguai se atrevem a desafiar o poder da Aliança. Logo que Paunero se lhe tenha associado, poderá facilmente bater por parte as duas colunas inimigas". Tudo isto aconteceu, como vimos, com as vitórias de Jataí e Uruguaiana. Desembarçados os Aliados dos Paraguaiois que operavam no rio Uruguai com a derrota de Estigarríbia de que já tivemos ocasião de tratar, voltaram as suas vistas para as colunas de Resquin ou tropas de invasão sobre o rio Paraná. "A notícia da rendição de Estigarríbia, escreve Tompson, caiu como um raio sôbre Lopez, embora ele já devesse ter compreendido que essa divisão, depois de cercada e sitiada por todo o exército aliado, estava condenada a sacrificar até o último de seus homens ou a render-se.

Quando lhe deram a notícia, rugiu de cólera contra Estigarríbia. Mandou chamar todos os officiais da guarnição de Humaitá, e participou-lhes a nova, dizendo que Estigarríbia havia vendido a guarnição por dez mil libras esterlinas, apresentando-o à execração de todos como traidor da pátria. Este revés foi o único durante a guerra, que afetou verdadeiramente a Lopez, se bem que o não tivesse demonstrado publicamente. Passou três dias entregue a tão furiosa raiva, que nem mesmo seu filho, a quem amava loucamente, se atreveria aproximar-se dele".

Diz o general Tasso Fragoso que “Resquin recebeu a 5 de Outubro a ordem de evacuação e que deveria contra-marchar com todas as suas forças e atravessar o rio Paraná em Corrales e acampar no Passo da Pátria.

Iniciou-lhe logo a execução. O seu movimento de retirada é percebido por Cárceres no dia 7 de Outubro... Mitre recebeu esta notícia sensacional no dia 10 de Outubro, no Passo das Éguas (rio Mariáai)”.

o
f
o
d
o
d
o
v
r
e
M

d
n
C
o
a
b
r
t
d
t
p
r
à
l
s
a

A CAMPANHA DE INVASÃO

Logo depois que Mitre teve conhecimento do recuo dos Paraguaiois, tratou de ordenar a reunião inicial das forças de Uruguaiana (Flores) e das da região de Concórdia (Osório e Gelly y Obes) em Mercedes. Assim no dia 20 de Setembro de 1865 deu-se a passagem de exército que operou em Uruguaiana para Passo de Los Libres (forças de Flores e de Paunero e reforços brasileiros) e no dia 1.º de Outubro alcançou as imediações do arroio Capi-Quicê, onde acampou. Em seguida pondo-se novamente em movimento esta força alcançou Mercedes que foi o ponto de reunião determinado por Mitre. (dia 15). Os Brasileiros e Argentinos que estavam em Concórdia, alcançaram Mercedes aos 19 de Outubro.

Desta localidade tinha Mitre de levar essas forças em direcção da região de Corrientes na seguinte ordem: na frente iriam os Argentinos com Paunero e depois Gelly y Obes, depois os Brasileiros de Osório e finalmente o exército de Flores. Todo este exército de Mitre marchou até transpor o rio Corrientes em P. Novo, onde se deu a bifurcação da coluna na seguinte ordem: as tropas de Flores alcançariam a cidade de Corrientes seguindo pela estrada que se estende entre os esteros do rio Corrientes e o do Santa Luzia, enquanto que Osório e Mitre com as outras forças seguiriam, depois de transporem o Corrientes, para Batel, Passo de Cerrito onde fariam um giro para Noroeste em direcção de Empedrado (8 de Dezembro) e daí à margem do Riachuelo, onde se detiveram nove dias (dia 11). Diz o general Tasso Fragoso: "Osório aproveitou a sua parada em Riachuelo para providenciar sobre vários assuntos. Soube que 14 vapores carregados de tropas es-

tavam encalhados no rio Paraná. Escreveu a Barroso para que fretasse outros e retirasse as ditas tropas com urgência. Activou os abastecimentos. Mandou alugar casas em Corrientes para servirem de depósitos e hospitais. Oficiou a Tamandaré pedindo-lhe o transporte para a cidade de Corrientes da força e do material existentes em Salto, Montevidéu e Buenos-Aires, bem como de recursos para o construção na referida cidade, das embarcações pequenas necessárias ao exército para a travessia do rio Paraná. A marcha até Riachuelo tinha sido penosa para as tropas, mas nunca lhes faltou alimentação. No dia 15 iniciou a passagem do Riachuelo. A 20 retomou a marcha na direcção da lagoa Brava, a Leste da cidade de Corrientes. Nesse acampamento de Lagoa Brava, permaneceu 51 dias, pois, só aos 10 de Fevereiro de 1866 transportou o seu exército para Tala-Corá”.

Este mesmo local de Tala-Corá alcançou Mitre no dia 26, onde acampou. Flores havia seguido, como vimos a estrada entre os esteros de Corrientes e de Santa Luzia, rumo Nordeste, alcançando Yaguareté-Corá no dia 23 de Novembro de 1865, São Miguel no dia 3 de Dezembro e atingiu a margem esquerda do Paraná onde encontrou Castro que tinha feito a marcha São Tomé-Candelária-margem esquerda do rio Paraná.

Uma vez reunida toda a tropa oriental, Flores seguiu em direcção de Enseada, a meia légua de S. Cosme e a duas do Passo da Pátria, onde acampou, nas vizinhanças dos outros dois exércitos.

“No fim do ano de 1865 já não havia um só Paraguaio em território argentino, diz R. Pombo, e a maior parte do exército aliado tinha os seus acampamentos ao longo do rio Paraná, entre Corrientes e o Passo da Pátria. Os inimigos, no entanto, parece que neste momento se espriam hesitantes. Passam-se uns quatro ou cinco meses de quase completa inação. Apenas procuram os Paraguaio, com súbitas sortidas em veloses canoas, inquietar as

avançadas contrárias. Entre essas agressões dos Paraguaiois, a mais séria foi a de Currales, no dia 31 de Janeiro de 1866. Em fins de Dezembro anterior, grande parte do exército aliado já se achava reunido ao longo do Alto Paraná a leste de Corrientes: Osório, com os Brasileiros a uma légua na lagoa Brava, os Argentinos e os Orientais, perto de S. Cosmé. Eram uns 42.000 combatentes. Foram neste lugar dentro em breve visitados por hóspedes importunos, pois durante o mês de Janeiro de 1866, começaram os Paraguaiois, partindo de Itapiru, a atravessar com alguma frequência o rio, em número de cento e tantos de cada vez. Travavam tiroteio com as nossas avançadas, matando alguns e ferindo outros, apresavam alguma coisa que vissem ao alcance, e no mesmo dia regressavam em suas canoas para o forte de que tinham saído.

No dia 30 de Janeiro, apresentaram-se em número superior a 600, perseguiram alguns de nossas vedetas, e retiraram-se para a mata que orla o Paraná, passando alí a noite. Informado deste facto, ordenou o general Mitre que o coronel Coneza, com 1.800 homens da guarda nacional de Buenos Aires, e duas peças, fosse reunir-se à cavalaria do general Hornos; que de madrugada a força de Coneza se emboscasse além do arrôio S. João, e a cavalaria tratasse de atrair o inimigo mais para o centro, afim de tomá-lo entre dois fogos. Avança de facto a coluna paraguaia contra os Argentinos, e já está perto do lugar aprazado, quando o entusiasmo imprudente de Coneza, que dirige uma proclamação aos seus soldados, põe tudo a perder, pois, levantando vivas estrepitosos, carregam os Argentinos antes do tempo sobre o inimigo, que se retira habilmente atraindo os outros até Currales, o lugar onde tinham desembarcado e onde estava escondida outra força deles. Caem deste modo no laço todos os Argentinos, e apesar do seu grande valor, e de serem reforçados por uma companhia inteira, não logram repelir o inimigo que por sua vez recebe um reforço de 800 homens. Regressam os Paraguaiois, na manhã seguinte para o seu acampamento,

e são pelos nossos acoçados na ocasião de embarque. Osório que se achava a pouca distância, não acudiu porque Mitre lhe escrevera que não fizesse caso dos tiros, e que, se houvesse alguma novidade, lhe daria aviso. Chamou-se esta refrega combate de São Cosme, ou de Papagaio, e também surpresa de Currales. Lopez fez cunhar medalhas para galardoar os heróis daquele dia". Este acontecimento causou grande consternação nas repúblicas do Prata e, por isso, daí por diante tudo indicava que se tivesse mais cautela nos ataques contra os Paraguaiois.

Depois dos acontecimentos que tivemos ocasião de apreciar com a derrota argentina em Curales, o governo paraguaio aproveitou-se de uma pausa da guerra para reorganizar novas tropas e construir os entricheiramentos necessários para a sua defesa em face da invasão que não devia tardar. Por seu lado os Aliados ativavam os preparativos para o ataque e invasão do território paraguaio. No dia 25 de Fevereiro houve grande reunião dos quatro chefes aliados (Mitre, Tamandaré, Osório e Flores) no quartel general de Mitre, onde este generalissimo declarou competir a Tamandaré a iniciativa do plano de ataque contra os Paraguaiois. O almirante Tamandaré havia dicto que tinha em mãos todos os meios para destruir o inimigo desde o Passo da Pátria até Assunção, mas afirmava que era necessário um plano de cooperação íntima entre a esquadra e o exército. Ficou então resolvido que a invasão se faria imediatamente e, aos 17 de Março, a esquadra de Tamandaré subiu o rio, desde Corrientes, para pôr em prática o plano que havia concebido.

Era tão mais necessária a urgência do ataque, quando se sabia que em Buenos Aires, o povo bradava contra a continuação da guerra, dizendo que já se havia feito o bastante para desafrontar os brios nacionais ultrajados, pois que o inimigo já havia sido compelido a recolher-se ao seu território.

Nesta ocasião os federalistas haviam feito união com os adversários de Mitre e todos juntos ligaram-se a Urquiza que não deixava de inspirar certo cuidado, em vista de suas antigas relações com Lopez. Os agentes deste, por seu lado, procuravam tecer intrigas nos países vizinhos e tal foi o incremento desta política que o Chile e o Peru se interessaram pela terminação da guerra, da mesma forma que a Inglaterra, a França e os Estados Unidos. Estes factos deviam, como aconteceu, actuar vivamente no ânimo de Mitre que naturalmente devia ter as suas preocupações voltadas para o governo da Confederação que ainda estava, pode-se dizer, em organização.

Havia graves acusações contra Mitre, em Buenos Aires, onde se propalava que a derrota de Currales havia tido por causa a não previsão do ataque dos Paraguaiois e principalmente por ter faltado aos Argentinos a munição no momento mais preciso do combate. Em torno destas acusações pairava certa desconfiança ainda mais grave e esta foi lançada contra a esquadra de Tamandaré que se dizia, não exercia eficiente acção de vigilância no rio Paraná. Na célebre reunião dos quatro chefes, realizada aos 25 de Fevereiro, cogitou-se, na verdade, de assentar a escolha do ponto por onde se deveria passar ao território inimigo.

Nesta ocasião Mitre e Ozório concordaram que se devia iniciar o desembarque e consequente ataque em Itati e Itapuá, mas Tamandaré que era para o Brasil o membro mais importante desta reunião manifestou opinião contrária, dissentindo da escolha de ataque inicial àqueles dois pontos citados e opinando que a invasão fosse feita pelo Passo da Pátria. Tamandaré não se limitou somente a uma ligeira opinião, consubstanciou-a com argumentos que traduziam o plano que solicitara, e obtivera do Marquês de Caxias, que então era o verdadeiro cérebro Estado Maior do Brasil. Na verdade o almirante brasileiro, secundado pelo general Flores, até certo ponto, exagerava o papel da esquadra que por si só não poderia destruir to-

dos os obstáculos artificiais do terreno, existentes nas margens do rio Paraguaio, desde a confluência até Assunção. Reconhecendo porém, as dificuldades de tal empresa (ofício confidencial de 10 de Maio de 1865) opinou que as operações da esquadra deveriam ser feita com o apoio mais estreito do exército que então palmilharia as dificuldades que se deviam antolhar no teatro das operações. Depois de certa relutância oposta por Mitre que insistia pela invasão por Itati, ficou resolvida a escolha do Passo da Pátria para a invasão do território Paraguaio.

O DESEMBARQUE EM TERRITÓRIO PARAGUAIO E AS INVESTIDAS CONTRA ITAPIRU E PASSO DA PÁTRIA.

Como acção preliminar do ataque que se projectava, ficou resolvida a occupação da ilha fronteira à ponta de Itapiru (ilha de Redenção, ilha Cabrita). Osório deliberou de accordo com Tamandaré, que fosse àquella ilha occupada pelos aliados, e, na noite de 5 para 6 de Abril, desembarcaram nela cerca de 900 homens sob o comando do tenente coronel de engenharia Carlos de Villagran Cabrita.

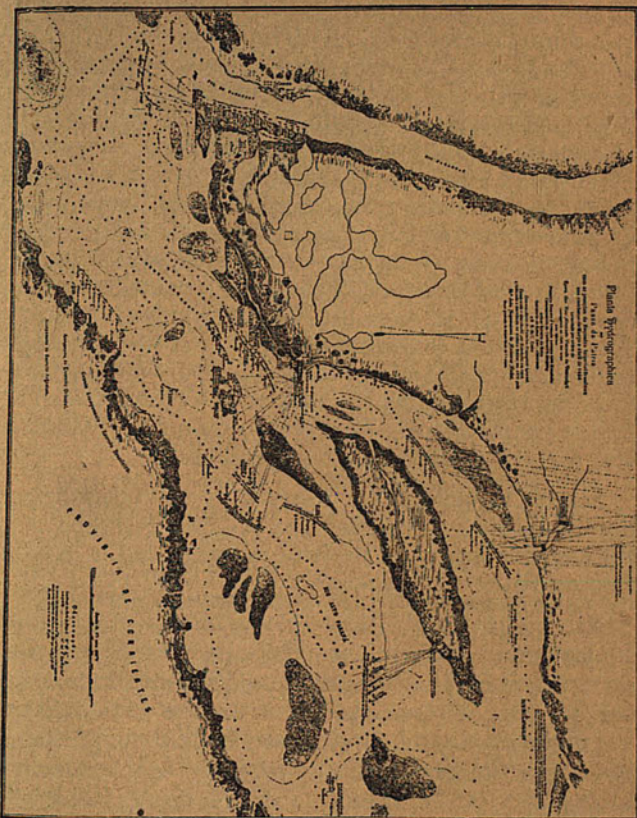
A ilha é apenas um banco de areia que se submerge nas grandes cheias do rio Paraná. Está situada muito mais próxima do território paraguaio do que do correntino. Dominada pelos fogos directos do forte de Itapiru da margem direita do Paraná esta ilha estava então coberta de alta e espessa macega. Assim era necessário que fosse logo após a occupação, immediatamente coberta dos tiros do forte em frente de Itapiru.

Foi aí então construído um entricheiramento de defesa contra os fogos de Itapiru e nos dias subsequentes à occupação, até o dia 10, houve recíprocos canhoneios que em parte embarçaram as comunicações paraguaias com o acampamento do Passo da Pátria. Com esta nova situação resolveram os Paraguaioes acometer de surpresa os occupantes da ilha e no dia 10 de Abril executou Lopez a sua investida à ilha. "Felizmente", escreve o general Pinheiro Guimarães: "foi sobre a trincheira da direita, pela frente dela, que convergiram os esforços paraguaioes quer porque a macega não lhes tivesse deixado ver quanto era fácil penetrar pelo centro, pela extrema direita e sobretudo pela extrema esquerda, contornando a fortificação; quer

porque não se pudesse guiar bem na escuridão da noite". "Sentindo a debilidade daqueles pontos, o tenente coronel Cabrita mandou Tibúrcio defender o espaço aberto na extrema esquerda e Eudoro de Carvalho, o centro. Logo que a aurora de 10 de Abril iluminou o cenário, compreenderam os Brasileiros ser indispensável rematar a vitória; saltaram das trincheiras e lançaram-se à baioneta contra o inimigo, que foi afinal derrotado decisivamente. (Op. cit.). Infelizmente, terminada a refrega, um acontecimento abalou profundamente a alma daqueles heróis defensores da ilha: o tenente coronel Carlos Villagran quando, recolhido a uma chata que havia fundeado nas proximidades da ilha, preparava a sua parte de combate, foi morto por uma bala lançada de Itapiru. Desaparecia assim tão herói chefe que havia proporcionado ao Brasil tão merecido triunfo.

Nos dias que se sucederam, continuou a luta entre a ilha e o forte de Itapiru, enquanto os aliados preparavam com intenso entusiasmo os preparativos de passagem do rio. Já tudo se havia combinado e as tropas destinadas à primeira arrancada ao território inimigo, já estavam concentradas à beira do rio. Quatro pontos desenhados das vistas inimigas foram escolhidos para o embarque das tropas destinadas ao assalto e em cada um foi então construída uma ponte. Diz o general Tasso Fragozo: "Segundo o plano assentado, os desembarques far-se-iam por escalões sucessivos. O 1.^o e o 2.^o compor-se-iam unicamente de tropas brasileiras, sob o comando do general Osório; e o terceiro de tropas orientais e brasileiras, sob o comando de Flores, e a seguir o restante do exército aliado. (inf. publicadas pelo visconde de Ouro Preto no seu folheto: "A Esquadra e a Oposição Parlamentar").

Houve na realidade sérias divergências entre os chefes militares na escolha do ponto de desembarque para o ataque ao território inimigo. O barão de Porto-Alegre que se achava em Itapua, havia recebido ordens de Mitre para que atravessasse o alto Paraná e invadisse o território



inimigo, na mesma ocasião em que fosse feita a passagem do Passo da Pátria. Havia Porto-Alegre ponderado a execução desta ordem, exigindo mais tropas de infantaria e embarcações para realizar a passagem, além de aguardar a chegada de uma flotilha que lhe seria enviada por Tamandaré.

Porto-Alegre continuou, portanto, em Itapua cobrindo as comunicações com o Rio Grande do Sul e Corrientes. Diz o general Tasso Fragoso: “Os aliados pensaram sempre em penetrar no território paraguaio cruzando o rio Paraná. Hesitaram quanto ao sector de desembarque. Tamandaré desejou fosse no Passo da Pátria, pela vantagem de ser aí possível a colaboração de toda a sua esquadra; quanto mais afastado para cima do rio ficasse o ponto, mais restricto seria o número de navios apropriados à empresa. No dia 2 de Abril, o tenente da armada Francisco José de Freitas lembra a Tamandaré a vantagem de um desembarque na margem esquerda do Paraguaio, no terreno em frente à confluência do Atajo. Mitre faz alusão a isso no dia 6 de Abril, em carta a Osório. Nada obstante, até 13 de Abril mantem-se inalterável o projecto combinado de passagem pelo Paraná, ao qual parece no sector entre a ponto do Itaperu e o rio Paraguaio.

Mas os aliados já têm certeza da existência de um caminho de Itaperu ao Passo da Pátria... logo que seria fácil desembarcar neste sector e avançar depois até ao Passo da Pátria por Itaperu”.

Não há dúvida que essa série de indecisões por um lado trouxe a vantagem aos aliados de conseguirem uma surpresa tactica ao adversário que dispendeu todo o seu esforço e atenção sobre o sector de Itaperu onde tudo parecia dever realizar-se o desembarque. Quando, porém, os aliados desembarcaram, não na beira do Paraná como podiam supor os Paraguaios, e sim na do rio Paraguaio, encontraram um caminho aberto e quasi sem obstáculos que lhes interceptassem o avanço premeditado.

Assim, ao amanhecer do dia 16 de Abril, a nossa esquadra formou uma extensa linha de ataque no rio Paraná desde a foz do rio Paraguaio até as alturas do forte de Itaperu.

Esta nossa força naval compunha-se de quatro encouraçados, duas corvetas, onze canhoneiras e duas chatas artilhadas, montando noventa bocas de fogo. Simultaneamente com esta cobertura naval, doze outros vapores, uma chata, dois avisos e doze canoas levando a bordo cerca de nove mil e quinhentos homens de desembarque com oito peças largaram a margem esquerda do Paraná e dirigiram-se rumo a Itaperu, justamente quando o fogo da esquadra fazia sentir sobre o inimigo o seu maior potencial de combate, envolvendo a costa paraguaia, margem esquerda do Paraná, num dilúvio de fumaça. De repente e num momento julgado oportuno, os transportes de nossas tropas de desembarque deslisaram rio abaixo, para oeste e guiados por uma canhoneira entraram a foz do rio Paraguaio, rumo ao norte, até cerca de meia légua da confluência. Em ponto já determinado e sob a imediata direcção de Osório, efectuou-se o desembarque.

“As balsas atracaram à terra e pontes de canoas foram estabelecidas entre a margem do rio e os vapores, começando logo o desembarque das tropas”. (Relatório da Comissão de Engenheiros).

Escreve o general Tasso Fragoso: “Osório foi o primeiro a por o pé em terra, juntamente com os seus ajudantes e o seu piquete. Montou a cavalo e procedeu logo a um ligeiro reconhecimento do terreno. Embora este fosse bem à beira do rio, havia adiante um banhado só vadeável por um ponto, em que os cavalos passavam com as águas pelo peito. Osório atravessou-o e avançou para frente”.

Entrementes Osório alcança as avançadas inimigas e o fogo que então contra ele se abriu foi já então respondido pelas companhias do 2.º de Voluntários da Pátria sob o comando de Deodoro da Fonseca que na esteira de Osório, havia desembarcado com presteza incalculável. Sob o comando do coronel Hermosa, a força inimiga recuou para tentar pouco depois um retorno ofensivo. Já então

reforçado com Deodoro da Fonseca, com o 12.º batalhão de Infantaria e outros corpos com artilharia sob o comando de Mallet e do general Argolo na vanguarda, empenhou-se o combate que foi desfavorável aos Paraguaiois. No dia 17, foi Osório atacado por forças inimigas sob o comando do tenente coronel Basílio Bênitç com cerca de três mil homens.

Com uma feliz manobra pelo flanco esquerdo dos Paraguaiois, atacado por dois batalhões de linha sob o comando do coronel Jacinto Machado que inesperadamente surpreendeu Bênitç que teve de mudar a sua frente de combate, Osório acometeu com os seus o inimigo, à baioneta, destroçando-o decisivamente. Os Paraguaiois perderam cerca de quinhentos homens entre mortos e feridos. Em seguida, abandonaram o forte de Itaperu (manhã de 18), levando todo o armamento e petrecho, menos dois canhões pesados que enterraram junto ao forte. Desta forma estava bem clara a derrota de Lopez que por isso determinou o recuo de suas forças para o acampamento do Passo da Pátria. Entre este acampamento e o Passo da Pátria, havia um caminho estreito como um desfiladeiro um tanto difícil para o trânsito de tropas em vista das pontes de madeira aí existentes apodrecidas e toscas.

Neste local postou-se o coronel paraguaio Diaz com os seus para deter o avanço dos nossos. Conta o seguinte o general Tasso Fragoso: "Depois de chegar a Itaperu, resolveram os aliados lançar logo para a frente uma forte vanguarda para reconhecer o terreno e tomar contacto com o inimigo. Mitre, Osório e Flores acompanharam-na.

Compunha-se' da 3.ª divisão brasileira (Sampaio), de dois batalhões orientais e de uma bateria de campanha brasileira.

Avançou-se pelo caminho Itaperu-Passo da Pátria que corria mais ou menos paralelo à costa. Era tão estreito, conta Paleja, que apenas dava espaço para quatro homens. Bordavam-no lagoas e banhados com mato impe-

netrável; era cortado de riachos profundos; em um foi mister que a artilharia fizesse uma ponte e abrisse passagem com machados, nos abatizes organizados pelo inimigo.

No segundo riacho ele havia feito uma ponte sobre uma chata, com vigas atravessadas e pranchas, mas inutilizaram-na à última hora; tivemos de buscar outro caminho à esquerda por uma lagoa. Daí avançaram os generais com os batalhões de caçadores e um batalhão brasileiro até o ponto de desembarque do acampamento paraguaio. A esquadra por seu lado continuava bombardeando o referido acampamento”.

Forçado pela violência e firmeza do ataque dos aliados, Lopez abandonou essa fortificada posição e acompanhado do general Resquin com o grosso do exército, retirou-se, deixando à retaguarda o general Bruguez com alguma infantaria e artilharia com a missão de cobrir a sua forçada retirada.

Assim os aliados com mais alguns esforços, em vista da resistência da retaguarda de cobertura inimiga, entraram no Passo da Pátria e apossaram-se desta região (dia 24).

O exército paraguaio foi acampar em Estero-Belaco, onde procurou por todos os modos entreter os invasores para tirar proveito, pelo tempo, da organização de suas novas e formidáveis linhas de defesa que assegurariam a resistência de Curupaiti e de Humaitá.

c
E
n
n
a
a
ll

p
tr
1

P

v
p
ci
t
é
p

pa
e
N
fu
se
so

COMBATE DE ESTERO-BELACO

(2 de Maio de 1866)

Estacionado o exército aliado no Passo da Pátria, com o exército brasileiro à esquerda apoiado no esteiro Belaco, o exército oriental ao centro do dispositivo de manobra à beira da estrada do Passo da Pátria para Humaitá e com o exército argentino à direita, procurou o alto comando aliado ganhar tempo para regularizar o aprovisionamento dos seus exércitos e para firmar melhor as posições conquistadas.

“Consiste o esteiro Belaco em duas correntes de água paralelas que quase sempre guardam uma distância de três milhas, chamadas Jataí, que ficam na altura de 30 a 100 pés sobre o nível do esteiro.

O Belaco deságua no Paraguaio pela lagoa Pires e no Paraná, obra de 100 milhas a leste.

A água destes esteiros é sumamente clara e agradável e está cheia de um junco que cresce de cinco a nove pés acima do seu nível. Estes juncos crescem na distância de duas polegadas um do outro; constituem, portanto, um obstáculo à passagem. O leito onde estão as raízes é sempre um atoleiro profundo, coberto de três a seis pés de água.

Os esteiros são, portanto, intransitáveis, exceto nos passos, que são lugares onde os juncos foram arrancados e a areia foi substituindo gradualmente o lodo do fundo. Nestes passos, como nos outros pontos do esteiro, a profundidade da água que se tem de atravessar é de três a seis pés. Em alguns lugares uma e até duas ou três pessoas montadas em bons cavalos podem passar através

dos juncos porém logo que um cavalo passa, o fundo torna-se ainda pior, pelas covas que deixam os cascos. Estes esteiros formavam a principal defesa dos Paraguaioes. (Thompson) “E’ o esteiro Belaco”, diz o p. Galanti”, uma grande depressão do terreno por onde, na época das enchentes, as águas do Paraná se unem às do rio Paraguaio, formando imenso pantanal. Ramifica-se então este pântano em uma infinidade de pequenos canais paralelos ou laterais, e, do território inferior do Paraguaio, forma uma grande ilha. Seus dois canais principais, Rojas e Velaco, pouco além do lugar em que estava acampado o nosso exército, conservam entre si um terreno largo de 4 a 5 quilómetros, composto de pequenas elevações, capões de mato e atoleiros perigosos. Era nesses capões que se ocultava o exército inimigo”.

Não obstante as dificuldades de terreno onde se achavam os aliados cheios de atoleiros perigosos e pequenas elevações e capões de matos de que naturalmente se devia desconfiar fossem aproveitados para uma surpresa por parte do inimigo, não obstante todos esses perigos, os aliados julgavam-se tão tranquilos que deixavam espalhados pelos pastos vizinhos a cavallhada e os animais de tracção.

Diversos piquetes de reconhecimento argentinos haviam verificado que não havia inimigos nas matas além do esteiro. Portanto tudo concorria para uma surpresa contra os aliados. Justamente na hora da distribuição das rações, pouco antes do meio dia, surgiram os Paraguaioes com cerca de três mil infantes em três colunas sob as ordens de Diaz respectivamente comandadas por Fidel Valiente, por Giminez e por Benitz que se arrojaram impetuosamente contra a nossa vanguarda, apoderando-se de quatro canhões. Alguns avaliavam em quatro mil homens o efetivo das três colunas paraguaiaes, mas Rio Branco diz que eram cinco mil homens de infantaria e cavalaria.

O gen. Tasso conta o seguinte: “Na manhã de dois de Maio os aliados enviaram uma descoberta de elementos de cavalaria argentina do general Hornos (capitão Azcona e 120 homens). A descoberta transpôs o esteiro Belaco em frente ao campo argentino, atacou algumas guardas avançadas do adversário, matando-lhes 22 homens e regressou com dois prisioneiros. Apoiou a operação o coronel Arredondo com algumas companhias da 1.^a Legião de Voluntários. Com isso julgaram-se os aliados perfeitamente garantidos no lado meridional do esteiro e entregaram-se aos seus afazeres habituais. Ao meio dia os Paraguaiois iniciaram o ataque com violento fogo de artilharia e de foguetes incendiários. Numerosos inimigos saem do capão da esquerda e atacam os pontos avançados do 7.^o; recalcam-nos sobre a sua unidade, que recebe projecteis antes mesmo de entrar em forma. O capitão Cardoso de Melo vê-se em dificuldades para atirar contra os atacantes, temeroso de ferir os seus compatriotas; mas era necessário atirar, diz ele em sua parte, e a bateria fez fogo, não de lanternetas, mas de granada, causando alguma confusão na cavalaria inimiga.

Esta avança pela estrada e volve à esquerda à cerca de 60 braças da bateria, desfilando-lhe pela frente e para o flanco direito.

O 21.^o avança, por ordem de Flores, para apoiar o 7.^o que se retira; fá-lo em duas alas, por entre as quais passa o referido 7.^o.

Atacados de frente e ameaçados pela rectaguarda por infantaria inimiga, ambos recuam. À direita da bateria avança o 38.^o batalhão e vai situar-se numa coxilha que ficava em frente e á direita. O inimigo ataca-o com energia e obriga-o a retroceder. Destarte a bateria vê-se isolada, torna-se-lhe impossível resistir a inimigo tão numeroso. O capitão Melo, a quem o pânico já havia subtraído grande número de comandados, abandona as pe-

ças e retira-se com os oficiais e as poucas praças que lhe restavam. O inimigo arrasta prontamente para o seu campo tão úteis e expressivos troféus”.

Ignorando o que se ia passando na frente, o general Flores havia determinado o avanço da 12.^a Brigada, composta do 5.^o, do 13.^o e 16.^o de Voluntários, a cuja testa se achava o coronel Pecegueiro que, ao atingir a linha de vanguarda, avistou as guarnições das peças e a infantaria que se retiravam desordenadamente.

Foi grande o esforço de Pecegueiro para conter o pânico e restabelecer a ordem, quando já estava também atacado pelo flanco direito. Todavia resistiu ao inimigo. O alarma havia sido grande no campo dos aliados que, compreendendo a gravidade de situação, determinavam medidas de combate e cada unidade por dever de honra, tomava, segundo o seu juízo, as medidas que a oportunidade lhes impunha.

Num acto de extremo recurso e já por determinação do general Flores, avançam os três últimos batalhões uruguayos, sob o comando do coronel Palleja que, percebendo um ataque paraguaio pelo flanco esquerdo e a ameaça de envolvimento do próprio quartel general de Flores, atira-se contra o inimigo com impetuosidade. Mas o batalhão Florida que fazia a vanguarda deste dispositivo, embora lutasse com muito denodo, foi forçado, envolto pelo inimigo, a retroceder.

“Nesta crítica situação”, escreve Garmendia, aparece Osório no campo de batalha. Mostra-se repentinamente com o carácter jovial de Henrique IV: o bravo rio-grandense não possui outro”.

Surge, então, por ordem de Osório a 6.^a Divisão (30.^o, 40.^o, 41.^o e 51.^o de Voluntários) sob o comando do general Vitorino Monteiro que ampara os Orientais e inicia um contra-ataque contra o inimigo que os perseguia.

Assim foi contida a retirada e acrescenta Garmendia: “Tudo se havia perdido se Osório não tivesse acudido à testa de corpos de segunda-linha e restabelecido o combate”.

Octaviano de Sousa escreve o seguinte: “Avança o general Vitorino com a 6.^a Divisão e os ampara a todos, com a sua tropa calma e cheia de entusiasmo e energia.”

Desimpedida a frente, ordenou o general Vitorino, que o 51.^o e o 41.^o formassem linha paralela, a primeira que se constituia do 30.^o e do 40.^o e de mais um batalhão oriental que desde o princípio se arrimara ao flanco esquerdo do 30.^o.

Por conseguinte, a 6.^a Divisão formou em duas linhas de brigadas, carregou sobre o inimigo e fê-lo recuar e o perseguiu . . . Por essas forças aliadas foram os Paraguaios contidos na marcha impetuosa em que avançavam contra o acampamento do Passo da Pátria, e logo foram rebatidos para trás e por elas carregados e desfalcados em copioso número.

Em seu exaltado ânimo, talvez contassem com uma vitória fácilima os esforços paraguaios, quando se lhe depararam avessos os acontecimentos: nem só contidos por essa força pujante, mas por ela repelidos e dizimados, por ela derrotados e perseguidos, por ela acabrunhados, por ela condenados á ruina”.

Terminada esta primeira fase de perseguição, pelas tropas aliadas empenhadas no combate e bastante fatigadas pelo ardor da peleja, Osório continuou com o 6.^o, 13.^o batalhões de infantaria, com o 1.^o, 11.^o e 26.^o de Voluntários da Pátria na esteira do inimigo que quase não mais oferecia resistência numa retirada que se transformou em verdadeira fuga. Finalmente os Paraguaios, bastante fatigados, cederam o terreno definitivamente perseguidos até cerca de dez quadras além do Estero Bellaco, infiltrando-se pelos bosques do Sauce.

OBSERVAÇÃO: — Os aliados quando alcançaram o Passo da Pátria, naturalmente tinha de aí parar algum tempo e mesmo não seria prudente que eles avançassem para o interior antes de um revigoramento de suas forças para uma nova investida na margem direita do rio Paraná. Mas não resiste à menor crítica o facto da falta de serviço de segurança então existente a ponto de serem surpreendidos com um ataque inimigo em condições desfavoráveis. Não ha dúvida que foi defeituoso e falho o serviço de segurança dos aliados em Passo da Pátria e que a surpresa e imediata perda da artilharia foi consequência da sua má organização.

Deviam remeter à frente na direção provável do inimigo, as descobertas necessárias para que o alto comando tivesse uma orientação tão segura quanto possível sobre o terreno e o inimigo.

Diz Octaviano de Sousa: “Sem contar com o facto gravíssimo de não terem sido ocupados pelo exército aliado os Passos do Estero Bellaco, passagem obrigatória do inimigo para o terreno da vanguarda do mesmo exército, foi muito mal urdida a rede de segurança: uma linha única de batalhões e cavalarias sem coesão, com artilharia desabrigada e aos olhos do inimigo.

Não havia propriamente uma linha de resistência, nem postos de observação a bordo do Estero, nem piquetes com sentinelas formando uma barra de vigilância.

No entanto só ao general-chefe do Exército Aliado e a ninguém mais competia assinalar a colocação da reserva. ou o grosso da rede de postos principais, a dos postos de observação ou a de alguma cavalaria à frente da rede de segurança e vigilância... Além disso, não se compreende a razão por que não tomou ele, general-chefe, (Mitre) a direção do combate, ao menos quando a pugna se generalizou, e não manobrou contra o inimigo.”

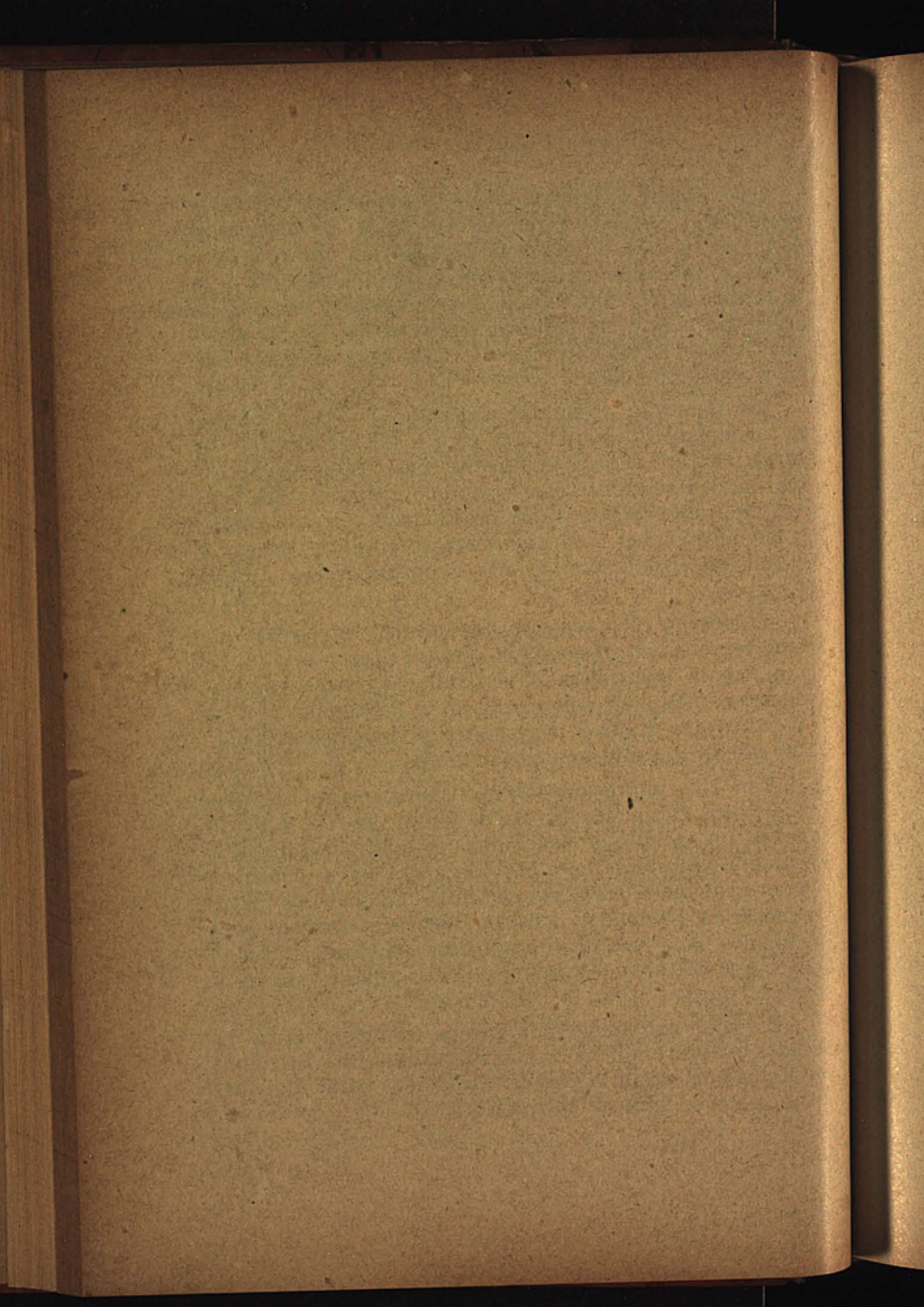
Na verdade o combate teve sua intensidade no centro (Brasileiro) e na ala esquerda (Orientais) do dispositivo de manobra e na direita onde se achavam os Argentinos foram só lançados um regimento e alguma infantaria já na fase de derrota dos Paraguaiois. Entretanto toda a tropa argentina continuou em acampamento, quando os generais Osório e Flores enfrentavam o inimigo onde ele se tornava mais impetuoso.

Devia, então, o exército argentino avançar à direita do acampamento manobrado, com o fim de envolver os Paraguaiois que seriam fatalmente cortados em sua rectaguarda. Se isso acontecesse, quando o inimigo estava ocupado de frente com as tropas brasileiras e orientais, naturalmente qualquer movimento envolvente tentado pelo exército argentino determinaria a captura de toda a força paraguaia.

Entretanto não se fez o movimento envolvente até como princípio de economia de forças e atacou-se o inimigo de frente, determinando que batalhões brasileiros atravessassem o Estero e comprimissem os Paraguaiois que, na cobertura dos matos e abrigados nas trincheiras, puderam resistir durante muito mais tempo.

Com tais imprevidências tão claras quanto se possa exigir, se os Paraguaiois em vez de tentar um combate com apenas um exército de pouco mais de quatro mil homens, jogassem em grande batalha toda a sua força disponível que era calculada em perto de trinta mil soldados, naturalmente os resultados poderiam ser bem funestos para os aliados. Este erro dos Paraguaiois deu uma lição a Lopez que vai procurar corrigi-lo mais adiante nos campos de Tuiuti.

Em tudo isso houve uma grande vantagem para os aliados quando em meio do combate perceberam as linhas de Rojas que seriam o grande obstáculo para qualquer avanço que se tentasse para o Norte.



MARCHA PARA TUIUTI

O exército aliado não avançou imediatamente sobre o terreno inimigo e permaneceu ainda 18 dias na região em que havia lutado aos 2 de Maio.

Diz o gen. Tasso: "Não se consideravam suficientemente apercebidos para continuar o avanço, faleciam-lhes meios de mobilidade; faltava-lhes sobretudo concentrar desse lado do Paraná os aprovisionamentos indispensáveis.

Apesar de contarem com algumas embarcações para transporte fluvial, tinham necessidade de certo tempo para levar à margem direita do rio a massa considerável de aprovisionamento que os três exércitos aliados reclamavam.

O território na confluência do Paraguai e do Paraná, em que se encontravam, nada lhes poderia fornecer. Não tinha povoações, e era desprovido de culturas.

Até o pasto dessa zona alagadiça era de qualidade inferior. Não se podia, por conseguinte, pensar um só instante em viver à custa dos recursos locais; tudo tinha de vir da rectaguarda, vencendo condições de transporte excepcionalmente desfavoráveis".

Além disso recaía-se na continuidade de um círculo, pois enquanto se esperava pelos recursos provindos da rectaguarda, naturalmente se esgotavam os existentes e tudo isso atormentado pelas moléstias que iam dizimando o pessoal.

Os animais com excesso de magreza por falta de forrageamento, isto é, sem alfafa e milho, eram obrigados a procurar pastagem nos campos próximos que já estavam raspados e poidos. Toda essa situação era agravada pelo péssimo estado sanitário da tropa. A zona do Passo da Pá-

tria era baixa e húmida e imprópria ao estacionamento. O serviço de saúde estava sobrecarregado de trabalho com os médicos visitando cada um, cerca de duzentos doentes e até mais.

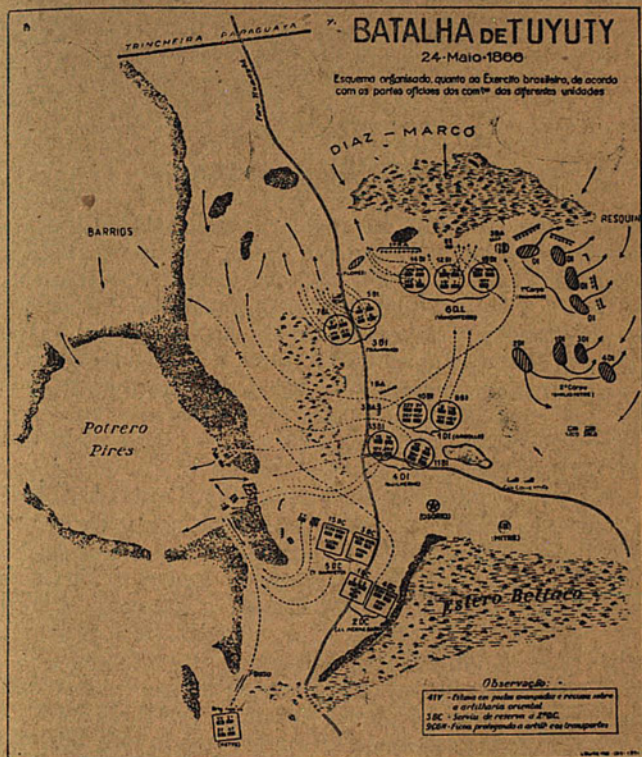
Entre as inúmeras moléstias existentes, eram frequentes as inflamações do fígado, do baço, as pneumonias e principalmente as sezões e sômente havia uma média de três a quatro médicos para cada divisão de quatro mil homens, quando o regulamento dava 14 facultativos para cada uma dessas forças.

“No dia 11, “conta Rio Branco”, houve uma conferência entre os generais aliados e resolveu-se que o exército avançasse no dia 14; isso, porém, não se realizou porque no dia apazado o exército argentino se achava ainda falto de elementos de mobilidade e de víveres para acompanhar o brasileiro”.

Sômente no dia 20 de Maio (1866), o exército aliado iniciou sua marcha para a frente, com Flores comandando a vanguarda que tinha como testa a divisão Vitorino, os batalhões Flórida e 24 de Abril, tendo à frente o 2.º de linha brasileiro.

A vanguarda foi recebida por fusilaria, metralha e foguetes inimigos e por infantaria entrincheirada em bosques. O coronel Palleja dirigiu uma acção contra esta infantaria com elementos do batalhão Flórida e do 2.º batalhão e em pouco tempo dominou-a inteiramente. Depois de uma acção sobre a direita do dispositivo de marcha, o general Hornos que comandava a cavalaria argentina, tomou posição à direita de Palleja e juntos avançaram, levando pela frente os Paraguaiois até o Estero Rojas. Em seguida e já com espaço suficiente para sua própria cobertura, avançou todo o restante exército aliado, atravessando o Estero Bellaco e acampou em Tuiuti.

Thompson diz o seguinte: “O exército paraguaio estava acampado com a vanguarda no Bellaco do Sul, cerca de quatro milhas do seu exército. A vanguarda tinha or-



Segundo a carta publicada do gen. Tasso Fragoso

dem de não disputar os Passos do Bellaco e de retirar-se, quando os aliados fizessem um movimento sério nessa direcção. Praticaram esse movimento aos 20 de Maio, atravessando o Bellaco em três colunas. Os Paraguaioes retiraram-se em completa ordem e estabeleceram suas guardas no centro do Bellaco do Norte”.

de
o c
ta
Vo
tin

ca
qu
fo
Br

Os
co
po
an

lh
4.8
oc

co
un
ma
ch
Ar

cõ
sol
tri

BATALHA DE TUIUTI

O exército aliado acampou em Tuiuti na seguinte ordem: Na frente, como era natural ficou a vanguarda sob o comando do general Venâncio Flores e composta dos batalhões Independência e Liberdade (Orientais), do 41 de Voluntários da Pátria (Brasileiro) e do regimento argentino San Martin formando o escalão mais avançado.

Esta era apoiada pelos 1.º regimento de artilharia a cavalo sob o comando do ten. cel. Mallet, com sua esquerda ocupada pela artilharia oriental apoiada por suas forças e com a retarguarda guarnecida pela 6.ª Divisão Brasileira sob o comando do general Vitorino Monteiro.

Na esquerda deste dispositivo de combate, colocou Osório detrás dos Orientais a 3.ª Divisão brasileira sob o comando do general Sampaio. Outras forças (1.º e 2.º corpos argentinos, um batalhão de engenharia) ainda faziam parte desta vanguarda.

O grosso ou 2.ª linha era composta do 1.º e 3.º batalhão de artilharia a pé, da cavalaria argentina, da 1.ª, 2.ª, 4.ª e 5.ª divisões brasileiras, com a extrema rectaguarda ocupada pela divisão ligeira também brasileira.

O Exército brasileiro compunha-se de 21.000 homens com seis Divisões, uma Brigada ligeira de Voluntários e um Comando Geral de Artilharia, tudo sob o comando do marechal de campo Manuel Luís Osório que tinha como chefe do estado-maior o brigadeiro Jacinto Pinto de Araujo Correia.

Este primeiro corpo do exército brasileiro em operações contra o Paraguai, pois que havia um segundo corpo sob o comando do barão de Porto Alegre, assim se distribuía:

1.^a Div. (Comt. gen. Argolo) com duas Brigadas (8.^a e 10.^a) de quatro batalhões.

2.^a Div. (Comt. general José Luís Mena Barreto) com duas Brigadas de cavalaria, (1.^a e 4.^a) sendo a primeira composta de dois regimentos de cavalaria e um corpo da Guarda Nacional (1.^o corpo) e a 4.^a composta de três corpos da Guarda Nacional (2.^o, 5.^o e 7.^o corpos).

3.^a Div. (Comt. general Sampaio) com duas Brigadas (5.^a e 7.^a) de quatro batalhões cada uma.

4.^a Div. (general Guilherme de Sousa) com duas Brigadas (11.^a e 13.^a) de quatro batalhões cada uma.

5.^a Div. (Comt. Cel. Tristão Pinto) com duas Brigadas de Cavalaria (3.^a e 15.^a) de três corpos da Guarda Nacional cada uma.

6.^a Div. (Comt. general Vitorino Monteiro) com três Brigadas (12.^a, 14.^a e 18.^a) de quatro batalhões as duas primeiras e de três a última.

Brigada ligeira de Voluntários (Comt. Brigadeiro António de Sousa Neto) com quatro corpos de cavalaria de Voluntários.

Comando Geral da Artilharia (general Andrea) com duas Brigadas (17.^a e 19.^a).

O Exército argentino sob o comando do general d. Bartolomeu Mitre, compunha-se de dois corpos respectivamente comandados pelos generais Paunero e Emílio Mitre. Cada corpo compunha-se de quatro divisões com duas brigadas cada uma. Era ainda adicionada a cada corpo uma Brigada de artilharia e um regimento de cavalaria. Além destes dois corpos havia uma brigada de cavalaria de vanguarda sob o comando de Hornos. O total da força argentina, segundo Garmenia era de 11.400 homens.

O Exército oriental sob o comando de d. Venâncio Flores constava apenas dos batalhões 24 de Abril, Flórida, Independência e Liberdade, com seis peças e um piquete de cavalaria.

O Exército paraguaio com cerca de 24.000 homens compunha-se de três colunas (direita, centro e esquerda) respectivamente comandadas pelos generais Barrios, Diaz e Resquin, sob o comando total de Solano Lopez.

A coluna de Barrios compunha-se de dez batalhões de infantaria (7.500 homens) e dois regimentos de cavalaria (1.200 homens).

A coluna do centro que se pode dividir em duas partes (coluna contra os Brasileiros sob o comando de Diaz e coluna contra Brasileiros e Orientais sob o comando de Marcó) compunha-se a primeira de cinco batalhões de infantaria (3.750 homens), de dois regimentos de cavalaria (1.200 homens) quatro obuses de artilharia (80 homens) e a segunda de quatro batalhões de infantaria (3.000 homens) de dois regimentos de cavalaria (1.200 homens).

Finalmente a esquerda compunha-se de dois batalhões de infantaria (1.500 homens) e oito regimentos de cavalaria (4.800 homens). Esta última coluna fazia frente contra os Argentinos e centro brasileiro.

Segundo Thompson, parece que Solano Lopez premeditava aguardar a ofensiva dos aliados e então jogaria contra a retaguarda deles dez mil homens que se lançariam do potreiro de Sauce por um caminho por eles aberto e não visível para os aliados.

Posteriormente Lopez mudou de plano e resolveu tomar disposições ofensivas, quando teve conhecimento de que as tropas aliadas premeditavam um ataque contra os Paraguaiois no dia 25 de Maio. Assim resolveu Lopez antecipar esta previsão, tomando a dianteira do ataque, e resolveu lançar contra os aliados os seus 24.000 homens divididos em três simultâneos ataques: nove mil homens contra o centro e 6.300 e 8.700 respectivamente contra os flancos direito e esquerdo aliados, num movimento de duplo envolvimento.

Acampado na margem norte do Estero Rojas, o exército paraguaio apoiava a sua direita em bosques impenetráveis e no juncal do potreiro Sauce. Assim descreve Thompson: "O ataque deveria ser feito simultaneamente. Barrios daria o sinal para o seu início (um tiro de canhão) quando estivesse pronto, pois tinha de percorrer grande distância por dentro do mato. Devia caminhar ao longo do carriçal até chegar ao potreiro Pires, e aí formar a sua força. Diaz deveria reunir e formar as suas tropas no ponto mais próximo possível do inimigo, e lançar-se violentamente sobre o centro, ao sinal convencionado. Resquin teria suas tropas formadas e juntas, antes do amanhecer, por detrás dos palmares de Itaiti-Corá, onde não poderiam ser vistas do inimigo. Resquin e Barrios deveriam fazer um rodeio e juntar-se na rectarguarda dos aliados. Esperava-se que Barrios houvesse terminado a sua travessia às 9 horas da manhã, quando só às 11,30 pode fazê-lo e dar o sinal de ataque. "Nesse momento, segundo o general Cunha Matos, havia subido ao ar um foguete à Congrève, como sinal de início da batalha que se trava impetuosa".

De facto, uma coluna paraguaia, sob o comando do general Diaz, atacou violentamente a esquerda da vanguarda aliada defendida pelos batalhões orientais, Independência e Liberdade. Este ataque foi iniciado por elementos da cavalaria de Diaz, de espada em punho, que levaram de vencida, por surpresa os elementos avançados orientais que não tiveram tempo para tomar disposições de combate. Na impetuosidade da investida paraguaia, foi arrastado para trás, também o 41 de Voluntários da Pátria.

Com o alarme que repercutiu célere no acampamento aliado, a artilharia do comando de Mallet tomou disposições de combate e abriu fogo contra o inimigo e secundada pelos apoios da infantaria de Divisão de Vitorino, conseguiu deter este primeiro e violento ataque paraguaio.

“A trincheira de Mallet representou papel idéntico a de um rochedo na linha da costa contra a qual se vão despedaçar impotentes as vagas de um mar revolto. Por aqui não entram, esclama Mallet, no auge do júbilo que lhe proporciona a antevisão da vitória”.

Com os primeiros obstáculos encontrados, a coluna de Diaz, procurou investir sobre flanco esquerdo do primeiro escalão dos aliados.

Nesse momento surgiu o apoio vigoroso da Divisão Sampaio que a testa da 7.^a Brigada (1.^o, 9.^o e 11.^o batalhões de linha e 6.^o de Voluntários) reforçada com o 4.^o de voluntários da sua outra Brigada (5.^o) contra atacou o inimigo.

Desenvolveu-se então uma luta terrível onde os nossos soldados entusiasmados e ardentes combatiam as colunas de infantaria inimiga que surgiam pelas bocainas da esquerda e investiam contra os nossos elementos da 3.^a Divisão.

Dizia Dionísio Cerqueira: “Sampaio calvagava, trazendo o seu belo uniforme de general, bordado a oiro, à frente das suas tropas; mandou estender linha e avançar.

O nosso ímpeto foi violento. O inimigo recuou até a mata. Voltou depois, carregou sobre nós com bravura”.

A situação era realmente de grande gravidade para as nossas tropas e Osório compreendendo que era preciso fazer um maior esforço, em virtude da impetuosidade do ataque inimigo, determinou o avanço da 10.^a Brigada da Divisão Argolo (1.^a Div.). Esta com o seu próprio comandante à testa dos seus cinco batalhões (2.^o, 22.^o, 26.^o e 40.^o de Voluntários e 13.^o de linha) investiu contra o adversário e, impedindo-o de penetrar nos claros do nosso estacionamento, arrastou-o para trás. Em seguida Osório determinou que a 11.^a Brigada da Divisão do general Guilherme de Sousa (4.^a Div.) tomasse posição e investisse contra o inimigo que fazia um grande esforço no nosso flanco esquerdo do primeiro escalão.

Diz o general Tasso Fragoso: "O conjunto das tropas que aí atuam: toda a divisão Sampaio, uma Brigada da Divisão Argolo (com o seu próprio general à testa da sua tropa) e a outra da 4.^a (Guilherme de Sousa) e os Orientais detêm o inimigo e fazem-no retroceder pela brecha entre a esquerda da artilharia oriental e a mata, e por esta última".

Sem perder um só instante nas providências que se faziam necessárias, Osório determinou à Divisão Vitorino Monteiro (6.^a Div.), que engajasse, à direita e à esquerda do 1.^o Regimento de Artilharia a cavalo, as suas três Brigadas (12.^a, 14.^a e 18.^a), com o intuito de deter o inimigo e fortalecer a ligação entre as artilharias brasileiras e a oriental.

Nesta ocasião o general Gurjão, comandante da Brigada de Artilharia, dirigia pessoalmente a acção dos seus elementos na frente de combate.

Com tais providências e tamanho valor demonstrados pelos aliados, foram os Paraguaiois levados de roldão e expulsos de onde haviam investido com entusiasmo.

Mas não era tudo ainda e o flanco esquerdo do nosso estacionamento tinha sido atacado pela coluna Barrios que tentava contra a sua rectaguarda.

A princípio houve aí um recuo da cavalaria que vigiava o Potreiro Pires, mas o auxílio prestado por uma força de infantaria, obstou a continuação do recuo.

Osório, com sua habitual providência, jogou nesse sector a 2.^a divisão de cavalaria sob o comando do general José Luís Mena Barreto.

A luta foi terrível ainda mais quando se haviam engajado no combate o 7.^o e o 42.^o de Voluntários (19.^a brigada da infantaria de Freitas); o 10.^o e o 46.^o de Voluntários (1.^a Div.), o 1.^o e o 20.^o de Voluntários (4.^a Div.), a brigada ligeira de Voluntários do brigadeiro António de

Souza Neto e a 5.^a Div. de cavalaria de Tristão Pinto. Tomaram também parte no combate deste flanco a 3.^a bateria do 3.^o batalhão de art. a pé e o 1.^o batalhão de artilharia.

Depois de renhido combate, os Paraguaiois foram perseguidos até o fundo do potreiro pela divisão de cavalaria de Mena Barreto que tomando-lhes o flanco, apressou-os na fuga.

Pela direita do acampamento, os Paraguaiois, sob o comando de Resquin, haviam avançado em duas colunas contra o exército argentino, e se arrojado contra os aliados com o intuito de envolver este flanco.

A cavalaria argentina encontrava-se a pé e por isso talvez fosse quase completamente dispersada, mas apenas cerca de uns duzentos homens do 1.^o e do 3.^o de cavalaria de linha puderam opor alguma resistência. Nesta ocasião, a cavalaria de Hornos tenta contra-atacar os Paraguaiois, mas não conseguindo opor-lhes resistência suficiente, foi forçada a amparar-se no auxílio de uns dos batalhões da Div. de Buenos-Aires (Div. Emílio Mitre).

O combate tomou ainda maior aspecto de generalizar-se em todo este sector, quando os Paraguaiois, com forças de cavalaria e infantaria (cerca de 4 mil homens) surgiram do Itaiti-Corá e investiram contra as forças do general Paunero (1.^o corpo).

Depois de grandes esforços, os Argentinos conseguiram pôr em fuga os Paraguaiois para além do esteiro.

Osório, sempre cauteloso, determinou imediatamente que alguns corpos sob seu comando fossem em auxílio dos Argentinos, mas diz Rio Branco: "foram aí recebidos entusiasticamente pelos nossos aliados, mas verificaram ao chegar que já não era necessário o seu concurso".

Estava pois, em todos os sectores, terminada a grande batalha de Tuiutí, hoje denominada de 24 de Maio e que assinalou para os aliados mais uma grande vitória.

Esta batalha poderia ter sido irremediavel para Solano Lopez se houvesse uma perseguição immediata contra os Paraguaiois por parte dos aliados.

Diz Jourdan que “os Paraguaiois andaram em completa debandada durante dois ou três dias, conseguindo Lopez só no quinto dia reunir os restos dispersos do seu exército”.

Quase todos afirmam que foi o general Mitre quem se opôs a que se perseguisse o inimigo, alegando falta de cavalaria apropriada para tal missão e o desconhecimento completo do país inimigo.

Bormann diz o seguinte: “Todos esperavam que no dia seguinte, 25 de Maio, memorável na história da República Argentina, o presidente e general chefe do exército aliado d. Bartolomeu Mitre, avançasse à frente dele e fosse armar as tendas dos soldados ao arredor de Humaitá que ali estava perto.

Era preciso aproveitar esse dia, porque já havia sido destinado a atacar o inimigo, que por felicidade se adiantou em vir trazer-nos a acção ao nosso campo”.

No entanto tudo indicava que se devia atacar e perseguir o inimigo que inteiramente destroçado vagava pelas matas sem coesão e quase fora dos laços de comando.

Este foi o grande erro de Mitre e a história há-de sempre responsabilizá-lo por não ter terminado a guerra com o aproveitamento do êxito da memorável batalha de 24 de Maio.

“Cada dia que passa, diz Rocha Pombo, é de grande vantagem para o inimigo, que sabe aproveitar-se daquela inação em que tornaram a cair os invasores depois da vitória”.

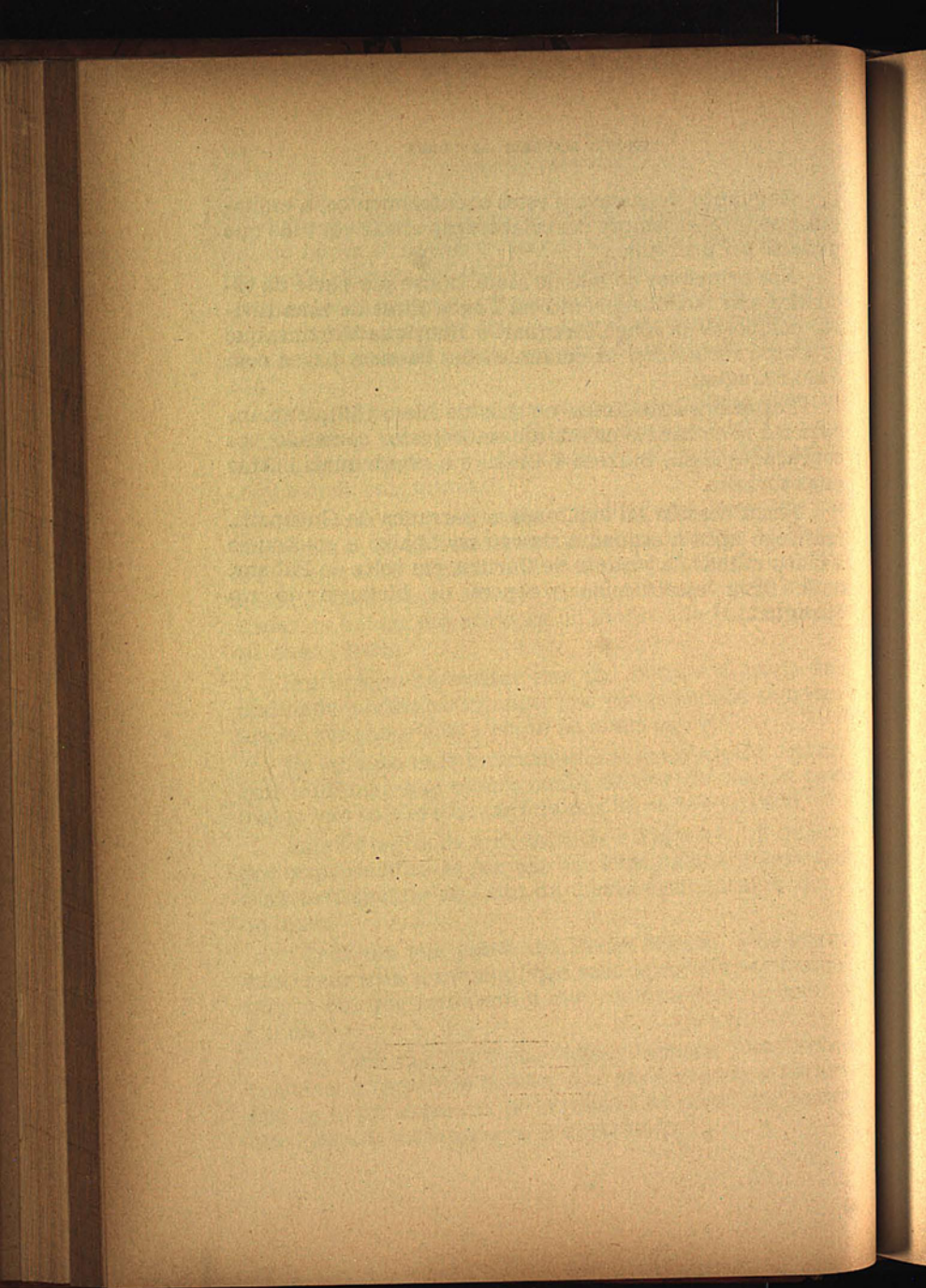
Em todo caso há quem julgue, embora fosse incontrastável a força dos aliados, que seria grande o perigo a que se iriam expor, se penetrassem às cegas em terreno que lhes era inteiramente desconhecido.

Enquanto se passavam estes acontecimentos, a esquadra manteve-se sempre em colaboração eficaz em tudo que pudesse ser utilizada.

Nos princípios do mês de Maio, houve por parte da esquadra um reconhecimento na Lagoa Pires de uma divisão composta da Magé, Araguari e Henrique Martins, que procurou reconhecer as comunicações daquela Lagoa com o rio Paraguai.

Posteriormente ainda no mês de Maio (20), Tamarandá fez penetrar rio acima sob seu directo comando, os couraçados Baía, Barroso e Brasil e a seguir mais outras duas divisões.

Nesta ocasião foi explorada a barranca do Curupaiti, mas logo após a esquadra desceu rio abaixo e colocou-se a cinco milhas da jusante de Curuzu, em volta do Palmar, onde ficou estabelecido o centro de bloqueio do rio Paraguai.



SITUAÇÃO DOS ALIADOS DEPOIS DA BATALHA DE TUIUTÍ

Após os acontecimentos da batalha de 24 de Maio, os aliados, como dissemos, não tentaram uma perseguição imediata contra o inimigo e permaneceram em Tuiutí, em estreita ligação com a base do Passo da Pátria, enquanto a frota de Tamandaré já dentro do rio Paraguai, permanecia em estação de bloqueio.

Logo depois, o general Flores solicitou ao general Mitre (29 de Maio) que convocasse um conselho de guerra a que assistissem todos os generais de corpos de tropa, para deliberar e resolver as graves responsabilidades que pesavam sobre todos.

Mitre anuiu ao pedido de Flores, mas apenas convocou com ele, os generais Flores e Osório.

Nesta reunião dos três chefes militares, foram trocadas várias sugestões que foram constar em acta especial.

Aí foram esclarecidas as opiniões que estes três chefes tinham acerca do inimigo: 1.º que havia perdido 12 bocas de fogo e perto de 6.000 homens com abundante material; 2.º que entrincheirado nas linhas de Rojas não dispunha com todos os reforços de Humaitá, Curupaiti, além de 25.000 homens, e portanto impossibilitado de qualquer retorno ofensivo contra os aliados; 3.º que, não obstante tais considerações, devia ainda ser considerado perigoso em vista da superioridade de cavalaria que poderia prejudicar qualquer decisão que não fosse fruto de apurada prudência e firmeza.

Três hipóteses esgotavam todo o assunto estratégico que consideravam: avançar, continuando a ofensiva, manobrando os flancos ou assaltando as linhas inimigas; continuar em estacionamento até melhor ocasião com melhores reforços que lhes fornecessem maior mobilidade e finalmente a absurda hipótese de retirar que entretanto também devia ser prevista.

Para continuar a ofensiva imediatamente, assaltando as linhas inimigas, era necessário fazer frente a fortificações de mais 60 peças abrigadas, além das dificuldades do terreno até chegar às linhas inimigas. Mitre opinava, ante essas dificuldades, no caso da ofensiva imediata, que se manobrasse pelo flanco esquerdo inimigo.

Mas esta última solução tinha o inconveniente da execução de marcha de flanco longa e penosa de um Passo que o exército tinha de vadear até alcançar campo alto, e daí caminhar sobre o flanco inimigo que naturalmente lou emprenderia combate ou retirar-se-ia.

Todavia, a deficiência de meios de mobilidade poderia prejudicar o êxito da manobra e talvez até anulá-la.

Levando em consideração que era premente o aparelhamento dos meios de mobilidade, os aliados decidiram que, só oportunamente, e em melhores condições, realizariam o ataque.

Assim resolvendo, podia acontecer que o inimigo refeito em suas forças, ou atacava ou conservava na defensiva os seus elementos. A primeira hipótese seria vantajosa para os aliados e a segunda dava tempo para que os aliados melhor se apercebessem em suas operações ofensivas.

Diz o general Tasso: "O inimigo não dispunha de exército com que fazer rosto aos aliados num campo de batalha; estes, porém, tinham uma sólida base de operações e mais de 25.000 homens de infantaria, o que lhe assegurava o triunfo ou a salvação do exército".

Todos os chefes militares ficaram de acordo que, aparelhada a cavalaria e portanto aumentados os meios de mobilidade dos exércitos aliados, podia-se então pensar em ofensiva que seria estéril antes da aquisição dessa supremacia.

Flores, então, lembrou a conveniência de ser chamado o exército de Porto-Alegre, que se encontrava na margem esquerda do Paraná.

Porto-Alegre tinha por missão de por Candelária, em momento oportuno, marchar sobre a capital paraguaia, seguindo primitivamente se assentara.

Chamado para junto dos outros exércitos aliados, deixaria, naturalmente no local onde se achava, um corpo de reserva. Porto-Alegre comandava cerca de 6.000 excelentes cavalarianos, além da infantaria.

Mitre julgava desnecessária a vinda de Porto-Alegre, e que não faltavam aos aliados em Tuiuti efetivos; que os Paraguaiois não dispunham além de 30.000 homens, e portanto só poderiam atacá-los com uns 20.000 homens, número muito inferior para uma ofensiva às tropas aliadas.

Ponderava, ainda, que a missão elevada de Porto-Alegre de cobrir as fronteiras do Rio-Grande e de Corrientes do lado do Paraná, mantendo o inimigo em vigilância constante neste sector, era uma possibilidade de por aí invadi-lo em seu próprio território.

Finalmente, todos de acordo, resolveram o seguinte: "Sendo o objectivo do plano de campanha a posição de Humaitá, sobre a qual só se poderá operar com vantagem de combinação com a esquadra e dominando a navegação do rio Paraguai pelo menos até essa altura, a esse objectivo principal deverão subordinar-se todos os movimentos tanto do exército como da armada". (op. cit.)

Com este objectivo deliberou-se que, se devia ter uma base segura no rio Paraná ou no Paraguai.

Diziam então que, considerando a má situação dos elementos de mobilidade de artilharia e dos parques e portanto a impossibilidade, no momento, de tratar-se qualquer acção de grande envergadura, em movimentos amplos contra o flanco inimigo, julgava-se aconselhável que se deviam manter as bases de operações e conduzir-se a guerra na forma metódica, não se procedendo contra o inimigo senão com a segurança e com os meios seguros de uma vantagem incontrastavel.

“Seria aventurado pretender avançar, até para realizar uma manobra bastante indicada, como a que se baseasse num movimento de flanco tendo Humaitá a vista, se os aliados não contassem com os elementos suficientes para a artilharia e parques,, nem com cavalaria para garantir o bom êxito da manobra”. (op. cit.)

Desta forma ficava deliberada a permanência na base de operações em que se achavam, até que se obtivessem os elementos de mobilidade necessários à ofensiva.

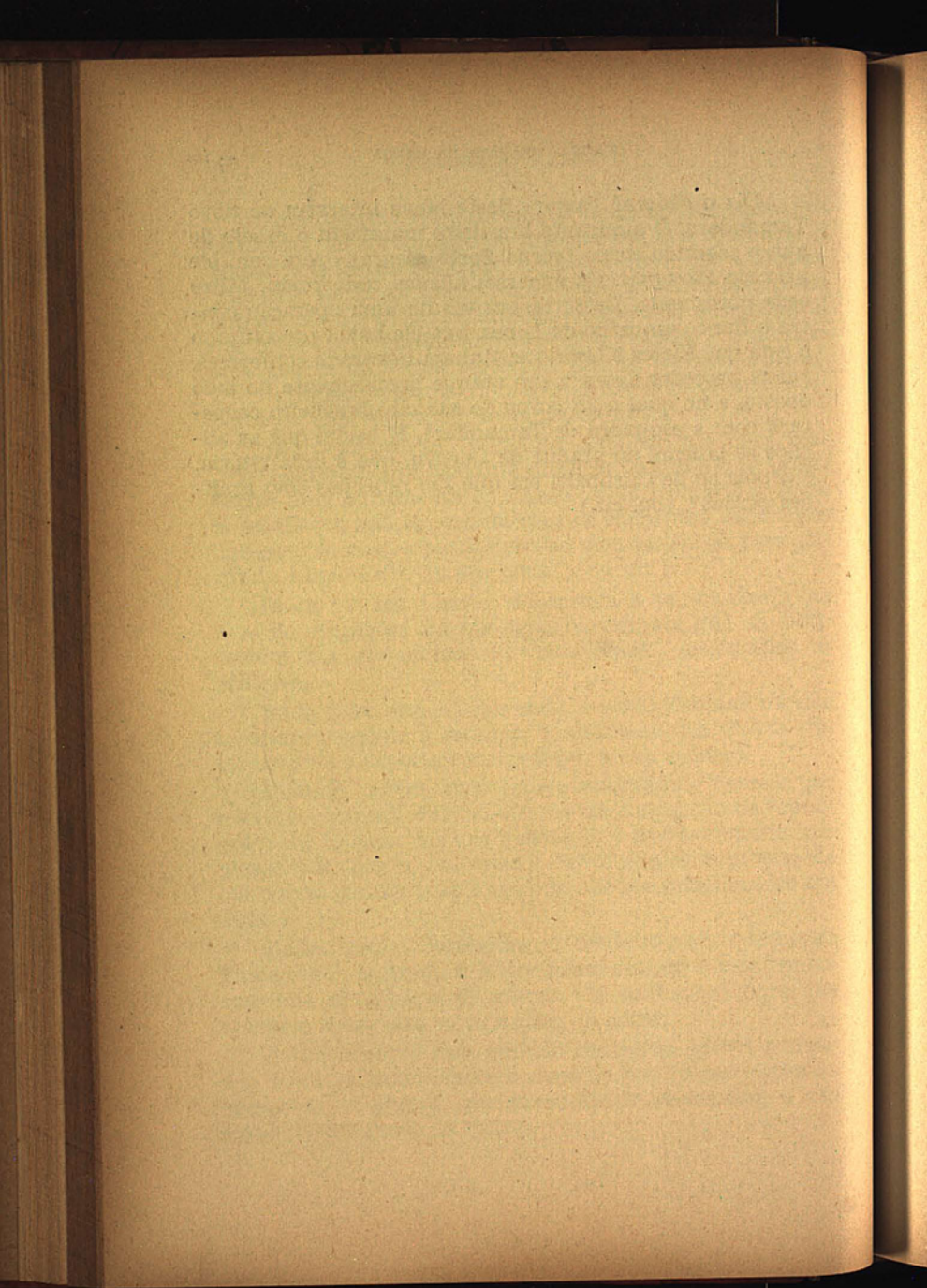
Tudo ficou assim deliberado, e como Tamandaré não se achou presente à reunião, assentou-se que Osório iria ter com ele e exporia tudo pedindo a sua opinião.

Quando, porém, tudo estava assentado e parecia que não mais haveria dúvidas acerca da concepção de manobra a ser tomada, eis que Tamandaré provavelmente inspirado por Osório, escreveu a Porto Alegre e propôs-lhe que viesse juntar suas forças às aliadas estacionadas em Tuiuti.

Desta forma, Porto-Alegre, aceitando o conselho de Tamandaré, escreveu a Mitre nesse sentido e este convocou uma nova junta de guerra (25 de Junho) para que opinasse sobre esta nova ordem de coisas.

Assim, embora com opinião contrária, Mitre, insinuado pelos generais resolveu, mesmo por julgar eficaz às operações de guerra, que Porto-Alegre viesse com o seu corpo para o Passo da Pátria.

Diz o general Tasso: “Neste lance intervém de novo Tamandaré. O almirante brasileiro manifesta o desejo de que o segundo corpo (corpo Porto-Alegre) opere com ele pelo rio Paraguai. Os generais aliados concordam. Mitre cede novamente. Destarte, em vez de uma operação contra o flanco esquerdo de Lopez, que ele havia preconizado e com que Flores e Osório se tinham mostrado conformes, vai-se proceder agora a um ataque precisamente no lado oposto, e no qual o 2.^o corpo do exército brasileiro cooperará com a esquadra de Tamandaré. E’ assim que os aliados se lançam ao ataque de Curuzu, que é uma vitória, e depois ao de Curupaiti em que são repellidos com grandes perdas”. (op. cit.)



COMBATE DE ITAITI-CORA

Lopez depois de sua derrota em Tuiuti, procurou reorganizar o seu exército e estabeleceu-o em terreno bem fortificado.

Compreendeu o ditador paraguaio a sua impotência para uma desforra em campo aberto e por isso procurou esperar melhor oportunidade, quando então reorganizou o exército formando oito batalhões de infantaria e quatro regimentos de cavalaria com os sobreviventes da acção de Tuiuti e com a gente que ainda pôde recrutar em Serro Leon, Encarnação, Passo de Tebicuari e na capital. Em seguida adicionou a estes efetivos perto de seis mil escravos das Estâncias do Estado e de estabelecimentos particulares.

Por seu lado os aliados cuidavam de melhorar todos os seus meios de combate e tomavam providências acerca da ofensiva que permeditavam em breve desfechar contra os Paraguaiois.

No dia 10 de Junho pretenderam os Paraguaiois flanquear duas companhias do batalhão Catamarca, estabelecido em serviço de vanguarda.

Garmandia escreve o seguinte: "Muito próximo do acampamento do 1.º corpo argentino e na frente dele, erguia-se uma ilhota quase circular e mais adiante outra de forma triangular. Era pequena a distância que as separava; não havia dificuldade de comunicação entre elas... Esta pequena elevação do terreno ficava ao norte do Passo Leguizamon, pelo qual se atravessava o primeiro esteiro contorneador das nossas posições, de modo que,

para lá chegar, havia mistér transpor esse váu; depois atingia-se terreno firme, o qual, pela sua topografia, pode dizer-se que era um posto avançado do nosso exército.

Aquele local denominava-se Itaiti-Corá”.

O Itaiti-Corá era um ponto avançado de grande importância por estar na frente da esquerda argentina, além de ser um excelente observatório dos movimentos inimigos.

Lopez então determinou que dois de seus batalhões atacassem o posto argentino de Itaiti-Corá, simultaneamente pela frente e pelo flanco direito, numa tentativa de envolvimento, cortando-lhe a retirada.

Todavia os Argentinos estavam de sobreaviso e em tempo reforçados por outros dois batalhões, conseguiram repelir o inimigo que sofreu grandes perdas.

Não obstante este ensaio de derrota, Lopez tentou nova investida no mesmo local, mas com efetivos maiores.

Chefiou esta nova expedição o próprio general Diaz com quatro batalhões de infantaria, um regimento de cavalaria e duas estativas de foguetes, com cerca de três mil homens.

Pela manhã do dia 11, dois batalhões paraguaios emboscados perto da avançada argentina, investiram contra o adversário que foi obrigado a recuar até encontrar apoio em batalhões de linha (1.º) e de guarda nacionais (2.º de San Nicolas).

Com a notícia do combate, outros corpos argentinos, aproximaram-se como reforço, mas, quando estas novas forças chegaram ao local de combate, já os Paraguauios haviam sido derrotados.

Todavia, Mitre achou que se devia ocupar a Itaiti-Corá e determinou ao 3.º de linha para que conjuntamente com a Legião Militar, cumprissem essa missão. Esta força foi acometida pelo inimigo (quatro batalhões), mas reforçada por outros batalhões conseguiu desbaratar os Paraguauios que sofreram grandes perdas.

Diz Octaviano Pereira de Sousa: “Vê-se que os Paraguaio agiam segundo certo método, aplicando a sua força em pequenas partidas, afim de atrair o exército da Tríplice-Aliança aos fogos do entrenchearamento de Rojas.

E como isto não houvesse logo produzido o efeito desejado, levaram eles mais longe a provocação aos aliados, ameaçando-lhes, de perto, o coração do acampamento.

Resolveram para esse fim, fortificar um ponto na mata do Sauce, donde pudesse ferir de revés a vanguarda dos invasores.

O lugar denominado Punta Naró foi o escolhido para a construção de uma trincheira. Reconhecido o terreno pelo inimigo no dia 14, na noite desse dia, pelo engenheiro Thompson, foi traçada à luz de uma lanterna a trincheira de Punta Naró, perto do estabelecimento de Tuiutí.

Toda a noite durou a construção. Os sapadores cobriam-se de uma linha de atiradores colocados ao chão, onde se confundiam com os cadáveres, que por ali jaziam insepultos. Pás e alviões manejavam-se com tanta cautela, que os trabalhadores ouviam distintamente o brado de alerta das sentinelas inimigas, e era bem não ser delas percebidos... No dia seguinte ao alvorecer, estavam construídas 900 jardas de trincheiras. Quatro canhões foram nelas colocados”.

Logo que disto tiveram conhecimento, os Aliados resolveram atacar aquelas trincheiras no dia 15, abrindo contra elas um vivo fogo de artilharia.

Nesse mesmo dia havia ocorrido um acontecimento que abalou profundamente o ânimo de todos: Osório, por doença e a pedido, havia conseguido a sua substituição no comando do Exército Imperial que então teve para chefe o general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão. Diz o general Tasso Fragoso: “A partida do valoroso e modesto general brasileiro encheu de profunda mágoa todos os seus comandados. Em carta que lhe dirigiu disse Mitre: “Deplorando tanto a separação de V. Excia., como

a sensível causa que a motiva, é-me grato, sem embargo, oferecer-lhe em tal ocasião o meu testemunho, como general chefe do exército aliado, declarando, como o faço, que V. Excia. exerceu digna e honrosamente o comando superior que lhe foi confiado, demonstrando perícia, valor e constância, e conquistando para a sua Pátria, ao mesmo tempo que para a Aliança, em operações árduas, glórias que farão memorável o seu nome na história desta campanha e que lhe asseguram o respeito e a estima de todos os seus companheiros e subordinados, que guardarão de V. Excia. a mais grata recordação”.

Assim, por motivo de doença, havia, desde Maio (14), sido Osório afastado do comando do Exército Imperial e nomeado para substituí-lo o marechal Polidoro da Fonseca que a 15 de Julho, como dissemos, assumiu o comando do 1.º corpo.

Logo que assumiu o comando, o marechal Polidoro teve conhecimento de que os generais Mitre, Flores e o próprio Osório, já haviam resolvido o ataque à trincheira que acabamos de descrever linhas atrás.

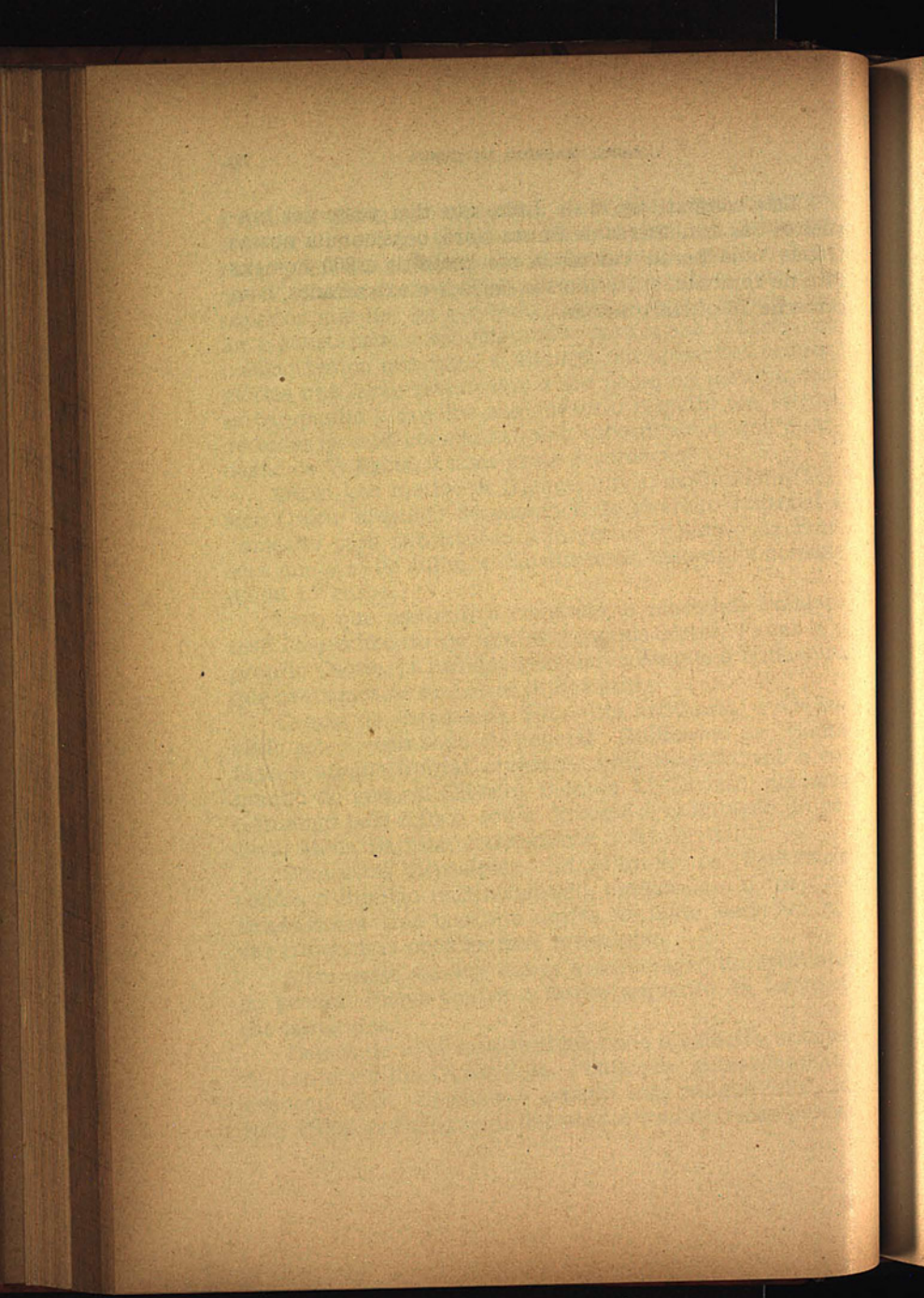
Depois da preparação feita pela artilharia, a 4.ª Divisão sob o comando do general Guilherme de Sousa faria o ataque frontal, enquanto uma Brigada, sob o comando do general Oliveira Belo da 3.ª Divisão, atacaria o inimigo pelo flanco, sob a direcção e orientação do general Mena Barreto, comandante desta Divisão.

Com estas disposições, lançaram-se os Brasileiros contra o inimigo entrincheirado, obrigando-o a uma retirada sobre uma bocanha aberta no mato, onde em novas trincheiras opôs incrível resistência.

Além desse assalto, houve a cooperação da artilharia do general Flores contra o flanco esquerdo da fortificação paraguaia.

Depois de uma luta terrível, onde o exército brasileiro, conforme diz Garméncia, “bateu-se galhardamente; avançou com violência e resistiu com sangue frio”, foram afinal os Paraguaiois derrotados com enormes perdas.

Este combate de 16 de Julho que deu posse aos brasileiros das trincheiras de Punta Naró, ocasionou a nossas tropas uma perda calculada em perto de 1.800 homens fora de combate, entre mortos, feridos e extraviados, com cerca de 26 oficiais mortos.



COMBATE DE 18 DE JULHO DE 1866

Este combate na frente das forças uruguaias, realizou-se por iniciativa do general Flores, sem prévio entendimento com os demais elementos aliados.

Os aliados com o combate de 16 tiveram a única preocupação da posse imediata da trincheira de Ponta Naró, pois que o objectivo era a invulnerabilidade do acampamento de Tuiuti.

Aí havia resolvido Mitre paralisar o exército vitorioso de 24 de Maio e manter a segurança do acampamento como condição fundamental.

Por isso logo que os Aliados tiveram conhecimento de que os Paraguaioes construíam trincheiras nas imediações do acampamento, lançaram-se contra elas, como condição principal para manter posse dos campos de condição principal para manter a posse dos campos de Tuiuti.

Diz Octaviano de Sousa: "Tudo se paralisou após a vitória de 24 de Maio. Nem ao menos se reconheceu o terreno da frente do acampamento. Mas a segurança que devia reinar no recinto das barracas se considerava fundamental... Enquanto os Paraguaioes se applicavam à construção ostensiva de uma trincheira, conservaram-se irresolutos e impassíveis os generais da Aliança. Mas, tanto que se levantou um parapeito e que alguns canhões lá se borneavam escancarados, logo que se julgou ameaçada a paz de Tuiuti e em perigo a segurança do acampamento... O que importa saber é se os aliados deviam ter avançado logo para a frente contra os destroços do exército paraguaio, tanto pelo Sauce, como simultânea-

mente procurando envolvê-lo pela esquerda, avançando com este último intento sobre o passo Gomes, ou melhor pelo passo mais conveniente do Estero Rojas, afim de tomá-los pela retaguarda e capturá-los todos... E para a marcha de flanco, que resultaria dessa manobra envolvente, sobravam aos aliados os necessários meios de mobilidade, sobretudo considerando sempre um inimigo já alquebrado pelos reveses sofridos até aquele momento”.

“Teriam os generais aliados julgado previamente inexpugnável a posição, em que se encontrava o inimigo ao norte do Estero Rojas?”

Há duas versões a cerca das causas do combate de 18, pois que o general Vitorino o narra de modo diferente do general Flores que em seu depoimento relata o seguinte: “Quando percebi que o general Vitorino, com tropas brasileiras, marchava do entricheiramento tomado no dia 16, e o coronel Dominguez, com dois batalhões argentinos, atacava o segundo entricheiramento, mandei o major Elias avançar com o batalhão oriental Independência e o 16 de Voluntários, brasileiro, em auxílio dos Argentinos. Tomado o entricheiramento pelo coronel Dominguez e pelo major Elias, mandei o coronel Pallejas atacar a frente do inimigo com o batalhão Flórida, justamente quando o general Vitorino penetrava no mato”.

Todavia, o general Vitorino que tinha por missão guardar as defesas de Punta Naró com forças suficientemente numerosas (14 Bda. do general Salustiano, 12 Bda. de Kelly, dois batls. de voluntários e uma Div. argentina do cel. Dominguez), tendo conhecimento de que os Paraguaiois tentavam construir, no mato, uma nova picada, ordenou a Domínguez que se achava na esquerda, impedisse esse trabalho do inimigo.

Como o inimigo houvesse protegido os seus trabalhos com fogo de mosquetaria contra os aliados que se aproximavam, determinou-se que uma companhia de batalhão da força de Domínguez fizesse uma aproximação até o flanco da trincheira inimiga e, cessado o fogo, reti-

rasse sobre sua base de estacionamento. Nesta ocasião, o general Vitorino soube que o general Flores vinha já em marcha pelo flanco direito e dera ordens para que se fizesse um ataque às baterias paraguaias. Precipitou-se então o combate do dia 18 de Julho.

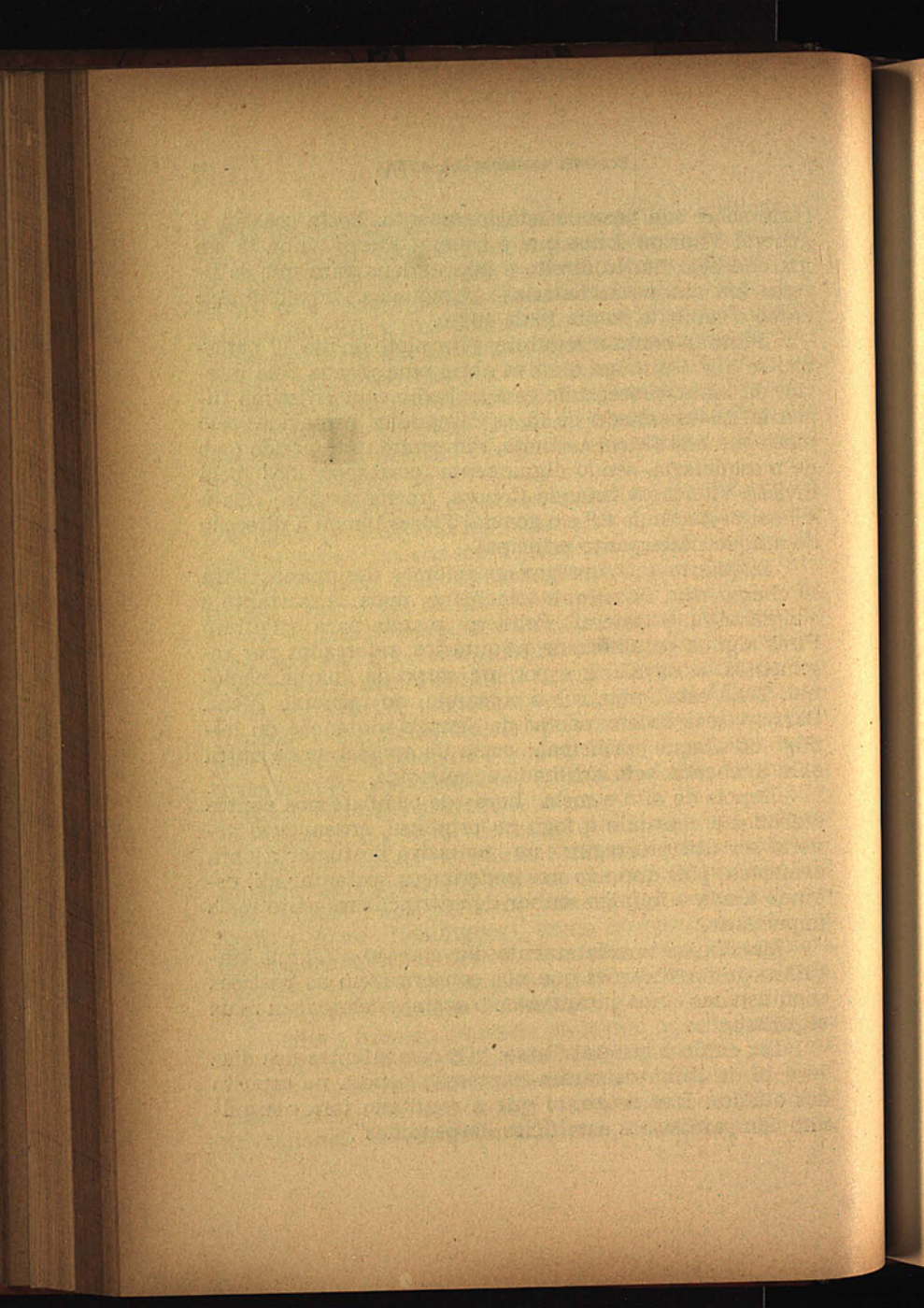
Jourdan conta o seguinte: “Na noite do dia 17 percebeu-se que o inimigo tentava abrir uma picada pelo interior da mata, protegendo esse trabalho com vivíssima fuzilaria. Ao amanhecer de 18, os Paraguaiois, protegidos pelo mato que lhes ficava à direita, romperam um nutrido fogo de mosquetaria, sendo dignamente correspondidos pela divisão Vitorino e brigada Coneza. Imediatamente veio a 4.^a em proteção do 6.^o e o general Flores tomou a direcção do ataque neste ponto principal.

Enquanto se empregavam esforços desumanos para se chegar pela Bocaina à trincheira mais importante e conquistá-la, o general Polidoro manda para o Potrero Pires alguns batalhões de voluntários, reforçados por regimentos de cavalaria e por um corpo de guarda nacional. Toda esta força, sob o comando do general Mena Barreto, teve ordens não só de distrair a atenção do inimigo do ataque principal, como de apossar-se de outra obra avançada bem artilhada e defendida.

Depois de oito e meia horas de combate nos pontos atacados e cessando o fogo no principal, entendeu o general ser útil prosseguir na tentativa de tomar a obra avançada, pois que não nos poderíamos sustentar ali, estando ainda o inimigo senhor do entrincheiramento mais importante.

Mandou-se imediatamente dar começo a alguns trabalhos de fortificações que nos conservassem as posições conquistadas e nos garantissem o acampamento com mais segurança”.

Diz então o general Tasso: “Os combatentes dos dias 16 e 18 de Julho deixaram impressão penosa no espírito dos aliados. Eles sentiram que o resultado fora mesquinho comparado aos sacrifícios despendidos”.



O EXÉRCITO DE PORTO ALEGRE

Depois da rendição de Uruguaiana (Setembro de 1865) e dos acontecimentos que imediatamente se seguiram, o exército, sob o comando do general barão de Porto-Alegre, comandante das forças no Rio Grande do Sul, ficou com a missão de vigiar o território das Missões brasileiras com o objectivo de defender as fronteiras daquela província e em caso necessário operar em território argentino, em ligação com as outras forças aliadas.

Além disso, este exército poderia ser ainda aproveitado em uma missão ofensiva prevista em território inimigo pelo lado de Itapua em cooperação com as demais forças que invadissem por Humaitá ou por outro ponto intermediário.

Este exército sob o comando do conde de Porto-Alegre, como vimos, tinha a denominação de exército em operações na Província do Rio-Grande-do-Sul, mas em face daquelas circunstâncias ficou com a denominação de exército de reserva.

No texto das instruções confidenciais fornecido ao conde de Porto-Alegre, o art. 7.º dizia o seguinte: "O fim (a missão) do exército do comando de V. Excia. é: 1.º, cobrir a nossa fronteira de qualquer invasão inimiga pelo lado de Corrientes ou de Itapua; 2.º, prestar socorro às forças aliadas em operações contra o exército paraguaio; 3.º, atrair a atenção das forças paraguaias pelo lado de Itapua, inquietá-las e invadir o seu território. Art. 9.º, Deve igualmente V. Excia. manter comunicações com os chefes dos exércitos aliados, obrando de perfeito acordo com eles e prestando o concurso de parte, ou o todo das

suas forças para fora do território, todas as vezes que o comando chefe do exército aliado o requisitar, podendo em alguns casos partir esse pedido, do general Flores, que talvez seja incumbido de algumas operações importantes para as partes do alto Uruguai”.

Nas mesmas instruções tinha Porto Alegre ordem de ceder alguma de suas unidades ao exército do general Osório e realizadas esta e todas as demais determinações recebidas do governo imperial, Porto-Alegre tratou de estacionar o seu exército no logar determinado afim de cumprir a sua missão.

Em princípios de Janeiro de 1866, Porto Alegre deu nova organização às suas forças que então se compunham de três divisões, respectivamente comandadas pelos generais José Gomes Portinho, Gonçalves Fontes e coronel Silva Ouriques, de uma divisão ligeira, sob o comando do barão de Jacuí, e de duas brigadas e corpos independentes sob o seu immediato comando, num total aproximado de 13.000 homens (4.000 infantes, 8.000 cavaleiros e 1.000 homens de corpos especiais).

Diz o general Tasso o seguinte: “Porto Alegre introduziu nova organização no seu exército em Maio do mesmo ano, o qual desde 20 do mês anterior passara a denominar-se 2.^o Corpo de Exército Brasileiro em operações contra o Paraguai.

A divisão ligeira foi transformada em brigada ligeira, sob o comando do tenente coronel Astrogildo Pereira. As três divisões antigas sofreram as alterações seguintes: A 1.^a passou a ser 2.^a, sempre sob o comando do general Portinho. Os oito corpos de cavalaria e o esquadrão que a formavam foram transformados em seis corpos provisórios e grupados em duas brigadas... A 1.^a divisão com quatro brigadas, ficou sob o comando do general Fontes... A 3.^a divisão com duas brigadas ficaria sob o mesmo comando de Ouriques”.

Em Maio, Porto Alegre comunicou ao Ministro da Guerra as investigações e trabalhos que realizou nos passos de Itapua e Candelária, para a realização da travessia que premeditava fazer no rio Paraná.

Depois de algumas considerações sobre diversas dificuldades senão impossibilidades que encontrou para realização da sua missão, Porto Alegre citou ao Ministro da Guerra a quase impossibilidade do aprovisionamento em viveres ao seu exército, quando atingisse o interior do Paraguai, principalmente considerando o elevado efetivo de dez mil homens, sem recursos próprios de abastecimento, que teriam de atravessar um território inteiramente deserto num percurso de mais de 60 léguas a vencer para atingir o primeiro objectivo.

Vê-se, pois, bem clara a intenção dos aliados de jogar o 2.^o Corpo de exército em ofensiva contra os Paraguaioi, atravessando o alto Paraná em lugar bem longe do que fizera o exército dos outros generais aliados.

Quando tudo indicava que se ia dar execução ao plano geral de manobra, surgiu nova dificuldade para obstar o que se pretendia realizar.

Numa junta de guerra provocada por Flores, foi levantada a ideia de se chamar o exército de Porto Alegre para a zona de confluência dos rios Paraguai e Paraná.

Esta proposta ditada por Flores foi aplaudida com entusiasmo por Tamandaré que naturalmente via naquella proposta uma oportunidade de intervir mais estreitamente na guerra.

Assim Porto Alegre, em 4 de Junho, recebeu de Tamandaré a proposta da junção de suas tropas com as do exército principal, "ponderando-lhe, diz Rio Branco, que essa junção faria que as forças acampadas em Tuiuti saíssem da inação em que se achavam e permitiria que a esquadra entrasse em operações activas".

Recebida a proposta, Porto Alegre do arroio Itaembé, no alto Paraná oficiou nesse sentido ao General Mitre que respondeu o seguinte e importante documento: "Cingindo-me ao ponto capital da nota de V. Excia., devo dizer-lhe que, com efeito, a opinião dos generais aliados, inclusive a do visconde de Tamandaré, era a que V. Excia. expressa, ainda que não fosse a minha particular, como director da guerra e general chefe dos exércitos aliados, fundando-me para isso nas seguintes razões:

1.^o — Na junta de guerra que se celebrou em Uruguaiana com a assistência do sr. general Flores e do sr. visconde de Tamandaré, achando-se presente V. Excia. e o sr. Ministro da Guerra do Império do Brasil, determinouse que a missão do exército ao mando de V. Excia. seria a de exército de observação num caso, e a de auxiliar noutro, tendo em ambos por ponto objectivo o território de Missões na República do Paraguai, cobrindo com as suas operações as fronteiras do Rio Grande e de Corrientes, e ao mesmo tempo atacando as do inimigo por essa parte ou simplesmente ameaçando-as.

2.^o — Se debilitássemos este ponto de nossa base de operações no alto Paraná poderíamos abrir as portas ao inimigo para efetuar, senão uma invasão, pelo menos irrupções frequentes em nosso território e no Rio Grande, comprometendo seriamente aquela base e, portanto, enfraquecendo a nossa frente de operações.

3.^o — Apesar do estado de inação em que se encontrava este exército (o de Tuiuti), eu considerava que em trinta dias a partir daquela data ele poderia ficar em condições de empreender operações eficazes, se refizesse os seus meios de mobilidade e contasse, como conta, com mais de 30.000 homens.

A despeito de tudo isso, como V. Excia. me disse em sua mencionada comunicação, que, deixando um corpo de observação nessa parte do alto Paraná, se pode garantir essa fronteira e assegurar nova base de operações,

como também houve demora na invasão do território paraguaio, que V. Excia. devia efetuar por esse lado, demora devida às causas que antes me indicou e a motivos de outra ordem que agora me comunica, e como finalmente devo ter em toda a consideração, e de facto tenho, a opinião do Sr. almirante e a do Sr. general Osório, quando se trata do melhor emprego de um exército totalmente composto de forças brasileiras, não se me depararam dificuldades em reunir nova junta de guerra dos generais chefes para deliberar sobre o assunto... Fica, portanto, V. Excia. plenamente autorizado a trasladar-se até esse ponto com todos os recursos militares de que possa dispor, especialmente os referentes à cavalaria e meios de mobilidade. Com esse intuito, o Sr. almirante Tamandaré ordena que suba o rio nesta data um número maior de embarcações, afim de que V. Excia. possa efetuar o mais rapidamente o transporte do pessoal e do material. Espero que V. Excia. tome as medidas necessárias à obtenção desse resultado”.

E' claro que o comandante do 2.º Corpo de exército, percebendo que não se lhe davam os meios de mobilidade, nem os recursos de víveres para a invasão que tinha em vista e em absoluto não desejando ficar inactivo, aceitou satisfeito a nova missão que lhe dava oportunidade de poder agir contra os Paraguaiois.

Assim as forças do 2.º exército embarcaram por parte em expedições, ficando em Itaembé o general Portinho com cerca de três mil e quinhentos homens, com a missão de cobrir as fronteiras do Rio Grande e Corrientes contra qualquer incursão inimiga.

Em meado de Agosto estava todo o 2.º Corpo de exército em terra paraguaia. Diz o general Tasso: “Depois de chegar ao Passo da Pátria na região do Itaperu, o 2.º Corpo apresentava um efetivo de 10.160 combatentes, perfeitamente disciplinados e armados, sendo 4.560 infantes, 700 artilheiros e pontoneiros, e 4.900 praças de cavalaria”.

A marcha do grosso das forças de Porto Alegre foi feita por dois modos distintos: por terra, desde S. Tomás até Tranquera do Loreto e por via fluvial desde este último ponto até Itaperu. Outra coluna avançou por terra até Corrales e daí por via fluvial foi transportada para Itaperu.

Os transportes fluviais foram feitos sob a direcção e comando do capitão de mar e guerra Torres Alvim, que tinha sob suas ordens as canhoneiras Henrique Martins, Greenhalgh, e o transporte Presidente.

A MISSÃO DO 2.º CORPO DE EXÉRCITO (PORTO ALEGRE)

Pouco antes da chegada do 1.º escalão das tropas de Porto Alegre, em reunião realizada nos acampamentos de Tuiuti, entre o conselheiro Octaviano e os generais Mitre, Osório, Flores, almirante Tamandaré e o general Polidoro quando este último fora apresentado ao general Mitre, foi exposto pelo conselheiro Octaviano o desânimo que lavrava nas capitais dos países da aliança em face da inação dos exércitos aliados em Tuiuti.

Dissera mesmo o conselheiro Octaviano que ali fora para ouvir pessoalmente dos generais as razões da demora das operações de guerra afim de prevenir o governo imperial sobre a orientação a ser traçada imediatamente para terminar com aquele estado de coisa.

Nesta ocasião, o general Mitre justificou as razões da inação dos exércitos em Tuiuti em face da falta dos meios de mobilidade, sobretudo da artilharia e da cavalaria que necessitavam de especial cuidado.

Todavia, acrescentou o general Mitre, que com a chegada do exército do barão de Porto Alegre, tudo seria activado imediatamente, podendo-se então investir contra Curupaiti e Humaitá em estreita cooperação com a esquadra.

Esta reunião que teve logar no dia primeiro de Julho, esclareceu ao conselheiro Octaviano o pensamento de manobra quanto ao emprego das forças de Porto Alegre em cooperação com a esquadra.

Mitre dissera também que acreditava na breve terminação da guerra, se Porto Alegre cooperasse reforçando os exércitos aliados em Tuiuti que últimamente tiveram muitas baixas e não tinham meios de substituí-las imediatamente.

Posteriormente a esta reunião que pareceu assentar um ataque a Curupaiti e Humaitá com as forças de Porto Alegre em estreita combinação com a esquadra, chegaram, como vimos, as forças daquele barão comandante do 2.^o corpo de exército à região de Itaperu (meado de Agosto). Nesse mesmo mês, então, em uma junta de guerra com o comparecimento de Mitre, Flores, Polidoro, Porto Alegre e Tamandaré, combinou-se que cinco ou seis mil homens do exército de Porto Alegre embarcariam na esquadra e subiriam o rio Paraguai, com o objectivo de atacar as posições de Curuzu e Curupaiti e flanquear as extensas linhas fortificadas do inimigo.

Além destes objectivos, foram tomadas outras deliberações conforme se vê no que escreve Rio Branco: “Na junta militar de 18 de Agosto, em que tomaram parte os generais Mitre, Polidoro Jordão, Porto Alegre, Flores e o almirante Tamandaré, propõe este, e sustentou com ardor, o ataque e a ocupação de Curuzu e Curupaiti, concorrendo para esta ocupação a esquadra e o 2.^o corpo de exército brasileiro.

Porto Alegre apoiou também essa ideia, embora o gen. Polidoro houvesse antes insistido com ele para que os dois corpos do exército imperial se reunissem em Tuiuti.

Aceitaram os generais aliados a proposta do almirante e ficou resolvido que o general Porto Alegre desembarcasse abaixo de Curuzu e atacasse, protegido pela esquadra, este ponto e o de Curupaiti.

Quanto às forças que ficavam em Tuiuti, resolveu-se que deveriam ameaçar as linhas de Rojas, desprendendo-se a cavalaria aliada às ordens de Flores para reconhecer o flanco esquerdo do inimigo: “primeiro reconhecimento que iria fazer-se por esse lado”.

Os aliados dispunham nessa ocasião de cerca de 40.000 homens das quatro armas, mas Mitre havia observado que só no prazo de 15 dias daquela data teria o exército reunido os elementos de mobilidade necessários, conforme ofício do próprio general Mitre dirigido ao general Porto Alegre:

“Tendo-se combinado que durante 15 dias julgados necessários para a reunião dos elementos de mobilidade, se faça o ataque às posições de Curuzu e Curupaiti, para o qual se estabeleceu serem bastantes de 5.000 a 6.000 do exército de terra reunidos à esquadra, e tendo-se também determinado que saia do corpo de exército de V. Excia. esse contingente, segue-se que a operação que V. Excia. vai executar é uma operação combinada do exército e da esquadra, de duração limitada.

Será, portanto, conveniente que V. Excia mantenha os elementos de que dispõe, prontos a encorporar-se ao exército quando seja necessário, tanto os que empregue na operação militar, quanto os que deixe no campo de Itaperu.”

Todavia, ponderou o barão de Porto Alegre que iria operar de acordo com o almirante Tamandaré e nisso tinha muito prazer, mas, embora reconhecendo no almirante grande circunspecção e muita lealdade, não se sujeitaria ao seu comando, em vista de ser mais antigo do que ele no posto eu que se achava.

Houve por isso uma nova reunião convocada por Mitre que alarmado com aquela ponderação de Porto Alegre, poderia ficar em dúvida sobre de quem dependeria o barão: Se não estivesse sob o comando dele nem de Tamandaré, é porque naturalmente se permitia actuar de modo autónomo.

Em todo caso, Porto Alegre declarou que marcharia com 8.400 praças das três armas deixando às ordens de Polidoro um contingente de cavalaria de 900 praças, pois

que Tamandaré havia declarado no Conselho dos Generais que não devia ser inferior a sete mil o número de praças a operar com a esquadra.

Mitre em virtude daquela ponderação de Porto Alegre, julgou tratar-se de uma questão pessoal a autonomia de comando deste general, e perguntou o seguinte:

“Que tendo ele sido declarado, pelo tratado da Aliança, general-chefe dos Exércitos Aliados e director da guerra, desejava saber se o exército do seu comando (do comando de Porto Alegre) podia operar independentemente de intervenção sua, porque nesse caso, desde que não pudesse influir na direcção da guerra, como se julgava com direito, sem que fizesse o menor sacrificio, declinaria daquele direito, continuando, não obstante, a cooperar com o seu exército, para o bom resultado da guerra, em que nos achávamos empenhados.”

Em resposta que satisfez o general Mitre, disse Porto Alegre o seguinte: “Em virtude da instrução que havia recebido do Governo Imperial, o exército do meu comando operaria sempre de acordo com os aliados, ou fosse reunido a estes ou auxiliando a esquadra.”

Sobre o mesmo assunto foi interrogado o almirante Tamandaré que escreveu o seguinte: “que convidando o general Porto Alegre para vir com o seu exército coadjuvar as operações dos aliados, me declarara que o dicto 2.º exército poderia operar, ou junto aos exércitos aliados, nas condições em que se achava o 1.º corpo, ou junto à esquadra, de combinação com ela, nas operações que entesasse.

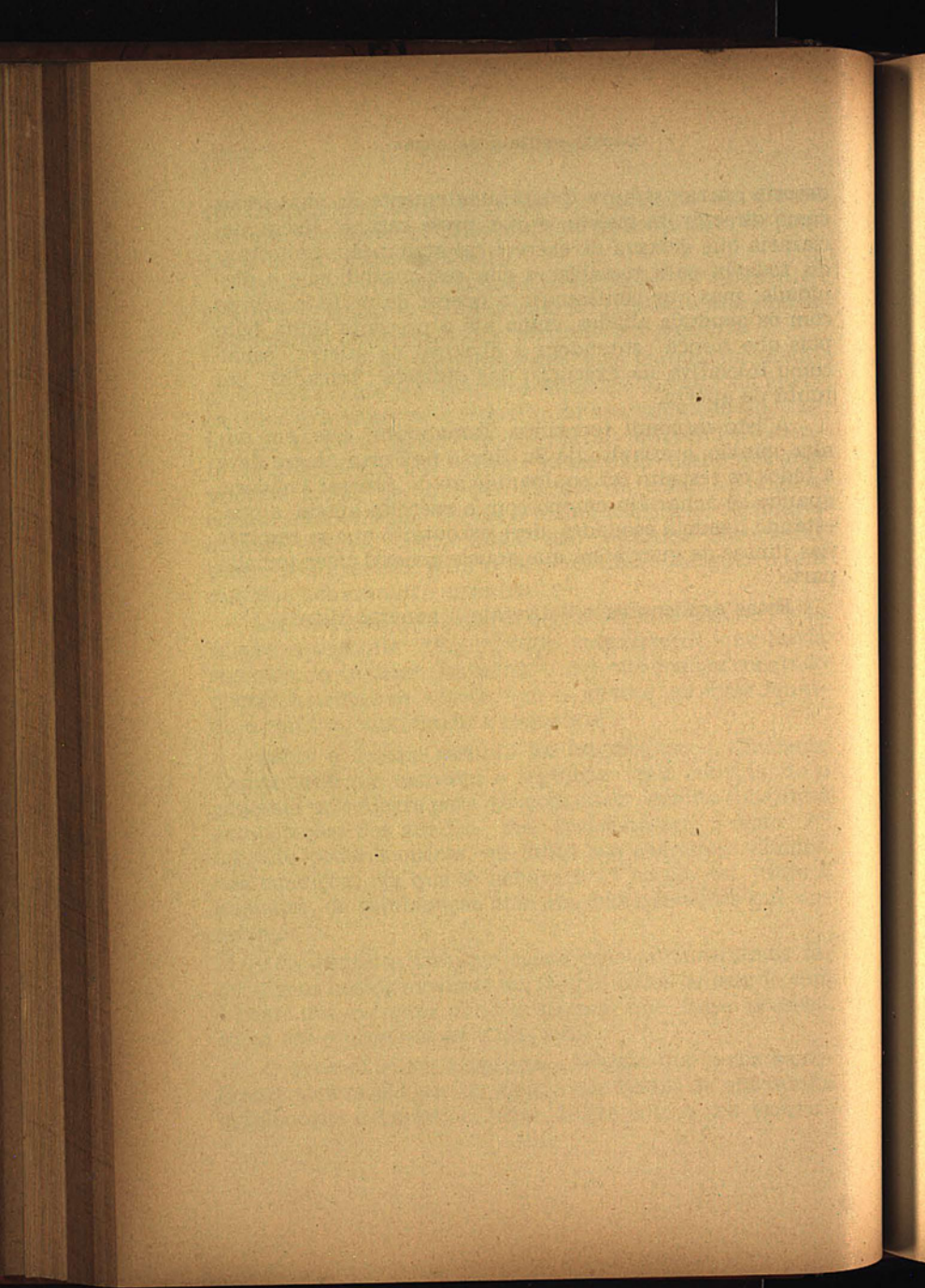
Acrescentei a isso que nesse caso procuraríamos fazer que os nossos movimentos fossem feitos de acordo com o chefe dos exércitos aliados, sempre que fosse possível, como até o presente eu tinha feito.

O general Mitre disse nessa ocasião que pedia semelhante explicação por ter ficado em dúvida se era minha opinião que o barão de Porto Alegre com o seu exército

deveria operar sempre independentemente de sua acção, como director da guerra, e que, nesse caso, S. Excia. declararia que deixava de exercer tal attribuição, protestando, todavia para ressalvar a sua responsabilidade e dignidade; mas que continuaria a operar de perfeito acordo com os generais aliados, como até o presente tinha feito pois que nunca entendera a direcção da guerra senão como iniciativa na execução das decisões tomadas em junta de guerra.

A isto respondi (continua Tamandaré) que, em minha opinião, o exército do Sr. Barão de Porto Alegre deve a todos os respeito ser equiparado ao do general Polidoro, quando se achar em campo com o exército aliado, e que, estando ligado à esquadra, deve executar o que se resolver nas juntas de guerra em que aquele general tiver tomado parte.

Estas explicações satisfizeram o general Mitre”.



OPERAÇÕES PRELIMINARES PARA O ATAQUE A CURUZU

O ataque a Curuzu necessitava dum estreito espírito de cooperação entre os elementos do 2.º corpo e a esquadra, pois esta tinha que transportar por água as tropas do 2.º corpo até as cercanias de Curuzu, no rio Paraguai, além da missão de apoio que lhe estava reservada.

Os Paraguaioi entendiam que a posição de Curupaiti era de grande importância como elemento de cobertura das comunicações de Sauce com Humaitá, e aquela, uma vez perdida, ficaria bem abalada a rectaguarda de Sauce que então estaria isolada das fortificações de Humaitá.

Curupaiti fica situado ao sul de Humaitá e a uma distância desta, calculada em cerca de uns cinco e meio quilómetros.

Subindo o rio Paraguai, nota-se que ele logo após a sua confluência com o Paraná, apresenta um trecho rectilíneo e em seguida forma um vasto semicírculo que termina no extremo sul de Humaitá.

Como julgava importante todo aquele conjunto, mandou Lopez que fosse construída a forte trincheira de Curuzu de cerca de 1.800 metros, ao sul de Curupaiti.

Segundo as considerações de Thompson, a tomada de Curupaiti pelos aliados, acarretaria para estes a posse duma forte posição à rectaguarda dos Paraguaioi que naturalmente prevendo este perigo fizeram abrir a trincheira de Curuzu que se estendia desde uma lagoa à esquerda até o rio Paraguai à direita.

O terreno entre Curuzu e Curupaiti é coberto por inúmeras lagoas que são prolongamentos da que lhe fica à esquerda.

Estas lagoas têm profundidades que variam entre quatro a cinco pés tornando, portanto, quase intrasitável o caminho entre Curuzu e Curupaiti.

Esta era a região em que devia operar o 2.º corpo de exército sob o comando do general Porto Alegre.

Logo que se julgou preparado para dar início à partida de suas tropas, Porto Alegre escreveu de Itapiru a Polidoro, relatando que o ataque seria realizado a 1.º de Setembro e pedia que houvesse de Tuiuti um ataque combinado com o movimento contra Curuzu, particularmente sobre o flanco inimigo.

Assim no dia 30 de Agosto, partiram os expedicionários do 2.º corpo de exército de Itaperu para uma região mais próxima da foz do Paraguai, onde às 8 horas da manhã de 1.º de Setembro embarcaram nos navios da esquadra de Tamandaré sob a direcção do capitão de mar e guerra Alvim, comandante da 4.ª divisão da esquadra.

O efetivo da força de Porto Alegre era de 4.141 homens de infantaria, 3.534 de cavalaria e 710 de artilharia. "A bordo da esquadra, havia uma força de 700 a 800 homens de infantaria pertencentes ao 12 e 16 batalhões de voluntários, e mais contingentes de outros corpos. Parte desta força desembarcou no Chaco, quando a esquadra subiu, e daí hostilizou Curuzu e Curupaiti, impedindo que os Paraguaiois soltassem torpedos da margem esquerda." (Rio Branco).

Tamandaré realizou, antes do desembarque das tropas do 2.º corpo, uma série de operações preparatórias, reconhecendo e sondando o rio até a altura de Curuzu.

No dia 1.º de Setembro, a esquadra movimentou-se na seguinte ordem: Corveta Magé, com o pavilhão do vice-almirante, couraçados Lima Barros e Baía, canhoneira Paraíba, couraçados Brasil, Barroso Rio de Janeiro e Tamandaré e canhoneiras, Beberibe, Ipiranga, Belmonte, Araguari e Greenhalg.

Alguns destes navios avançaram até a ilha de Palmar, ficando ancorados entre esta ilha e o Chaco, enquanto outros da 2.^a e 3.^a divisões avançaram e tomaram posição nas proximidades de Curuzu.

Foi o Lima Barros a nossa primeira unidade que trocou fogo com a artilharia paraguaia, entrando logo em acção contra a mesma artilharia adversa, o Baía, o Brasil, o Barroso, o Rio de Janeiro e o Tamandaré, sendo alguns deles atingidos pelos projecteis inimigos.

O couraçado Rio de Janeiro foi o unico que recebeu avarias de certo vulto.

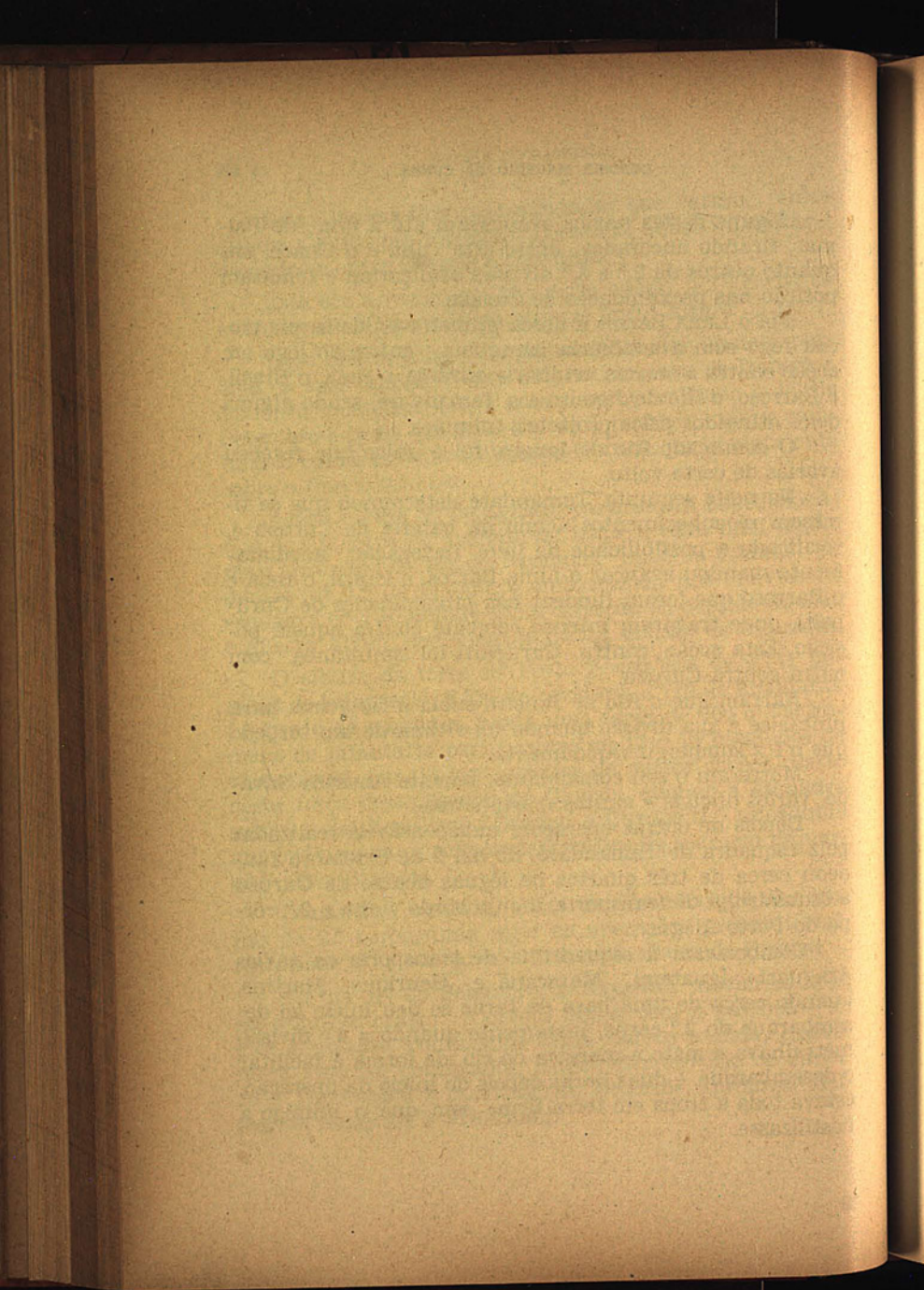
Na noite seguinte, Tamandaré determinou que se fizessem reconhecimentos acima da bateria de Curuzu e, verificado a possibilidade de livre navegação, imediatamente mandou avançar o Lima Barros, o Brasil, o Baía e o Barroso que foram fundear nas proximidades de Curupaiti, onde travaram intenso combate contra aquela posição. Esta acção contra Curupaiti foi simultânea com outra contra Curuzu.

Narram que o Rio de Janeiro subia o rio acima para juntar-se à sua divisão quando foi vítima de um torpedo que o fez submergir rapidamente.

Morreram o seu comandante, tenente Américo Silva-do, vários oficiais e muitos marinheiros.

Depois de outras operações indispensáveis realizadas pela esquadra de Tamandaré, no dia 2 de Setembro fundeou cerca de três quartos de léguas abaixo de Curuzu a esquadilha de transporte, a cujo bordo vinha o 2.^o corpo de Porto Alegre.

Comboiavam a esquadilha de transporte os navios Araguari, Iguatemi, Maracanã e Henrique Martins, quando cerca de uma hora da tarde se deu inicio ao desembarque do 2.^o corpo, justamente quando a 4.^a divisão metralhava o mata à margem do rio, de forma a facilitar o desembarque, e duas horas depois do inicio da operação, estava toda a tropa em terra firme sem que o inimigo a hostilizasse.



O ATAQUE A CURUZU

Logo após o desembarque, Porto Alegre determinou que a 2.^a brigada (5.^a e 8.^a de voluntários e 11.^o provisório de linha) seguisse para a frente pelo caminho estreito, marginando o rio que desembocava num campestre onde ao fundo se via um entrincheiramento.

Diz o general Tasso: "Dentro em pouco, trocaram-se os primeiros tiros com os elementos avançados do inimigo. O 11.^o e o 8.^o batalhões saíram da picada e tomaram posição na orla do mato onde começava o campestre.

O inimigo reagiu com artilharia, "de umas pequenas trincheiras que ficavam em frente à saída do mato" atirava com fuzil contra os dois batalhões.

Cavou-se logo uma trincheira normal na picada, para fechá-la. Passou-se assim o resto do dia."

Durante a noite trabalhou-se intensamente para melhorar o abrigo destinado à artilharia, e todos estes trabalhos da engenharia realizados sob a direcção do major de engenheiros Rufino Gustavo Enéas Galvão, foram cobertos e protegidos pelo 36.^o de voluntários que, frente ao inimigo, combatia em linhas de atiradores com energia e denodo.

Depois de um penoso trabalho, em meio de vários incêndios nas matas ateados pelo inimigo, atingiu-se a madrugada com o término da construção do espaldão que, uma vez aparelhado, deu ensejo a que entrasse em acção nossa artilharia, dando início ao verdadeiro combate de Curuzu.

O canhoneio tornou-se intenso com as artilharias conjugadas de terra e da esquadra, numa forte preparação para o ataque da infantaria que afinal se iria desencadear impetuoso.

Num dado momento Porto Alegre preveniu a Tamandaré que iria iniciar o ataque às trincheiras de Curuzu e então cessou o fogo da esquadra.

Nesse momento os brasileiros carregaram contra as linhas de Curuzu, que os Paraguaiois procuravam defender com todos os esforços possíveis.

“Pequeno era o espaço que nos separava dos Paraguaiois”, escreve Porto Alegre em sua parte, “galga-lo, saltar o fosso, uns sobre os outros, escalar as trincheiras, combater peito a peito e vencer foi obra de poucos momentos. O traço da fortificação mostrava-a apoiada sobre uma lagoa: mandei avançar por esse lado uma brigada de infantaria incumbida de vadeá-la e envolver o flanco inimigo. . . Logo que o inimigo presentiu essa manobra, que não pode evitar, desmoralizou-se e, fugindo em todas as direcções, oferecia apenas fraca resistência aos valentes que o perseguiram de perto.

A vitória pronunciou-se completa pelas nossas armas e a perseguição cessou quando mandei reunir a força, que, entusiasmada, já não conservava a precisa ordem de formatura”.

Logo após o combate, o 2.º corpo estacionou em Curuzu e ali entrincheirou-se aproveitando-se das proprias fortificações inimigas.

O combate foi realizado com o ataque do flanco esquerdo feito pela divisão general Fontes (2.^a e 3.^a brigadas com cinco batalhões: 11.º, 5.º, 8.º, 18.º e 32.º) que deixou um batalhão (36.º) de proteção à artilharia, enquanto a divisão Albino de Carvalho com uma brigada em primeiro escalão (1.^a brigada composta dos 29.º, 34.º e 47.º batalhões) investia contra o centro e contra a direita do dispositivo de manobra.

Octaviano de Sousa conta o seguinte: “À esquerda foram o 15.^o de linha e o 8.^o carioca e o 18.^o de Minas Gerais os que primeiro escalaram o entrincheiramento inimigo, arrearam do parapeito a bandeira paraguála e lá hastearam o auri-verde pavilhão brasileiro, que logo começou a tremular sobre o quadro da vitória iminente.

À direita, ao mesmo tempo, quando o 29.^o de Baiãos e Fluminenses e o 47.^o de Pernambucano e Paraibanos galgavam o parapeito inimigo, mandou Porto Alegre envolvê-lo pela esquerda. Nisto se applicou o 34.^o de Paraenses ao mando do major Francisco de Lima e Silva, guiado pelo tenente coronel Astrogildo Pereira de Cunha.

Logo, porém, que se viu ameaçado pela esquerda, começou o adversário a retirar-se apressadamente em franca derrota, abandonando a trincheira aos atacantes com grande cópia de armamento, inclusive 13 canhões de vários calibres, que se recolheram a bordo da esquadra.

Perseguido-o na retirada, acutilou-o bastante a divisão Fontes até proximo de Curupaiti, a qual em consequência do sinal conveniente, regressou a Curuzu.”

Na trincheira de Curuzu apoiavam-se três batalhões paraguaios (4.^o, 10.^o e 27.^o) sob o comando do coronel Manuel Jiemenez, com a artilharia sob as ordens do major Lago e capitães de marinha Domingos Ortiz e Pedro Gil.

Segundo Thompson o efetivo paraguaio, em Curuzu, era estimado em 2.500 homens.

Os paraguaios tiveram, em virtude da violência do ataque, cerca de 700 mortos e 1700 feridos e os Brasileiros 159 mortos, inclusive 11 oficiais e 629 feridos com 27 oficiais.

Diz o general Tasso: “Porto Alegre renunciou à ideia de atacar o segundo objectivo e mandou que os elementos mais avançados se recolhessem a Curuzu.

Que o teria movido a essa resolução?”

E possível que assim o fizesse pela falta de informações e sobretudo pela distância que ainda tinha a percorrer para atingir Curupaiti.

Todavia Thompson dissera depois da guerra que, se Porto Alegre insistisse na perseguição ao inimigo, teria naturalmente se apoderado de Curupaiti e talvez destruído totalmente o exército paraguaio.

NOVA ORIENTAÇÃO NO PLANO DE MANOBRA

Enquanto Porto Alegre realizava o ataque contra Curuzu, na margem esquerda do Paraguai, as forças aliadas em Tuiuti permaneciam efetivamente inactivas, pois "simples reconhecimentos imperfeitos," como disse Rio Branco, não se podem chamar de auxílios eficazes ou de cooperação eficiente.

Houve apenas por parte dos aliados estacionados em Tuiuti, movimentos sem importância sobre o centro e à direita do inimigo, simulando um ataque que por final não se realizou.

A investida do general Flores, que tinha sob suas ordens os 1.º e 3.º regimentos de cavalaria de linha, a força de cavalaria argentina do general Hornos (vanguarda), o regimento San Martin e dois esquadrões orientais sob o comando do general Cáceres (vanguarda da esquerda) e a divisão de cavalaria do general Mena Barreto com a brigada ligeira do cel. Gonçalves Machado (grosso), contra o inimigo apoiado nas baterias de Rojas-Cuê, não produziu o resultado esperado, pois Flores, depois de derrotar uma cavalaria paraguaia composta do 2.º e 12.º e de ter avançado segundo Rio Branco, até o Passo Vai, no flanco esquerdo da linha de Rojas, ordenou afinal a retirada, sem nada de valor produzir que pudessem auxiliar a acção que se fazia no outro flanco paraguaio.

Desta forma, o ataque de Curuzu foi uma vitoriosa investida isolada de que Porto Alegre poderia ter tirado maior êxito, se tivesse havido, por parte dos aliados estacionados em Tuiuti, melhor compreensão de cooperação.

Escreve T. Fix: “Não achamos explicação para o facto de não ter Mitre, que bem devia ouvir de Tuiuti o canhonheio de Curuzu, tentado o menor ataque às linhas de Rojas, deixando assim que Lopez dali tirasse até o último momento tropas frescas para mandá-las em soccorro de Curupaiti. É verdade que o general Mitre não contava com o bom êxito da expedição de Porto Alegre; mas os acontecimentos posteriores nos induzem a supor que as rivalidades pessoais foram a verdadeira causa da inacção do general chefe”.

Todavia Mitre, Polidoro e Flores haviam feito no dia 4 de Setembro uma reunião em Tuiuti e então assentaram que o general Polidoro fosse a Curuzu conferenciar com o general Porto Alegre e Tamandaré sobre a orientação a ser tomada, quanto ao ataque de Curupaiti.

De facto realizou-se, em Curuzu a reunião de Porto Alegre, Polidoro e Tamandaré e aí com a presença do conselheiro Octavaiano, pediu Porto Alegre que se lhe desse algum reforço para atacar Curupaiti.

Era pensamento do comandante do 2.º corpo que além do reforço pedido, ainda devia haver uma acção conjugada com os elementos aliados de Tuiuti, quando então o general Flores deveria fazer um movimento de flanco contra o inimigo.

Diz o general Tasso: “Quando Polidoro se encontrava a bordo do Apa, de volta de Curuzu, teve notícia, por um agente mandado ao Chaco, para espiar o que se passava em Curupaiti, de que os Paraguaioes construíam, nessa posição, mais duas baterias em plano inferior e trabalhavam com assiduidade.

Estava, pois, dado o alarma quanto aos preparativos a que eles se entregavam para nos resistir com vantagem no ataque do segundo objectivo.”

A situação, portanto, tornava-se mais difícil para os aliados e Polidoro logo compreendeu que era urgente qualquer iniciativa com o fim de estorvar aqueles trabalhos do inimigo e por isso escreveu, nesse sentido, a Porto Alegre. (dia 6).

Quando Polidoro, de volta, chegou a Tuiuti, entrou logo em conferência com Mitre e Flores e foi ajustado o seguinte: O ataque deveria ser feito com três colunas de manobra, obrando simultaneamente em dois ataques contra o flanco direito (ala direita de frente paraguaia), contra o esquerdo (de cavalaria) e um terceiro que se desencadearia em momento julgado oportuno.

Este último partiria de Tuiuti sob o comando directo de Polidoro e com um efetivo de 20.000 homens.

Em nova reunião havida entre Mitre, Polidoro e Flores ficou assentado o seguinte: 1.º A formação de um exército de operações a que serviria de base o 2.º corpo de Porto Alegre, com um efetivo total de 20.000 homens.

2.º Um ataque de flanco pela direita, realizado com a cavalaria sob o comando de Flores.

3.º Um ataque a Curupaiti pelo exército da margem do Paraguai, em combinação com a esquadra, ameaçando o exército inimigo pela retaguarda e interceptando-lhe a estrada para Humaitá afim de forçá-lo a uma batalha.

4.º — Manter, em campo entrincheirado, a defesa de Tuiuti, sob o comando directo de Polidoro, até que for possível, em dado momento, operar pela direita ou pela frente das linhas inimigas. Este contingente teria um efetivo de 18 a 20 mil homens.

Este plano foi também aprovado por Porto Alegre e Tamandaré que ofereceu a sua cooperação ardorosa no ataque a Curupaiti.

Em resumo: O general Mitre iria para Curuzu com cerca de 9.000 Argentinos, ficando o resto do exército aliado sob o comando de Flores até que este tomasse a inicia-

tiva do ataque e, nesse momento, o gen. Polidoro assumiria o comando de Tuiuti, para obrar como se havia combinado.

Mas, diz Rio Branco, "Apenas Mitre partiu, o almirante lembrou a Porto Alegre que, desde que o grande reforço anunciado não saísse todo do exército brasileiro e se compusesse também de forças argentinas, era possível que aquele general quisesse assumir em Curuzu o comando chefe e a direcção do ataque; que "convinha pois, pedir explicações claras sobre esse ponto, lembrando-lhe o pesar que disso resultaria para o general brasileiro".

Era realmente fatal que, embora houvesse entre os generais da Aliança recíproca cordialidade no tratamento, entretanto alguma coisa de grave então havia de surgir para separá-los, no momento em que se fazia mister a máxima harmonia.

Porto Alegre ponderou, por carta, aos generais Mitre e Polidoro sobre a precedência de comando na acção contra Curupaiti e ao mesmo tempo pedia que o reforço para o seu 2.º corpo fosse tirado dentre os elementos brasileiros para não dividir as forças argentinas.

A carta dirigida a Mitre dizia o seguinte: "V. Excia. não pode ser comandante de uma divisão depois de tão justamente se lhe ter conferido em um tratado o comando em chefe dos exércitos aliados. Também por meu lado, peço licença para, respeitosamente dizê-lo a V. Excia., desde que o general chefe do exército argentino não venha com todo o seu exército para esta posição, ficar-me-ia desairoso não comandar em chefe a operação que eu tivesse de fazer.

Ao lado do exército argentino o meu será cooperador ou auxiliar, e então não me desaira o comando do general em chefe daquele exército, mas ao lado de uma divisão argentina, compreende V. Excia. que essa divisão coooperadora ou auxiliar não me poderia despojar do comando em chefe.

Apelo para os sentimentos nobres e patrióticos de que V. Excia. é modelo. O Brasil me tomaria contas severas, como a V. Excia. a nação argentina em igualdade de circunstâncias. Nesse sentido officiei ao general Polidoro para, entendendo-se com V. Excia., destacar para aqui provisoriamente 4.000 homens de infantaria brasileira ou mais, se puder”.

Mitre respondeu à carta de Porto Alegre, apontando os grandes inconvenientes da remessa do esforço de quatro mil homens das tropas de Polidoro, pois que o 1.º corpo ocupava posições contínuas, formando um sistema difícil de ser desfalcado. Além disso achava pequeno o efetivo de quatro mil homens para o vulto das operações que o plano de manobra exigia. “Entretanto, declara Mitre, o exército de Polidoro permanecerá em Tuiuti pronto para aproveitar-se de qualquer oportunidade para actuar contra as linhas adversas. Não se dá o mesmo com a posição que ocupa o exército argentino depois que os aliados ficaram superiores em cavalaria.

Ocorre ainda que a força numérica de sua infantaria é a requerida para reforçar a coluna de operações do rio Paraguai”... Mitre explica, “diz o general Tasso”, que deixa 2.000 Argentinos no Passo da Pátria à disposição de Polidoro e que a coluna de Flores se comporá da cavalaria de todos os aliados.

Ele irá a Curuzu com 32 batalhões argentinos (9.500 a 10.000 homens), isto é, com todos os seus infantes prontos a formar, e duas baterias de artilharia raiada.

Assim, é quase todo o exército argentino que se trasladou sob as ordens dele para a beira do Paraguai e não uma divisão, como supõe Porto Alegre.

Por essa razão e por ser Curuzu o ponto de maior responsabilidade, escolheu-o para si o generalíssimo... A irritação de ambos (Porto Alegre e Tamandaré) foi grande quando souberam que, nos pontos por onde iriam operar

os aliados, ficariam, as tropas e os generais brasileiros sob o comando de generais estrangeiros, representantes de países que entravam com inferior contingente para a luta: Mitre em Curuzu e Flores em Curupaiti”.

Porto Alegre dirigiu forte protesto, por carta ao general Polidoro, por ter este consentido em que os generais brasileiros ficassem sob a direcção de generais estrangeiros. Na mesma ocasião, escreveu outra carta ao general Mitre nos seguintes termos: “Remeto para V. Excia. uma nota, para a qual peço a sua conscienciosa meditação. V. Excia. e o Sr. general Flores, contra seus desejos, vão criar uma irritação no exército brasileiro que levará ainda mais fortemente no Império, quando ali chegar a notícia de semelhante facto.

Já é tarde para me opor, porque V. Excia. não foi explícito comigo. Contento-me com protestar, esperando, porém, de seu cavalheirismo, e do cavalheirismo do general Flores, que alterem esse ponto de detalhes de gravíssimas consequências políticas”.

O ATAQUE A CURUPAITI

Tudo leva a crer que Mitre se justificava, como afirmam alguns, porque, julgando decisivo o ataque contra Curupaiti, desejava ter também a glória imorredoura de chefiar a finalização da guerra e não acontecer o que ocorrera em Curuzu, onde os Brasileiros colheram sôsnhos as glórias da vitória.

Quanto ao comando de Flores, é possível que o pensamento de Mitre estivesse inclinado a atender à posição daquele general, de chefe de Estado, como ele, para que ambos tivessem realmente posições de certa relevância no fim da guerra, como julgava que o fosse.

O fato é que Mitre não abriu mão de suas prerrogativas e preparou-se com as tropas já designadas, para partir com destino a Curuzu.

Todavia, teve de retardar a sua partida em virtude de ter recebido um convite de Lopez para uma conferência que se realizou em Iataiti-Corá.

Esta conferência que durou cinco horas consecutivas não trouxe proveitos para os aliados, senão para Lopez que ganhou tempo para novas fortificações contra os ataques que já então esperava.

As nações aliadas não podiam, de forma alguma, aceitar pazes com o Paraguai, sem que Solano Lopez fosse afastado do governo de seu país, porque, como ficara assentado, os governos aliados não faziam a guerra à Nação paraguaia, mas tão sómente à politica e ao governo de Solano Lopez.

Convencidos, como estavam, de que a permanência de Lopez no governo era uma ameaça à paz do Sul da América, à liberdade de comércio e navegação dos rios Paraguai, Alto-Paraná e seus afluentes, não podiam de modo algum entabolar negociações com quem já era considerado inteiramente fora da lei e incapaz de inspirar confiança em suas afirmações.

Terminado esse episódio denominado de conferência de Iataiti-Corá, Mitre partiu para Curuzu e lá, chegando procurou dar uma explicação a Tamandaré e a Octaviano, dizendo que havia sido assinada em Tuiuti uma deliberação totalmente de acordo com as estipulações do tratado de Aliança.

Finalmente, combinou-se que Polidoro deveria assumir o comando em Tuiuti, em virtude da reconhecida superioridade numérica das tropas brasileiras.

Terminada esta fase, tratou-se de dar começo ao premeditado ataque a Curupaiti, que só teve lugar na manhã de 22, quando Tamandaré iniciou a acção naval.

Como já vimos, Curupaiti estava situado ao sul de Humaitá, com fortificações a principio paralelas ao rio e com uma trincheira avançada, cobrindo a frente para os lados de Curuzu.

Os Paraguaioes compreendiam que a perda de Curupaiti redundaria na interrupção das comunicações entre Humaitá e as linhas de Rojas, e por isso, procuraram por todos os meios dar àquela praça de guerra organização defensiva com o fim de obstar que produzisse aquela brecha de consequências funestras para as suas forças militares.

Diz Thompson: "Os Paraguaioes trabalharam com muita actividade nas fortificações de Curupaiti. Montaram aí oito canhões de oito polegadas; destes, dois foram exclusivamente destinados a defender a linha do lado de terra, e quatro ficaram servindo unicamente nas bate-

rias que dominavam o rio; os dois restantes, no flanco direito das trincheiras de terra, podiam varrer tanto a frente por esse lado, como o rio.

Vários canhões de calibre 32 foram distribuídos pela bateria do rio e pela trincheira, e cinco de calibre 12 e quatro de 9, foram colocados na trincheira.

O total de canhões subia a 49, afora duas baterias de foguetes; desses canhões, 13 pertenciam à bateria fluvial e os restantes à trincheira do lado de terra.

O general Diaz comandava em chefe. A Infantaria constava de cinco mil homens às ordens do general Gonzalez”.

Estas eram as fortificações que os aliados tinham de enfrentar.

Como dissemos, somente no dia 22 de Setembro, depois de uma série de imprevistos, começou o combate com a colaboração da esquadra que bombardeou previamente a posição inimiga, em estreita ligação com outro ataque da artilharia de terra. Após esta preparação da artilharia desenrolar-se-ia o ataque geral da infantaria.

Os navios da esquadra de Tamandaré, que tomaram parte no ataque, foram os seguintes: Encouraçados Brasil, Barroso, Baía e Tamandaré; bombardeiras Pedro Afonso e Forte de Coimbra; chatas de n.º 1, 2 e 3; e canhoneiras Beberibe, Magé Parnaíba, Belmonte, Ivaí Merarim Iguatemi, Araguari, Araguaí, Ipiranga Henrique Martins e Chuí.

Diz o general Tasso: “O laconismo da parte de Tamandaré e de seus subordinados não faculta uma reconstituição precisa dessa fase importante do bombardeio. Colhe-se, todavia, a impressão de que os navios tomaram posição à jusante de Curupapiti e daí dispararam as suas peças. Só os dois couraçados Baía e Lima Barros acercaram-se mais do inimigo”.

Os Paraguaioes respondiam com actividade aos fogos da esquadra.

O bombardeio da esquadra não teve o êxito que se esperava de modo a fazer calar a artilharia inimiga e preparar-lhe o terreno para o ataque da infantaria que se achava a postos.

Todavia, foi de grande efeito a acção do desembarque do 12.º de Voluntários, que o almirante fez saltar à terra na margem correspondente ao Chaco durante o bombardeio e talvez tivesse êxito total, se fosse maior o número de batalhões empregados.

Em dado momento, de acordo com o sinal convencionado, cessou o bombardeio da esquadra contra os entrincheiramentos, convergindo então os seus fogos mais para a rectaguarda inimiga e as colunas de ataque lançaram-se no combate.

“Era um longo cordão de infantaria compacto e espesso, “diz Octaviano de Sousa,” que se deslocava inofensivo e desabrigado, sob o fogo de 58 grossos canhões e de milhares de infantes, do alto de sua posição.”

Todavia, tal era o entusiasmo da infantaria aliada, que o primeiro entrincheiramento foi tomado, mas esta posição era inteiramente dominada pelos fogos inimigos da trincheira à rectaguarda deles e por isso tornou-se ainda mais difícil vencer os baluartes e a longa cortina de fogo que a defendiam.

Diz Octaviano: “Era um extenso pantanal, entre a primeira e a segunda trincheira, coberto de abatizes feitos de árvores colossais, cujos troncos chafurdavam no lamaçal a que velava vasto lençol dagua de pequena profundidade.

A coluna argentina não podendo atacar à esquerda a posição inimiga, em consequência da impraticabilidade do terreno em que ela se apoiava, esbarrou nessa esteira intransitável de abatizes, dizimada impunemente pela artilharia da defesa inimiga.

A coluna da direita brasileira, ou do centro da linha de ataque, encontrou-se no mesmo labirinto de troncos despontados, varrida de metralha, envolta em balas razas; e por isso desviou-se para a esquerda no rumo em que havia marchado a divisão do flanco esquerdo.

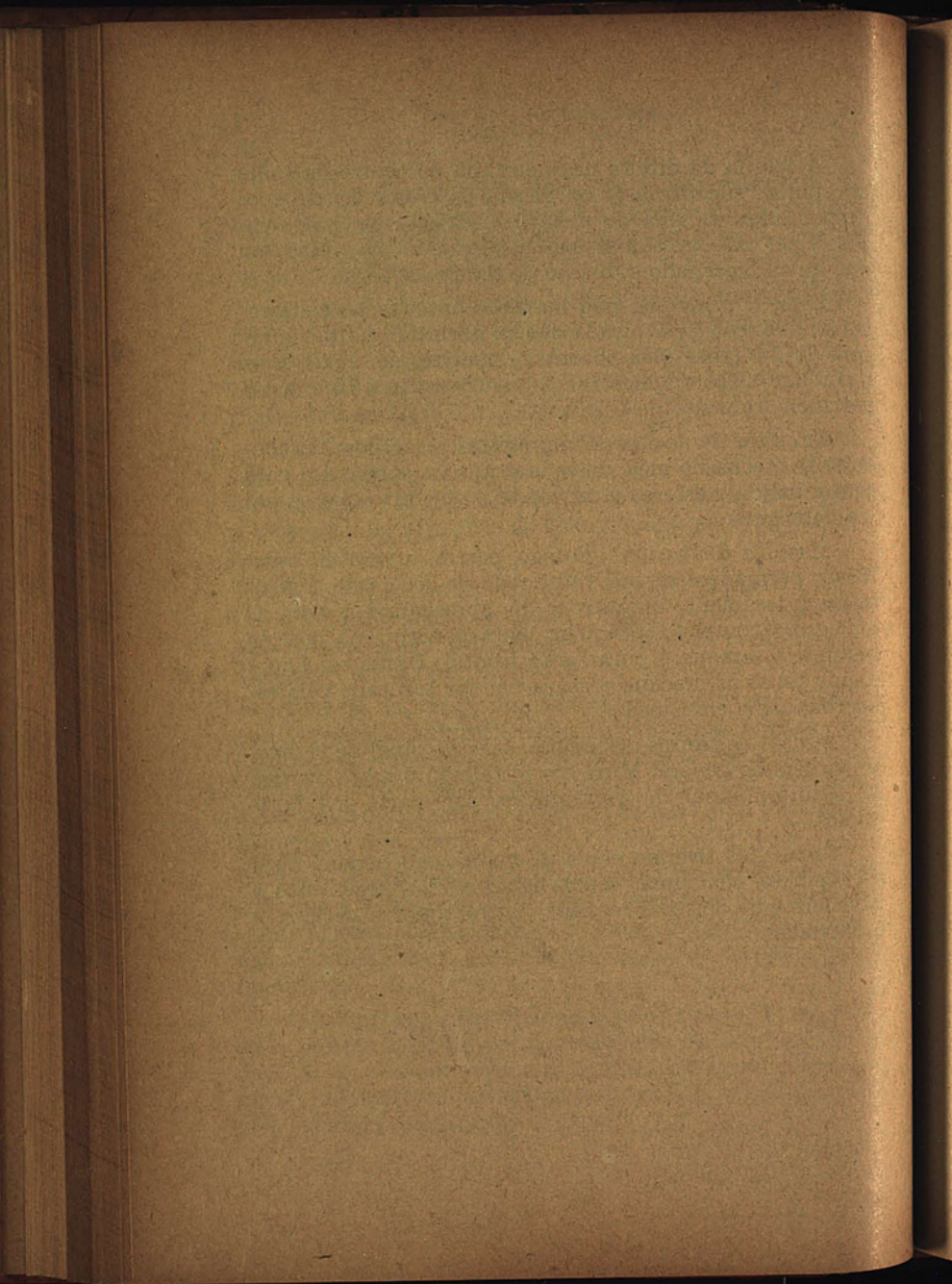
Esta, a princípio, não marchou inteiramente descoberta: avançou pela picada que se abria no mato à margem do Paraguai. Não encontrou abatizes em sua frente, e por isso mesmo applicou-se logo ao assalto à direita do entrincheiramento de Curupaiti”.

Em face da tantas e imprevistas situações, buscou-se abrir brecha no meio desse labirinto de obstáculos para com o máximo esforço alcançar-se o objectivo que se havia determinado.

Mas, diz Centurion: “O fogo, porém, é terrível; o defensor permanece sereno e abrigado no seu posto, e fuzila impiedosamente quantos se lhe apresentam à vista. O malogro é completo. Ninguém logra penetrar na posição inimiga. O ataque é puramente frontal. Desta vez Lopez tomou todas as precauções para não ser torneado pela esquerda, como em Curuzu”.

A vista de tantos obstáculos, fez-se o sinal de retirar, por ordem do general Mitre e o retraimento sobre Curuzu foi feito sem sinal de perseguição por parte dos Paraguaiois.

Os aliados tiveram cerca de quatro mil homens fora de combate, com uma média igual entre Argentinos e Brasileiros de dois mil homens, entre mortos, feridos e extraviados.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DERROTA DE CURUPAITI

A responsabilidade do fracasso do ataque de Curupaiti tem sido apurada e comentada de várias maneiras

Segundo o plano assentado pelos generais aliados, o ataque de Curupaiti que só foi realizado aos 22 de Setembro, deveria ser apoiado com a acção das forças de Polidoro, que se achavam em Tuiuti.

Polidoro deveria atacar as forças de Rojas pela frente e só o fez com uma demonstração, aliás executada pelo general Argolo.

Nesse mesmo dia, o general Flores, em Tuiuti, deveria também, à frente de uma coluna de perto de três mil homens de cavalaria, operar contra a esquadra do inimigo, quando se houvessem empenhado em luta simultaneamente os exércitos aliados de Curuzu e de Tuiuti.

Mas ocorre que o general Flores não conseguiu realizar a sua missão e regressou logo após àquele movimento, de Tuiuti-Cué sem engajar-se com o inimigo, logo que soube do fracasso das forças de Mitre em sua frente, partindo de Curuzu.

Não se pode culpar o general Flores de não ter realizado a sua missão, que só teria cabimento, se a sua coluna fosse bastante forte (e não era) para operar um envolvimento, sabendo do retraimento de Mitre, e agir de-per-si contra o inimigo já então desafogado no seu flanco direito.

O erro propriamente dito não está nesse ou naquele movimento, mas tão somente no plano geral de operações, e na demora de suas execuções.

A tomada de Curuzu não foi um acerto estratégico, pois que por aí não poderiam realizar os Paraguaioi nenhuma investida contra os aliados e só foi mantida a sua posse, porque os Paraguaioi não dispunham de reservas suficientes para contra atacá-la.

Se tal acontecesse, a situação teria tomado um aspecto de imensa gravidade, em vista de Porto Alegre, na expectativa de recuar, não poder contar senão com o apoio ou auxílio da esquadra.

Mas como, muitas vezes, a fortuna dos exércitos depende do arrojo dos seus chefes, Tamandaré e Porto Alegre calcularam que os Paraguaioi absorvidos com as defesas de outros pontos vitais de sua rede estratégica, não tinham Curupaiti suficientemente preparada para as acções defensiva e ofensiva convenientes.

Assim investiram os aliados contra Curuzu, mas deveriam ter aproveitado o êxito alcançado no momento e atacado logo em seguida Curupaiti, antes que Lopez, percebendo a gravidade desta nova situação, fortificasse suficientemente aquela sua linha de cobertura das comunicações de Humaitá com a linha avançada de Rojas.

A demora daquela acção tornou inoportuno o ataque, porque, conforme declara, o próprio engenheiro Thompson (Hist. da Guerra do Paraguai) deu início à construção da segunda trincheira de Curupaiti, cujo o flanco atingia às barrancas do rio, tornando difícil o caminho entre este e a lagoa vizinha.

Por isso desde, que foi verificada a construção dessa nova linha de defesa de Curupaiti, pela comissão de engenheiros das forças aliadas, não se deveria pensar mais na oportunidade do ataque, mesmo porque a própria esquadra verificou com os seus bombardeioi que estes nem sequer conseguiam dominar a acção da artilharia paraguaia.

Em vista desta ineficácia da artilharia aliada contra as fortificações de Curupaiti, não deveriam os aliados oferecer carne aos canhões de Curupaiti.

Diz o general Tasso Fragoso: "Os aliados estavam detidos em Tuiuti. O problema premente na ocasião era fazer cair a posição de Rojas. Conseguir-lo de frente seria difícil. Mitre apinou por um movimento pela esquerda do inimigo, mas havia falta de elementos para isso e também o receio de que a linha de comunicações com o Passo da Pátria ficasse exposta aos adversários.

A vinda de Porto Alegre melhorava a situação. Seria, todavia, bastante para facultar com segurança a manobra pelo flanco esquerdo do inimigo?

Esta manobra reclamava vastos elementos de mobilidade com que os aliados não contavam.

Entrementes Tamandaré sugere a ideia de uma acção pelo rio, quer dizer pelo flanco direito. Ora, é óbvio que se os aliados conquistassem Curuzu e Curupaiti, iriam agravar a situação de Lopez, pois que ficariam entre Humaitá e Rojas e à curta distância do quartel general inimigo (Passo Pucu).

É possível que Lopez se cobrisse novamente, criando no terreno outra linha defensiva a leste de Curupaiti, se porventura as condições topográficas do terreno lho permitissem. Mas também é possível que, sentindo-se ameaçado nas suas comunicações entre Humaitá e Rojas, abandonasse precipitadamente esta última posição.

Com isso, porém, não ficaria resolvido o problema capital: a conquista de Humaitá. Seria preciso depois continuar as operações para obtenção deste resultado.

Ora, é fácil verificar que, então, a manobra pelo flanco esquerdo, ou, mais precisamente pela frente leste da fortificação de Humaitá, se imporia como condição indispensável à conquista deste ponto, salvo se o inimigo o abandonasse prematuramente.

Em uma palavra, a operação contra Curuzu e Curupaiti poderia justificar-se, mas, ainda que fosse vitoriosa, constituiria apenas uma fase preliminar da manobra que se tinha de montar contra Humaitá”.

A NOMEAÇÃO DO MARQUÊS DE CAXIAS PARA COMANDANTE-CHEFE

Depois dos insucessos de Curupaiti, os aliados reuniram-se, em junta, a bordo do Apa, e deliberaram que se manteria a posição de Curuzu.

Esse procedimento impunha-se como factor moral em face do desânimo que naturalmente traria a todos, se as tropas aliadas abandonassem aquelas fortificações.

Mas ninguém, do lado dos aliados, ficou privado da tristeza pela repercussão que o desastre de Curupaiti teve dentro e fora do país, dando lugar aos mais descontraídos comentários sobre a situação da guerra.

Por isso mesmo, o governo imperial que já vinha com a máxima solicitude remetendo todos os recursos exigidos pela guerra, redobrou os seus esforços no sentido de aumentar o nosso poder militar no teatro de operações e amparar os ânimos com providências de origem moral.

Disse o marquês do Paraná, Ministro da Guerra, num relatório ao governo: "Para isso convinha concentrar todos aqueles recursos sob uma direcção, dar unidade ao comando das forças e uniformizar a acção do mesmo comando, entregando-o a uma reputação militar como tal reconhecida no Império; assim compreendeu o Governo imperial e por decreto de 10 de Outubro de 1866, houve por bem Sua Majestade Imperial nomear comandante-chefe das forças imperiais em operações contra o governo do Paraguai ao marechal do exército Marquês de Caxias".

Já aos 25 de Setembro, o general Venâncio Flores havia deixado o acampamento de Tuiuti, retirando-se para a República Oriental por questões de política partidária em Montevidéu.

Pouco depois o general Flores, sincero amigo do Brasil, foi barbaramente assassinado em Montevidéu, perdendo os exércitos da Aliança um seu esforçado cooperador.

O nome de Caxias já havia sido lembrado desde os primeiros instantes da guerra em 1865, para comandante-chefe dos exércitos brasileiros, mas a situação da política partidária não permitiu, como ele exigiria, a simultaneidade do comando das forças em operações com o de presidente da província do Rio Grande do Sul.

Assim, por força da politicagem partidária, foi afastada a ideia do aproveitamento de um homem de que tanto o Brasil precisava para a sua própria garantia na guerra contra Lopez.

Diz o general Tasso: "Em Fevereiro de 1865, o presidente do Conselho procurou-o pessoalmente e convidou-o para comandante chefe do exército.

Caxias explicou-lhe a situação, mostrando que a nomeação de Ferraz para a pasta da Guerra, camarada com que estava desavindo e que nunca desejara ter sob seu comando, impedia-o de aceitar a comissão. O Presidente insistiu e ponderou que, sendo militar a comissão, ele, como militar, não a poderia recusar.

Caxias respondeu textualmente: "Sei que sou militar e que a comissão é militar; mas sou um militar que goza de imunidades, das quais V. Excia. não pode prescindir. Sou senador do Império e o governo não pode dispor de mim sem licença da Câmara a que pertença. Procure, portanto, V. Excia. quem vá desempenhar esta comissão que para mim se tornou impossível, não só pelo mau estado de minha saúde, como por falta de acordo com o Ministro da Guerra... "Quando o Imperador se dirigiu a Uruguaiana, acompanhou-o no seu séquito e aí passou pela mágoa de se ver tratado com menos atenções que outros generais, apesar de já te feito a guerra naquelas regiões e ter sido quem mandara traçar o plano de Uruguaiana'.

Mas logo que se espalhou a notícia do desastre de Curupaiti, compreenderam todos que era imprescindível a cooperação directa de Caxias nas coisas da guerra.

O então presidente do Conselho, Zacarias de Góis e Vasconcelos, em discurso proferido no Senado (8 de Junho de 1868) assim explicou a nomeação de Caxias”:

“Tendo o nobre Marquês de Caxias aderido ao convite do governo, sem a menor condição, dizendo: — Sou, sobretudo militar, só ponho ao governo uma cláusula, a da mais inteira confiança. — Respondi-lhe que toda, e acrescentou mais: — Espero todos os meios com que deve contar um general que tem a plena confiança do governo, — o que repliquei: V. Excia. por sua elevada posição no Senado e no Exército, sabe perfeitamente quais são os recursos de que o governo pode dispor, pois de tudo isso V. Excia. disporá... O nobre marquês de Caxias teve o grande mérito de sopitar todas as intrigas; foi um grande serviço que prestou ao país.

Depois do desastre de Curupaiti, o exército e a armada estavam em más condições, não pelo desastre em si, que era nada na guerra, mas porque os chefes se achavam em desarmonia, as intrigas sufocadas até aquela data finalmente vieram à luz e aquele desastre revelou a discórdia que entre eles reinava, caso em que o governo considerou rigorosamente indispensável a ida do nobre Marquês de Caxias.

Aceitou o Marquês a nomeação pura e simplesmente, e foi só depois disso que eu lhe disse, que o Ministério se retiraria se acaso S. Excia. desse a entender que não aceitava a comissão por ter de servir com o gabinete (liberal), enxergando sempre no gabinete um perigo pela rectaguarda, como dizem agora os jornais da opposição, indignos, nesse ponto, do menor conceito. . .

Se V. Excia. (continuou Zacarias de Góis) manifestasse o pensamento de não poder servir com o gabinete actual e os ministros estavam dispostos a retirar-se, não

queria de certo dizer isto que lhe entregavam o poder; eu posso dispor de mim e retirar-me quando me parecer, assim como os meus colegas, mas não sei quem me succederá.

Em 1862 combati, na Camara dos Deputados, o Ministério presidido pelo nobre Marquês de Caxias; ficaram cortadas as relações entre mim e o Marquês de Caxias.

Mas não me deixo levar de ressentimentos, quando se trata do serviço público.

Entrando para o Ministério, conheci logo que a guerra precisava menos de remessas de forças do que uma cabeça, de um general que reunisse aos conhecimentos profissionais a precisa vantagem de inspirar plena confiança a seus camaradas.

Nisto chegou a notícia do desastre de Curupaiti e desde esse momento reconheci que era indispensável a medida que se adotou.

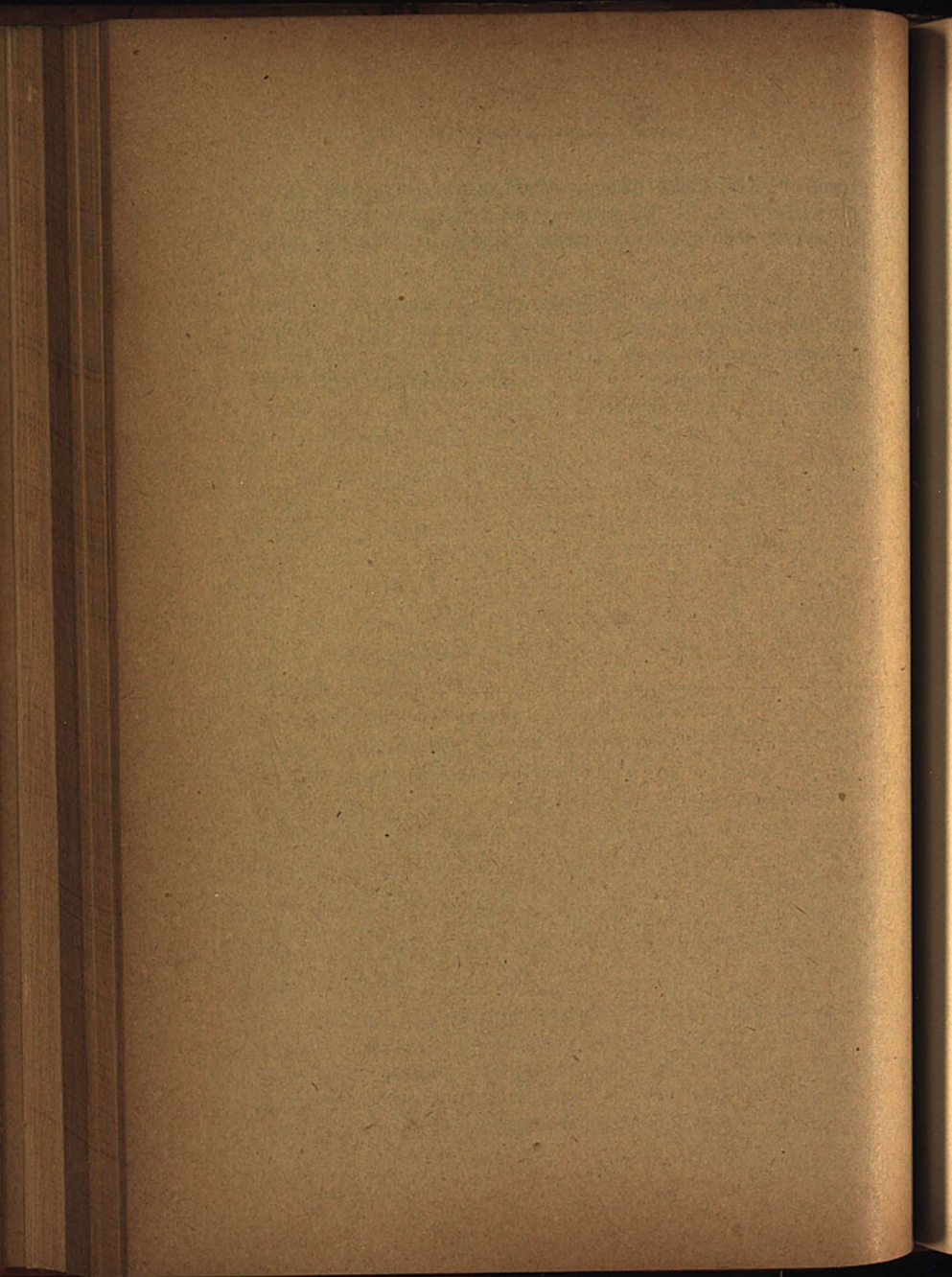
Havia um embaraço, o de ser o Sr. Barão de Uruguaiana o Ministro da Guerra, porque entre ele e o Marquês de Caxias existiam desavenças.

Reuniram-se todos os Ministros na Secretaria de Agricultura, excepto o da Guerra, que estava doente, e decidiu-se que era indispensável convidar-se o Sr. Marquês de Caxias. Foram deputados os Srs. Conselheiros Martins Francisco e Sousa Dantas ao Sr. Barão de Uruguaiana, afim de irem comunicar-lhe o passo que se havia resolvido.

Entretanto, permaneceram os outros Ministros conversando sobre o desenlace da questão e ficou assentado que, se o Ministro da Guerra aderisse à ideia do convite, fosse este imediatamente feito ao Sr. Marquês de Caxias; mas também ficou assentado que, se o Sr. Barão de Uru-

guaiana entendesse de não dever concordar nisso, ou, se concordando, o Sr. Marquês de Caxias declarasse não poder servir com S. Excia. neste caso sairia todo o ministério...

Mas o Sr. Barão de Uruguaiana, dotado de um espírito penetrante, que o distinguia, achando que o governo procedia bem no passo que queria dar, declarou que se retirava do gabinete. Foi só depois disso que convidei o nobre Marquês de Caxias”.



NOVA ORIENTAÇÃO NO PLANO DE MANOBRA

Poucos dias após a nomeação, Caxias, viajando do Rio de Janeiro a bordo do vapor Arinos, chegou a Montevideu, onde demorou três dias providenciando sobre hospitais e depósitos de material bélico.

Em seguida atingiu Buenos Aires (6 de Novembro) onde igualmente providenciou sobre assuntos do interesse da guerra e de lá partindo chegou a Corrientes no dia 14 de Novembro.

Nesta cidade inspecionou os estabelecimentos militares, dando providências que se tornavam necessárias no momento.

Deixando Corrientes no dia 17, no mesmo dia à noite desembarcou em Itaperu onde se encontrava o general Polidoro que aguardava a sua chegada com todo o seu estado-maior e dois esquadrões de cavalaria.

Já Caxias havia conferenciado com Tamandaré que o procurara em Corrientes e, portanto, podia bem assumir o comando como o fez no dia 19 de Novembro de 1866 com o conhecimento de todos os pormenores das forças em operações contra o governo do Paraguai. Nesta ocasião, em sua ordem do dia, disse o seguinte: "Conto com a vossa constância e dedicação ao país para levarmos ao cabo a gloriosa empresa em que estamos empenhados. Mas um esforço e nossos trabalhos serão coroados pela vitória".

Em face da resolução do Governo Imperial de instituir um comando único para as forças brasileiras de terra e mar no teatro de operações, o almirante Tamandaré

não se resignou com aquela resolução em ficar subalterno, quando até então gozava de plena autonomia no comando da esquadra.

Assim por decreto de 3 de Dezembro de 1866 foi Tamandaré substituído a pedido pelo almirante Joaquim José Inácio, nomeado comandante interino da esquadra.

Diz o general Tasso: "Tamandaré prestou reais serviços ao Brasil durante a primeira fase da guerra da Tríplice Aliança. O seu entranhado patriotismo, a sua energia, a sua actividade e o seu espírito disciplinador patentearam-se inúmeras vezes nesse período, mostrando que ele possuía os predicados fundamentais de um verdadeiro chefe".

Simultaneamente com a nova orientação do comando único, resolveu o governo mobilizar um 3.º corpo de exército no Rio Grande do Sul e alguns dias após a nomeação de Caxias era também nomeado para o comando daquele corpo de exército o general Osório.

Diz o general Tasso: "Caxias procedia sensatamente apelando para a colaboração franca e decisiva do general Osório, cuja volta ao seio das tropas combatentes serviria para animá-las a novas empresas e para lhes levantar o moral".

Apenas chegou a Tuiuti, o Marechal Caxias entrou logo em conferência com o General Mitre, chefe dos exércitos aliados e nessa ocasião examinou todas as posições, pondo-se a par de todas as necessidades para o prosseguimento da campanha.

Tomou providências sobre os meios de melhorar as condições dos hospitais e enfermarias e reorganizou os corpos de exército ali estacionados.

Inspecionou a esquadra e em seguida esteve em Curuzu e em toda a parte, no teatro de operações de guerra, tomava medidas com o fim de tornar a tropa em condições de enfrentar uma nova fase decisiva da campanha.

A acção da esquadra tornou-se mais activa, após a chegada do almirante Joaquim José Inácio. Houve, então várias trocas de bombardeios, quando os Paraguaioes activaram a sua artilharia sobre Curuzu.

Nessa ocasião o 2.º corpo brasileiro conjuntamente com a esquadra (couraçados Brasil, Barroso e Tamandaré e canhoneira Iguatemi), responderam aos bombardeios dos Paraguaioes. Pouco tempo depois (8 de Janeiro de 1867) o almirante José Inácio dava execução ao plano de uma acção contra Curupaiti e Rojas, auxiliado com pequenas embarcações que puderam penetrar pela lagoa Pires, para atacar a posição inimiga por seu flanco direito.

Esta acção naval foi auxiliada pelo exército em Curuzu e em Tuiuti.

Com o fim de atender aos negócios internos da Confederação, à vista de ameaças de revolução que diziam ali se formava, partiu Mitre, para Buenos Aires, entregando o comando dos exércitos aliados ao Marquês de Caxias.

De facto em Novembro do ano anterior havia explodido uma revolução em Mendoza e o governo legal fora substituído por Juan Carlos Rodriguez, criando uma situação de inquietação nas províncias vizinhas.

O vice-presidente da Argentina em exercício, Marco Paz, em face da gravidade da situação, pediu a Mitre que volvesse ao seu governo. De facto Mitre com uma parte de suas tropas deixou os acampamentos com aquele destino, para dominar a sedição que parecia alastrar-se para o interior.

Todavia os revolucionários argentinos foram derrotados na batalha de San Inácio, e Mitre algum tempo depois regressou a Tuiuti, reassumindo o comando dos exércitos aliados. (27 de Julho de 1867).

Logo após a retirada de Mitre, o marechal Caxias quis abandonar Curuzu, e fazer com que o 2.º corpo de exército fosse recolhido para Tuiuti, mas em face da epi-

demia do "Cholera morbus" que se desenvolveu em Tuiuti e Curuzu, não lhe foi permitido no momento, pensar naquela retirada

Assim teve Caxias de adiar as operações que tinha em vista contra o inimigo e tratar das condições sanitárias das suas tropas ameaçadas por tamanho flagelo.

Diz Bormann: "Apesar da terrível epidemia que lavrava tanto no nosso campo como no do inimigo, os canhões de parte a parte não se calavam por muito tempo".

Aos 10 de Maio, retirou-se para o Brasil o digno general Polidoro Jordão, deixando a seguinte ordem: "Srs. Officiais e praças de 1.º corpo de exército.

Dez meses de campanha agravaram grandemente os meus inveterados padecimentos. Subjugado por eles, vi-me forçado a pedir a S. Excia. o Sr. General Chefe, licença para ir restabelecer-me no nosso torrão natal; S. Excia. benignamente atendeu-me e o vosso general se despede de vós.

Camaradas! Durante o tempo em que me coube a honra de comandar-vos pude apreciar de perto a vossa coragem nos combates, a vossa resignação nos sofrimentos, e a vossa constante abnegação: sois dignos e devotados cidadãos; não precisais, pois, de exortações e conselhos para continuar a senda honrosa que até hoje tendes trilhado.

Se o solo vivificante das felizes regiões em que nascemos restituir ao meu corpo alquebrado um pouco de vigor, eu voltarei a partilhar ainda uma vez das vossas fadigas, dos vossos perigos e um pouco também da vossa glória".

Em face da viagem de Polidoro para o Brasil, assumiu o comando do 1.º corpo de exército o marechal-de-campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão.

Diz o general Tasso: “Vem de molde referir aqui que Porto Alegre também havia obtido licença para ir ao Rio Grande do Sul, em fins do ano anterior, e por isso entregara o comando do 2.º corpo, ao mesmo general Argolo. (28 de Novembro de 1866).

Soares de André substituiu este último general no comando da 1.ª divisão do 1.º corpo. Em 2 de Março de 1867, Porto Alegre voltou ao seu corpo de exército e Argolo à sua divisão.”

Em Maio de 1867, houve uma grande enchente nos rios Paraguai e Paraná, de tal forma que os hospitais, depósitos de Itaperu e acampamento de Curuzu ficaram inteiramente invadidos pelas águas.

Em suas contínuas viagens de inspecção, Caxias foi nesta ocasião até Curuzu (29 de Maio) e aí verificando o perigo com que as enchentes ameaçavam as tropas nesta praça de guerra (e como já era seu pensamento) resolveu transferir grande parte da sua guarnição para Tuiuti, deixando lá apenas uma guarnição de segurança.

Diz o general Tasso: “Estando ali a providenciar sobre o caso, foi informado de que algumas bóias das que dispunham os torpedos de Curupaiti e Humaitá tinham vindo parar entre os navios brasileiros. A razão se lhe afigurou oportuna para uma tentativa de subida da força naval brasileira. Chamou a atenção do almirante para a vantagem de se fazer um reconhecimento formal com toda a esquadra, até onde fosse possível chegar. Além disso o ataque serviria para dissimular melhor a transferência de acampamento”.

De facto, o bravo almirante providenciou logo com entusiasmo para que tudo fosse realizado com êxito.

Assim com a coadjuvação das baterias de Curuzu teve lugar o combate de 29 de Maio, onde a bravura da nossa marinha mais uma vez ficava patenteada nas lutas contra os Paraguaiois.

Desta forma informou o bravo almirante ao Marechal Caxias: "Apesar da extraordinária crescente do rio, as baterias de Curupaiti estão em perfeito estado de conservação, de defesa.

Sua guarnição é pequena e aumenta-se a um sinal dado que a esquadra vê fazer sempre que as suas divisões operam algum movimento.

A barranca é cortada à pique; apenas com uma pequena saliência como a do costado de navio: em parte nenhuma oferece logar de desembarque, excepto na extremidade norte, onde deságua um pequeno arroio e estão escondidas algumas canoas.

Se há torpedos, estão muito dentro da estacada, bem próximos da qual estiveram os três navios da frente.

Com grave risco e a todo o transe, pode a esquadra transpor este ponto em pouco mais de uma hora; com uma operação paralela e bem combinada com o exército, diminui o risco e o proveito torna-se certo.

Se o exército e a esquadra passarem simultaneamente Curupaiti, está vencido o primeiro, o hercúleo empecilho desta campanha

V. Excia. tudo viu de perto e fará a devida justiça aos esforços empregados para cumprir suas ordens, com que meus leais e dedicados chefes, comandantes, oficiais, e guarnições me coadjuvaram nesta magnífica jornada contra nossos inimigos".

Em represália ao ataque de 29 de Maio, os Paraguaioes no dia seguinte deste combate romperam nutrido fogo de atilharia, sobre Curuzu.

Mas a despeito de todos os esforços do inimigo, e enquanto a esquadra acometia Curupaiti, em pouco tempo toda a cavalaria do 2.º corpo de Curuzu, a artilharia e o parque de munições eram levados sem grandes esforços para bordo dos transportes que os conduziram para o Passo da Pátria, num total de pouco mais de 4.500 homens, ficando apenas em Curuzu, cerca de 1.500 soldados com treze bocas de fogo.

Este último contingente que restou em Curuzu, foi posteriormente retirado dali em 4 de Julho de 1867 e levado para Passo da Pátria. Desta forma foi então Curuzu definitivamente abandonada. “o capitão de fragata Pereira da Cunha, encarregado de assistir a esta transferência, informou, que durante ela, não ocorreu incidente algum notável e que depois de evacuado completamente aquele acampamento, se havia posto fogo às palhoças e arrasado os entrincheiramentos” (Diário de Caxias).

Um facto notável ocorreu então nos acampamentos das nossas forças em operações: Em Maio haviam chegado dois balões de observação, de modo que se pudessem observar as atividades inimigas nas nossas frentes em Tuiuti.

As ascensões foram feitas regularmente, a despeito dos esforços inimigos que por todos os meios procuraram destruir os balões.

Nesta ocasião o marechal Caxias havia determinado chamar o 3.º corpo de exército ao teatro de guerra..

Este corpo que estava sob o comando de Osório no Rio Grande do Sul imediatamente se movimentou e veio reunir-se às forças de Caxias, deixando todavia o general Portinho com cerca de 1.200 homens em missão de observação na margem esquerda do Paraná.

O NOVO PLANO DE MANOBRA DE CAXIAS

No dia 22 de Julho de 1867, tomadas todas as providências julgadas necessárias para a realização dos seus novos objectivos de combate, Caxias, depois de aumentar o poder defensivo de Tuiuti com a construção do reducto central e mais a de uma trincheira que barrava o acampamento de leste a oeste, desde o Estero Rojas até a margem da lagoa Pires, deixando aí em Tuiuti cerca de 8.000 homens sob o comando de Porto Alegre, determinou a marcha do seu exército com a seguinte ordem do dia:

“Comando em chefe de todas as forças brasileiras e interino dos exércitos aliados em operações contra o governo do Paraguai. Quartel General em Tuiuti, 21 de Julho de 1867.

Ordem do dia N.º 2. — Devendo amanhã pôr-se em marcha os exércitos aliados, com excepção do 2.º corpo do exército brasileiro, sob o comando do Exmo. Snr. Tenente General Visconde de Porto Alegre, e uma força do exército argentino que por ora ficam ameaçando o flanco direito inimigo; determina S. Excia. Snr. Marquês Marechal e comandante chefe, que as forças que têm de mover-se o façam ao toque da alvorada na seguinte ordem:

Vanguarda. Sob o comando do Exmo. Sr. Tenente General Barão do Herval; a 1.ª e 2.ª divisões de cavalaria; infantaria oriental; três companhias do batalhão de engenheiros; a 4.ª divisão de infantaria brasileira, reforçada com a 4.ª e a 12.ª brigadas da mesma arma e nacionalidade; quatro estativas de foguetes a congreve; quatro peças de artilharia brasileira.

Grosso do exército: — Todo o exército argentino, 5.^a divisão de cavalaria brasileira; três companhias do batalhão de engenheiros; corpo de atiradores; 1.^a divisão de infantaria; 1.^o regimento de artilharia montada, idem; 2.^a divisão de infantaria; quatro estativas de foguetes; 3.^a divisão de infantaria brasileira, menos a 4.^a Brigada da mesma arma e nacionalidade; transporte e polícia; 6.^a divisão de cavalaria brasileira, Assinado. Coronel João de Sousa da Fonseca Costa, chefe do Estado Maior.”

Caxias havia previsto todos os casos que eram possíveis de imaginar no momento sobre a acção do inimigo para obstar as realizações do seu plano de ataque, e cerca de um mês antes de iniciar a marcha, havia dado instruções especiais a Porto Alegre nos seguintes termos:

“Tendo de marchar com o 1.^o e 3.^o corpos do exército brasileiro, com o fim de flanquear as fortificações inimigas, fica V. Excia. com o 2.^o corpo de exército, do seu comando, aumentado com forças do 1.^o que lhe serão anexadas, encarregado de sustentar as posições de Tuiuti e Passo da Pátria, podendo obrar como melhor entender e as circunstâncias exigirem, tendo em vista sempre a necessidade de manter nossos depósitos e as comunicações com a cidade de Corrientes e o grosso do nosso exército. . . . Sendo o fim do movimento que vai empreender o exército: flanquear as trincheiras inimigas e atacá-las pela rectaguarda, se este caso se der e V. Excia. pressentir o ataque, deverá acometê-las de frente pelo lugar que melhor lhe pareça.

Mas, se o inimigo, prevendo o nosso movimento de flanco, desemparar as linhas do Rojas, que actualmente occupa, ou a enfraquecer para oferecer batalhas ao nosso exército em campo raso, deverá V. Excia. também atacá-lo pela rectaguarda, se lhe for isso possível, sem, contudo, abandonar de todo a nossa base de operações, salvo o caso de se retirar ele, abandonando as fortalezas de Curopaiti e Humaitá.



Segundo a carta publicada pelo gen. Tasso Fragoso

Se o inimigo não nos sair ao encontro e, pelo contrário, se concentrar nas trincheiras que construiu desde o centro das nossas fortificações até Humaitá, o nosso exército lhe porá sitio, se o não puder logo atacar, e, nesse caso, V. Excia conservará as posições de Tuiuti até que receba ordem em contrário.”

Quanto à esquadra, Caxias deu ao almirante a seguinte ordem: “Se no dia 1 de Julho tiver passado o 3.º corpo de exército o rio Paraná, em Itati, no dia 2 deverá o grosso do exército principiar a marcha do Passo de Tio Domingos, em direcção a S. Solano, donde irá tomar posição para atacar Humaitá ou sitiá-la, se não puder assaltar.

A esquadra não deve empreender a subida do rio Paraguai, antes de ter certeza de estar o exército naquela altura.

O fogo de artilharia do exército servirá de sinal para o ataque, se antes o general chefe não puder mandar aviso escrito ao Sr. comandante chefe da esquadra.

Logo que esta esteja acima de Humaitá, deverá tratar de abrir comunicações com o exército pelo rio e de cortar a retirada do inimigo no Tebicuari, fazendo subir os vapores e lanchas armadas que possam navegar nesse rio.”

Realmente no dia indicado, entrou em movimento a tropa que iria efetuar a mais memorável das marchas estratégicas de nossa história militar, com o título que a posteridade lhe consagrou de “Marcha de flanco de Caxias.” O entusiasmo, a alegria de todos os soldados repercutiram com tamanha expansão que até os doentes vinham oferecer os seus serviços ao chefe invicto. A marcha foi iniciada com o apoio de um ataque das tropas que ficaram estacionadas em Tuiuti para cobrir o seu início.

Diz Octaviano de Sousa: "O caminho era dificultoso. Onde não havia areia fina e movediça, na qual as rodas da artilharia se enterravam até os eixos, o terreno palmilhado serpeava através de bosques de palmeiras, em repetidos zigue-zagues.

Percorridas duas léguas, o exército acampou no lugar denominado Alvarenga, logar cómodo e descoberto, impróprio às surpresas do inimigo.

A tropa, segundo o correspondente do jornal do Comércio, estava extremamente fatigada com a marcha desse dia; mas satisfeita, pois via-se fora da espécie de curral em que se encerrara durante quinze meses e tinha verificado a possibilidade, até então controvertida, de sair para melhor terreno.

Aos 23 continuou a marcha na ordem precedente, infletindo-se mais e mais para o norte.

O terreno, entretanto, complicado de pequenos esteiros, areais e bosques espessos de palmeiras, deparava-se mais obstaculoso que o da jornada anterior.

A marcha reduziu-se a meia légua de deslocamento, em cujo termo, ao Passo do Alcinha no Esteiro Belaco, estacionou o grosso da coluna.

Patrulhas inimigas fugiam espavoridas à aproximação dos aliados".

O general Tasso narra o início da marcha do seguinte modo: "Caxias lançou para frente (no dia anterior ao início da marcha) em exploração a 1.^a divisão de cavalaria do comando do brigadeiro José Luis Mena Barreto com 1.600 homens e alguma inantaria...

No dia 23, a tropa abalou ao amanhecer. A vanguarda foi acampar perto de Passo Pinto e o grosso em Carandá (um pouco adiante do acampamento de onde havia saído a vanguarda), depois de percorrer léguas e meia.

Caxias marchou com o grosso; após o estacionamento deste (às 9,30 horas da manhã) foi até a vanguarda. Soube aí que os exércitos argentinos e oriental, que ainda se encontravam do outro lado do esteiro, teriam de marchar uma légua e a vanguarda duas para fazerem junção, visto não haver na zona intermediária nenhum passo que desse vau.

Mandou por isso uma brigada de cavalaria da vanguarda transpor o esteiro no Passo Alcinha e ir reunir-se àqueles dois exércitos para lhes servir de proteção.

No dia 24, a vanguarda continuou a marcha; avançou mais ou menos duas léguas, transpôs o esteiro no Balaco no Passo Tio Domingos e acampou junto deste Passo.

O grosso foi estacionar nas imediações da tapera Alejo Osuna. Atravessaram vários banhados e atoleiros.

Os exércitos argentino e oriental não puderam mover-se, porque tinham os bois e cavalos algum tanto cansados”.

Houve uma pequena parada nos dias 26 e 27 do exército, mas no dia 28, continuando o movimento, atingiu a vanguarda o Negrete, não muito distante da povoação de Tuiú-Cué e o grosso estacionou em Mancuelo a duas léguas de Cabrera-Cué.

A partir destes pontos, a coluna tomou a direcção de Oeste, no sentido das posições entrincheiradas do inimigo.

No dia imediato, os aliados investiram contra Tuiú-Cué que os Paraguaioes abandonaram depois de incendiar a povoação. Neste local assentaram os aliados acampamento.

Daí via-se, perfeitamente e pouco além de uma légua, a fortaleza de Humaitá, com os seus quartéis, torres e mirantes.

Cuidou Caxias de fortificar Tuiú-Cué e principalmente de tornar aquele ponto fácil às comunicações em Tuiuti, de modo a facilitar o transporte de víveres e munições entre este e aquele novo acampamento.

Em marcha, soube Caxias da chegada de Mitre ao acampamento de Tuiuti e imediatamente escreveu-lhe, congratulando-se, com ele pela sua chegada e pondo-se inteiramente, como lhe cumpria, às suas ordens como general chefe dos exércitos aliados.

De facto no dia 1 de Março reassumiu Mitre o commando das forças aliadas.

Diz Jourdan: "Depois de acampado, o grosso do exército em Tuiuti-Cué, o general chefe, pelos reconhecimentos à que mandou proceder, vê que a extensa trincheira que parte do Tuiuti se une com a de Humaitá e manda o exército estender os seus acampamentos: Osório na vanguarda, com o 3.º corpo, o grosso das forças do centro, pouco depois Argolo, com parte da infantaria e artilharia ocupa S. Solano e os Argentinos à testa dos quais se acha agora o presidente Mitre, como comandante chefe, acampam a esquerda, apoiando-se no esteiro Rojas.

Começa-se desde logo a construir trincheiras que acobertem nossos acampamentos de alguma surpresa, e estabelece-se a comunicação directa para Tuiuti, fazendo-se três pontes no esteiro Rojas, no passo Ipoí. Esta estrada tem cerca de três léguas de extensão, atravessa os Palmares, em frente à linha de fortificações inimigas, que liga Sauce ao Passo Espinillo".

Disposições.

Assim, diz Bermon, o inimigo detrou no campo 200 mórtes e tomamos-lhe 500 cavalos de corte, cavallaria e algum armamento e ferramental de mórtes. A expedição prestou um grande serviço, porque destruiu grande parte da linha telegraphica que communicava Humaitá com Assunção.

Logo em seguida (11 de Agosto) houve novo encontro das nossas tropas com as do inimigo que com um exército de 1.000 homens atacou um estabecio aliado que pertencente de Tuiuti, tomara destino para Tuiuti-Cué.

Em mataria soube Caxias da chegada de Mitr so
 acampamento de Taiti e imediatamente escreveu-lhe
 consagrandolo-se com ele para a guerra e sendo se
 igualmente como lhe cumprira as suas ordens como se
 naval chefe dos exercitos aliados.

De tanto nobre J de Mitr: reassumiu Mitr o comman-
 do das forças aliadas.

Da Jorden: Depois de acampado o grosso do exer-
 cito em Taiti, o general aliado, pelos conhecimentos
 que a elle mandou proceder, ve pre a guerra transman-
 da parte do Taiti se mandou a de Hanaia e trouxe o
 exercito estender os seus acampamentos. Como as man-
 das, com o J, coupo o grosso das forças do exercito para
 o ponto de Taiti, como parte de Hanaia e aliadas
 coupo J de Mitr e as forças aliadas a terra das duas se para
 a guerra e presidente Mitr, como comandante geral, acan-
 para a guerra, quando se no exercito J de Mitr.

Comeca-se desde logo a construir trincheiras que
 cobririam nesses acampamentos de alguns dias, e
 estabele-se a communicação directa para Taiti, Jorden
 de as tres partes no estado de Jorden, no passo Jorden, para
 toda a extensão de tres leguas de extensão, e tres leguas
 firmes, em frente a linha de fortificação aliadas,
 que lhe serve de base de Taiti.

Logo que as trincheiras foram feitas e as fortificações
 feitas, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e
 logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e
 logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e

Logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e
 logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e
 logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e
 logo que chegaram, os aliados marcharam para o ponto de Taiti, e

COMBATE DE PARE-CUÉ

Firmado em Taiu-Cué, o Marquês de Caxias procurou atacar os Paraguaiois constantemente afim de tê-los sempre em estado de inquietação.

Em S. Solano havia uma patrulha inimiga com algum gado e cavahada e que naturalmente fazia a cobertura de uma tropa estacionada nas imediações de Pare-Cué.

Quando o general Henrique de Castro (3 de Agosto de 1867) fazia um reconhecimento à vila do Pilar com cerca de 3.000 homens de tropas brasileiras e argentinas, a sua vanguarda (o 11.º de guarda nacionais) encontrou aquela patrulha que se retirou ao ser atocada em direcção a Pare-Cué, onde havia perto de 700 homens de cavalaria.

Atacados pela vanguarda, já então reforçada com o 5.º regimento de cavalaria, foram os Paraguaiois perseguidos até o arroio Hondo e, quando se dirigiam para a vila do Pilar, foram acoçados pelos regimentos de Andrade Neves (famosa milícia rio-grandense) que os rachou impiedosamente.

"Assim, "diz Borman", o inimigo deixou no campo 200 mortos e tomamos-lhe 600 reses de corte, cavahada e algum armamento e ferramenta de ponteiros. A expedição prestou um grande serviço, porque destruiu grande parte da linha telegráfica que comunicava Humaitá com Assunção".

Logo em seguida (11 de Agosto) houve novo encontro das nossas tropas com as do inimigo que com um efectivo de 1.600 homens atacou um comboio aliado que, procedente de Tuiuti, tomara destino para Tuii-Cué.

Diz Borman: "O general Porto Alegre tinha sempre de prontidão algumas forças e, apenas soube do ocorrido, ordenou que seguisse um esquadrão correntino que se achava mais próximo do sítio do ataque e atacasse o inimigo pela frente e ao mesmo tempo mandou o 12.º de cavalaria, e dois batalhões de infantaria, todos brasileiros por um caminho que ia ter ao flanco direito do inimigo.

Os Paraguaiois não esperavam por essa tormenta e assim seguiam alegres conduzindo a bela preza.

De repente, caiu em cima, com uma carga vertiginosa, o bravo 12.º que imediatamente lança entre eles a desordem e, como consequência, abandonaram o comboio e batem em retirada, acossados pelas lanças rio-grandenses que os levam até junto as suas trincheiras."

Desta forma o marechal Caxias efetuava a limpeza das partidas que exerciam as suas actividades fora das fortificações.

PASSAGEM DE CURUPAITI

Em princípios de Agosto, houve uma reunião de generais, em que o marechal Caxias expôs o seu ponto de vista quanto à acção que se devia tomar imediatamente contra o inimigo e nessa ocasião propôs que se atacassem, sem perda de tempo, as posições inimigas.

Todavia, achava Mitre tarefa perigosa o ataque imediato de Humaitá, e opinou pelo aperto do sítio concomitantemente com a acção da esquadra.

Era claro que o sítio se impunha naquele momento como única operação imediata, mas não se compreendia que forçando, pela esquadra, a passagem das duas fortalezas (Curupaiti e Humaitá), collocaria os navios do Visconde de Inhauma em condições precárias até que estas fortalezas caissem em poder dos aliados.

Sobre a tarefa que se lhe impunha, discordou o Almirante que declarou que obedeceria, entretanto, mostrando os inconvenientes da acção sem a tomada daquelas fortalezas, e por isso opinava que se forçasse, por enquanto, apenas Curupaiti.

Todavia, Mitre julgava que sem o forçamento imediato das duas fortalezas nada se poderia fazer em prosseguimento da acção ofensiva..

Embora o marechal Caxias concordasse e ordenasse o forçamento de Curupaiti, entretanto reservadamente declarou ao Almirante que ficaria ao seu critério de commandante da esquadra e ao seu grande patriotismo, seguir ou não além de Humaitá ou voltar ao seu ancoradouro em Curuzu, se visse inconvenientes no prosseguimento da acção.

Diz Thompson: "Humaitá está situada, como Curupaiti, numa barranca plana, 30 pés acima do nível do rio, e numa apertada curva em forma de ferradura, criada pela correnteza, a qual apresenta uma superfície côncava que permite concentrar o fogo de todas as baterias em um ponto qualquer da curva.

A barranca tem uma extensão de 2.500 jardas (2.285 m.) e suas extremidades findam em carriçais.

A povoação está rodeada de uma trincheira cujos extremos se apoiam no rio, no ponto em que começam os carriçais e cuja extensão é de 14.800 jardas (13.527 metros) inclusive os redentes espaçados de 250 jardas (228m.) um do outro.

Subindo o rio, não há acima de Humaitá comunicação possível com a terra antes de chegar ao Pilar, por causa do carriçal, salvo na barranca chamada Taií, 15 milhas ao norte de Humaitá, donde parte um caminho que conduz às estradas reais do interior.

Por isso Taií tornou-se importante ponto estratégico.

Do lado de terra, fecha-o completamente uma selva impenetrável, com uma única abertura pela qual Lopez introduzia grande cópia de gado, que depois retirava pela extremidade próxima a Humaitá, conforme as necessidades.

Quando o rio está baixo, há um caminho do Taií a Humaitá, ao longo da margem, mas que obriga a passar em canoa o arroio Hondo.

Fora da trincheira do Humaitá e numa extensão de muitas léguas, o terreno é coberto de pântanos que deixam entre si estreitas linguas de terra, especialmente perto de S. Solano e Tuiú-Cué, porém a maior parte do terreno junto ao entrincheiramento é praticável.

O terreno da margem direita do rio em frente a Humaitá é inteiramente intransitável, embora tenha sido cruzado pelos Paraguaiois até Timbó.

Quando o rio cresce, ele fica completamente coberto d'água, e desde aí até umas 3 léguas da foz do Tebicuari não se pode fazer nenhum desembarque, porque tudo é carriçal."

Estes eram os grande obstáculos que os aliados tinham de enfrentar. Efetuada a passagem do Humaitá, naturalmente os aliados teriam feito arriscada e difficil manobra operatória, mas, percebendo o inimigo a iminência de um movimento de circunvalação com suas linhas de comunicações cortadas, teria que forçosamente buscar batalha fora das suas trincheiras para escapar a uma situação crítica e de desespero. Este era o ponto de vista de Mitre, que achava duvidosa qualquer acção ou operação de terra isolada, o que só daria resultados com a cooperação da esquadra.

O almirante ponderava o seguinte: "Ir além de Humaitá com os couraçados já expostos em Curupaiti é exigir o mais árduo dos trabalhos, que difficilmente desempenharia qualquer poderosa esquadra moderna, maximè entregue, como fico, aos meus sós recursos. E dado que, por fortuna das armas do Império, force os dois passos, segue-se daí que me fica livre a comunicação com Curuzu?"

Quinhentos homens em Humaitá, duzentos em Curupaiti, conservam as coisas como estão, e a esquadra brasileira passa de bloqueadora a bloqueada, se o exército não vence estes dois obstáculos.

Depois de uma série de estudos sobre a difficil questão do forçamento das duas fortalezas, o Almirante respondeu dizendo que achava que devia ser forçada a passagem de Curupaiti e quando isso se desse, o que naturalmente abateria o ânimo do inimigo, ele procuraria executar a segunda fase já sobre Humaitá, não de rota batida, partindo de Curuzu, mas com as providencias que a tácti-

ca naval prescreve e então procuraria com todas as forças da artilharia de que dispunha, cortar as cadeias que fechavam as suas passagens.

Depois então de assentada a passagem de Curupaiti e na véspera da sua execução, o Almirante Joaquim José Inácio fez publicar a seguinte ordem do dia: "Brasileiros! O passo difícil e famoso nos anais da presente guerra, Curupaiti, vai ser por nós flanqueada amanhã; Humaitá há-de seguir-se-lhe mais tarde ou mais cedo. Ides empreender trabalhos tão árduos como os que empreenderam os antigos homens de Nelson e os modernos de Farragut e Porter... Enchei-vos de esperanças. A Virgem Santíssima da Glória, a Senhora da Vitória, e Assunção da Mãe dos Deus, são os órgãos que a Igreja Santa faz presidir ao dia 15 de Agosto. E' pois com a glória e a vitória que iremos a Assunção".

Assim, pelas 6 horas de amanhã do dia 15 de Agosto, o couraçado Brasil com o pavilhão arvorado e levando a seu bordo o comandante-chefe da esquadra, movimentou-se do ancoradouro de Curuzu, sendo então imitado por toda a divisão couraçada. (Mariz e Barros, Tamandaré, Colombo, Baía, Cabral, Barroso, Herval, Silvado, Lima Baros, etc.)

A passagem devia ser então forçada com dez encouraçados, grupados em duas divisões, apoiadas abaixo de Curupaiti pela esquadra de navios de madeira, também grupada em duas divisões.

De facto, a esquadra do almirante José Joaquim subiu lentamente o torrentoso Paraguai, recebendo logo uma forte carga de artilharia despejada dos canhões de grosso calibre do inimigo, e durante quarenta e oito minutos gastos na passagem enfrentou nada menos de trezentas balas arremessadas da distância de meio tiro.

Diz Rocha Pombo: "Via-se agora a esquadra numa situação de verdadeira angústia: avançar de seguida contra Humaitá não era prudente nas condições em que se achavam os navios; retroceder seria expor toda a esquadra a maiores estragos, tanto mais que Lopez se apressara em fazer assestar em Curuzu poderosas baterias.

Não havia outro expediente senão o que se tomou: os navios ancorados do lado do Chaco para reparar as avarias, ali separados das canhoneiras, e sem comunicações com o exército pelo rio.

Para o serviço de abastecimento da esquadra, teve-se de abrir com grande trabalho, um caminho pela margem direita do Paraguai entre Três Bocas e um ponto do ancoradouro. E ali ficou, entre Curupaiti e Humaitá, numa quase inacção de seis meses, aquele que era o valioso factor da guerra na fase em que ela se encontra".

The first of these is the fact that the American people are becoming more and more interested in their own health. This is due to a number of causes, but the most important is the fact that the average life expectancy is increasing. This means that people are living longer and therefore have more time to spend on their health. This has led to a greater demand for medical services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals. Another cause is the fact that people are becoming more educated and therefore are more likely to understand the importance of good health. This has led to a greater demand for health care services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals. A third cause is the fact that people are becoming more affluent and therefore are more likely to be able to afford health care services. This has led to a greater demand for health care services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals.

The second of these is the fact that the American people are becoming more and more interested in their own health. This is due to a number of causes, but the most important is the fact that the average life expectancy is increasing. This means that people are living longer and therefore have more time to spend on their health. This has led to a greater demand for medical services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals. Another cause is the fact that people are becoming more educated and therefore are more likely to understand the importance of good health. This has led to a greater demand for health care services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals. A third cause is the fact that people are becoming more affluent and therefore are more likely to be able to afford health care services. This has led to a greater demand for health care services and a corresponding increase in the number of doctors and hospitals.

COMBATES DE SETEMBRO DE 1867

Quando pela manhã de 6 de Setembro de 1867, um piquete de reconhecimento com 57 homens, sob o comando do capitão do 1.º Corpo Provisório da Guarda Nacional, Vasco Antônio da Fontoura Chananeco, fazia explorações à frente da posição de São Solano, foi atacada por um forte contingente paraguaio de mais de 500 homens.

Apesar de atacado por forças numerosas, o capitão Chananeco com sua gente resistiu heróicamente, dizimando as formações do inimigo, até que conseguiu vitória completa, já então socorrido depois de tenaz luta pelo grosso do 1.º corpo provisório e 2.º regimento de cavalaria.

Diz o marechal Borman: "Felizmente, nas proximidades estava uma divisão de cavalaria, sob o comando do general José Luís Mena Barreto, que avançou em proteção e então foi o inimigo completamente batido, deixando no campo para mais de 150 mortos e grande quantidade de material de guerra. O bravo Chananeco e seus oficiais foram promovidos por actos de bravura."

Ainda no mês de Setembro, outro encontro houve que demonstram a grande actividade das forças aliadas em suas novas frentes.

Havia partido de Tuiú-Cué 1.500 homens de cavalaria da 2.ª divisão e uma força argentina comandada pelo general Hornos e mais os corpos 1.º e 21.º da Guarda Nacional sob o comando do brigadeiro José Joaquim de Andrade Neves, com o fim de fazer explorações na margem esquerda do Paraguai, até a vila do Pilar, quando uma vanguarda do 11.º de Guardas Nacionais se chocou com uma força paraguaia que, batida refugiou na mata para evitar a perseguição.

Ainda, no mesmo dia, pouco depois, uma força de cavalaria de 200 Paraguaiois; também batida, escapou pelo mato e banhados adjacentes.

Quando estes encontros iam tendo curso, foram ouvidos tiros de canhão que pareciam provindos do lado do Pilar.

Com tantas ocorrências, resolveu Andrade Neves precipitar os seus reconhecimentos sobre a vila do Pilar, ocupando a parte da vila aquém do arroio Nembucú por forças do 10.^o e 11.^o corpos de Guardas Nacionais, enquanto outra força fazia um reconhecimento mais junto ao passo da vila.

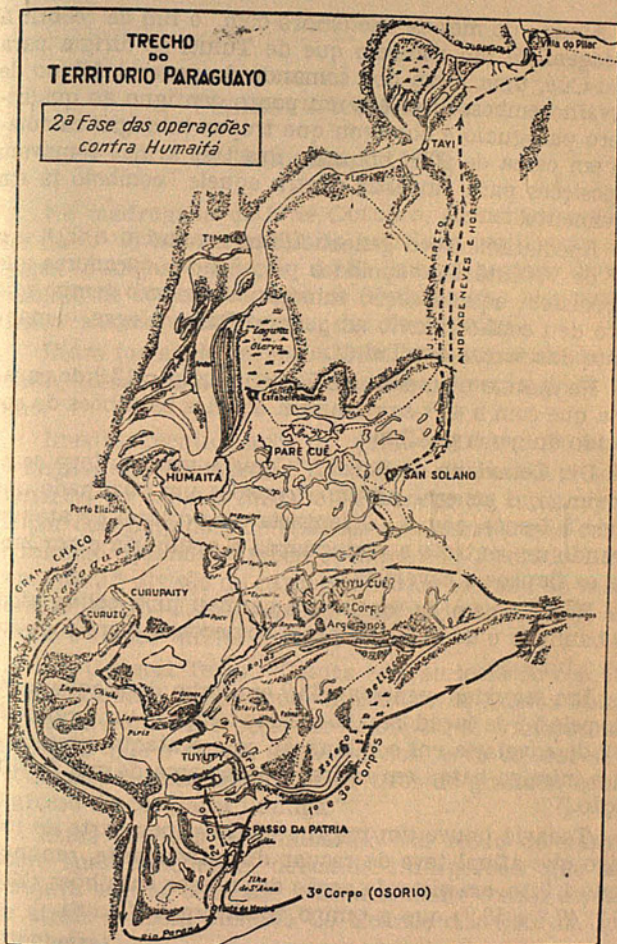
Informado da dificuldade da travessia do rio no ponto escolhido, resolveu Andrade Neves vadear o arroio noutra parte, meia légua acima e determinou ao tenente coronel Manuel Rodrigues que impedisse um desembarque que se tentava com tropas paraguaiaias que viajavam em uma chata e dois vapores.

Atingindo o referido passo meia légua acima, mandou que um esquadrão do 6.^o corpo o transpusesse afim de alcançar a outra margem do rio e dar combate ao inimigo que, então, tomara posição por detrás de um cercado.

Quando o esquadrão, acima referido, já reforçado com o resto do 6.^o corpo, entrou em contacto com o inimigo, Andrade Neves a atravessou o arroio com o 1.^o, o 7.^o e o 21.^o e ocupou a mesma frente do 6.^o corpo.

Nesta ocasião, por sua ordem, o 21.^o desenvolveu um ataque pela esquerda adversa, conjuntamente com a acção que se fazia pela frente inimiga.

Em sua própria parte, conta Andrade Neves "que suas ordens foram executadas com aquela bravura própria dos nossos soldados, sendo a cavalaria e a infantaria paraguaiaias completamente derrotadas e lançadas sobre o arroi, e ai ainda perseguidas e mortas, caindo em seu poder duas peças de artilharia e grande número de prisioneiros."



Segundo a carta publicada pelo gen. Tasso Fragoso

Ainda no mês de Setembro com o fim de cobrir a passagem de um comboio que de Tuiuti se dirigia para Tuiu-Cué, uma força do comando do general Albino de Carvalho emboscou-se em um ponto contíguo ao quadri-látero paraguaio e observou que tropas inimigas calculadas em cerca de 900 homens das três armas tomavam disposições para investir contra aquele comboio já em movimento.

Imediatamente o general Albino mandou o 29.º e o 41.º de Voluntários apoiados pelo 5.º de caçadores que impedissem aquela acção inimiga, ao mesmo tempo que disto deu conhecimento ao general Porto Alegre, comandante das forças em Tuiuti.

No mesmo momento, de Tuiuti partiu o 13.º de cavalaria que com o 49.º-se reuniram àqueles batalhões do comando do general Albino.

Diz Octaviano de Sousa: "Como o inimigo logo se aproximou, o general Albino transpôs um banhado que havia à frente, com a infantaria em coluna de ataque, levando no centro e a rectaguarda a artilharia e por ambos os flancos a cavalaria.

Nesta ordem de formatura ganhou uma colina além do banhado e de lá a artilharia começou a fazer fogo sobre o inimigo.

Em seguida, avançou o 43.º em linha de ataque apoiado pelo 5.º de caçadores. Ao mesmo tempo, a uma carga do 12.º de cavalaria em combinação com o ataque precedente, o inimigo bateu em retirada para cerca de sua fortificação."

Todavia houve um retorno ofensivo por parte do inimigo que afinal teve de recuar definitivamente, renunciando a luta, em vista da acção dos nossos batalhões (28.º, 36.º, 47.º e 56.º) que a tempo acudiram de Tuiuti.

COMBATE PARE-CUÉ

(3 de Outubro de 1867)

Na madrugada de 3 de Outubro, elementos avançados da 6.^a divisão de cavalaria brasileira verificaram que forças inimigas, na região de S. Solano, haviam tomado posições de combate aquem do banhado que separava os nossos elementos avançados dos do inimigo.

Eram forças de cavalaria inimiga que, saindo de Humaitá, tomavam a direcção daquela povoação de S. Solano.

Imediatamente, após os primeiros contactos dos elementos de cobertura, a 6.^a divisão de cavalaria sob o comando do coronel António Fernandes de Lima, apoiada por dois batalhões de infantaria, arremessou-se contra o inimigo, quando também o impávido Andrade Neves com sua 2.^a divisão de cavalaria e uma brigada de infantaria de Barros Falcão, apoiou a acção da 6.^a divisão, atacando o flanco direito inimigo.

Diz o General Tasso: "Caxias vem ao local do combate e ordena que a brigada de infantaria de Barros Falcão, reforçada com duas peças de campanha, transponha o banhado que a separa da 2.^a divisão e vá colocar-se na rectaguarda desta. Manda fazer tiros de granada contra o grosso da cavalaria inimiga."

Estas medidas determinaram um recuo do inimigo sobre suas trincheiras, deixando transparecer que não desejava aceitar combate, e naturalmente com o objetivo de atrair a nossa ofensiva ao alcance dos tiros de suas trincheiras.

Mas Caxias ordenou a retirada da 6.^a divisão de cavalaria e da brigada de infantaria, mandando que a 2.^a divisão ficasse de vigilância até nova providência já determinada.

Não compreendendo a manobra de Caxias, os Paraguaiois, supondo tratar-se de uma retirada, arremessaram-se violentamente contra as nossas forças, e atacam a 6.^a divisão.

Em face destes acontecimentos, Andrade Neves com a 2.^a divisão contramarcha sobre o flanco direito inimigo e ordena que outros elementos cooperem sobre o flanco direito dos Paraguaiois, afim de ser evitado o envolvimento da 6.^a divisão.

Diz o general Tasso: “Neste momento aproxima-se o 50.^o Corpo de Voluntários e desenvolve em linha à recta-guarda da cavalaria, que lhe proporciona uma frente livre ganhando os flancos. Os infantes abrem fogo e fazem descargas cerradas contra os Paraguaiois. A cavalaria brasileira aproveita a vacilação que eles revelam e carregam-os, derrotando-os e pondo-os em fuga. O combate durou mais de três quartos de hora e desenvolveu-se numa frente de cerca de três quilómetros”.

O inimigo perdeu cerca de 600 mortos com 200 prisioneiros e apreendemos inúmeros estandartes, armamentos, munições e muitos cavalos arreados.

É digno de menção o que nos conta o marechal Borman: “O 18.^o corpo de Guardas Nacionais rio-grandense estava com a cavallhada em péssimo estado, a ponto de não poder tomar parte na luta.

Os seus officiaes reuniram-se e formaram meio esquadrão, no qual admitiram três sargentos e um cabo, montados todos nos melhores cavalos que encontraram na péssima cavallhada do corpo.

Era meio esquadrão; mas, só de valentes, cuja arma única, haviam combinado, ser a lança simplesmente.

O meio esquadrão atirou-se à arena aos vivas e “hurrahs”: era um vendaval que levava tudo de vencida à ponta de lança.

Cavalos e ginetes inimigos são atirados ao chão ao choque do meio esquadrão brasileiro.

O marechal Caxias que presenciou esse episódio, o aplaudiu com muito entusiasmo, dizendo ao seu estado-maior que felicitava os oficiais do meio-esquadrão depois da acção”.

COMBATE DE TATAÍBA

Os Paraguaioi não se abateram com o revés sofrido em 3 de Outubro e continuaram a aparecer diàriamente fora das suas trincheiras para dar pastos aos seus animais, acercando-se cada vez mais das nossas linhas avançadas.

Diante desta nova situação, Caxias concebeu a ideia de atacá-los, de surpresa, e no dia 19 de Outubro, escreveu, nesse sentido, ao general Mitre, solicitando instruções nos seguintes termos:"

"Quartel-General em Tuiu-Cué, 19 de Outubro de 1867. Exmo. — Saindo todos os dias o inimigo pelo nosso flanco direito a dar pasto à sua cavahada, parece-me muito possível surpreendê-lo por essa ocasião, fazendo acometê-lo pela nossa cavalaria que se acha daquele lado e que atacará ao mesmo tempo por três partes.

No caso de V. Excia. estar conforme com isto, rogo-lhe se sirva mandar-me dizer, para se precisar o dia e a hora em que se possa fazer este movimento com mais probabilidade de bom êxito, e previno a V. Excia que posso emprendê-lo com 5.000 homens bem montados, sem incluir os piquetes do costume, em qualquer dia da semana próxima. — Deus guarde a V. Exia. etc."

Mitre respondeu imediatamente concordando com a ideia de Caxias e acrescentou que já havia observado aquelle facto relatado pelo Marquês e portanto não tinha dúvidas em expedir as necessárias ordens para a realização do ataque que se estava prevendo.

Imediatamente Caxias reuniu os generais Mena Barreto, Andrade Neves e Vitorino Monteiro e coronel Fernan-

des Lima, respectivamente comandantes da 1.^a, 2.^a, 5.^a e 6.^a divisões de cavalaria e narrou-lhes a sua decisão, dando-lhes as instruções necessárias ao desempenho das suas missões.

Assim conta Octaviano de Sousa: “Por conseguinte a 1.^a, 2.^a, e 6.^a divisões postaram-se, na manhã 21 de Outubro, nas imediações de S Solano, e a 5.^a ocultou-se por entre os laranjais deste acampamento, com a vanguarda apoiada no parapeito que atalhava os passos do extenso banhado à extrema direita do mesmo acampamento. O Marquês encaminhou-se para esta posição, centro de nossas linhas avançadas, e de lá observava o inimigo.

Pela forma habitual, saíram de Humaitá cerca de 2.000 homens de cavalaria, os quais se dispuseram em coluna com a frente voltada para S. Solano e o flanco esquerdo apoiado em espesso matagal.

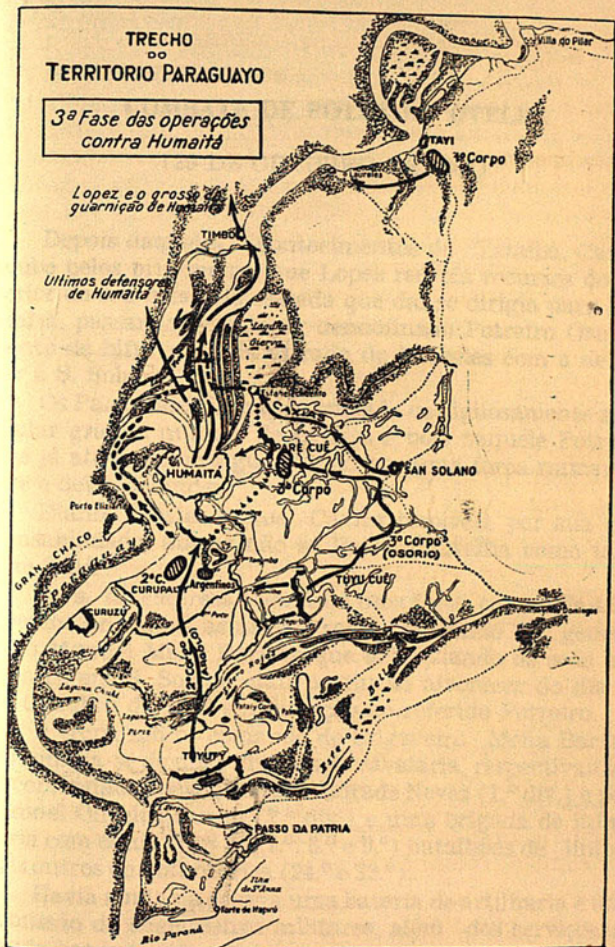
Após o movimento de outras forças em nossa rearguarda, para uma acção maior que acaso se travasse, soou a hora do ataque.

A 5.^a divisão, a um sinal do Marquês, desviou-se do laranjal e a galope, atravessou o banhado, que se lhe deparrava à frente, tomou a cavalaria inimiga pelo flanco esquerdo e com ela entrechocou-se, em combate renhido.

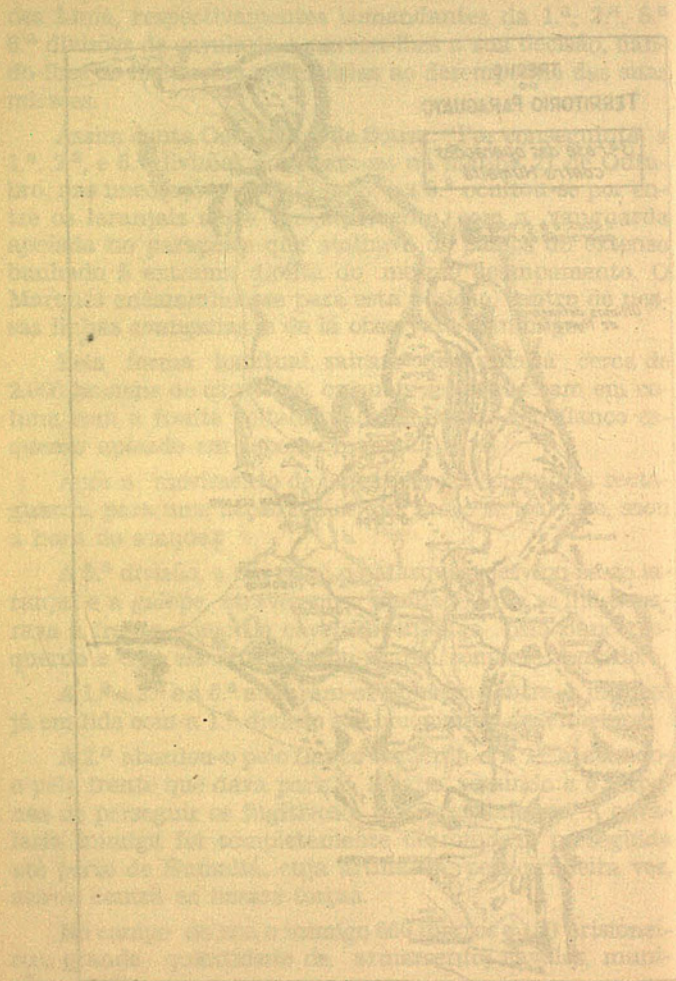
A 1.^a a 2.^a e a 6.^a atiraram-se também contra o inimigo já em lide com a 1.^a divisão sob o comando de Vitorino.

A 2.^a abordou-o pelo flanco esquerdo e a 1.^a atacando-o pela frente que dava para S. Solano, servindo a 6.^a apenas de perseguir os fugitivos e fazer prisioneiros. A cavalaria inimiga foi completamente derrotada e perseguida até perto de Humaitá, cuja artilharia, pela primeira vez, atirou contra as nossas forças.

No campo deixou o inimigo 600 mortos e 150 prisioneiros, grande quantidade de armamento, cavalos, munições, etc.”



Segundo a carta publicada pelo gen. Tasso Fragoso



Mapa del Territorio Parícuti

COMBATE DE POTREIRO OVELHA

(29 DE OUTUBRO DE 1867)

Depois daqueles acontecimentos de Tataíba, Caxias soube pelos prisioneiros que Lopez recebia recursos do interior do seu país pela estrada que daí se dirigia para Humaitá, passando pelo lugar denominado Potreiro Ovelha, ponto de bifurcação da estrada de Laureles com a de Pilar a S. Solano.

Os Paraguaiois tinham o cuidado de sigilosamente acumular grande número de cavalos e bois naquele Potreiro que já até se achava guarnecido por uma força numerosa que o devia defender.

Diante destes factos Caxias resolveu, por sua responsabilidade, atacar não só Potreiro Ovelha como também Tatí.

Para tal empresa organisou uma forte coluna de 4.000 homens de todas as armas, sob o comando do general João Manuel Mena Barreto que accumulando os seus elementos em S. Solano, dali partiu ao alvorecer do dia 29 de Outubro de 1867 em direcção ao referido Potreiro.

A tropa sob o comando do brigadeiro Mena Barreto compunha-se de duas divisões de cavalaria, respectivamente comandadas pelo general Andrade Neves (1.^a div.) e pelo coronel Oliveira Bueno (2.^a div.) e uma brigada de infantaria com cinco (1.^o 2.^o, 7.^o, 8.^o e 9.^o) batalhões de linha e dois outros de Voluntários (24.^o e 33.^o).

Havia ainda na coluna uma bateria de artilharia e uma comissão de engenheiros militares, além dos serviços de saude necessários.

A vanguarda da coluna foi feita pelos 2.^o e 3.^o regimentos da 1.^a divisão que transpuseram o arroio Hondo, onde ficaram dois outros regimentos da 2.^a divisão como garantia de acção dos elementos de vanguarda.

Ao entrar em contacto com a linha de atiradores inimigos, que guardava o caminho que dava acesso ao Potreiro, compreenderam logo os elementos da vanguarda que estavam em frente à embocadura de um caminho estreito que se comunicava, através da mataria espessa, com uma trincheira com fossos sucessivos, à rectaguarda dele, onde a luta em combate frontal devia ser muito encarniçada.

“Este desfiladeiro, diz a ordem do dia, cavado através de espessa cortina de mato, era interrompido por uma larga cortadura, e batido na saída por fogos de um intrincheiramento com ante-fosso cheio d’água e flancos apoiados em profundos banhados; e por ele unicamente se chegava ao lugar em que o grosso da força inimiga se achava ocupando uma posição ainda mais forte pela combinação de obstáculos inertes e activos.”

Em tal situação, o brigadeiro Mena Barreto jogou em ataque frontal três batalhões (2.^o, 7.^o e 33.^o) que através da picada e em baixo de forte fuzilaria acometeram de frente o entrincheiramento inimigo, enquanto, pelos flancos, foram lançados três outros que, contornando o dispositivo de manobra, conseguiram surpreender a rectaguarda inimiga. (8.^o, 9.^o e 24.^o). De reserva havia permanecido apenas um batalhão.

Diz Otctaviano de Sousa: “Enquanto os beligerantes se batiam na frente, no primeiro reencontro pela posse da trincheira, esses batalhões que a contornaram por aquele flanco, com água pelos peitos, colheram os Paraguaiois pela rectaguarda, entresacharam-se com eles e os suplantaram a baioneta, ninguém escapando, nem mesmo os raros figitivos, porque foram caçados pelo 6.^o corpo de cavalaria”.

O combate durou cerca de três horas e os Paraguaiois perderam 140 homens, entre mortos e feridos.

COMBATE DE TAIÍ

Já Caxias havia determinado o ataque a Taií, quando o Brigadeiro Mena Barreto iniciou o combate de Potreiro-Ovelha. Terminando este, os elementos de exploração mandados a Vila-do-Pilar verificaram que os Paraguaiois fugiam em canoas, rio acima.

Nesta ocasião, também a vila do Pilar fora abandonada pelo inimigo.

Mas os Paraguaiois, depois da retirada das forças brasileiras de reconhecimento, que apenas deixaram como corpo de observação o 1.º Provisório de Camilo Mércio, afluíram novamente sobre Taií com dois batalhões, transportados em três vapores.

Naturalmente Lopez com suas tropas derrotadas em Ovelha, viu-se ameaçado de grave situação, se Taií fosse ocupada pelos aliados, e, diz Thompson, "incomodou-se bastante, porque suas comunicações fluviais poderiam ser cortadas com o estabelecimento de uma bateria nesse ponto.

Em consequência disso, enviou a Taií, no dia 1.º de Novembro o próprio Thompson para que traçasse uma trincheira que impedisse ao inimigo o apoderar-se da baranca."

Mas Caxias, sem perda de tempo mandou que Mena Barreto ocupasse imediatamente aquela posição e este general pôs-se logo em movimento às duas horas da madrugada de 2. de Novembro de 1867, para cumprir aquela missão.

Mena Barreto fez a sua aproximação em três colunas, na distância de meio alcance de fuzil nas duas de vanguar-

da e escalonada na seguinte ordem: O 1.º e o 8.º batalhões na direita do dispositivo; o 9.º batalhão e o 24 de Voluntários na esquerda e o 7.º e 2.º batalhões e 33.º de Voluntários em terceiro escalão a retaguarda das duas primeiras com a cavalaria em movimento de apoio nos flancos da infantaria.

Quando a infantaria de Mena Barreto alcançou a distância de assalto, precipitou-se sobre as trincheiras paraguaias e levou estas de vencidas até a borda do rio.

O combate durou cerca de duas horas e os Paraguaioes tiveram 240 mortos e inúmeros feridos.

Diz Octaviano: "Conquistada com tanto brilho a posição de Taiaí, com o inimigo cortado em suas comunicações, quer pelo Potreiro Ovelha, quer pelo rio Paraguai, tratou-se logo de fortificar aquele ponto, instalando-se à margem esquerda do mesmo rio, além de quatro peças já colocadas, mais seis peças de calibre 12, raiadas como as outras."

NOVA INVESTIDA DE LOPEZ CONTRA OS ALIADOS EM TUIUTI

Diante de tantas derrotas, Lopez compreendeu que lhe fugia das mãos a navegação livre do rio e sómente lhe restava o Chaco com suas imensas dificuldades topográficas, onde difficilmente poderia construir estradas regulares e seguras das incursões dos adversários.

Era preciso portanto um golpe audacioso que lhe salvasse tanto prejuizo e nesse momento de tantas apreensões, lembrou-se de atacar pela segunda vez, em grande escala, as posições aliadas em Tuiuti.

Julgava que em caso de êxito das forças paraguaias numa investida contra Tuiuti, naturalmente os aliados abandonariam as posições que então occupavam em Tuiucué e S. Solano e deixariam livre uma extensa zona já occupada pela necessidade imperiosa de aproximarem-se das margens do rio Paraná.

Não vacilou mais e no dia seguinte da tomada de Taií, 3 de Novembro de 1867, determinou que suas tropas investissem contra o objetivo aspirado.

"O campo de Tuiuti," transcreve o general Tasso de um dos heróis do dia 3, "limitava-se pela frente com as formidáveis trincheiras de Sauce e os campos de Jataí-Corá; pela direita, com os Palmares; pela esquerda, com a lagoa Pires; pela rectaguarda, com esteiro Bellaco, Passo da Pátria, ou antes com o Paraná.

Ê muito difficil hoje calcular esta enorme massa do terreno.

Tinha por defesa as trincheiras da célebre linha negra que começavam na lagoa Pires e vinham até o laran-

jal do centro, conhecido pelo nome de Laranjal-de-Flores, e desde até o laranjal da direita, conhecido por Laranjal-Mitre.

Em toda esta extensa cortina havia solução de continuidade.

Além de infantaria, três baterias de artilharia completavam a guarnição, que corria sob a responsabilidade do exército brasileiro, desde a extrema esquerda (lagoa Pires) até o Laranjal-Mitre. Corria por conta da responsabilidade do exército argentino desde aí até o reduto San Martin que se ligava por meio de um cordão de sentinelas ao reduto Cunha Matos, dependente da vigilância, pela frente, do exército argentino.

No Laranjal-do-Mitre quebrava-se a linha de trincheiras e, formando ângulo recto, corria perpendicularmente sobre o esteiro Bellaco, onde se apoiava.

Se alguma forma tinha aquele vasto acampamento, era a de um enorme paralelogramo, chato, plano por todos os lados, alteando-lhe o centro, o lombo de uma colina.

No dorso desta foi levantado um reduto chamado Central, um polígono que dominava todo o vasto acampamento, para completar a defesa do campo; quartel-general, hospital, pagadoria, etc., etc., aí estavam estabelecidos.

Três batalhões de infantaria e dois de artilharia o defendiam. Acrescenta o general Tasso: "Fazendo-se medições rápidas na planta de Jourdan, verifica-se que a primeira linha de artilharia dos aliados tinha num desenvolvimento de cerca de 5.000 metros e o reduto central de uns 2.800, só na parte que se indica claramente como provida de obras defensivas. A distância entre este reduto e aquela linha variava entre 1.400 e 2.600 metros.

Para defender tão vasta posição, Porto Alegre só tinha a seu dispor tropas diminutas, a saber: três brigadas de infantaria, uma de cavalaria, uma de artilharia um corpo de pontoneiros e um corpo de transporte."

Tuiuti era, então, a principal base de operações do exército concentrado em Tuiu-Cué e ao mesmo tempo o

seu apoio no caso de uma retirada das forças mais avançadas para o Passo da Pátria.

Era, portanto, base militar de grande importância, cuja perda seria de incalculáveis prejuízos morais e materiais, levando ainda em consideração as agitadas situações políticas dos aliados que até certo ponto muito preocupavam os seus respectivos chefes militares.

Centro reabastecedor do exército avançado, Tuiuti fervilhava nos seus movimentos nesse sentido; três corpos de cavalaria e quatro de infantaria daí haviam saído com a missão de cobrir, em um dos caminhos para Tuiucué, a um comboio com munições, destinado ao exército da referida localidade.

Nesse momento, Lopez levado pelas esperanças de conseguir cortar as bases de operações dos aliados, aposar-se dos grandes depósitos de Tuiuti e do Passo da Pátria e ainda mais de alcançar o rio Paraná para aí se comunicar com os seus agentes de Corrientes e Entre-Rios, atirou-se resolutamente aos seus planos que teriam, de certo, mudado a face da guerra se tivessem alcançado êxito e determinou ao general Vicente Barrios (uns dizem Castilla) que à frente de 8.000 homens atacasse o que havia determinado.

Barrios dividiu a sua força em duas colunas: a cavalaria pelo oeste e a infantaria pelo leste do seu dispositivo de manobra.

De súbito, Barrios investiu contra as trincheiras aliadas de Tuiuti, enquanto a cavalaria paraguaia, sob o comando do coronel Caballero, apeiou e investiu contra os dois redutos do flanco direito.

Jourdan conta do seguinte modo: “Na madrugada de 3 de Novembro de 1867, caindo de surpresa, com todas as suas forças disponíveis sobre Tuiuti, pretende Lopez cortar a nossa base de operações e sabendo pelos seus espíões, que em certos dias, distraída a maior parte das nossas forças em acompanhar comboios, poucos batalhões ficavam no acampamento.

Veio a saber mais que o general chefe mandara vir de Tuiuti, para reforçar Tuiui-Cué, dois fortes batalhões de infantaria do 2.º corpo. Conheceu, além disso, que as posições argentinas podiam ser surpreendidas, e que a antiga trincheira da esquerda estava arruinadíssima.

Enfim, a construção do forte do 4.º batalhão de artilharia na extrema direita, e os tiros certos da peça de 32, que ali se achava, o incomodavam fortemente, ainda mais o incitou a buscar por meio de uma surpresa, desbaratar o 2.º corpo de Exército Brasileiro.”

De repente, o acampamento de Tuiuti foi abalado por tremendo ataque: eram 4½ horas da manhã quando no ponto de intersecção da nossa linha com as posições argentinas, precipitou-se o inimigo, violentamente, envolvendo o 41.º de Voluntários, ao mesmo tempo em que os Argentinos eram atacados e as nossas posições do 4.º batalhão de artilharia eram vitimadas pelas tropas de choque do general Barrios.

Simultaneamente outros movimentos inimigos iam tendo curso sobre as nossas trincheiras da linha negra.

Diz o general Tasso: “Esse tríplice ataque opera-se súbitamente, colhendo de surpresa todos os defensores da posição.

Aos primeiros tiros, cuidam eles que se trata apenas de um desses incidentes matutinos e habituais entre os piquetes avançados; mas, diante da intensidade e amplitude do tiroteio, são obrigados a reconhecer que se desencadeia sobre Tuiuti um ataque que inesperado de larga envergadura.

Porto Alegre já se encontra de pé, fardado com elegância e o capricho que lhe são peculiares.

Montara a cavalo e dirigira-se com seu estado-maior para o lado do comboio, como era seu costume.

Diante do crepitar incessante da fuzilaria e dos clareões que se abrem num vasto sector, ele tem a intuição perfeita do drama que se preludia.”

Diz Octaviano de Sousa: "Apenas velava um piquete do 41 de Voluntários; velava ao toque de alvorada, à direita do centro da linha avançada do entrincheiramento, e de lá observou que um piquete da legião paraguaia, de um laranjal à banda do acampamento, recuava disperso e em silêncio, tocado por um troço de calada infantaria."

O piquete do 41.º recuou em direcção do centro do acampamento brasileiro, assinalando a aproximação do inimigo.

E logo os correntinos em seu campo foram despertados a coice de armas, quando os oficiais de espada em punho e os soldados em pequenos grupos debalde procuravam oferecer resistência.

Suplantava-os uma avalanche de assaltantes, e os redutos argentinos foram tomados.

O 4.º batalhão de artilharia brasileira, inclusive o major comandante, foi aprisionado em seu reduto, sem escapar um só homem.

Enquanto a infantaria se applicava a este serviço, a cavalaria desmontada, depois de atear fogo aos depósitos; e rancho e ao comércio argentino, começou a penetrar no âmago do acampamento, matando a quantos encontrava em seu caminho.

Era uma confusão assombrosa; aos clarões do incêndio, soldados dispersos, peões, negociantes, mulheres e crianças, perto de 2.000, fugiam precipitados em direcção ao Passo da Pátria.

Após esta devastação preliminar e farta colheita de prisioneiros, a avalanche de Paraguaioi descolocou-se em grosso para o reduto central do 2.º Corpo Brasileiro.

Já os toques de rebate e sentido haviam soado de muito tempo, e o visconde de Porto Alegre providenciava na medida das aperturas do momento, à tésta de sua tropa.

O piquete do 41.º de Voluntários, já engrossado pelo resto deste corpo, pelo mesmo 42.º e um contingente do 46.º,

todos de Voluntários, desde o princípio do assalto recuaram, enfrentando o inimigo, em direcção do reduto central.

Brevemente, porém, ao difundir-se a luz solar, os Paraguais enfurecidos desenfream a mais violenta carga de baioneta, que nunca se viu, sobre a linha tenui de esforçados Brasileiros, Esta linha de Brasileiros recuou então, deliberadamente, até a contra escarpa de frente do reduto central e a artilharia, de sua altura, já tendo o campo desimpedido pela refração solar, descarregou os seus canhões sobre a vaga de atacantes.

Estes recuaram, descompassados, diante da metralha e da fuzilaria inflexível, porque a luta se reacendera furiosa.

A nossa infantaria recebeu apoio do 36.º, 37.º e 46.º e outros contingentes de vários corpos.

O visconde de Porto Alegre, aí presente, comandava nesta fase de combate. Trava-se nesse momento uma luta desigual. Crescem os perigos. O Visconde aos 63 anos de idade, campeia rijo como um mancebo de valor experimentado. Matam-lhe o primeiro cavalo; depois matam-lhe o segundo e o deixam desmontado.

Ele, porém, combate e comanda ao mesmo tempo, como o melhor dos infantes.

A serenidade imperturbável, a intrepidez inflexível e o exemplo imitado por quantos têm a ventura de contemplar-lhe a figura homérica envergando a farda de tenente-general, a todos sobrepuja em galhardia e luzimento."

Uma outra coluna, atacando o acampamento do 5.º de caçadores e cavalo, dirigiu-se para o Estero Belaco, naturalmente para seguir rumo ao Passo da Pátria, mas chcou-se com 80 homens do 1.º de artilharia a pé sob o comando de Mourão Pinheiro que com sua gente sustentou denodadamente o fogo até que com os reforços do 28.º de Voluntários e do 14 de cavalaria, conseguiu desbaratar os Paraguaiois.

Enquanto Porto Alegre pessoalmente dirigia a resistência do centro de Tuiuti, a linha negra defendida pelos batalhões 11.º, 29.º, 47.º, 54.º e 6.º sob o comando do coronel Albuquerque Maranhão também repelia heróicamente o inimigo que já hesitava e fraquejava.

Havia chegado o momento decisivo da peleja e Porto Alegre com entusiasmo organizou pelotões comandados por oficiais valentes e decididos que retomando a ofensiva e carregando sobre os Paraguaios, conseguiram desbaratar o inimigo.

Neste momento os Paraguaios abandonaram o campo na maior desordem e incessantemente açoitados pela nossa artilharia.

Quando chegaram os socorros das unidades de Tuiucú, já a batalha estava vitoriosa para os aliados, mas os auxílios daqueles reforços foram muito eficientes na repressão da precipitada fuga dos Paraguaios.

Diz Jourdan: "Enfim, 2.734 mortos, entre os quais 78 oficiais, 155 prisioneiros, bandeiras armamentos, provam o enorme prejuízo do inimigo; e de certo foi esta batalha um golpe de morte para Lopez. Da nossa parte o prejuízo orçou em 145 oficiais e 1.586 praças, ao todo 1.731 entre mortos, feridos e extraviados.

No quartel general, transformado em hospital de sangue, via-se o brigadeiro José Luís Mena Barreto, Francisco Gomes de Freitas (coronel ajudante-general), Porfírio e tantos outros valentes, feridos."

Diz o general Tasso: "O exame meditado dos acontecimentos demonstra que o chefe paraguaio assentou a sua operação em uma ideia militar judiciosa: a conquista de Tuiuti para embaraçar o reaprovisionamento de Tuiucú e voltar às margens de Paraná.

Se ele alcançasse esse resultado, teria conseguido vantagens extraordinárias; mas a sua incapacidade militar não lhe permitia conceber e executar judiciosamente um

plano de manobra; o que ele sabia era apenas desferir golpes de maior ou menor importância, e depois bater em retirada.

Por isso, o seu ataque em 3 de Novembro de 1867 é, no fundo, mera reprodução do que ele já havia executado na mesma região em 24 de Maio do ano anterior.”

CAMPANHA PREPARATÓRIA

Os exércitos aliados, após os acontecimentos dos primeiros dias de Novembro, estavam divididos em três porções correspondentes às posições de Tuiuti, Tuiu-Cué e Taií, além dos elementos ocupantes de S. Solano e do Potreiro Ovelha.

Havia por parte dos aliados a ideia de um possível isolamento dos elementos paraguaios de Humaitá que aí cercados e vigiados por Tatí e Pilar, naturalmente só poderiam efetuar aproveitamentos pela outra margem do rio Paraguai, acima de Pilar.

Com este objectivo, Caxias determinou vários reconhecimentos e soube, pelos resultados da missão que executara o general João Manuel Mena Berreto que, partindo de Taií com a 1.^a divisão de cavalaria, caminhara paralelamente à margem do rio Paraguai, numa digressão de 20 léguas até o barranco do Tebiquari, que aí havia um acampamento de Paraguaio (uns trezentos homens mais ou menos) com grande quantidade de gado para ser levado ao rio Vermelho e de lá a Humaitá.

Em seguida, determinou Caxias que o general Mena Berreto fizesse novo reconhecimento sobre o Tebiquari, partindo de Taií com mil homens de cavalaria, um corpo de caçadores a cavalo e duas bocas de fogo raiadas de calibre 4, sobre a margem do rio Paraguai. Lá encontrou Mena Berreto um contingente inimigo que foi batido e destroçado e no regresso ao acampamento de S. Solano, trouxe grande quantidade de gado arrebanhado naquela incursão.

Assim iam correndo os últimos dias do ano de 1867, sem factos auspiciosos para os aliados, limitando-se as operações a bombardeamentos, de parte a parte, e às vezes a um ou outro assalto sem grandes consequências para as partes.

No dia 12 de Janeiro de 1868, o general Mitre passou o comando supremo dos aliados ao Marechal, Marquês de Caxias, por ter de recolher-se a Buenos Aires aonde fora reassumir as suas funções de Presidente de República, em virtude de ter falecido o vice-presidente em exercício.

Diz o general Tassô: "A ascensão de Caxias ao posto de generalíssimo foi um dos acontecimentos mais felizes da guerra contra Lopez, pois ocasionou benefícios extraordinários às operações; suprimiu rivalidades e permitiu que a actividade infatigável e o tino militar desse general illustre se desenvolvesse com absoluta independência em proveito da causa comum. Em 27 de Janeiro opera-se também uma modificação no comando dos corpos brasileiros. Porto Alegre havia solicitado a sua retirada por motivo de moléstia. Caxias atende-o. Nomeia Argolo para substituí-lo no comando do 3.º corpo, o general Vitorino Monteiro para substituir Argolo no comando do 2.º e o general Câmara para comandar a 5.ª divisão de cavalaria que estava sob o comando de Vitorino."

O Marquês de Caxias logo que assumiu o comando chefe das forças aliadas, em substituição ao general Mitre, cuidou de examinar todos os pontos occupados e guarnecidos pelas forças de terra e mar sob seu comando no assédio do vasto polígono inimigo e para isso foi pessoalmente conferenciar com o almirante Joaquim José Inácio, Visconde de Inhauma, afim de ser assentado um plano conjunto de operações contra o reduto paraguaio.

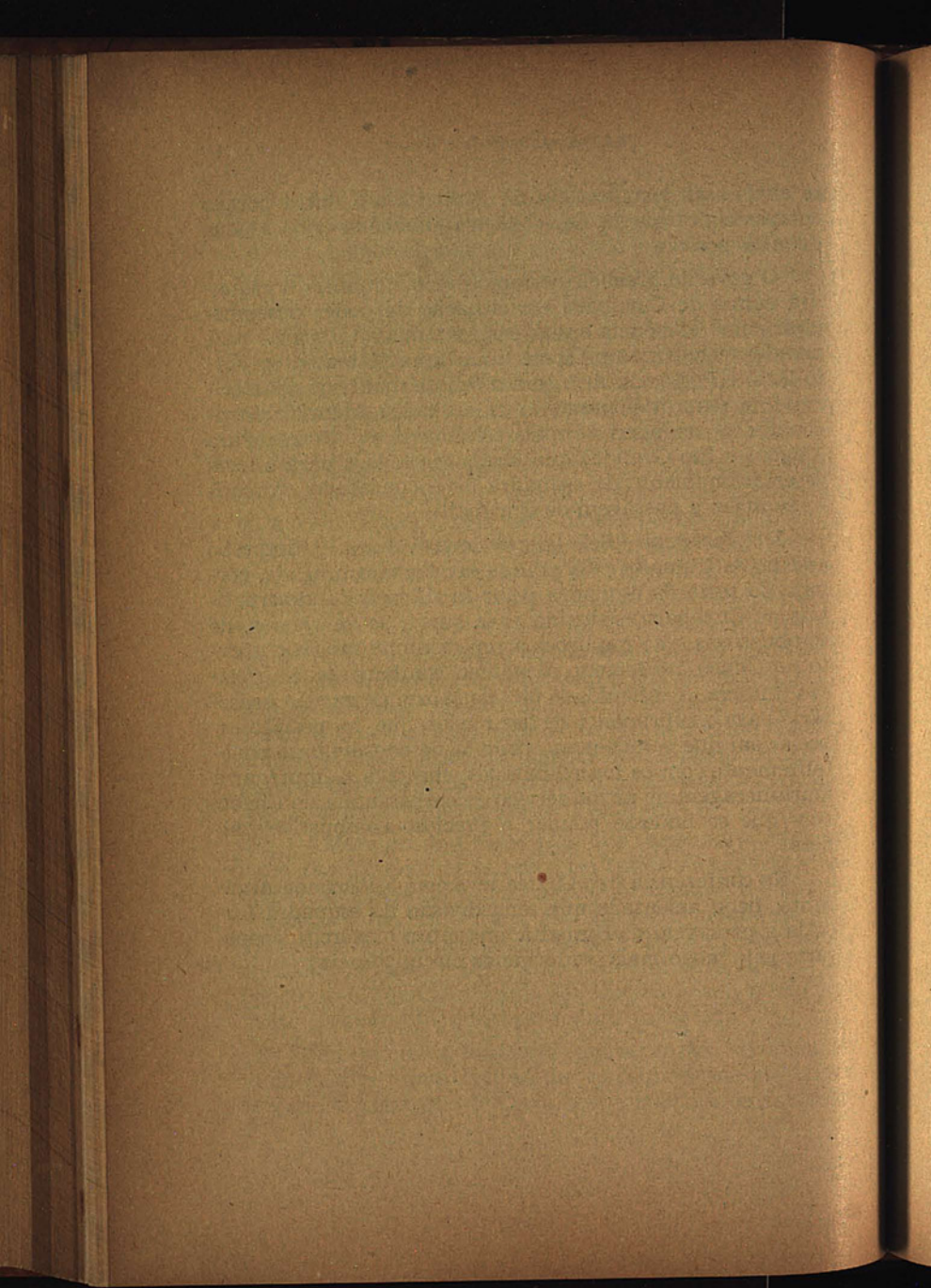
Como vimos, a esquadra estava então dividida em duas porções: uma divisão de encouraçados que havia forçado a passagem de Curupaiti e portanto encontrava-

se entre esta fortaleza e a de Humaitá e a outra porção composta de navios de madeira achava-se rio abaixo daquela posição.

O governo brasileiro esforçou-se por manter a esquadra acima de Curupaiti em situação de poder desempenhar com eficiência a sua perigosa missão e, para isso, mandou construir no Chaco uma linha férrea entre Porto-Quiá e Porto Elisiário com o fim de manter o abastecimento e reaprovisionamento da esquadra, além de providenciar as remessas de mais três novos monitores (Pará Alagoas e Rio-Grande) que foram mandados para o local de estacionamento da esquadra de encouraçados, forçando também a passagem de Curupaiti.

Diz Jaceguai: "Seis longos mezes durou o ímprobo assédio de Humaitá pela grande divisão encouraçada, cortada do resto da esquadra pelas fortificações indestructíveis de Curupaiti, reduzida para suprir-se de víveres, de combustíveis e de munições a um caminho precário aberto no Chaco, no terreno alagadiço fronteiro àquela posição inimiga. A dificuldade de transporte de carvão necessário para o suprimento de dez navios, que, na posição especial em que se achavam, tinham de conservar-se constantemente com os fogos abafados, obrigava a empregar a marinheragem no árduo serviço de cortar lenha no Chaco, com que se pudesse poupar o precioso combustível mineral."

Na conferência que Caxias teve com o Visconde Almirante, ficou assentado que uma divisão da esquadra forçaria a passagem do Humaitá, enquanto o exército cooperaria pelo modo mais conforme às circunstâncias.



**FORÇAMENTO DO PASSO DE HUMAITÁ FEITO
SIMULTANEAMENTE COM A CONQUISTA DO
REDUTO DO ESTABELECIMENTO**

(19 de Fevereiro de 1868)

Como já tivemos ocasião de dizer, a esquadra brasileira em operações fora aumentada com a remessa provinda da capital do Império, das canhoneiras Pará, Alagoas e Rio-Grande que arrancaram da base de Curuzu aos 13 de Fevereiro e brilhantemente fizeram a passagem de Curupaiti, indo incorporar-se à esquadra de encouraçados estacionada entre Curupaiti e Humaitá.

Em vista do acréscimo de unidades em sua esquadra e da nova missão que lhe haviam confiado, o Almirante José Joaquim Inácio deu nova organização ao seu comando e criou uma nova divisão denominada 3.^a Divisão Avançada que composta dos monitores Pará, Rio-Grande e Alagoas e dos encouraçados Baía, Barroso e Tamandaré, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Delfim de Carvalho, ia ter a difícil incumbência de forçar a passagem do Humaitá.

Concomitantemente com aquela missão, elementos da 2.^a divisão naval, fundeada em frente a Curuzu deveriam bombardear o interior do quadrilátero inimigo, quando também as forças de terra iniciariam o seu ataque contra o reduto situado entre Humaitá e Laureles, conhecido pela denominação de Estabelecimento.

Este lugar denominado Estabelecimento era o ponto onde se julgava que estivesse presa uma das extremidades da corrente que interceptava a passagem do rio e onde se dizia que o inimigo se aprovisionava e reabastecia

de tudo necessário à vida em Humaitá, por ser o porto por onde transitavam os recursos provindos pela via de comunicação do Chaco.

Assentadas as bases do plano e resolvida a sua imediata execução, Caxias, com o intuito de iludir o inimigo quanto ao ponto a ser visado para o próximo ataque, determinou que houvesse a maior actividade, em vários sectores principalmente nos acampamentos de Tuiuti e Tuiu-Cué, antes do início da investida premeditada.

Diz Rocha Pombo: "Na véspera (18 de Fevereiro) todo o exército manobrou, como preparando-se para um movimento geral de investida à praça.

A 3.^a divisão da esquadra (couraçados Baía, Tamarandaré e Barroso e monitores Alagoas, Pará e Rio-Grande) sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Delfim Carlos de Carvalho, devia tomar a avançada e romper o passo.

As duas outras divisões (seis couraçados e os navios de madeira) ficariam de reserva na volta do rio, e protegeriam a passagem bombardeando de flanco a fortaleza.

No dia 19 de Fevereiro às três horas da manhã, começaram a subir o rio os navios designados, indo à frente o Barroso e levando cada couraçado um monitor de rebuque.

As 4 horas dobraram os seis navios a ponta ocidental da fortaleza, e avançando sempre, começaram a canhonear os pontões e jangadas que sustentavam a corrente de uma a outra margem.

Assim que esta mergulhou no rio, avançaram os couraçados a todo o vapor; e então, o fogo rolante de 186 canhões convergiu instantaneamente sobre eles. Diz o general Borman: "Em uma extensão de três léguas, céu e terra parecem agitar-se sob a acção de um pavoroso cataclisma.

Os canhões de uma parte da esquadra em Curuzu; os canhões inimigos de Curupaiti; os da divisão de couraçados que protegiam a passagem; os de Humaitá; os de todo o quadrilátero inimigo; os do nosso Exército Tuiucú até Tuiuti e, finalmente os dos navios, na lagoa Pirés: mais de trezentas bocas de fogo estrondavam....

E lá seguem avante os nossos couraçados com os monitores jungidos ao costado. O canal é cheio de tortuosidades e porisso as granadas e balas inimigas ora batem o costado, ora varrem de proa a popa, os valentes vasos de guerra.

É noite ainda; mas, tudo se distingue perfeitamente, porque sob o céu, sobre as matas, sobre as águas do rio e das lagoas, tremulam ondas de fogo e luz que, de envolta com os frémitos de cólera da artilharia que abalam, oscilam e revolvem os ares, vão se propagando pelos espaços infinitos! E assim avançam os gloriosos navios."

Essa memorável operação, diz Octaviano Pereira, "a primeira desse gênero, que por assim dizer, fazia uma esquadra de vapores couraçados, durou 42 minutos."

"É preciso notar que a passagem foi feita através dum canal estreito, tortuoso, obstruído por fortes correntes atravessadas de uma a outra margem, prenhes de máquinas infernais e dominado por uma barranca eriçada de canhões de grosso calibre."

Por fim conseguiram vitória os nossos marinheiros e, ao meio dia, chegaram todos a Taií, onde foram entusiasticamente recebidos.

Conforme o que havia deliberado Caxias, ao mesmo tempo em que a esquadra havia iniciado a sua gloriosa arancada, o nosso exército punha-se também em movimento.

O general Argolo, comandante do 2.º corpo em Tuiuti, ao primeiro tiro de canhão do lado do rio, deu início ao seu bombardeio para os lados do Sul de Humaitá com o

apoio dos fogos das canhoneiras da lagoa Pires, quando no mesmo instante Osório com o 3.º corpo simulava em sua frente um ataque geral contra o inimigo.

Nessa ocasião determinou Caxias o ataque do Estabelecimento que foi feito por uma coluna de cerca de 7.200 brasileiros e 200 argentinos.

“As três horas da manhã, ouvem-se os canhões da esquadra. O céu ilumina-se de relâmpagos produzidos pelos foguetes de guerra e pelos disparos da artilharia.

A atmosfera irradia em todas as direcções o ruído ensurdecedor das explosões e da fuzilaria.

“Não tardou muito,” escreve Caxias, “que comessem a subir ao ar os foguetes convencionados entre mim e o Exmo. Sr. Vice-Almirante, Barão de Inhauma, para indicarem a passagem dos vapores brasileiros por Humaitá e o número deles.

Seis foram os foguetes observados, seis deveriam ser os vapores que, através de todos os riscos e perigos, haviam transposto a linha que o inimigo considerava até então inexpugnável.”

“As forças que Caxias congrega momentaneamente em torno de si manifestam o seu imenso júbilo; todas parecem desejosas de correr céleres sobre o inimigo para completar a façanha que a marinha acabava de praticar.

Ao clarear do dia, o generalíssimo desencadeou o ataque.”

Este foi feito em dois escalões: um pela direita e outro pela esquerda, com o objectivo de, contornando o flanco esquerdo do adversário, atingi-lo na sua retaguarda.

Caxias havia designado para este ataque quatro brigadas com onze batalhões de infantaria, duas brigadas de cavalaria, um regimento de artilharia com 12 peças de campanha e quatro estativas de foguetes a Congréve.

As cinco horas da manhã já o Marquês de Caxias se achava com suas tropas próximas às fortificações inimigas e, com o seu estado-maior, reconheceu o terreno e determinou exactamente o local por onde se devia efectuar o ataque.

A vanguarda da coluna havia sido comandada pelo Barão do Triunfo e era composta da 8.^a brigada de cavalaria e da 1.^a de infantaria que, segundo as instruções recebidas, fizeram alto em um laranjal que ficava junto ao objectivo.

Diz Octaviano de Sousa: “A 1.^a brigada de infantaria, composta do 16.^o batalhão e do 3.^o de Voluntários da Pátria, auxiliada por um esquadrão de cavalaria, recebeu ordem de avançar ao primeiro sinal pela nossa direita e contornar o flanco esquerdo da posição, procurando igualmente agir de modo que entrasse nela pela rectaguarda enquanto o 4.^o corpo de caçadores a cavalo e mais o 20.^o Provisório de Cavalaria, se dirigisse para a nossa esquerda, e por lá ameaçasse o flanco direito da fortificação.

O 4.^o corpo acima referido, estendeu uma linha de atiradores em sua frente.”

Preparado tudo e quando o troar dos canhões e os estampidos da fuzilaria que partiam de todas as frentes, se faziam intensos quer de Tuiuti, sob o comando de Argolo, que canhoneava as linhas de Sauce e o passo Pocu, quer da esquadra ou de Osório na frente Tuiu-Cué e dos Argentinos e Orientais que atacavam o reduto do Angulo, e duas horas passadas neste incrível bombardeamento, as forças sob a imediata ordem de Caxias, avançavam ao clarear do dia (5 horas) a passo de carga e a baioneta contra o reduto inimigo.

Comandava-as na coluna frontal o coronel João do Rego Barros Falcão que as levou impetuosas e arrojadas, transpondo todos os obstáculos que encontravam no percurso do ataque.

Ao cabo de três horas de lutas incessantes e com grande carnificina, foi tomado o forte do Estabelecimento, na margem esquerda do Paraguai, um pouco acima do Humaitá.

No mesmo dia da tomada do Estabelecimento e da passagem do Humaitá, o Marquês dirigiu-se a Taíí e ali saudou a esquadra pelo feito heróico da passagem de Humaitá e mandou que o capitão-de-mar-e-guerra Delfim de Carvalho subisse com dois couraçados e um monitor o rio Paraguai e fosse reconhecer o rio Vermelho e Tebiquari, bombardeasse as guarnições ou forças que lá encontrasse.

“No dia 21, escreve Delfim em sua parte, pouco acima da boca do rio Tebiquari e lado do Chaco, encontramos os depósitos com que o inimigo abastecia o seu exército por Tímbó e Humaitá, e activámos, com as nossas bombas, o incêndio produzido neles a nossa aproximação.

Fomos destruindo em nosso trajecto o telégrafo eléctrico nas povoações da costa, abandonadas todas, e lançamos ao rio uma peça de calibre 24, com os seus pertences.

Abundava, principalmente até Vila Franca, toda espécie de gado; arrebanhamos 150 carneiros, que se distribuíram para o rancho das guarnições.

No dia 24, finalmente, às 9 horas da manhã, achavamo-nos em presença de Assunção tendo percorrido as 65 léguas entre ele e a Vila do Pilar, sem encontrar a mínima opposição. Em Tacumbu, ponta próxima à capital, fomos recebidos com tiros de peça.

Castiguei a ousadia com um bombardeio de duas horas. O fumo que se escapava do palácio de Lopez, onde metemos várias bombas e a queda de vários projectis no arsenal me fazem persuadir de que esses dois estabelecimentos sofreram sérios estragos.

Adquirimos a certeza de estar a cidade com pouca defesa, sendo fácil tomá-la por um desembarque em S. António, cerca de três léguas abaixo.

Não sendo outro o objectivo de minha missão, nem convindo demorar-me, regressei a este porto, etc.”

“Os moradores de Assunção, “diz o general Tasso,” já esperavam os navios brasileiros quando eles appareceram à vista da cidade.

Logo que parte da esquadra forçou o passo de Humaitá, no dia 19 de Fevereiro, Lopez expediu ao vice-presidente Francisco Sanchez, então na capital paraguaia, o seguinte telegrama:

Passo Pocu, 19 de Fevereiro. As 3 horas e 30 minutos desta manhã houve um renhido combate entre baterias de Humaitá e encouraçados inimigos. Três destes lograram passar com graves avarias e grande perda de homens.

Por outro lado, logo que a divisão de Delfim ultrapassou a foz do Tebiquari, o comandante Nuñez, que tinha a direcção das tropas na linha deste rio, também telegrafou ao vice-presidente nestes termos: “Comunico a V. Excia. que os encouraçados que forçaram Humaitá passaram para cima. Estou cortado do exército nacional. Espero ordens de V. Excia.”

Todos estes acontecimentos alarmaram a capital paraguaia que se via na iminência de ser tomada pelos Brasileiros e daí as providências que o vice-presidente tomou em deliberação com um conselho de notáveis e composto do coronel Venancio Lopez, comandante das armas de Assunção e irmão do ditador, do outro irmão Benigno Lopez, de Gomercindo Benitez, do major Francisco Fernandes, de Pablo Gonzales coletor geral, de Francisco Espinosa, capitão do Exército, e de outras personagens.

Em face da situação que se tornava grave em Assunção, os seus dirigentes administrativos deliberaram, em vista de se encontrar a cidade indefesa e de só haver uma bateria com seis peças em San Jerónimo com in-

suficiente munição e dois batalhões de infantaria (um aquartelado na capital e outro na Trinidad) e um esquadrão de cavalaria, que o Vice-Presidente declarasse em proclamação ao povo que Assunção era posição militar e deveria ser evacuada dentro de 48 horas.

Foram, então, tomadas várias medidas para a sua defesa imediata numa atmosfera de apreensões e de terror.

Quando Lopez teve conhecimento dessas oportunas medidas, tomadas pelas autoridades de Assunção, ficou bastante irritado e julgou-as como sinais de conspiração contra seu governo e sua própria pessoa.

Compreendendo que só pelo terror podia dominar a todos, Lopez, aproveitando-se da situação para extravasar o seu ódio contra os seus compatriotas, determinou a abertura de um terrível e cruel inquérito para apurar a criminalidade duma conspiração imaginária.

O resultado foi o mais terrível e várias personalidades foram fuziladas, como o bispo Palácios, Berges, seus irmãos Benigno Lopez e Venâncio Lopez, seus cunhados Bedoia e Barrios, o coronel Paulino Alen, e outros.

TOMADA DE LAURELES

Caxias teve conhecimento, por intermédio do general Vitorino Monteiro, de movimentos de forças paraguaias que transitavam do Timbó para Laureles e ordenou a este general que providenciasse para a tomada daquelle ponto.

Desta missão foi, então, incumbido o tenente-coronel Tibúrcio de Sousa que, com o seu 16 batalhão de caçadores auxiliado por uma força de cavalaria sob o comando do major Fontoura Chananeco, tomou de assalto sem grande esforço aquelle forte de Laureles (27 de Fevereiro).

Auxiliando esta acção do Exército, três couraçados do comando de Delfim de Carvalho haviam bombardeado a posição de Laureles, quando Tibúrcio, atravessando o arroio Caimbocá com sua tropa, havia por seu lado investido contra o seu objetivo.

Depois da tomada de Laureles, o general Vitorino mandou arrasar as trincheiras, e queimar os ranchos.

Dionísio Cerqueira que tomou parte nessa acção como alferes conta-nos o seguinte: "Os nossos atiradores avançavam rápido. A cavalaria cobria a esquerda com uma guerrilha e marchava flanqueando-nos. Passamos um banhado profundo, em que a água nos dava pelos peitos. Ao sairmos do macegal que nos encobria, rompeu do forte, sobre nós, tiroteio pouco nutrido.

Nenhum tiro de canhão. Era de crer que não estivesse artilhado.

O Tibúrcio mandou tocar; Atiradores! avançar acelerado! As balas passavam zumbindo, e nós seguíamos, quase correndo, sem disparar um tiro. O forte estava

perto. As trincheiras altas e bem feitas, distinguíam-se claramente. O Chananeco meteu a galope os seus esquadrões. Iam chegar antes de nós. O Tibúrcio bradou: Não quero que a cavalaria chegue antes do Dezesseis! Estávamos muito perto; redobramos de velocidade.

A princípio, os cavaleiros, a galope olhavam-nos sobre os braços, com ares de superioridade. Depois precipitaram-se sobre as obras avançadas e os cavalos afocinharam, rodando nas bocas de lobo. Enquanto se refaziam, ganhamos a frente pelos intervalos daquêles buracos e penetramos no recinto por uma pinguela lançada sobre o fosso'.

Após estes acontecimentos, Caxias determinou que se bombardeasse a posição fortificada defronte de Timbó, conhecida pelo nome de Novo-Estabelecimento e se procurasse cortar as comunicações do inimigo com o interior do seu país.

Lopez não sentia, na sua índole obstinada para o mal, nenhum abalo em face de tantos desastres sofridos e desenvolvia atividade incrível ante sua desesperada repulsa aos inimigos.

Mas compreendeu que o forçamento de Humaitá por seis couraçados da esquadra brasileira devia abalar a segurança da sua considerada inexpugnável fortaleza, mesmo porque os Brasileiros estavam senhores da via fluvial, pelo menos de Taíí para cima e a do Chaco, ainda livre, entretanto oferecia grandes obstáculos.

Pensou, então, em uma posição mais para o norte, para melhor poder cobrir Assunção contra uma investida dos aliados.

Foi indicada nova linha de resistência sobre o rio Tebicuarí e Thompson que a estudou, assim se pronunciou: "Achei que o terreno ao norte do Tebicuarí até uma distância de dez léguas do rio Paraguai estava separado do interior por esteiros de mais de uma légua de largura, os quais uniam o Tebicuarí à grande lagoa Ipoá, que corre paralelamente ao rio Paraguai até a latitude de Vileta.

Nessas dez léguas do Tebicuarí havia 4 passos; o rio era profundo, tornava-se necessário cruzá-lo em botes, como os caminhos estavam maus e não havia cavalos, seria impossível enviar reforços a qualquer ponto. Não podíamos temer que o inimigo nos flanqueasse, porém a linha era muito extensa e, por consequência, pouco segura.”

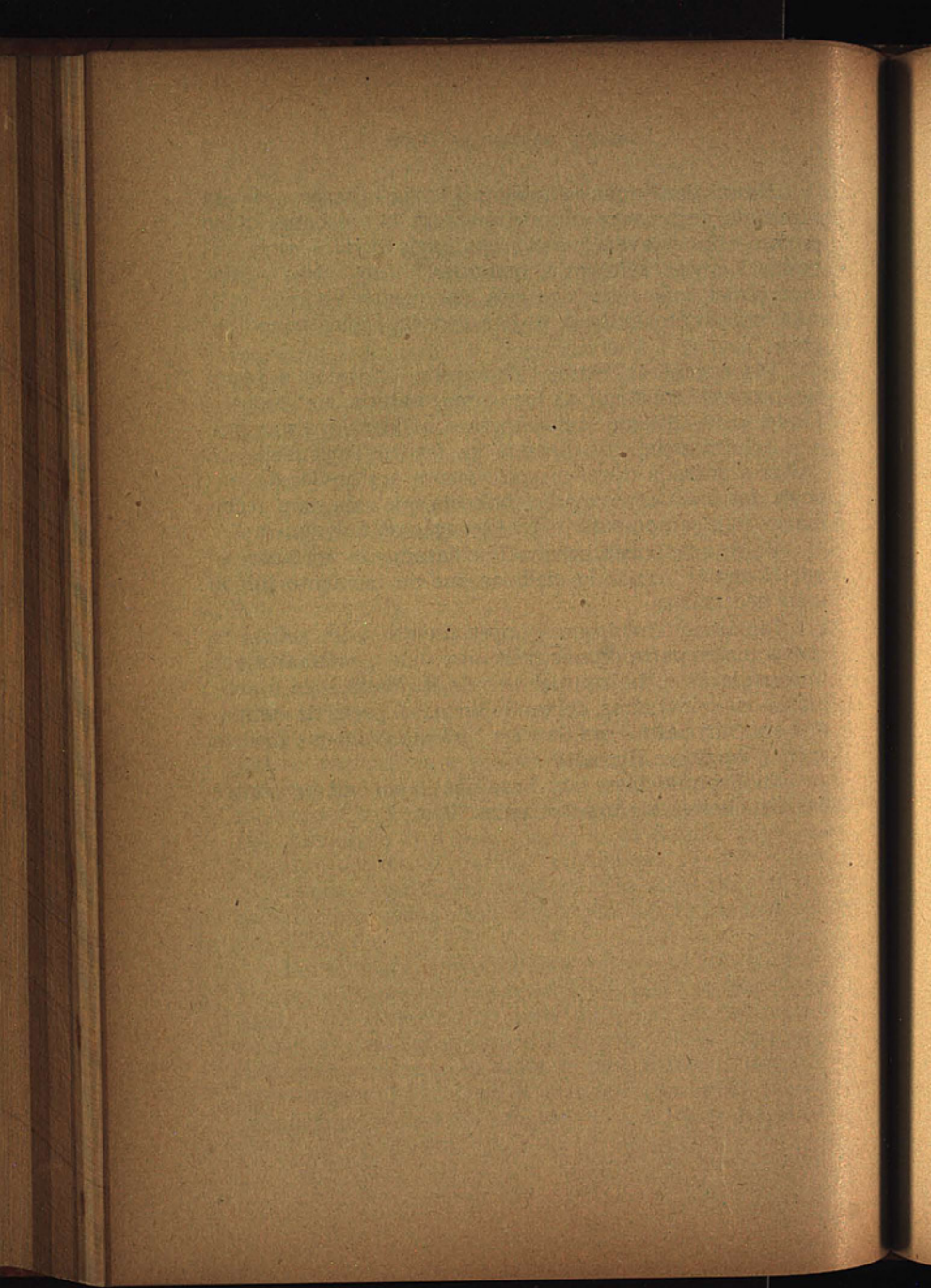
Diz o general Tasso: “Thompson informou a Lopez ser possível construir-se logo uma bateria em Monte-Lindo, para utilizar sem demora a artilharia disponível.

Achava mais útil dispô-la na foz do Tebicuarí para obstar a entrada nesse rio, pelo menos aos navios de madeira dos brasileiros, mas reconhecia que esta obra reclamaria mais tempo para a sua execução do que aquela.”

Vê-se que Lopez pensou imediatamente em abandonar Humaitá, tomando medidas que no momento julgou mais necessárias.

Diz ainda Thompson: “Lopez decidiu, pois, retirar-se com a maior parte do seu exército e toda a artilharia que pudesse levar. Retirou por isso de Humaitá toda a artilharia das trincheiras, deixando apenas 6 peças de campanha em Curupaití, 1 em Sauce e 2 no intervalo que medeia entre o Angulo e Humaitá

No Espinilo ficou um batalhão e em outros pontos das trincheiras algumas guardas.”



ABORDAGEM DE 2 DE MARÇO DE 1868

Nos fins de Março as nossas forças continuavam nas mesmas posições que tivemos ocasião de estudar com os seguintes efetivos: 1.º corpo. — Vitorino em Taií com 5.000 homens; 2.º corpo. — Argolo em Tuiuti com 10.700 homens e o 3.º corpo. — Herval em Tuiu-Cué com 15.200 homens mais ou menos.

A nossa esquadra imperial ocupava o porto da cidade de Corrientes, o Passo da Pátria, o alto Paraná, a ilha de Cerrito, Curuzu, porto Elisiário, abaixo de Humaitá e o porto de Taií acima desta fortaleza.

“A esquadilha de porto Elisiário, bloqueada por assim dizer, tinha a sua linha de comunicações pela via férrea do Chaco paraguaio com a esquadra de madeira em Curuzu; e a de Taií, bloqueada acima de Humaitá, era servida pela via de comunicações do Exército pelo Passo-da-Pátria, Tuiuti, Tuiu-Cué, S. Solano, Potreiro Ovelha e Taií.” (Otaviano Pereira.)

Apesar de tantos reveses, Lopez concebeu a ideia de apoderar-se de um ou mais dos nossos couraçados e para isso tentou uma empresa perigosíssima, isto é, uma aventura que bem se podia classificar de loucura.

Assim mandou preparar 48 canoas, presas duas a duas e encheu-as de soldados escolhidos e dotados de grande bravura e armados de toda a sorte de material necessário a uma abordagem.

Esses homens camuflados com plantas aquáticas em suas canoas tentaram a empresa, sem o estrépito dos remos, pois desciam o rio em suas canoas impelidas pela correnteza.

A abordagem deu-se às duas horas da madrugada de 2 de Março de 1868.

Assim conta-nos Octaviano Pereira: "Achava-se de ronda à vanguarda da 1.^a divisão, em porto Elisário, o guarda-marinha José Roque da Silva, quando pode lóbrigar na escuridão, a descer de Humaitá uma montoeira de hervas aquáticas, a que se denominava camalote, o que era frequente pela ocasião das cheias que as arrancavam dos paús e as metiam rio abaixo à mercê da correnteza.

Inspirou-lhe desconfiança o andamento de tal vegetação; e, reconhecendo-a, notou que o seu volume mascarava um avultado número de canoas cheias de homens armados.

Certo de que se projectava uma abordagem contra a divisão, o activo guarda-marinha gritou para o couraçado Lima Barros e o Cabral, fundeados mais à testa, avisando-os do perigo iminente.

O aviso foi logo ouvido pelos quatro navios, componentes da 2.^a divisão, ali ancorados na perpendicular à corrente fluvial.

Mas, apenas o guarda-marinha havia atracado o escaler de ronda ao couraçado Lima Barros, já um golpe de 400 homens abordava este navio.

O mesmo acontecia ao Cabral, enquanto uma porção daquelas canoas insidiosas se dirigia para atacar ao Herval e ao Silvado".

A luta foi então tremenda quando parte dos atacantes conseguiu alcançar aqueles dois primeiros navios, onde as guarnições, mal podendo descer para os seus postos, lutavam, todavia, com ardor com os seus comandantes nos conveses de seus couraçados.

"A noite estava escura," diz o marechal Borman, "e por entre as suas trevas fere-se uma luta terrível à arma branca."

A superioridade do inimigo é grande, e, então, os co-

mandantes ordenam às guarnições que se recolham às torres e às casamatas.

Elas conseguem cumprir a ordem; mas o comandante Aurélio Gracindo, ao entrar na torre recebe um grave ferimento, e o bravo capitão-de-mar-e-guerra Joaquim Rodrigues da Costa, chefe dessa divisão couraçada que aí está, ao recolher-se também à torre é cercado por um grupo de inimigos; bate-se e defende-se herôicamente; mas afinal cai morto, crivado de ferimentos e em suas últimas palavras recomenda que se metralhe o convés.

Enquanto isso se passa a bordo desses navios, várias canoas jungidas duas a duas, repletas todas de inimigos, seguem para abordar o Silvado e o Herval."

Mas o Silvado que estava de prontidão atendeu imediatamente o chamado de alarme e infiltrando-se por entre aqueles dois navios começou a metralhá-los pelas extremidades tal como pediam os defensores dos mesmos.

O combate teve assim um desenvolvimento terrível, já então nele empenhados o couraçado Herval que metralhava ora os navios assaltados ora as canoas de inimigos que infestavam o rio.

Infelizmente para nós, embora possuidores da vitória, no meio daquela agitação e carnificina, tivemos um grande número de heróis sacrificados e vitimados no exato cumprimento do dever.

Finalmente os Paraguaiois foram inteiramente derrotados e calcula-se que as suas perdas foram bastante numerosas.

"Idêntica tentativa," diz o padre Galanti, "e com idêntico resultado repetiram os Paraguaiois, durante a noite de 9 para 10 de Julho de 68, contra os navios surtos perto de Tagí.

Desta vez as canoas eram vinte, presas igualmente duas a duas, cada uma de 25 homens, que levavam tubos de bronze, cheios de uma substância inflamável e asfixiante, bem como granadas de mão para deitar estas e aque-

las pelas escotilhas dos navios. Saindo do rio Vermelho e costeando a ilha de Montúvia, abrigaram-se em grandes camalotes que se achavam espalhados em grupos nas proximidades dos navios.

Conquanto fossem presentidos, lograram subir ao convés do Barroso, de onde deitaram a matéria asfixiante e as granadas nas escotilhas e na câmara.

O incêndio que se ateara na câmara é, contudo prontamente apagado, e a metralha varre do convés os inimigos, enquanto o navio, começando a mover-se por diligência dos maquinistas, põe a pique muitas canoas".

No mesmo dia do desastre da abordagem de 2 de Março, Lopez retirou-se de Humaitá, alcançando Timbó na madrugada seguinte e daí partiu em seguida para o norte, atravessou o Bermejo em um ponto (12 milhas ao norte de Timbó) e passando por Palanque foi em direcção a Seibo, onde estabeleceu o seu quartel general.

Posteriormente Lopez atravessou o rio Paraguai e instalou o seu quartel general em San Fernando a uma milha do passo do Tebicuarí.

A TOMADA DE CURUPAITÍ

Caxias soube da partida de Lopez de Humaitá, pelos prisioneiros, mas não tinha conhecimento do local escolhido pelo ditador para a instalação do seu quartel general e por isso não sabia se ele teria ido para Assunção, Tebicuarí ou Vila Rica ou mesmo fugido para a Bolívia.

Por tudo isso, Caxias aumentou a sua vigilância, mesmo porque desconfiou de que o ditador tivesse algum novo plano e assim ordenou alguns reconhecimentos às linhas de Espinilo e Humaitá.

Esses acontecimentos iam tendo curso ao mesmo tempo que o reaprovisionamento dos aliados cada vez se tornava mais difícil.

Em seu diário de 20 de Março, dizia o seguinte: "Com a enchente do rio, tornou-se dificultosa a comunicação entre as duas grandes divisões da esquadra fundeadas entre Curupaití e Humaitá e em frente a Curuzú.

Os viveres e as munições de guerra, que para a primeira delas era até esse tempo transportadas pelo Chaco, protegidos os comboios pelas nossas forças de terra aí acampadas, passaram a ser conduzidos em chalanas que navegavam sobre os ex-acampamentos daquelas forças, ora alagados.

Com o abaixamento das águas, que havia já começado a efetuar-se, tornou-se ainda mais difícil aquela comunicação, atingindo mesmo a um estado crítico, sem que fosse possível o transporte, quer por água, quer por terra.

Com o fim de remover esses sérios obstáculos e ao mesmo tempo estreitar mais o sítio, projetou S. Excia. o General-chefe tomar de assalto o forte de Curupaití."

Para tornar efetivo aquele plano, Caxias procurou conferenciar com o Vice-almirante Visconde de Inhaúma sobre a cooperação da esquadra num ataque de flanco por meio de um desembarque auxiliado pelas forças navais e em seguida dirigiu-se para Tuiuti onde com o general Argolo, no dia 20 de Março assentou os últimos pormenores do seu projectado ataque a Curupaití.

Argolo recebeu logo a incumbência de, no dia imediato, efetuar um reconhecimento à viva força à esquerda do seu acampamento sobre o Sauce que era a frente sul do polígono fortificado.

Para dar maior eficiência à operação que se projectava, Caxias mandou que Osório simulasse em sua frente, às mesmas horas, um ataque às posições inimigas.

“Para acometer a linha de Sauce,” diz o general Tasso, “organizou Argolo uma coluna de ataque com dois batalhões, composta de uma vanguarda sob o comando do coronel Fernando Machado de Sousa, e de um grosso de seis batalhões, sob o comando do General Gurjão.

Além disso cobriu o ataque pela direita com a terceira divisão de cavalaria do comando do general José Luiz Mena Barreto, dando-lhe como missão avançar contra a frente inimiga, entre o ângulo do quadrilátero, que ficava mais a leste e a extensa mata bordava inteiramente o entrincheiramento de Sauce, portanto na direcção geral de Passo Pocu, e tomar posição para vedar a passagem de forças inimigas que buscassem Sauce ou flanquear e cortar as brasileiras quando avançassem para Curupaití.

Era pois uma missão de flanco guarda a que Mena Barreto iria efetuar.

Argolo determinou mais que oito bocas de fogo de campanha e quatro estativas de foguetes avançassem para a frente, sob o comando do coronel Gama Lobo d’Eça, afim de apoiarem o ataque.

O acampamento de Tuiuti deveria ficar guardado por nove batalhões de infantaria, dois corpos de artilharia e contingentes chegados nos últimos tempos, tudo sob o comando do coronel Francisco Gomes de Freitas”.

Assim na noite de 20 de Março, Argolo iniciou a aproximação sobre as trincheiras inimigas e no amanhecer do dia seguinte deu começo ao ataque que em virtude das más condições do terreno em parte coberto por um banhado intransitável não correspondeu no primeiro momento ao que se desejava, mas que seguindo outro caminho aberto pelos pontoneiros surpreendeu o inimigo e Sauce foi ocupada.

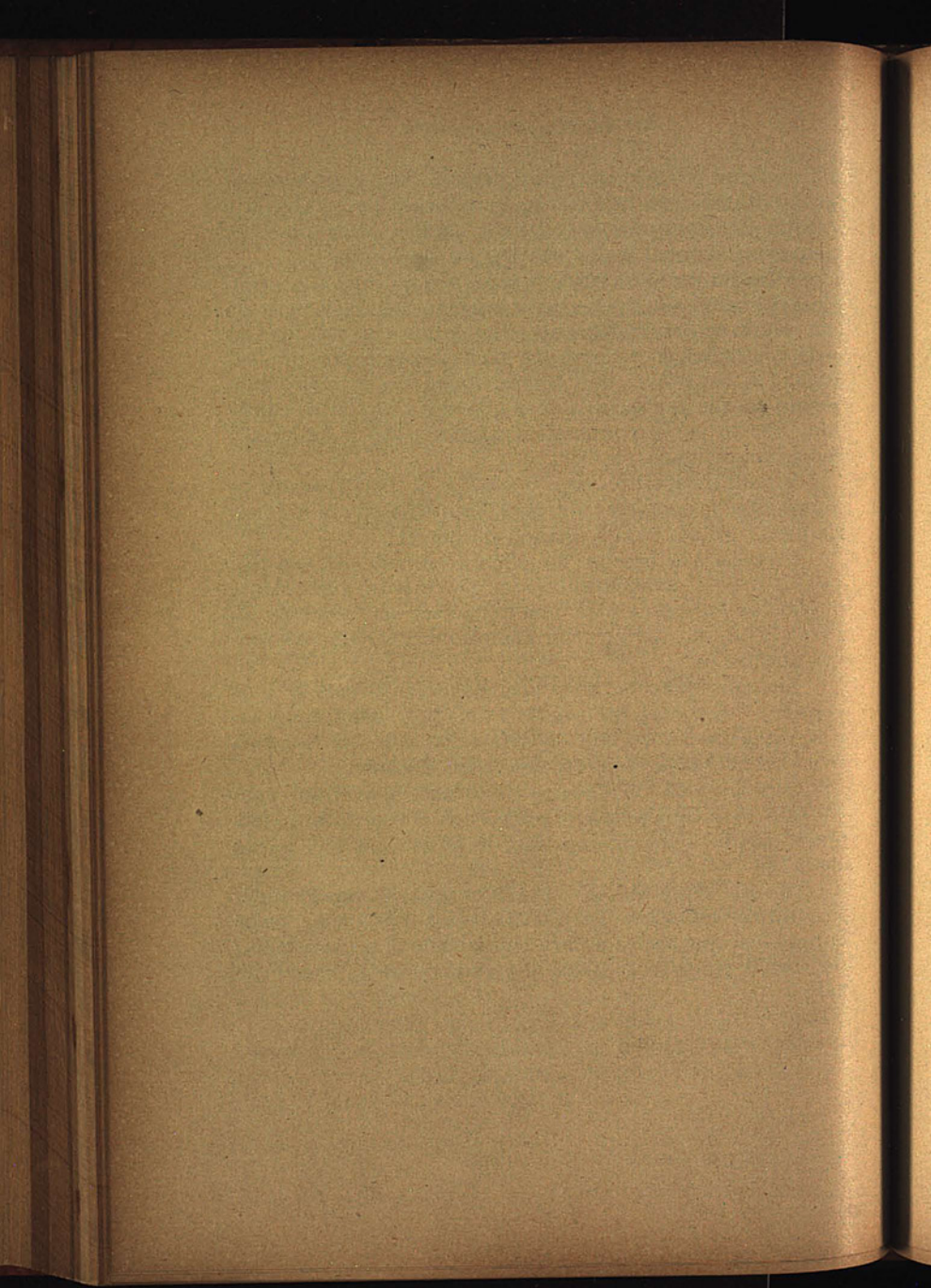
Simultaneamente com o ataque às fortificações de Sauce, Osório acometeu a frente Tuiu-Cué com a artilharia do 3.º grupo, toda a manhã do dia 21.

Alcançada a brecha do olígono fortificado, as forças de Argolo avançaram sobre Curupaití, justamente quando os Paraguaiois já abandonavam as posições do Passo Pocu, do Angulo e do Espinilo, em virtude da brecha aberta.

Em consequência, foi ocupada Curupaití pelo 2.º corpo, e o 3.º corpo apossou-se de Pará-Cué, estreitando assim o assédio à fortaleza de Humaitá, que foi atacada nessa ocasião pela esquadra em Porto Elisiário.

Com a queda de Curupaití, os navios ficaram com trânsito livre de Curupaití para Porto Elisiário e aquela praça passou a ser a nova base de operações das forças aliadas.

“No dia 22 de Março, “diz Thompson,” todas as antigas linhas, inclusive Curupaití, foram evacuadas pelos Paraguaiois, que levaram para Humaitá toda a sua artilharia, único ponto que agora lhe restava nessa região do país.”



SITIO DE HUMAITÁ

Como vimos, estava esboçado o cerco de Humaitá e Caxias já então dera ordens urgentes a todas as forças aliadas para que estas se aproximassem cada vez mais das obras e linhas de defesa do adversário.

Por seu lado, a esquadra, na madrugada de 23 de Março, havia destruído em Timbó o vapor paraguaio Iguarei que fora atacado pelo Barroso e pelo Rio Grande.

Logo em seguida o Baía avistara outro paraguaio, o Tacuarí ao norte do Araçá e deu-lhe caça, metendo-o a pique.

"No mês de Abril, "Escreve Jourdan," construiu-se na frente do 2.^o corpo (acampado nas imediações de Curupaití com a direita apoiada na esquerda do Exército argentino acampado em Espenilo) uma linha de trincheiras de 1.673 metros de desenvolvimento e artilhou-se com 28 peças de grosso calibre; a esquerda dessa linha apoiava-se na lagoa Amboro-Cué, onde vieram postar-se duas baterias flutuantes; a direita em um banhado, começando além dele as vedetas argentinas, que apoiavam até o Passo Benitez a encontrar a linha do 3.^o corpo, o qual além de vários redutos isolados, tinha levantado trincheiras na extensão de 2.500 metros, artilhadas com 5 canhões de grosso calibre.

As linhas do 3.^o corpo prolongavam-se até o Estabelecimento e pouco depois estendiam-se até a margem do Paraguai, onde o 30.^o batalhão guarnecia a península em frente à ilha de Araçá.

A esquadra acima e abaixo de Humaitá, vigiava cuidadosamente o rio. Linhas telegráficas ligavam todos os pontos ocupados pelas nosas forças.”

Por tudo isso, verifica-se a preocupação de Caxias em desencandear um ataque em torno de Humaitá, embora assim não opinassem diversos dos seus colaboradores.

EXPEDIÇÃO AO CHACO

A situação para o lado dos aliados era muito mais satisfatória, mormente na margem esquerda do rio Paraguai, onde o inimigo estava bem vigiado abaixo do Timbó, mas em compensação Lopez tinha livre uma saída de Humaitá para o lado do Chaco e por onde se fazia o abastecimento de suas forças desta praça.

“A presença da divisão avançada e a destruição dos vapores paraguaios Tacuarí e Iguarei quase que obstara de modo concreto o trânsito fluvial entre Timbó e Humaitá. Os paraguaios viram-se obrigados a cruzar o rio em frente a Humaitá e a avançar depois por terra até Timbó e vice-versa. O gado de corte para a alimentação da praça vinha de Timbó — conta Centurion — e passava o rio durante a noite. (op. cit.).

Por tudo isso, Caxias deliberou impedir aquele trânsito e determinou que forças sob suas ordens ocupassem a margem direita do rio à frente da península de Acaiuosa. Foram então organizados dois destacamentos, um brasileiro sob o comando do coronel João do Rego Barros Falcão, com cinco batalhões de infantaria que se transferiu do porto do estabelecimento para a ilha do Araçá, embarcando sua força nos couraçados Baía, Barroso e Tamandaré e monitores Pará e Rio Grande, e outro argentino com 1.500 homens sob o comando do general argentino D. Inácio Rivas que seria também o comandante geral das tropas do Chaco.

No dia 1.º de Maio, o Alagoas bombardeou intensamente a posição do Timbó ao mesmo tempo que as artilharias do 2.º e do 3.º corpo conjuntamente com a esquadra atacavam Humaitá.

Diz o general Tasso: "Os navios que haviam recebido as tropas de Falcão atravessaram o rio na madrugada de 2 de Maio e dirigiram-se a um ponto da margem direita, já escolhido com antecedência e sito um pouco acima do que havia servido para o embarque. Neles são recebidos com tiros de fuzilaria, que partem do mato, e de trincheiras feitas ao longo do rio. Os navios de guerra brasileiros preparam o desembarque metralhando um trecho da margem. Logo que o fogo diminuiu de intensidade, começa a desembarcar a tropa."

Realizado o desembarque o 16.^o batalhão após aquela operação, bipartiu-se em duas direções opostas, para o Timbó e para Humaitá, como elementos de reconhecimento e de cobertura ao desembarque. Sob o comando do tenente-coronel Tibúrcio, este batalhão penetrou no mato para os lados do Timbó e recalcou a baioneta o inimigo até as proximidades do rio Guaicurus.

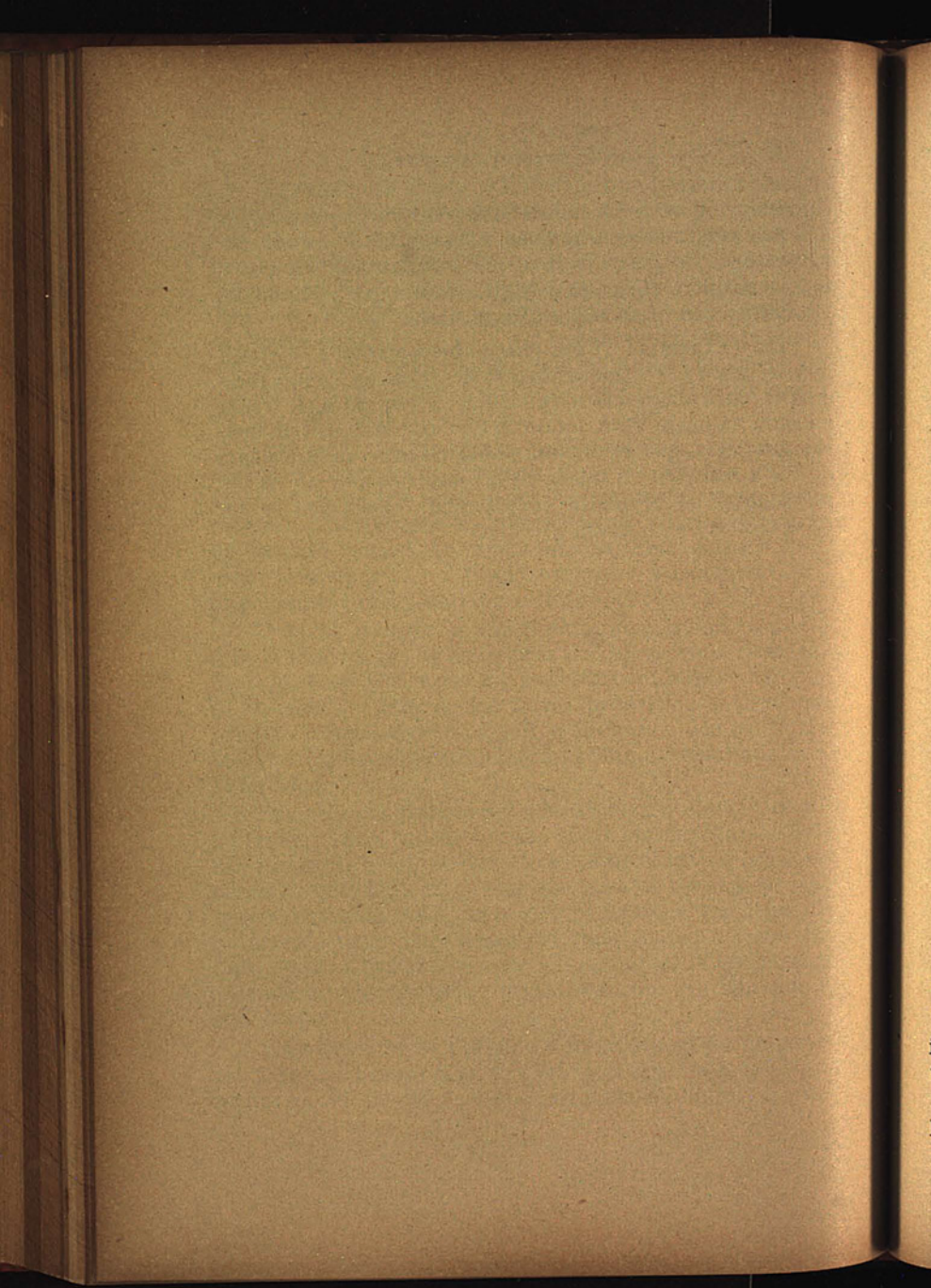
Todavia, quando os brasileiros procuravam contacto com o destacamento argentino, os paraguaios desencadearam forte contra-ataque pelo flanco direito, mas, neste momento, Tibúrcio que havia presentido a manobra inimiga, corre célere e repele o inimigo. Houve ainda outro contra-ataque inimigo, mas já sem resultados satisfatórios.

"Varridos os flancos e ainda debaixo do forte tiroteio da frente", diz a ordem do dia, "fez o coronel Barros Falcão construir as obras de defesa e segurança no lugar de desembarque, para aí formar sua base de operações. As quatro horas da tarde, toda a força acampada e convenientemente defendida, apoiando cada flanco em um reduto, tendo à sua frente o rio e à retaguarda um maciço guarnecido por paliçadas e abatizes, com um banhado à sua frente."

Mais tarde havia chegado a força argentina do general Rivas que penetrara no Chaco, abaixo de Humaitá e acima da foz do rio do Ouro, em meio de inúmeras difi-

culdades. Esta força, ao desembarcar na península, foi atacada por forças paraguaias, mas diante do esforço incontestável do general Rives, o inimigo foi completamente batido e obrigado a fugir, a noite, para Humaitá. Estava pois ocupada a posição de Andai.

Diz Octaviano: "Com entrincheiramento e abatizes, forte se fez o novo acampamento dos Aliados, com a retaguarda para o rio sob a vigilância da esquadra, a frente apoiada na lagoa Verá, tendo os flancos em duas trincheiras paralelas, que limitavam vasto recinto, as quais iam do rio a margem da lagoa, interrompendo por ali as comunicações de Humaitá com Timbó. Dest'arte se fechou o sítio de Humaitá".



COMBATE DE 4 E 8 DE MAIO DE 1868

É claro que os paraguaios não se conformariam com a situação do sítio e naturalmente buscariam tentar, como fizeram, nova situação que lhes proporcionasse melhor segurança.

As quatro horas da tarde do dia 4 de Maio, o inimigo investiu contra as nossas trincheiras da direita em Andai, onde de achavam o 8.^o e o 16.^o batalhões de infantaria com um contingente do 7.^o preparando o campo de tiro à frente do dispositivo de defesa.

Travou-se, então, o combate com aqueles batalhões já logo depois auxiliados pelos 1.^o, 3.^o e 14.^o que correram céleres a frente atacada.

Diz Otaviano: "Era tarde, escurecia. O combate se foi arrefecendo e, afinal, terminou com o desaparecimento do inimigo, infiltrado pela mata e oculto pelas trevas. Numa área de 60 braças quadradas, deixou ele 360 cadáveres".

No dia seguinte, assumiu o comando das forças brasileiras no Chaco já então aumentadas com outros elementos o brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt, em substituição ao major Barros Falcão que adoecera.

Os efetivos brasileiros formaram uma divisão com duas brigadas respectivamente comandadas pelos coronéis Hermes da Fonseca (1.^o, 8.^o e 16.^o) e Manuel José de Menezes (3.^o, 7.^o e 14.^o).

Caxias soube, no dia 7 que os paraguaios se haviam instalado nas trincheiras que os brasileiros haviam construído ao desembarcar na margem direita do rio Iuasí.

Por ordem de Caxias, então o general Rivas expediu, para Iuasí na manhã de 8 de Maio, um destacamento

mixto, sob o comando do coronel argentino Martinez, para que este expelisse a força paraguaia que lá se encontrava.

A retaguarda do dispositivo de ataque, seguia o 16.º batalhão sob o comando de Tibúrcio para apoiar a operação. Esta devia também ser apoiada por elementos embarcados no vapor Rio Grande e que tinham por missão o arrasamento das trincheiras e matos adjacentes.

De facto, o combate travou-se às 8 horas e as forças aliadas investiram contra o inimigo, assaltando-o e tomando posse de material de guerra allí existente.

Em seguida, os sapadores brasileiros deram início à destruição do reduto e à derrubada da mata que o camuflava para as bandas do rio, mas, quando o trabalho chegava ao seu término, o inimigo contra-atacou a posição pela direita, sendo entretanto, repelida esta acção.

Há um novo contra-ataque inimigo e Tibúrcio com o 16.º batalhão que se encontrava entre as posições de Andá e Iuasí, avançou e determinou que a sua vanguarda atacasse os paraguaios que se encontravam postados em guarda sobre uma ponte. Esta foi atravessada pelos nossos que carregaram à baioneta contra o inimigo que foi, então, destroçado.

Nesse segundo combate de Iuasí, deixaram os paraguaios mais de cem mortos em campo e deles apreendemos muito material de guerra.

O PLANO DE MANOBRA PARA A TOMADA DE HUMAITÁ

Os acontecimentos que acabamos de relatar fecharam o assédio de Humaitá que, pela situação privilegiada de seu poder, ainda podia prolongar por muito tempo a sua posse às mãos de Lopez.

Mas o cerco não era nem podia ser absoluto, por isso que o inimigo as caladas da noite o varavam com os seus agentes e estafetas, embora de modo precário e sem assegurar com máxima eficiência o reaprovisionamento da praça.

Por seu lado Caxias sabia que o grosso do exército paraguaio de Humaitá já se havia retirado para o Chaco e sabia mas que o ditador fortificara a linha importante do Tebiquarí, estabelecendo sua base de operações em São Fernando.

Era necessário pois que se fizesse um reconhecimento para aquelas bandas e talvez fosse até oportuno que se desencadeasse uma ofensiva contra o Tebiquarí.

Por outro lado, se o assédio fosse realmente perfeito, era lógico que Lopez deveria vir oferecer batalha fora dos muros de Humaitá e talvez com alguma vantagem, para o ditador pois que a dispersão das tropas aliadas empenhadas no cerco a praça, daria a Lopez a vantagem da superioridade numérica das suas tropas contra o adversário, em qualquer um dos pontos do cerco.

Portanto atacar o Tebiquarí e manter simultaneamente o cerco era contar com a nulidade tática do adversário que naturalmente não perderia a oportunidade de obter vitória pela superioridade numérica de forças, no ponto de ataque que escolhesse.

Um dos grandes ensinamentos que a história nos tem fornecido através das guerras nacionais, é o aproveitamento dos mesmos métodos inimigos para serem jogados contra o próprio inimigo que se vê descoberto nos seus princípios tacticos adotados.

Napoleão foi vencido, quando seus planos e suas manobras foram estudados e aplicados contra ele mesmo.

Além disso, Caxias sabia que Lopez era hábil em golpes de mão, e naturalmente querendo evitar surpresas dessa natureza a retaguarda do seu exército, pensou o que no momento se impunha, isto é, num reconhecimento sobre os meios defensivos do inimigo no Tebiquarí.

Mas era premente a situação de espera e o chefe devia tomar uma decisão imediata sobre a conquista de Humaitá ou pelo isolamento, forçando o seu esgotamento ou atacando-a violentamente.

Diz o general Tasso: "Caxias inclinava-se por esta solução, mas os seus principais auxiliares não eram do mesmo parecer.

No dia 21 de Maio, ele convocou Gelly y Obes ao seu quartel general e expôs-lhe o seu plano de assalto, com o qual o general argentino não concordou.

Osório e Argolo, também ouvidos sobre o assunto não se mostraram favoráveis à ideia...

Embora o primeiro houvesse dito estar pronto a fazer o que fosse ordenado, verifica-se da sua resposta a sua pouca predileção pelo assalto".

"Argolo escreveu": que nos faria ganhar o assalto precipitado? Alguns dias de adiantamento? E de quantos necessitaríamos depois para prosseguirmos? Por que preço alcançaríamos esse adiamento? Compensaria ele os recursos gastos para conquistá-lo? Não me parece. Humaitá é hoje o objectivo secundário. Creio, pois, que devemos comprar o mais barato possível e termos juntos todos os nossos recursos para a aquisição do principal. Se para a compra for necessário o assalto, este a

meu ver só convirá ser dado depois do emprego dos meios que aconselha a arte para torná-lo menos dispendioso e nunca antes do emprego desses meios."

Caxias podia tal como os Búlgaros com Andrinopla na guerra Balcanica, deixado Humaitá para trás cercada com o mínimo de tropas possível e avançado o grosso contra o inimigo que já então se fortificava em outros pontos mais para o interior do seu país.

Mas tal era o valor de Humaitá, como obstáculo à navegação de uma parte do rio, que não era aconselhável essa solução e Caxias como nenhum outro general teria a imprudência de adotar tal medida.

Mitre em carta dirigida ao general Gelly escreveu o seguinte: "A expedição ao interior era indicada, quando Lopez ainda não havia evacuado Humaitá ou antes que nos envolvêssemos na ocupação do Chaco, depois de debilitada aquela fortaleza.

No primeiro caso cortávamos os recursos aos inimigos isolados e ocupávamos um país militarmente indefeso, dominado o rio com os encouraçados que haviam transposto a cadeia.

No segundo podíamos deixar em frente a Humaitá 15 mil homens, e talvez menos, e penetrar no interior do país com 25 ou 30 mil, levando tudo por diante sem grande resistência, seguidos dos encouraçados que haviam forçado o Passo do Humaitá.

Hoje, porém, uma expedição ao interior que não contasse nem mesmo com a base de operações do rio Paraguai, não só não corresponderia a nada, senão que seria até insensata. Agora, quanto ao assalto a Humaitá considerado isoladamente, é operação tão decisiva quanto séria, e digna de maduro exame.

Se nos apoderássemos de Humaitá a viva força, decreto que a guerra findaria ali moralmente; se, porém, fôssemos rechaçados teríamos de volver à empresa, como se nada tivéssemos feito até agora. Merecem, portanto, reflexão demorada estas questões.”

CAXIAS DETERMINA O RECONHECIMENTO DO TEBIQUARÍ

As notícias pouco positivas que se tinham do Tebiquarí através dos trãnsfugas e prisioneiros não satisfaziam a Caxias que então determinou ao general João Manuel Mena Barreto, comandante do 1.º corpo de exército, que á testa de uma coluna de 1.500 homens fizesse com o auxílio da esquadra uma operação de reconhecimento até a barra do Tebiquarí e explorasse o terreno até Nhembucu.

Recebeu o general Mena Barreto as seguintes instruções: " A frente de uma coluna de 1.500 homens de cavalaria e quatro peças de montanha, marchará V. Excia. no dia 4 do corrente, do ponto em que se acha, pela estrada mais próxima do rio Paraguai, até a barra do Tebiquarí, e, explorando o terreno compreendido entre o Nhembucu e o último rio, fará bater qualquer força inimiga que por aí encontrar; procurará saber notícias do inimigo, qual a verdadeira posição que ocupa, quais as suas forças, a natureza delas e estado de suas cavahadas, etc.

Mandando eu nesta mesma ocasião subir o mencionado rio até aquele mesmo ponto quatro encouraçados, V. Excia. entenderá com o chefe da divisão, Barão da Passagem, sobre a maneira de se comunicarem e auxiliarem mutuamente para o bom desempenho da missão... De todas as ocorrências que se derem na marcha, deve V. Excia fazer aviso para Taií, afim de que pelo telégrafo seja logo informado."

De facto, o General João Manuel Mena Barreto, no dia 4 de Junho de 1868, marchou com uma coluna de cavalaria às 8½ horas da noite para outro lado do Nhem-

bucú deixando ordens à força argentina para que se dirigisse ao Passo Portilho no Tebiquarí onde devia aguardar as suas ordens e que se isso não fosse possível que deveria procurar fazer junção com suas forças no Jacaré, no caso de encontro com forças inimigas ou qualquer de outro obstáculo que por ventura surgisse.

Mena Barreto marchou em seguida até o Passo-da-Posta no arroio Jacaré, onde chegou no dia 6 e nada havendo verificado de anormal, resolveu em pessoa reconhecer esse passo e nesta ocasião foi surpreendido por tiros de canhão de campanha e de fuzilaria por forças inimigas acobertadas no mato.

Por não poder realizar a passagem do rio, em vista de esse se achar muito crescido, resolveu determinar o reconhecimento do Passo-da-Estância, meia légua mais acima do primeiro, onde deixou uma força de observação.

Recebido ainda aí com tiros de fuzilaria, verificou a existência de duas trincheiras na margem oposta simultaneamente mandou reconhecer o Passo-das-Ovelhas que fica meia légua acima deste.

Enquanto estas ordens eram cumpridas, Mena Barreto dirigiu-se para a estância do Bocaí, uma légua aquém do Jacaré, onde aguardou o resultado dos reconhecimentos.

No Passo-de-Ovelha, a força conseguiu atravessar a nado para a outra margem mas só a duas quadras de distância foi encontrado uma pequena partida inimiga. Com esta informação, Mena Barreto resolveu determinar ao coronel Vasco Alves Pereira que com 400 homens marchasse à noite para o dicto passo e aí procurasse atravessar o rio e em seguida, margeando o rio procurasse atingir até o Passo-da-Estância, onde encontrava com a artilharia e o resto da força.

“Quando, porém, diz o general Mena em sua parte de combate,” tratava eu de assestar convenientemente as

bocas de fogo neste último lugar, aproveitando para isso o crepúsculo da manhã, rompeu sobre nós, o inimigo, fogo de artilharia de campanha e de fuzilaria, ao qual mandei logo responder com todas as quatro bocas de fogo: jogando a metralha e calando o inimigo, continuei a mandar fazer fogo até clarear o dia, e notando que fazia ele retirar sua artilharia e a maior parte de suas forças resolvi marchar com artilharia em proteção ao coronel Vasco, de quem já havia recebido parte de que operava a passagem com 200 lanceiros e clavineiros sem novidade."

De facto, o coronel Vasco depois de atravessar o rio avançou para o interior dando combate ao inimigo que encontrava, fazendo-lhe 10 prisioneiros e matando dois oficiais e 19 praças.

Quando, porém, tentava dirigir-se para a estância do Jacaré, foi recebido vindo das matas vizinhas, por forte fuzilaria de grossas tropas inimigas de infantaria e cavalaria.

Esta ocorrência foi comunicada imediatamente ao general Mena Barreto que, tendo tido informações do passo-da-Estância de que realmente uma coluna inimiga marchava sobre o Passo-das-Ovelhas, determinou ao coronel Vasco que retrocedesse com sua força, atendendo os poucos meios que tinha para atravessar o rio com certa celeridade.

Mas ainda faltavam uns 48 homens para concluir esta operação, já o inimigo se apresentou carregando sobre os nossos.

Em vista disso, fez romper contra o inimigo a nossa artilharia que conseguiu cobrir a retirada dos nossos que, aproveitando a parte convexa do rio, se afastaram da margem sem grandes perdas.

Não havendo "diz o general Mena em sua parte de combate", conveniência de levar mais adiante o reconhecimento, não só porque, segundo as instruções de V.

Excia. estava completamente satisfeito o fim da expedição, como também por ter reconhecido que o inimigo dispunha nesses pontos de forças superiores e das três armas, resolví contramarchar, o que levei a efeito às três horas da tarde do dia 7, depois de reunida a nós a força argentina, que se compunha de 370 homens e não tinha passado para a margem direita do mencionado rio mais do que 11, chegando a este acampamento (no Taií) ontem, à noite (8 de Junho) sem novidade. Tivemos fora de combate nos diversos encontros 40 homens, inclusive dois oficiais.....

O coronel Vasco Alves Pereira, já portador de bela reputação de valente no Exército, me dispensa de render-lhe um novo elogio; entretanto sempre digo a V. Excia. que sinto profundamente não o ter V. Excia. visto à frente dos 200 lanceiros, quase nu, de lança em punho, transpondo a nado o rio correntoso, que mandei passar; e assim como ele, os outros chefes e oficiais de que o mesmo Coronel fez menção”.

Por seu lado a esquadra prestava também relevantes serviços com o couraçado Baía e os monitores Alagoas, Barroso e Rio Grande, sob o comando do valente Barão da Passagem, capitão-de-mar-e-guerra Delfim de Carvalho.

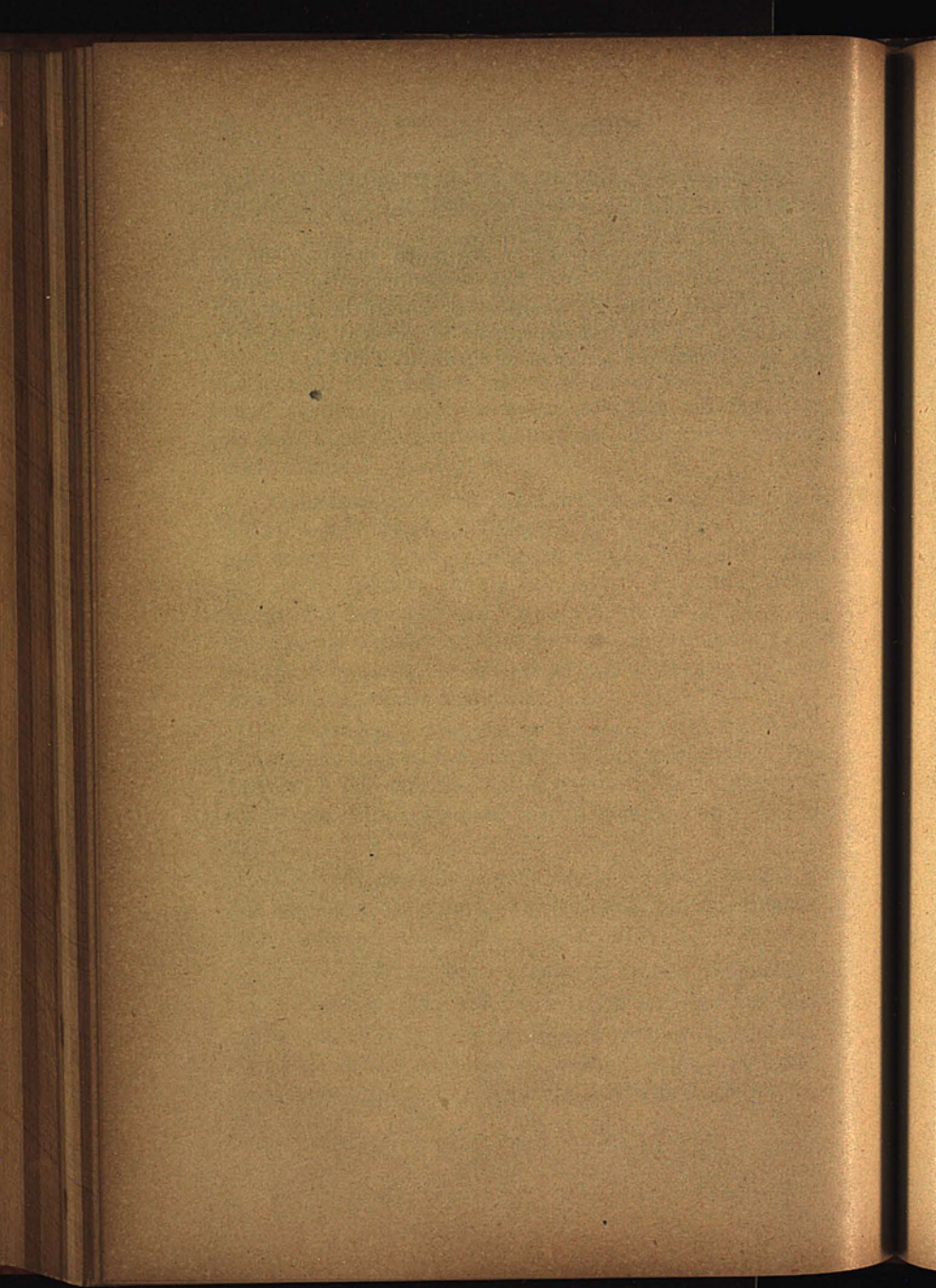
Partindo de Taií, aquele digno oficial, navegou com sua esquadra rio acima, observando simultaneamente as duas margens.

Ao chegar um pouco abaixo da foz do Tebicuarí, notou o Barão da Passagem que havia importantes fortificações paraguaias estabelecidas na margem esquerda do rio e determinou ao Alagoas que as reconhecesse e moles-tasse com alguns tiros para melhor determiná-las.

Em seguida, e já no dia 6, foram reconhecidas as fortificações paraguaias semeadas desde a foz do Tebiquari até a barranca de São Fernando.

Após o reconhecimento, a esquadra bombardeou as posições assinaladas e estas não responderam ao ataque.

Depois de outros trabalhos, o Barão da Passagem verificou o regresso da expedição do general Mena, tornou águas abaixo e ancorou de novo em Taíí.



COMBATE DE 3 DE JULHO

Caxias soube por intermédio de Machado Bitencourt que um trãnsfuga lhe havia comunicado que forças paraguaias tinham transposto o Guaicurus com a intenção de atacar as nossas posições no Chaco.

Contra elas foi mandado o 16.º batalhão sob o comando do tenente-coronel Tibúrcio que, em um reconhecimento, dispersou uns 50 Paraguaiois naquela direcção do Norte.

Em seguida, Caxias ordenou ao coronel Hermes da Fonseca que com o 14.º e uma ala do 1.º, explorasse até aquele arroio.

Assim narra o general Tasso: "Partiu às 10½ horas da manhã com a sua brigada (Hermes da Fonseca) composta dos 14.º, 1.º e 16.º dividida em duas colunas.

Uma (o 14.º e a ala direita do 1.º) seguiu pela estrada paralela ao rio na direcção do Norte; a outra (o 16.º e a ala esquerda do 1.º), sob o comando de Tibúrcio avançou no rumo de Noroeste.

As 11 horas, os exploradores de ambas as colunas encontraram piquetes inimigos, que foram batendo e impedindo até o Guaicurus.

A coluna da direita (coronel Hermes) encontrou nas proximidades do rio uma pequena trincheira guarnecida por 50 homens e desalojou-os; não pode persegui-los, porque se internaram no mato; chegou à margem de uma lagoa que se comunicava com o Guaicurus; o inimigo estava entrincheirado do lado oposto.

A coluna da esquerda (coronel Tibúrcio) foi recalcando o adversário até chegar a um reduto aquém do

Guaicurus; cuja face esquerda se apoiava em uma lagoa que se comunicava com o Guaicurus e a direita na mata espessa.

Sustentou-se com ele nutrido fogo durante duas horas. Afinal ambas as colunas retrocederam. Nesse reconhecimento, conhecido pelo nome de Reconhecimento do Guaicurus, tiveram os Brasileiros 37 homens fora de combate”.

NOVA ABORDAGEM A NOSSA ESQUADRA

(9 de Julho de 1868)

Em face da situação terrível da guerra visivelmente desastrosa para os Paraguaioes, resolveu Lopez dar mais um golpe e de acordo com o seu desesperado modo de agir, ordenou mais uma vez um ataque de surpresa aos nossos encouraçados.

Achava-se o couraçado Barroso sob o comando do bravo capitão-de-fragata Artur Silveira da Mota, ancorado na margem esquerda do rio um pouco acima do Taí, na boca da lagoa que ficava à retaguarda do acampamento das nossas forças, com o monitor Rio Grande fundeado à sua popa, quando foi surpreendido por um ataque de abordagem.

O inimigo organizara uma expedição de 20 canoas, unidas, duas a duas, como fizera da primeira vez, levando em cada um destes grupos de canoas uns 25 homens bem armados e munidos de tubos de bronze, cheios de certa substância inflamável e asfixiante, de granadas de mão para jogar pelas escotilhas dos navios.

Assim descreve o marechal Borman: "A bordo do couraçado estava de serviço de quarto o 2.º tenente Araujo Neves que presentiu a aproximação do inimigo e imediatamente colocou as guarnições a postos.

O bravo comandante, ouvindo as vozes dadas para o combate e o tinir das armas da guarnição, dirigiu-se à casamata.

O navio já estava cercado de canoas.

Os fuzileiros navais e cabos de marinheiros travam o fogo que irrompe vivo e certo da casamata e das portinholas de avante da bateria.

Apesar dessa resistência, o inimigo atraca ao costado e sobe ao convés, sendo seu primeiro cuidado deitar a matéria inflamável e asfixiante, bem como as granadas de mão, na câmara e nas escotilhas.

Silveira da Mota deixa-o subir e aglomerar-se e, então, dá ordens para os canhões de avante começarem a metralhar.

Enquanto isso se passa, o 1.º maquinista, 2.º tenente Januario da Silva e o escrivão Augusto Prio, tratam de por a máquina em condições de funcionar.

Todos lutam a bordo.

O inimigo não se pode ali sustentar por causa da metralha e da fuzilaria. Debalde pende para ré; o fogo da parte superior da casamata o repele.

Para cumulo de sua desdita, a máquina começa a funcionar e muitas canoas sossobram.

O monitor Rio Grande que vê o que se passa, prepara-se para mover-se e avança ainda não abordado, em direcção ao Barroso.

Silveira da Mota, julgando chegado o momento de por termo à luta, sai acompanhado do bravo práctico Etchbarne e outros oficiais e marinheiros para a tolda.

A machadinha e o sabre completam a derrota do inimigo no convés do navio. Entretanto uma canoa, tomada ao Barroso e uma chalana vogam em direcção ao Rio Grande que se aproxima, e o abordam.

Na tolda está o seu bravo comandante, Antonio Joaquim, impávido e contra ele 15 paraguaiois se arremesam.

Ele luta heróicamente; mas afinal, sucumbe sob o peso do número."

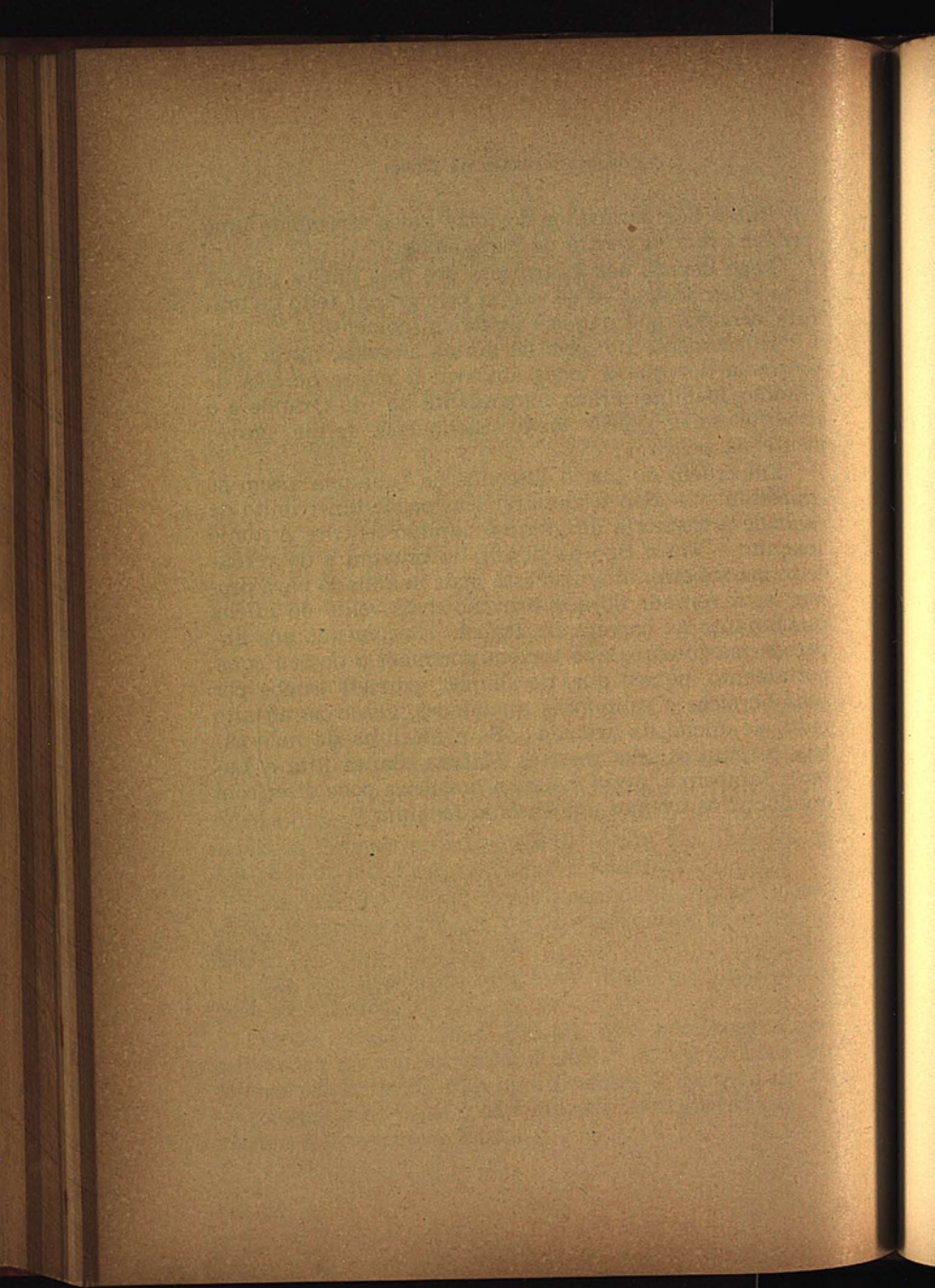
Nessa ocasião Mena Barreto que percebera o que se passava no rio, determinou ao 40.º de Voluntários que ocupasse com uma linha de atiradores a margem do rio ao mesmo tempo que o 41.º atacava os fugitivos que tomavam a direcção do Pilar.

Então dos parapeitos do forte havia irrompido uma terrível fuzilaria contra os Paraguaiois.

Logo depois, das guarnições dos dois navios partem vivas e demonstrações de vitória pelo grande feito de bravura demonstrado naquele histórico momento.

Infelizmente no meio de tantas alegrias, havia uma profunda dor que a todos abalava: a morte heróica de António Joaquim, bravo comandante do Rio Grande e o acidente sofrido pelo bravo Etchbarne, ferido gravemente na peleja.

Em ordem do dia, o Visconde de Inhaúma assim se expressou: “— Não terminarei sem pagar um tributo de saudade à memória do glorioso capitão-tenente António Joaquim. Era o tipo da honra, da bravura e do verdadeiro marinheiro; ninguém está mais habilitado para proamar esta verdade do que o irmão mais velho do infeliz comandante da corveta D. Izabel. Recomendo aos imperiaes marinheiros que tomem por modelo do seu comportamento, aquele que, de simples grumete soube por suas heróicas e estimáveis qualidades, elevar-se ao alto posto de oficial da armada. Se a marinha da mãe-pátria possuiu os seus mestres Mateus, Santa Rita e Laranja também a jovem marinha brasileira pode dizer com orgulho: Nós tivemos um António Joaquim.”.



COMBATE DE HUMAITÁ

(16 de Julho de 1868)

A situação de cerco da praça do Humaitá muito preocupava a atenção de Caxias que não queria perder a oportunidade de, no momento, obter factor moral com a tomada da fortaleza à viva força que talvez pusesse termo imediatamente à guerra.

Daí os seus intensivos reconhecimentos naquele sentido para, no momento necessário, desencadear em torno de Humaitá um assalto ao recinto da posição, antes que o exército de Lopez abandonasse aquela praça, levando todo o material ali existente.

Nessa situação com toda a sua tropa preparada para aquele fim, Caxias soube na manhã do dia 16 de Julho de 1868 que canoas carregadas de soldados passavam daquela Praça para o Chaco.

Julgou Caxias que o inimigo realmente tentava a fuga de Humaitá para o Chaco e no intuito de impedi-lo, determinou a todo o seu exército a seguinte ordem:

“— Ao brigadeiro Jacinto Machado para que estivesse com a maior vigilância, tanto para o lado da Lagoa que cobria o lado direito da sua divisão, como o para o do Timbó, donde era de esperar algum movimento contra as suas avançadas. Ao brigadeiro Mena Barreto (1.º corpo) para que fizesse observar a mesma vigilância para os lados de Nhembucu e Pedro Gonzalez, por onde era de presumir que o inimigo nos procurasse distrair a atenção. Aos generais, Conde de Herval (3.º corpo), Argolo (2.º corpo), Gelly y Obes (exército argentino) e Henrique Castro (exército oriental) ordenou que tivessem as forças sob seu

comando prontas para o assalto a Humaitá e bem assim que fizessem desde já romper das baterias avançadas um vivo bombardeamento contra a mesma praça.

Finalmente ao Vice-Almirante, Visconde de Inhaúma e ao chefe de divisão, Barão da Passagem, para que fizesse aproximar os encouraçados da bateria das correntes, afim de averiguar aquela notícia, devendo os mesmos navios, no caso de notarem algum início de movimento do inimigo, metralhar as forças desde que aparecessem em qualquer das margens, ou nas canoas, no intuito de atravessar o rio. "(op. cit.)."

Realmente ao amanhecer daquele dia, todo o exército aliado e a esquadra imperial desencandearam os seus ataques com fortes bombardeamentos à fortaleza que não respondeu nem com um tiro de fuzil.

Tudo, portanto, levava a crer que a fortaleza estava realmente abandonada.

Mas logo que o general Argolo, à testa do seu corpo, avançou com o 16.º de Voluntários na vanguarda, o inimigo desencadeou inopinadamente contra ele um forte canhoneio, obrigando-o a uma parada forçada para evitar inúteis sacrifícios de vidas.

Igualmente foram detidos os generais Castro e Celly atacados pelos canhões de Humaitá, que só contra eles atirou depois que os viu em movimento com suas tropas.

De Pará-Cué, Osório iniciou às 6 horas o seu movimento e diz o Marechal Borman: "Passa a primeira linha de fossos, destroi os abatizes, parecendo mais um ataque formal do que um reconhecimento; pois desde o seu início, a galhardia e o ardor das tropas dão ao conjunto um aspecto de verdadeira escalada."

Vencidos estes obstáculos, Herval ordena que o bravo Coronel Frederico Augusto de Mesquita, com os batalhões 4.º, 13.º de linha e o 39.º de Voluntários carreguem sobre a trincheira, no ponto determinado.

Quarenta e seis canhões convergem metralha, secundados por viva fuzilaria sobre estes batalhões.

Os nossos infantes recebem esse fogo mortífero; mas, bizarramente, seguidos por algumas companhias de engenheiros, com escadas e salsichões, chegam à contra-escarpa.

Em vão procuram entulhar o fosso; a sua profundidade é enorme e não menos a largura.

A escalada aos parapeitos assim é difícil; exige grandes sacrifícios de vidas e então Herval manda avisar o que ocorre ao Marechal Caxias prevenindo-o de que o reconhecimento estava feito.

O Marechal, ciente da situação, manda dizer ao Visconde do Herval que, se o reconhecimento estava feito, deixava ao seu critério retirar-se ou penetrar na fortaleza, como entendesse acertado e se precisasse de reservas lhe mandasse prevenir porque ele marcharia à frente delas.

Entretanto, Herval reconhece que a situação não melhora para um assalto decisivo pelo ponto por onde atacara e de novo manda prevenir ao General-chefe, declarando achar preferível contra-marchar, com o que se conformou o Marechal.

Caxias expede ordens ao General Argolo para retirar-se também, e assim as forças voltam as suas posições."

Neste reconhecimento ou investida contra Humaitá tivemos 226 mortos, 607 feridos, 147 contusos e 29 extraviados.

Este combate foi uma miniatura do de Curupaiti e como tal o inimigo quase não teve baixas a registrar.

Diz o General Tasso: "O exame dos documentos relativos às operações de 16 de Julho não deixa a mínima dúvida de que, embora Caxias tivesse a intenção de praticar o ataque simultâneo em toda a frente terrestre do recinto de Humaitá, só o corpo de Osório empenhara o combate com decisão.

Tudo leva a crer que Argolo não passou de preparativos ou, quando muito, se limitou ao enganamento de um batalhão, o que aliás se comprova pelas suas perdas insignificantes. Os Argentinos não chegaram a iniciar o ataque.

Em vista dessas circunstâncias, não deve causar-nos a mínima admiração o mau êxito de empresa. O ataque para ser frutuoso devia sobrevir sem dilação e ser praticado em toda a linha.

Só assim haveria possibilidade de se aferrar o inimigo na extensa frente e de impedi-lo de correr com as suas reservas, como parece ter corrido, para o lado do ataque de Osório."

COMBATE DE ACAIUASA

(16 de Julho)

Dois dias depois do ataque de Humaitá, sofremos uma pequena derrota para os lados do Chaco.

Para a banda do Timbó, desde o dia 15, partiam tiros de canhão contra as nossas tropas do Chaco e, em vista disso, resolveu-se mandar naquela direcção um reconhecimento para apurar exactamente a posição dessa artilharia inimiga.

Com esta missão, Caxias ordenou ao general argentino Rivas que mandasse reconhecer o que havia de real para aquelas bandas e então de, ordem deste general, marchou o coronel Martinez à frente de um batalhão argentino e dois brasileiros (3.º e 8.º de infantaria) para cumprir aquela missão.

Infelizmente, este bravo oficial não seguiu exactamente o caminho que lhe haviam traçado e a sua vanguarda composta do batalhão argentino avançou, além do que devia, sem as precauções necessárias quando acometido pelos paraguaios que a envolveram, aprisionando quase todos os componentes.

Logo em seguida, os paraguaios atacaram o grosso de Martinez composto dos batalhões brasileiros que ofereceram grande resistência e que depois reforçados pelo 14 de infantaria conseguiram bater os inimigos que foram levados a baioneta até perto das fortificações do Timbó.

Os Paraguaios tiveram perto de 250 mortos e muitos prisioneiros inclusive um capitão. As perdas dos aliados foram as seguintes: Argentinos 9 oficiais e 105 praças; Brasileiros 15 oficiais e 275 praças.

Este pequeno acontecimento deu a Caxias a convicção de que as forças de Timbó iriam cooperar com a retirada das forças de Humaitá, atacando a posição de Andai.

Tomou imediatamente o Marechal as providências que achou urgentes e determinou um maior reforço para Andai.

Em seguida conferenciou no Chaco com o general Machado Bitencourt (19 de Julho) e daí expediu ordens ao Barão da Passagem para que se aproximasse com a sua divisão do reduto Corá, bombardeando-o.

Depois de conferenciar, também, com Inhaúma, em Porto Elisiário, assentou que antes do amanhecer do dia seguinte alguns navios forçassem a passagem do Humaitá com o fim de reforçar as unidades que se achavam à montante daquela praça.

De facto, no dia 21 de Julho, os couraçados Cabral e Silvado e o monitor Piauí puseram-se em marcha e enfrentaram a passagem da praça, que foi transposta sem nada sofrer a esquadra.

Esta acção foi protegida pela 2.^a divisão Torres e Alvim que estava fundeada um pouco abaixo de Humaitá.

Desta forma o Barão da Passagem havia ficado com um efetivo de cinco couraçados e quatro monitores.

No dia 21 de Julho, o Barão da Pasagem, por ordem de Caxias, subiu rio acima com o Baía, o Silvado, e o Alagoas e bombardeou a posição do Timbó, regressando em seguida a Taií.

Diz o general Tasso: "Às 9 horas (do dia 21) lançava ferro à vista de Taií; às 6 horas da manhã do dia seguinte suspendia e ia ancorar em frente ao reduto dessa posição. Às 2 horas da tarde continuou rio acima para se reaprovisionar de lenha. Como havia indício de mau tempo, foi abrigar-se em Pilar, e ali passou a noite de 22 para 23. Ao amanhecer deste dia, prosseguiu a viagem sem nenhum obstáculo e foi fundear, às 3 horas, ao al-

cance dos canhões que defendiam a fóz do Tebiquari e o passo do rio Paraguai, em frente de S. Fernando.

Atacou com artilharia a posição inimiga. Foi contrabattido pela bateria da península formada pelo Paraguai e o Tebiquari. "Essa bateria, escreveu ele", montava 11 bocas de fogo de grosso calibre, inclusive uma de 32 raiada."

Apesar de o canal fronteiro à posição paraguaia ser estreito e turtuoso e estar defendido por torpedos, segundo lhe havia informado, o Barão de Passagem resolveu enveredar por ele em pleno dia e passar além da referida posição.

Deixou abaixo do Tebiquari o Barroso, o Rio Grande e o Piauí, atirando contra o inimigo, e foi forçar o passo com o Alagoas atracado ao Baía e ao Silvado.

Logo que estes navios investiram contra o canal, o inimigo abriu sobre eles fogos cruzados e convergentes, com todos os seus canhões.

Os Brasileiros responderam com a maior energia. As 10 horas estava a operação terminada; não se havia encontrado no rio nenhum obstáculo; só tinham sido vistas duas estacas plantadas em um parcel do lado do Chaco."

Avançando pelo rio, o Barão da Passagem descortinou o acampamento de S. Fernando que foi, então, bombardeado e, enquanto este ataque era efetuado pelo Alagoas e pelo Silvado, rio acima o Baía atingia Herradura e reconhecia as duas margens.

Depois de vários reconhecimentos, a divisão regressou a Taíí com apenas um oficial morto e dois feridos; duas praças mortas e cinco feridas.

OCUPAÇÃO DE HUMAITA

(25 de Julho)

Na manhã de 25, o Marechal Caxias teve comunicação de que o inimigo recolhia à praça, os piquetes que faziam o serviço avançado de vigilância e que no interior dela parecia um grande movimento denunciador de qualquer facto importante ocorrido.

As 11 horas o General Osório comandante do 3.º corpo, comunicara ao Marechal que uma força de cavalaria que atingira as imediações de uma trincheira inimiga, notara que a praça de Humaitá tinha indícios de abandono e assim ia mandar, para disso se certificar, o coronel Corrêa da Câmara (depois Visconde de Pelotas) com uma pequena força.

Simultaneamente com esta comunicação, o Marechal recebeu do General Argolo um telegrama comunicando-lhe que os piquetes avançados da praça tinham desaparecido e que disso deduzia que a praça estava abandonada.

Por tudo isso, resolveu Caxias determinar aos dois generais que fizessem cautelosos reconhecimentos, ao mesmo tempo que prevenia aos generais Mena Barreto e Jacinto Machado Bitencourt que estivessem em rigorosa vigilância respectivamente em Taíí e no Chaco.

Realmente, a força do coronel Câmara penetrou em Humaitá e aí encontrou ainda uma parte da guarnição, precipitando-se em canoas e chalanas com destino ao Chaco.

Versen dá as seguintes e interessantes informações: "Em Humaitá as provisões de boca estavam quase esgotadas.

Com medo de Lopez, o comandante de praça, Alen tentou suicidar-se, mas não conseguiu senão ferir-se gravemente, o que não o livrou de ser depois fuzilado por ordem de Lopez.

O Coronel Martini, sucessor de Alen, procurou então realizar, pela astúcia, a retirada que não podia efetuar pela força.

Para esse fim, escolheu o aniversário natalício de Lopez, para o qual faltavam ainda 8 dias. Na noite de 24 de Julho, no meio de aparente folguedo e ao som de ruidosa música, a guarnição e todas as mulheres que estavam em Humaitá, passaram o rio e os aliados não deram pelo desaparecimento da guarnição paraguaia senão ao meio-dia de 25 de Julho, e então tomaram grandes precauções."

"Depois de Câmara, "diz o general Tasso," Osório penetrou, por sua vez, no interior do recinto e procedeu a um reconhecimento do mesmo. Verificou que os paraguaios haviam passado para a outra margem, pela ponta da península de Acaiuasa donde faziam fogo para o dito recinto com algumas peças de artilharia.

Caxias compreendeu ser conveniente avisar a Rivas da saída do inimigo pela região em que ele se encontrava e de reforçá-lo. Pôs logo em obra as duas coisas.

O 2.º corpo ficou encarregado de mandar a Rivas dois batalhões.

Argolo e Gely y Obes haviam também praticado reconhecimentos nas suas respectivas frentes e penetrado por seu turno, no interior.

Caxias penetrou em Humaitá pelas 4½ horas da tarde e foi examinar as baterias de frente fluvial."

A posse de Humaitá forneceu aos aliados um imenso material de guerra de 180 canhões de vários calibres, 6 estativas de foguetes de guerra, muita pólvora, armamento de infantaria e cavalaria, carros bandeiras e fardamento.

A esquadra também tomou acção activa no dia 25 e o Lima Barros estivera bastante próximo de Humaitá, perseguindo com suas metralhas as canoas de Paraguauios que fugiam para o Chaco.

The first part of the history of the British Empire is the history of the British Isles. The British Isles were first inhabited by the Celts, who were followed by the Romans, the Saxons, and the Normans. The British Isles were then divided into many small kingdoms, which were gradually united into a single kingdom of Great Britain. The history of the British Empire is the history of the expansion of this kingdom into other parts of the world.

The British Empire was first established in the late 15th century, when the English discovered the Americas. The British then established colonies in North America, the West Indies, and Africa. The British Empire continued to expand throughout the 16th and 17th centuries, as the British discovered new lands in Asia, the Pacific, and Australia.

The British Empire reached its greatest extent in the late 19th century, when the British discovered the South African Republic, the Transvaal, and the Orange Free State. The British Empire was then divided into many smaller empires, which were gradually united into a single empire of Great Britain.

The British Empire was finally dissolved in 1947, when the British discovered the Republic of India, the Republic of Pakistan, and the Republic of Ceylon. The British Empire was then divided into many smaller empires, which were gradually united into a single empire of Great Britain.

A PERSEGUIÇÃO DOS FUGITIVOS

Após o abandono da Fortaleza, os Paraguaiois entregaram-se a uma luta terrível e sangrenta, dia e noite, ora na mata, na estrada da península, ora nas canoas e chalanas na lagoa Vera.

Dentro da mata, o espetáculo era horroroso pois que os perseguidos paraguaiois morriam parte inanimados e outros como verdadeiros heróis se batiam ante a perseguição constante e profícua dos elementos aliados.

Diz o marechal Borman, "Infelizmente, nessas terríveis refregas a nossa metralha, sem que o soubessemos, a princípio, espedaçava as infelizes mulheres e crianças, porque com a guarnição fugitiva existia grande número destas desventuradas criaturas.

Que quadro desolador apresentava pela manhã a lagoa.

Por entre os camalotes ou boiando na superfície das águas, viam-se os corpos dos inimigos, de mulheres de crianças, todos horrivelmente mutilados; canoas, à mercê da corrente, cheias de cadáveres, tendo a morte por timoneiro.

Na mata o número de mortos era grande.

Ao saber o Marechal Caxias que muitas mulheres e crianças eram dilaceradas pela nossa metralha, condoeu-se, e, obedecendo aos seus elevados sentimentos de humanidade, encarregou ao venerando capelão do exército frei Fidélis d'Avola para, em nome da religião, intimar a guarnição a que se rendesse, certa de que a vida lhe seria poupada.

Duas vezes o sacerdote, acompanhado de algumas pessoas, levando bandeira parlamentar, dirigiu-se à trin-

cheira inimiga, mas a metralha de seis canhões e uma viva fuzilaria, fizeram-no recuar."

O inimigo fez várias tentativas para romper o istmo do norte guardado pelo 10.^o de infantaria com duas peças de artilharia e que mais tarde foi reforçado pelos 3.^o, 7.^o e 8.^o batalhões. No istmo do sul estavam os Argentinos com três batalhões e os 29.^o, 27.^o e 32.^o batalhões brasileiros. Dentro da mata estava a brigada do coronel Pedra em estreita ligação com os Argentinos.

A preocupação de Caxias era que as forças inimigas do Chaco não se escoassem para o Tebiquari e não recebessem também qualquer auxílio por parte de Lopez.

Nesse sentido Caxias conferenciou com Inhaúma e com Rivas.

Diz o general Tasso: "Na noite de 31, cerca da meia-noite, 20 canoas, vinda do lado do Timbó tripulado apenas pelos seus remadores, tentam romper a linha de bloqueio. (Eram meios de transporte que Caballero enviava aos seus compatriotas).

Algumas canoas paraguaias são postas a pique; outras conseguem passar.

No dia 1.^o de Agosto os Paraguaiois tentaram romper o bloqueio, utilizando-se provavelmente das canoas recebidas na véspera."

O combate nessa ocasião foi terrível, quando a esquadilha de vigilância se lançou sobre os fugitivos aborrendo as embarcações e fazendo entre as tripulações inimigas uma grande mortandade.

Consternado Caxias com a sorte das mulheres e crianças paraguaias sacrificadas aos imperativos de um sacrifício inútil, mandou que o general Rivas, mais uma vez intimasse o inimigo à rendição. Foi do seguinte teor a intimação mandada aos Paraguaiois do comando do coronel Martinez, pelo general Rivas.

Chaco, 2 de Agosto de 1868. — Estou suficientemente autorizado pelo Exmo. Sr. Marquês de Caxias, em nome dos poderes aliados, para propor a V. S. o respeito

às vidas e as considerações devidas aos prisioneiros de guerra, como é de prática entre as nações civilizadas.

Depois do horroroso successo de ontem à noite em que pereceram quase todos os que tentaram a passagem; depois do espantoso quadro que V. S. fez representar a desgraçadas mulheres e crianças que nenhuma participação têm nos combates; eu espero que V.S. inspirando-se nos são princípios da moral e da humanidade, não continuará fazendo essa resistência desesperada em prejuízo de uma porção de Paraguaiois que ainda podem concorrer para a felicidade de seu país.

Se V.S. ceder de seu propósito e, ouvindo a palavra humanitária que lhe enviam os poderes aliados para salvar as preciosas vidas que lhe estão confiadas, será este um dia de satisfação para todos pelo triunfo alcançado em nome da humanidade e que será sempre uma glória para os que, dispondo dos meios, aproveitaram a ocasião de o levar a cabo.

Se, pelo contrário, V.S. está disposto a correr a sorte das armas, mesmo no caso extremo em que se acha, e tem a intenção decidida de tornar a tentar a passagem, então, peço a V.S. em nome da moral e da caridade que poupe a repetição do acontecido de ontem à noite e que os nossos olhos não tornem a ver os membros mutilados de mulheres e crianças, sacrificadas inqualificavelmente por V.S.

Pelo official portador desta, espero a resposta de V.S. que deve ser decisiva e pronta. — Deus guarde a V. S. — Rivas.

Martinez pediu algum tempo para refletir e na noite seguinte mandou uma carta ao general Rivas em que declarava que aceitava a proposta de rendição com a condição de não serem os officiaes e soldados obrigados a servir no exército aliado, e se apresentaria assim com esse propósito para conferenciar com Rivas.

Rivas aquiesceu aos pedidos de Martinez e os dois chefes militares encontraram-se no mesmo dia para discutir as condições da rendição.

Caxias logo que teve conhecimento do ocorrido, imediatamente se dirigiu a Humaitá e daí para o Chaco, onde encontrou Martinez para ratificar o acordo que houve com Rivas.

Desta forma, redemram-se 1.324 Paraguauios com 4 oficiais superiores, 95 outros subalternos, 2 capelães e 1.223 praças.

“Recebemo-los como mereciam,” escreve Dionísio Cerqueira, tratamo-los o melhor possível. Conversamos com eles como camaradas. Não se via na fisionomia da nossa gente um vislumbre de ódio. Comovia-nos a desgraça daqueles centenares de bravos. Para que negá-lo? Olhamo-los com simpatia, porque lhes conhecíamos a bravura. Cumpriram o mais sagrado dos deveres defendendo a sua pátria invadida; mereciam, portanto, o respeito dos que sabiam também amar a terra em que nasceram.”

A CAMPANHA DECISIVA

Terminada a ocupação de Humaitá, pensou logo Caxias em investir contra as novas posições de Lopez e para isso tomou uma série de resoluções e medidas que julgou acertadas para realização de seus objectivos.

A fortaleza de Humaitá passou a ser a nova base de operações dos aliados e nela ficou, por algum tempo, o 2.º corpo com o Marechal Argolo, conforme se vê a seguinte ordem do dia: "Manda S. Excia. o Sr. Marquês, Marechal e comandante-Chefe, declarar para conhecimento do exército, que, tendo de deixar em Humaitá, nossa base de operações, um official general de alta patente, que por sua intelligência, illustração e prática de serviço, possa com as forças do seu comando sustentá-la e, por si, deliberar sobre qualquer emergência providencial, que ocorra na ausência do mesmo Exmo. Sr. Marquês, se vê constrangido a recorrer ao préstimo do Exmo. Sr. Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, comandante do 2.º Corpo de Exército, sentindo profundamente apartar-se, ainda que por pouco tempo, de tão distinto general, que tanta falta lhe faz nas operações activas que se vão emprender, tanto mais que sabe do constrangimento do mesmo Sr. General Argolo, o qual só por obdiência aceita tal comissão, que por mais espinhosa e encomodativa, como entende que lhe será, espera S. Excia. o Sr. Marquês que há-de ser por tão incansável general desempenhada com a intelligência, perícia e actividade que o distingue, unidas aos cuidados e zelo que o caracterizam; ao que sempre deu prova em toda a sua vida militar e nas variadas comissões de que o referido Sr. Marquês o tem incumbido nesta mesma campanha."

Desta forma, ficava clara a decisão de Caxias de avançar para o Norte em busca do inimigo e, de facto no, dia 19 o exército levantou acampamento de Tuiu-Cué.

Desde o dia 13, já Caxias havia reunido em seu quartel-general em Pare-Cué os generais chefes dos exércitos aliados e mostrou-lhes aí os seus planos de marcha e operações sobre o Tebiquari.

Nessa ocasião, ficou assentado que o movimento das tropas só teria lugar, quando a esquadra estivesse rigorosamente pronta para colaborar positivamente, fazendo seguir também alguns transportes e acompanhando com o seu movimento, os movimentos dos exércitos aliados.

“Caxias determinou que o 2.^o corpo de exército (general Argolo) ficasse em Humaitá enquanto ele com os 1.^o e 3.^o corpos e mais o exército oriental deveriam avançar contra o inimigo.”

Pelo “Diário de Caxias” verifica-se que o exército argentino teve ordens de não se afastar de Humaitá: “veio hoje (o general Gely y Obes) (15 de Agosto) ao quartel general participar a S. Excia. o Sr. General Chefe que tinha recebido instruções de seu governo para não distrair as forças argentinas em operações desta guerra, porquanto, em vista do estado desgraçado em que se achava a Confederação, podiam elas de um momento para outro ser precisas para sustentar e restabelecer a ordem, alterada com a guerra civil, por que estava passando a província de Corriêntes.”

As forças argentinas eram avaliadas em 6.000 homens e portanto, foram abatidas do total com que Caxias contava para sua nova campanha.

Ainda no dia 16, já o Vice-Almirante havia suspendido das águas da fortaleza com os couraçados Brasil, Colombo, Cabral e Tamandaré, levando atracados os vapores de madeira Princesa de Joinville que levava a insígnia de Vice-Almirante, Alice Guaicurus e Dezasseis-de-Abril, e forçou o Timbó que o recebeu com canhões.

Em seguida, o Almirante ancorou em Taií, onde en-

corporou à sua frota uma parte da do Barão da Passagem, que ali se encontrava, e logo depois tomou rumo para o Pilar onde estacionou.

Como já dissemos, no dia 19 deixou o exército ao acampamento de Tuiu-Cué na seguinte ordem: 3.º Corpo sob o comando do General Osório e composto das seguintes unidades: 2.ª divisão de cavalaria sob o comando do Barão do Triunfo, batalhão de engenheiros, 4.º corpo provisório de artilharia, divisão oriental sob o comando do General Henrique Castro, reforçada pela 6.ª brigada de infantaria brasileira do Coronel Antônio da Silva Paranhos, 2.ª divisão de Infantaria sob o comando do General Silva Pedra, 5.ª divisão da cavalaria do Coronel Corrêa da Câmara, 1.º regimento de artilharia-a-cavalo e a 3.ª divisão de Infantaria do Brigadeiro Auto Guimarães.

O 1.º Corpo de Exército, sob o comando do brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt tinha as seguintes unidades: 1.º divisão de cavalaria, sob o comando do Brigadeiro João Manuel Mena Barreto, 2.º corpo provisório de artilharia-a-cavalo, sob o comando do Tenente-Coronel Manuel de Almeida Gama Lobo d'Eça, 1.º divisão de infantaria do Brigadeiro Salustiano dos Reis, 4.º divisão de infantaria do comando do Brigadeiro Gurjão, 5.º divisão da mesma arma do Coronel Carlos Neri e o corpo de transportes. O forte do Timbó era insustentável e assim julgou Lopez que o abandonou, logo que as nossas tropas se puseram em movimento, tal como aconteceu com o Estabelecimento que foi também abandonado pelos paraguaios.

Diz o general Borman: "No dia 25 de Agosto, o exército acampou em um sítio denominado Ilha Santa e a vanguarda, sob o comando do bravo Andrade Neves, agraciado com o título de Barão do Triunfo, armara as suas tendas próximas ao rio Jacaré.

Constou ao General-Chefe que o inimigo tinha, além um pouco desse rio, um destacamento de cerca de 400 ho-

mens, deu, pois, o Marechal ordem ao Barão do Triunfo que procurasse surpreendê-lo.”

De facto, esse encontro teve lugar por surpresa, como se supunha e os Paraguaioes foram derrotados, deixando cerca de 80 mortos, alguns prisioneiros e 125 cavalos arreados capturados.

Pouco depois todo o exército transpunha o arroio Jacaré.

COMBATE DO PASSO REAL DO TEBIQUARI

Depois de o grosso da tropa aliada atravessar o rio Jacaré e estacionar na sua margem direita, a vanguarda avançou até as proximidades do Tebiquari e reconheceu aí uma cabeça de ponte que se verificou devia ser tomada sem perda de tempo.

O comandante da vanguarda, General Andrade Neves organizou o seu ataque com três colunas que deveriam assaltar simultâneamente o reduto.

A sua tropa era composta da 3.^a brigada de cavalaria, 5.^a brigada de infantaria, artilharia com quatro bocas de fogo, 6.^a brigada de infantaria, 8.^a brigada da cavalaria, contingentes de sapadores, etc.

"A fortificação do inimigo," escreveu Caxias em officio ao Ministro da Guerra, "tinha muita semelhança com a que outrora existia no Estabelecimento, havendo no centro da sua linha um forte portão com ponte levadiça, circundada toda ela por largo e profundo fosso, e as trincheiras guarnecidas exteriormente por densos e estreitados abatizes, cujos troncos se pendiam no chão por meio de grandes estacas. Só três canhões estavam assentados, podendo-se calcular que a sua guarnição orçaria por 400 homens."

A tropa de Andrade Neves, circundando as trincheiras inimigas e rompendo todos os obstáculos que ia encontrando debaixo de uma chuva de balas, de fuzilaria, granadas de mão e metralha, conseguiu atirar-se, com firmeza, ao reduto que foi, depois de uma árdua liça, tomado difinitivamente.

Os inimigos acoissados pelos assaltantes foram expedidos das suas trincheiras e jogados à beira do Tebiquari,

donde muitos se atiraram à correnteza, com o fim de ganhar a margem oposta.

Os Paraguaioi tiveram 165 mortos com cinco officiaes e muitos prisioneiros e os Brasileiros tiveram apenas 19 mortos com dois officiaes.

O marechal Borman narra o seguinte: "Entre os prisioneiros estavam o major Rojas, comandante do reduto, e o célebre espião capitão Bado, homem audacioso que penetrava pelos nossos acampamentos disfaçado e tudo observava; além destes viam-se vários officiaes subalternos.

Este reduto, construído apenas para nos deter por horas a marcha, concorreria assim com sua resistência para o Marechal Lopez distanciar-se e salvar o material que conduzia. O major Rojas tinha ordens de resistir só 8 dias e depois devia reunir-se ao grosso do exército em Piquiciri."

Lopez, desde o da 26, quando as nossas forças transpuseram o Jacaré, havia abandonado S. Fernando e tomado a direcção para o Norte pela Estrada-Real-de-Assunção.

Comenta Centurión: "A marcha era penosa, por causa dos accidentes do terreno e do péssimo estado do caminho, que obrigavam o exército a avançar em uma só columna. Lopez chegava sozinho aos pontos de parada, a maior parte dos ajudantes ficavam para trás por terem os cavalos cansados. A rectaguarda composta de infantaria e cavalaria, ia sob o comando do coronel Valois Rivarola."

Por seu lado, Caxias, depois de atravessar o Jacaré e vencer o passo real do Tebiquari, tinha por objectivo transpor este rio, mas em sua confluência com o rio Paraguai havia algumas baterias inimigas que deviam, ser como foram, atacadas pela nossa esquadra.

Assim no dia 29, os monitores Piauí, Pará e Rio Grande atacaram aquele ponto que foi abandonado pelo inimigo.

No dia 31, o Barão da Passagem com o couraçado Baía

e dois monitores penetrou no Tebiquari e fez explorações na margem direita do mesmo.

Depois destes acontecimentos, Caxias determinou que a vanguarda transpusesse o Tebiquari (1 de Setembro de 1868) e fosse estacionar em S. Fernando, onde o Barão do Triunfo estabeleceu o seu quartel general.

"S. Fernando," diz Octaviano de Sousa, "oferecia aos aliados uma vista apavorante. Uma necrópole de recordações macabras."

Via-se um vasto cemitério de cadáveres profanados, despojados das vestes, mutilados, apodrecidos à luz do dia, entumecidos, alguns com olhos esbugalhados e quase todos com a orbitas já vasadas pelos abutres, que começavam a cevar-se nas entranhas dilaceradas, na podridão e fartura da grangrena de outras partes tenras dos organismos em decomposição.

Naquele quadro de mortos, insepultos e dispersos, também se encontravam valas cheias de cadáveres de ambos os sexos, de todas as ideias e posições sociais, em promiscuidade sinistra, cada qual assinalada pelo letreiro "Trahidores à la Patria," na ponta de uma vara fincada na boca à garganta de algumas vítimas."

"Os horrores que Lopez perpetrou no acampamento de S. Fernando, excedem a tudo quanto a imaginação pode conceber. Quando os nossos chegaram ali, souberam pelos prisioneiros o que se havia passado antes que Lopez abandonasse aquela posição.

Dizia-se que tudo aquilo tivera como pretexto uma conspiração que se tramava contra o ditador. Trataram os seus prepostos de descobrir a trama; a polícia em Asunção perdeu e perseguiu muita gente, nacionais e estrangeiros; mas ninguém foi capaz de declarar se a tal conspiração realmente existira.

O fato é que Lopez, com razão ou sem razão, imaginou terem alguns dos seus generais e funcionários públicos formado o plano de o prender, constituir um novo governo, e pôr, deste modo, termo à guerra.

Segundo ele, estavam implicados na conspiração o próprio Marquês de Caxias, o ministro americano Washburn, Benigno e Venâncio Lopez, seus irmãos, Badoya, seu cunhado, o bispo diocesano Manuel Antônio Palácio, e mais dois secerdotes, o ministro Berges, Bruguez, Alen e Vicente Barrios. Todos estes (menos Caxias e Washburn, já se vê) e muitos outros foram chamados a S. Fernando, julgados sumáriamente e sem demora executados."

"Sempre que Lopez se retirara vencido de um campo de batalha, mandava matar inexoravelmente todos os prisioneiros, poupando apenas os que queria levar consigo para continuar a martirizá-los."

Depois de reunida toda a tropa em São Fernando, Caxias determinou o seu avanço em direcção ao Norte e, no dia 7 de Setembro, a vanguarda atingiu Aquino e o 3.º corpo Recodo, uma légua abaixo de Aquino.

Nesse mesmo dia, a nossa esquadra atacou as baterias de Angostura.

Atingindo sucessivamente Sargento Rosas, Vila Franca, Pai Tuiá, Barrios-Cué, Isla-Pindó, Fraite, Haedo, Vila Oliva, Bedóia, Posta-Cué, Passo Mancuel, no rio Parai, Lobato, estância Inácio Veiga, Passo Laguna, a vanguarda sob o comando de Andrade Neves atingiu no dia 22 de Setembro as proximidades do arroio Surubí, onde havia força inimiga.

COMBATE DE SURUBÍ

A vanguarda havia atingido as proximidades do arroio Surubí, sobre o qual havia uma ponte, onde o inimigo se guardava para o combate um pouco além da mesma.

No dia 23 de Setembro, o Barão do Triunfo, pondo em marcha a sua vanguarda, fez o grosso passar pela estância Laguna, enquanto uma flanco-guarda, sob o comando do coronel Niederauer e composta de uma brigada e dois esquadrões do 8.º, devia caminhar pela estrada da direita tendo à frente em seu eixo de marcha os dois esquadrões do 8.º sob o comando do major Isidoro Fernandes de Oliveira.

Este oficial, ao atingir a picada que dava acesso à ponte verificou a presença de forças inimigas e com elas travou imediatamente combate, dando disso conhecimento ao comandante da flanco-guarda.

Este, por sua vez, aproximou-se para o local do combate com sua brigada e empenhou-se na luta, assumindo o comando da mesma, e, verificando que o inimigo pouco excedia de uns 300 homens, determinou que o 6.º de cavalaria carregasse sobre ele, levando-o até a ponte, que foi atravessada por parte desta tropa.

Mas o inimigo havia colocado uma força de infantaria emboscada na mata e apenas viu a cavalaria brasileira do 6.º passar a ponte e levar a sua de rojo abriu sobre ela intensa fuzilaria com o intuito de lhe cortar a retaguarda.

Neste ponto a luta tornou-se intensa, mas em virtude de uma pequena manobra efetuada por ordem de Niederauer a nossa força conseguiu subtrair-se ao cerco e regressou à ponte, tomando ao inimigo uma bandeira.

Parecia terminado quando dos capões de mato avançam contra os nossos do 6.^o, numerosas forças inimigas que os cercam completamente.

Do grosso da vanguarda, fez o Barão do Triunfo avançar o 7.^o de infantaria e o 3.^o de voluntários, quando a luta recrudesciu porfiada.

Mas esse resolvendo imediatamente a contenda que se tornava ameaçadora, Andrade Neves fez avançar mais infantaria, quando o 5.^o de infantaria transpôs a ponte.

Mas este batalhão, avançando sem as precauções necessárias, foi acometido por numerosa força inimiga num retorno que conseguiu recalçá-lo para a ponte em franca debandada.

Imediatamente os batalhões 7.^o e 34.^o com alguma cavalaria acometeram com bravura os Paraguaioes que, derrotados, foram forçados a uma precipitada fuga.

Os Paraguaioes tiveram 128 mortos e os Brasileiros apenas 90, inclusive 12 officiaes.

Diz Borman: "O exército depois da refrega avançou e ocupou com o seu acampamento as margens do caminho desde Surubí até o porto das Palmas, no rio Paraguai.

Estávamos bem perto das famosas linhas de Piquiricí, e o comandante chefe tratou logo de reconhecer estas linhas, não só defendidas pelo rio do mesmo nome, como por grandes matas, banhados e lagoas."

O general Tasso diz o seguinte: "No dia 23, o 3.^o corpo foi acampar em Mercedes, na margem do Paraguai, e a pouco mais de duas léguas da ponte de Surubí.

Os navios da esquadra estavam fundeados no porto. A esquadra saíra aos 17 de Agatepé para Oliva aos 19 de Oliva para Mercedes.

No dia 24, a vanguarda deslocou-se de Surubí para o porto das Palmas e deste porto para as margens do esteiro Poi, onde se cobriu com postos avançados, por haver encontrado os do inimigo. O 3.^o corpo e o 1.^o corpo foram estacionar à margem direita do Surubí. O quartel-general ficou na casa da estância Idoriaga."

RECONHECIMENTO DO PIKICIRÍ

O Marechal Caxias não queria agir com dúvidas e daí os seus contínuos reconhecimentos para vencer com certeza as dificuldades que se lhe antolharam no percurso de aproximação ao inimigo.

Poderia o generalíssimo ter aproveitado todas as embarcações disponíveis e com maior velocidade ter transportado as suas tropas para pontos mais avançados e, portanto, mais próximos ao inimigo em menos tempo possível.

A sua preocupação não era, entretanto, apenas obter contacto com o inimigo com a sua vanguarda que então determinaria fatalmente a sua posição exata, mas jogar para junto do inimigo, o grosso de sua tropa, pois só com este podia manobrar e decidir a guerra, e para isso não possuía transportes necessários e nem segurança nos serviços de desembarques.

Daí a sua ação calma e segura, embora mais lenta, em vista dos imensos obstáculos do terreno desconhecido e pantanoso que tinha a percorrer, das chuvas abundantes que produziam incrível atoleiros e sobretudo da falta de viaturas apropriadas para trens e comboio de uma tropa numerosa. (36 dias de Humaitá até Palmas para percorrer cerca de 200 quilómetros).

Por outro lado, não desejava desarticular a sua tropa em vista da sua grande experiência, enquanto não pudesse aferrar o inimigo de frente para dar expansão, como veremos mais adiante, à sua ousadia de agir com manobras de grandes envergaduras, e para, pela retaguarda, envolver ou abrigar à fuga o inimigo derrotado.

Assim, determinou Caxias um grande reconhecimento

à sua frente e incumbiu desta tarefa o general Osório, comandante do 3.º corpo de exército.

De Palmas, à testa do 3.º corpo, avançou o General Osório, ao mesmo tempo que à sua direita marchava com uma divisão de brasileiros e orientais, o General uruguaio Henrique de Castro que, por sua vez, tinha a sua direita coberta pela 10.ª brigada de cavalaria, sob o comando do General João Nunes da Silva Tavares.

Pela esquerda da força de Osório, marchava o Brigadeiro José Auto da Silva Guimarães com dois esquadrons de cavalaria e uma força de artilharia.

Esses três grupos de tropas tinham cada um sua missão particular de reconhecimento e estavam apoiados à distância pelo 1.º corpo de exército que somente interviria no caso em que se fizesse mister a sua cooperação.

Diz Octaviano de Sousa: "Numa picada conducente à posição inimiga, emboscou-se a meio caminho, o grosso da coluna de Osório, e para diante avançou uma brigada de infantaria; em seguida uma divisão de artilharia de montanha e, depois, alguns exploradores, guiados pelo Tenente-Coronel Sousa Doca.

Do terreno pantanoso e vastos atoleiros, desalojou esta força dois piquetes inimigos e avançou arduamente até cerca de um arroio que era o Pikicirí.

Sobre ela, desde então, começou a artilharia inimiga instalada em longa e alta trincheira à margem direita do arroio, a jogar um fogo vário de metralha e bala razas, que lhe causaram muitas baixas.

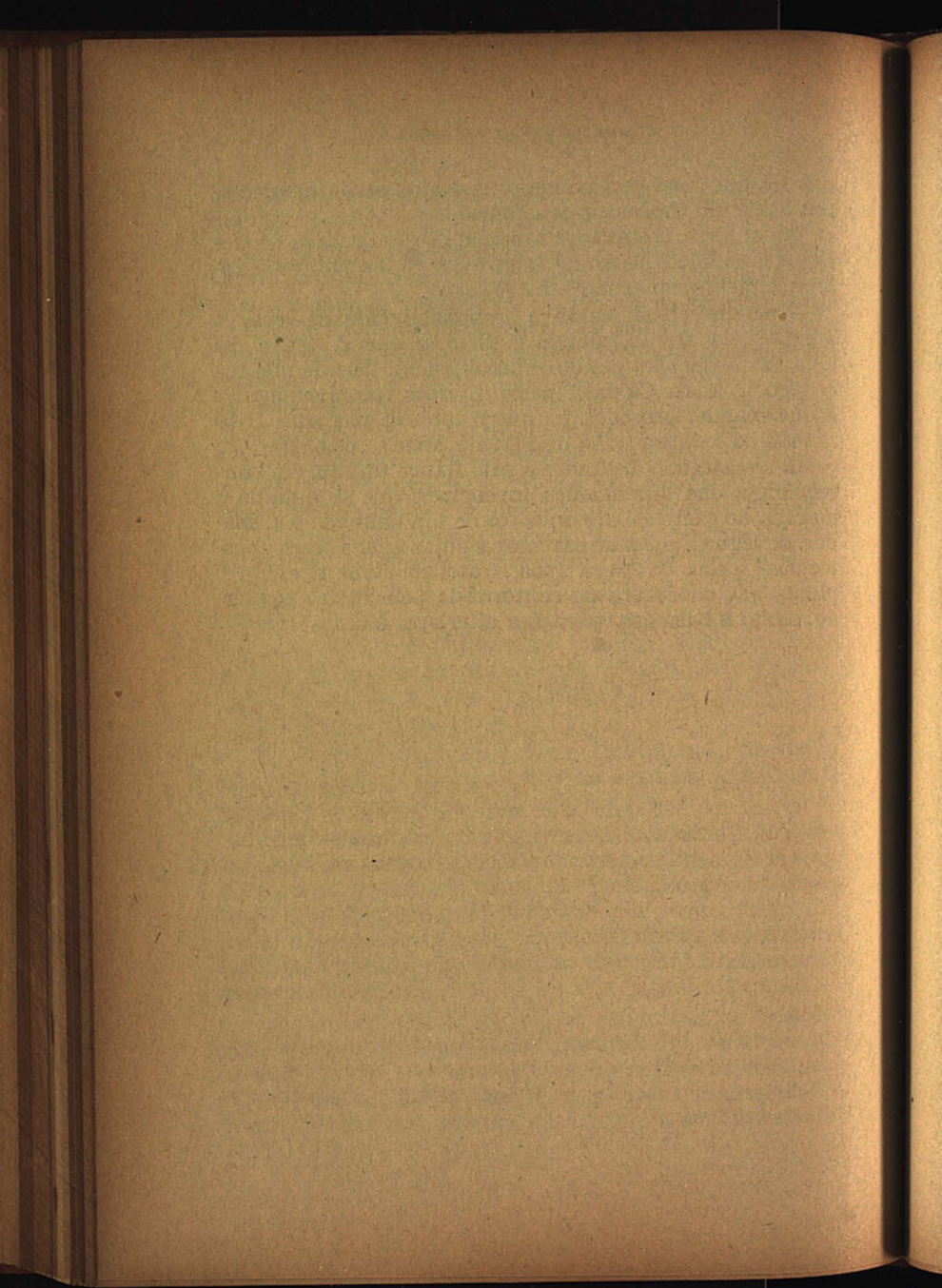
O reconhecimento se fizera. O Marquês assistiu-o sob o fogo inimigo e a coluna do Visconde recolheu-se ao acampamento.

O General Osório conseguiu examinar as posições com os engenheiros que o acompanhavam e verificou que o arroio Pikicirí não dava vau por causa das represas, tendo para maior dificuldade ao seu acesso, as margens a prumo, verificando que era inexequível a sua travessia a

não ser que fosse construída uma ponte, conforme declarou o próprio Caxias em seu Diário.

Por sua vez, a esquadra também prestou valiosa cooperação forçando o passo de Angostura e efetuando um reconhecimento rio acima até Assunção.

Reconheceu-se então a impossibilidade de levar o ataque pela frente inimiga e disto se tem a prova em uma das ordens do dia do generalíssimo: "Desde que me convenci, "dizia Caxias", pelos diversos reconhecimentos a que mandei proceder, de que o inimigo nas suas trincheiras da extensa linha de Pikicirí, onde se colocara, não podia ser atacado de frente e pelo flanco direito, em consequência das dificuldades invencíveis que se opunha à marcha do exército, provenientes de um banhado a transpor, de légua e meia de extensão, e cujas águas eram abastecidas pelas da lagoa Ipoá, tratei de levar a efeito o plano, que concebera de contorná-lo pelo flanco esquerdo, sendo a base das operações superiores o Grão Chaco".



PLANO DE MANOBRA CONTRA PIKIRICÍ

(A estrada do Chaco)

Reconheceu, então, Caxias a impossibilidade de levar o ataque pela frente de Pikiricí e mandou que se construísse uma estrada pelo Chaco partindo de Santa Teresa, fronteiro ao porto das Palmas até a frente de Vilela, evitando por um ângulo divergente, as forças de Angostura.

Havia Caxias reunido em conselho os generais Gely y Obes e Henrique Castro para expor o seu plano e estes chefes aliados concordaram totalmente com a abertura da estrada calculada em mais de dez quilómetros de extensão.

Para a execução dessa grandiosa obra, incumbiu Caxias o General Argolo de sua construção e para isso chamou-o com o seu exército de Humaitá, onde então se achava este general.

"Nesta obra", diz Fix, "os soldados tiveram de aterrar pântanos, de atravessar fundas lagoas, de alcançar pontes de barcas ou de estacas sobre o rio, de fazer derrubadas em floresta virgem, de tornar transitáveis logares cheios de rochedos ou de atoleiros."

Lopez, convencido de que Argolo iria até Vila-Ocidental, defronte de Assunção, não se preocupava muito com a operação daquele General, sabia que tal empresa exigiria muitos meses; e para ele, Lopez, seria isso de grande vantagem.

Demais, o ditador parecia estar decidido a deitar fogo à sua capital; deste modo, se os aliados ali fossem ter, passando pelo Grão-Chaco, só encontrariam um montão de cinzas e destroços.

Limitou-se, pois, a mandar inquietar os trabalhadores por pequenos destacamentos que passaram para a margem direita, e conservou convenientemente guarnecidas as suas fortificações, em frente das quais se achava quase todo o exército aliado."

"No dia 27, terminou-se a construção da última ponte. O Ten.-Cel. Rufino Galvão deu parte a Argolo de que a estrada estava pronta para ser utilizada pelo Exército.

A partir daí fizeram-se apenas trabalhos de consolidação e de aperfeiçoamento. A extensão do novo caminho era de 10.714 metros. Tinham-se construído 2.930 metros de estiva com troncos de palmeiras carandá; cada tronco era seccionado em três pedaços. Foi preciso derrubar cerca de seis mil palmeiras para obter o material necessário. Os trabalhos de construção haviam durado apenas 23 dias." (op. cit.).

Durante os trabalhos de construção da estrada, Caxias não se descuidava de tudo o que fosse necessário ao amparo de Argolo na sua árdua missão e ao mesmo tempo mandara que se fizessem contra Pikiricí, e houve vários reconhecimentos, naturalmente para manter o inimigo sempre em estado de sobressalto. Nesta última missão também a esquadra cooperou eficazmente.

Diz o general Tasso: "Chegava, portanto, o momento em que Caxias ia executar a sua manobra decisiva e elegante contra a retaguarda da posição de Lopez.

Levara longo tempo a prepará-la (de 10 de Outubro a 4 de Dezembro), mas na apreciação dessa morosidade não se deve perder de vista os embaraços com que teve de lutar. Abrir um caminho no Chaco, consolidá-lo passar da margem esquerda para a direita do Paraguai cerca de 19 mil homens, levá-los por aquele caminho outra vez à beira do Paraguai, acima de Angostura, arrastar o material necessário e aprovisionar essa massa, era problema difícil, sobretudo naquele território e naquela época, e necessariamente reclamava para a sua realização impecável um dilatado período de tempo."

O exército aliado compunha-se, então, de 24 mil homens mais ou menos, com cerca de 19 mil Brasileiros, 300 Orientais e os restantes de Argentinos.

Caxias dera nova composição ao seu exército que ficou dividido em três corpos respectivamente comandados pelos generais Jacinto Machado Bitencourt (1.^o corpo), Algolo (2.^o corpo) e Osório (3.^o corpo).

Diz Octaviano de Sousa: "De Palmas para Santa Teresa, seguiu o noso exército na madrugada de 26, e iniciou-se a passagem do Grão-Chaco sem o saber do inimigo em cujos cálculos não cabia tamanha realidade, nem sequer sob a forma de suposição.

Apesar dos óbices e impedimentos conjurados contra o nosso Exército naquela passagem estranha e desolada, pela manhã de 5 de Dezembro uma coluna de 8 mil homens de infantaria e artilharia, de tudo apercebida, embarcou em alguns couraçados e monitores, fundeados no arroio Vilela, os quais acto contínuo, daí se largaram águas abaixo, ganharam o Paraguai, foram subindo, passaram por Vileta, onde o inimigo nos aguardava, e despejaram a tropa no porto de Santo António, à margem esquerda, cobertos na margem oposta pela cavalaria do Coronel Câmara, a qual para esse fim havia marchado com antecedência do seu acampamento no Chaco, perlongando o Paraguai pela margem direita.

Com o grosso do exército, desembarcaram no porto de Santo António, às 2 horas da tarde do mesmo dia 5, procedentes do mesmo porto do arroio Vilela, o Marquês de Caxias e o Visconde do Herval.

Só à noite passou de Santa Helena para Santo António a cavalaria do Coronel Câmara, achando-se, portanto, completamente envolvida, sob o ponto de vista estratégico, a posição tão bem escolhida e fortificada por Solano Lopez, pois nada menos de 17.000 Brasileiros, inclusive 1.000 de cavalaria, se achavam em Santo António, prontos para entrar em acção."

COMBATE DE ITORORÓ

(6 de Dezembro de 1868)

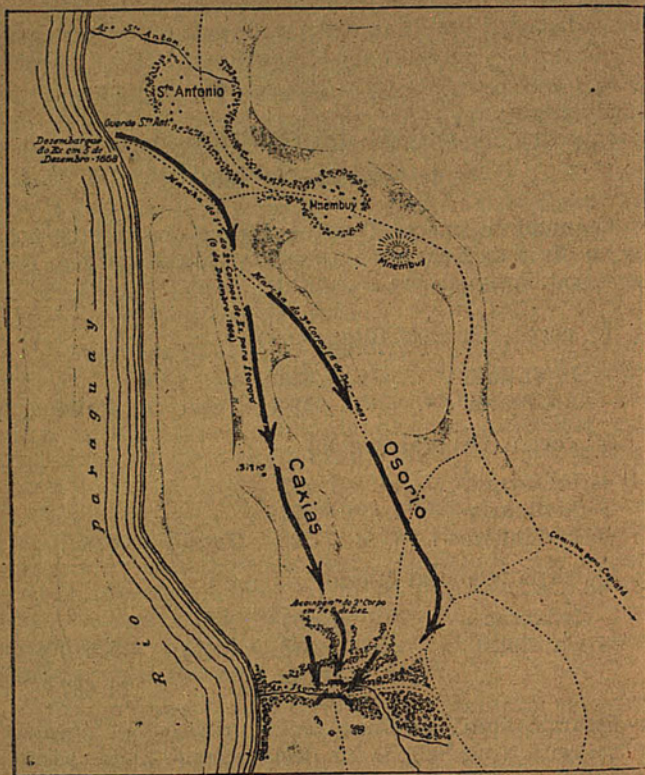
Segundo o general Tasso, o efetivo dos três corpos que no dia 5 de Dezembro passaram para a margem esquerda do Paraguai era o seguinte:

1.º corpo (General Bitencourt) —			
— Infantaria	4.554		
— Artilharia	190	Total	4.744
2.º corpo (General Argolo) —			
— Infantaria	7.755		
— Artilharia	227		
— Pontoneiros	325	Total	8.307
3.º corpo (General Osório) —			
— Infantaria	4.690		
— Cavalaria	926	Total	5.616
	Soma . . .		18.667

Ficaram ainda no Chaco quatro divisões de cavalaria brasileira e em Palmas um destacamento aliado assim constituído:

Brasileiros (Paranhos)	2.846
Argentinos	4.354
Orientais	800
Soma . . .	8.000

O exército paraguaio compunha-se de uns 14 a 15 mil homens distribuidos entre Angostura, Pikicirí e Ita-



Segundo a carta publicada pelo Gen. Tasso Fragoso

Ivoté e mais uma reserva sob o comando de Caballero. O reduto de Ita-Ivoté estava sob o comando imediato do ditador.

Como vimos, correu sem grande novidade o desembarque em Santo António e à noite o generalíssimo pro-

cupou-se com a posse da ponte do Itororó que infelizmente não tinha ainda sido ocupada.

Em sua ordem do dia, escreve Caxias o seguinte: "Nas ordens e instruções que eu dera ao marechal Argolo compreendia-se a de procurar e ocupar, logo que desembarcasse, a ponte do arroio Itororó, para que o inimigo, prevenido do nosso movimento, tomasse nela posição e nos disputasse o passo, mas não tendo sido absolutamente possível que aquela minha ordem fosse executada, pela demora que se deu no embarque dos cavalos, reconheci, percorrendo as localidades, que o inimigo ocupava já a mencionada ponte do Itororó."

Na verdade o caminho que ligava o lado das nossas tropas com o arroio era um desfiladeiro, bordado de mata espessa e onde a nossa tropa difficilmente poderia penetrar sem um reconhecimento prévio, a fim de evitar surpresas muito comuns por parte dos Paraguaioes que se emboscavam frequentemente nas matas.

Além disso, somente à tarde ficou o exército de Argolo em condições de investir contra o Itororó, mas em virtude do que foi exposto, não era aconselhável na escuridão da noite penetrar a tropa em lugar não previamente reconhecido.

Assim, durante a noite, os nossos vigiavam a margem direita e os Paraguaioes a esquerda do arroio, ocupando a ponte sobre o mesmo.

Ao amanhecer do dia 6, as tropas brasileiras, sob o comando de Argolo tendo como vanguarda a 5.^a brigada sob o comando do bravo Coronel Fernando Machado, investiram em direcção à posição de Itororó.

Pelo Leste, com o objectivo de atacar o flanco direito dos Paraguaioes, simultaneamente com o ataque frontal, avançou o Visconde do Herval com o seu 2.^o corpo de exército.

Ao romper do dia, o bravo Fernando Machado com a sua vanguarda investiu o inimigo à baioneta calada, mas infelizmente é repellido e cai morto no desfiladeiro. Nes-

sa ocasião os Brasileiros procuraram abrir picadas na mata lateral e combateram com a artilharia.

"Inútil foi a picada," diz Octaviano de Sousa, "que se abriu em cada flanco, a fim de envolver a ponte, visto correr o Itororó a cinco metros de profundidade, entre barrancas escarpadas, e em consequência dos fogos da infantaria contrária emboscada no matagal.

A luta continuou de frente. O batalhão de infantaria N.º 1 foi o primeiro no avanço, o 13.º o 14.º e o 48.º apesar de morto Fernando Machado, seu valoroso chefe, atravessaram a ponte sob fogos mergulhantes, atirados da colina a 200 metros de distância. A brigada Fernando Machado, ora sob o comando do Major Moraes Rego, ao investir a ponte, foi alvejada pela infantaria coberta no matagal próximo e pelo fogo de dez canhões assésados em vários pontos da colina.

Depois de bastante dizimados, foram aqueles batalhões acometidos já além daquele obstáculo, pela infantaria e cavalaria paraguaias.

Esses batalhões brasileiros, no meio de grande carnificina, cederam o terreno e repassaram a ponte em desordem, aturdidos por descargas fragorosas."

Os Brasileiros investiram de novo em contra-ataque com a infantaria da divisão de Gurjão (8.º e 13.º). Nessa ocasião passaram a ponte o 1.º de infantaria e o 36.º de voluntários que foram imitados pelos 24.º e 51.º e todos os corpos da mesma divisão entraram em seguida em combate renhido.

Infelizmente, quando o General Gurjão acabava de expelir o inimigo até uma certa distância além da ponte, foi ferido em seu braço esquerdo.

Em virtude desse acontecimento, Argolo com a coragem que tanto o distinguia, avançou sobre a ponte, sendo também ferido.

A situação tornou-se ainda mais grave porque tudo se ia consumindo sem um satisfatório resultado e ainda

porque não se sabia notícia da divisão de Osório que tinha por missão flanquear o inimigo pela sua direita.

Caxias determinou que o 1.º corpo sob o comando de Jacinto Machado avançasse com a sua cavalaria (6.º, 7.º, 9.º, 13.º e 20.º regimentos), e parte da sua infantaria.

Diz Borman: "A nossa cavalaria vai na frente; passa a ponte e estende-se em batalha à direita; segue-lhe aquele intrépido general com a 4.º, 9.º e 10.º brigadas de infantaria. Oito bôças de fogo apoiaram esse movimento.

O inimigo violentamente atacou nessa ocasião com uma grande massa de infantaria, os batalhões de Jacinto Machado, ao mesmo tempo que a sua cavalaria atacava a cavalaria brasileira empenhada em combate na esquerda da sua infantaria.

A situação tornara-se assim bastante crítica e Caxias que tudo acompanhava com firme energia, compreendeu a gravidade do momento e, dando ordens aos 4.º e 51.º de voluntários que atravessassem a ponte, resolveu conduzi-los directamente.

Nessa ocasião, Caxias desembainhou a espada, apontou com ela a batalha que ia no seu máximo de horror e disse aos batalhões que estavam sob seu directo comando: **Sigam-me os que forem Brasileiros!**

"Então passa-se aquém do arroio uma cena indescrevível!

Os ares estrugem aos vivas e às aclamações ao Marechal Caxias; os feridos gotejando sangue como se recuperassem as forças, a vida que se esvai pouco a pouco pelas feridas abertas pelo ferro inimigo, erguem-se e empunham as suas armas para acompanhar o seu general." (op. cit.).

Assim escreve Dionísio Cerqueira: "Passou pela nossa frente, erecto no cavalo, o boné da capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e presa ao queixo pelo jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor e presa pelo fiador de ouro, o velho General-chefe,

que parecia ter recuperado a energia e o fogo aos vinte anos.

Apertávamos o punho das espadas, ouvia-se um murmúrio de bravos ao grande Marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura, que baixou a espada em ligeira saudação a seus soldados.

Daí a pouco o maior dos nossos soldados arrojava-se impávido sobre a ponte, acampanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória.

Do outro lado da ponte, Caxias impulsiona afinal as suas unidades numa carga decisiva contra a linha inimiga. A refrega atinge o auge. Apesar dos esforços dos Paraguaiois, tudo cede diante do ímpeto dos Brasileiros que acabam expelindo o adversário da sua posição e arrebatando-lhe seis bocas de fogo.

Completamente derrotados, em grupos, procura o inimigo a estrada de Vilela.”

Após essa grande vitória, e meia hora depois, chegava Osório com o seu exército, mas a vitória já estava ganha.

Em todo caso não foi infrutífero o auxílio de Osório, pois que Carmendia afirma que Caballero que comandava a força paraguaia, dissera que não havia resistido por mais tempo por ter tido conhecimento da aproximação de Osório.

“A estrada que vai de Santo António para o Sul, “diz o general Tasso,” pela ponte de Itororó, bifurca-se logo adiante em duas outras: uma que leva à ponte e que o grosso trilhou e outra, mais a leste, que Osório seguiu.

Os Paraguaiois vigiavam esta última, pois que Osório os recalcara em caminho. Caballero receiava, portanto, um golpe nessa direcção e contra ele se precautou.”

O movimento de Osório não foi, portanto, inteiramente improficuo:

Os Paraguaiois tiveram perto de 1.200 baixas, com

600 mortos e muitos prisioneiros e feridos. Os Brasileiros tiveram 2.416 baixas com 369 mortos e 2.047 feridos.

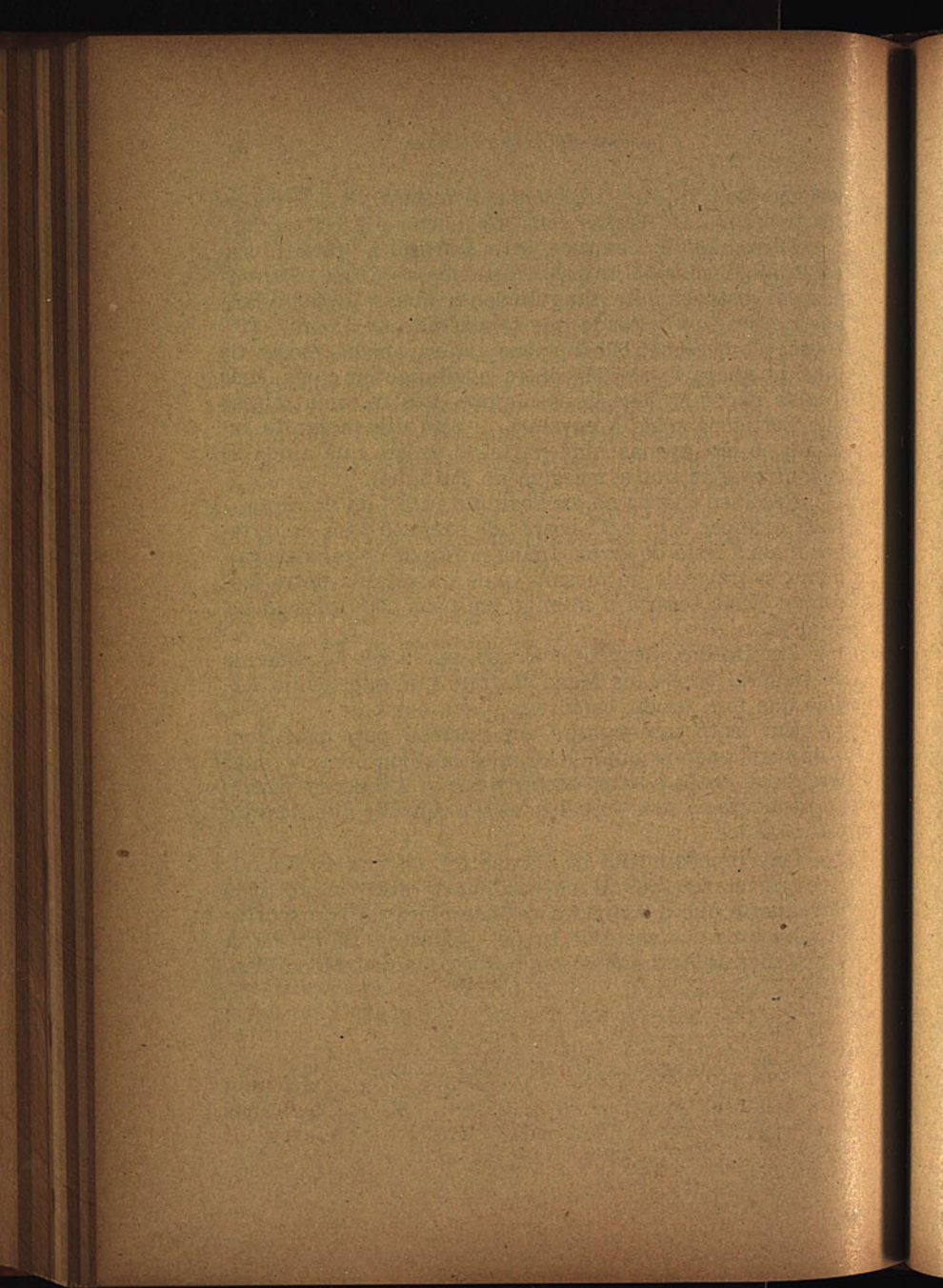
Terminado o combate, seria natural a perseguição ao inimigo, mas as tropas brasileiras estavam estenuadas em vista da luta sanguinolenta que se desenrolara em Itororó. É verdade que o exército de Osório (3.º corpo) com seus 5.600 homens estava em condições de uma imediata investida contra o inimigo em fuga, mas Caxias não quis jogá-lo aos imprevistos de uma missão que pertencia mais à cavalaria e esta estava muito fatigada, e era apenas uma parte do grosso que ainda se encontrava na outra margem do Paraguai.

Resolveu Caxias no dia seguinte (dia 7 de Dezembro) fazer avançar o 1.º e 3.º corpos de exército para os terrenos mais a leste do arroio Ipané, a fim de evitar naturalmente a travessia do mesmo, onde na estrada entre Itororó e Vilela estaria o inimigo em boas condições talvez de defesa.

Em Itororó, ficou o 2.º corpo, agora sob o comando do General José Luís Mena Barreto que substituiu Arago que fora ferido, como vimos, em combate.

Um facto interessante que pasmou para perturbar o inimigo, deu-se quando Caxias desfilou com as suas forças já então a elas encorporado o 2.º corpo para o porto de Ipané sem hostilizar os Paraguaiois que ficaram estupefactos.

Esse procedimento de Caxias foi em virtude da falta da cavalaria que ainda não havia atravessado o rio Paraguai e que a esquadra se incumbira de transportar do Chaco para o porto de Ipané. (Divisões de cavalaria dos Generais Andrade Neves e João Manuel Mena Barreto).



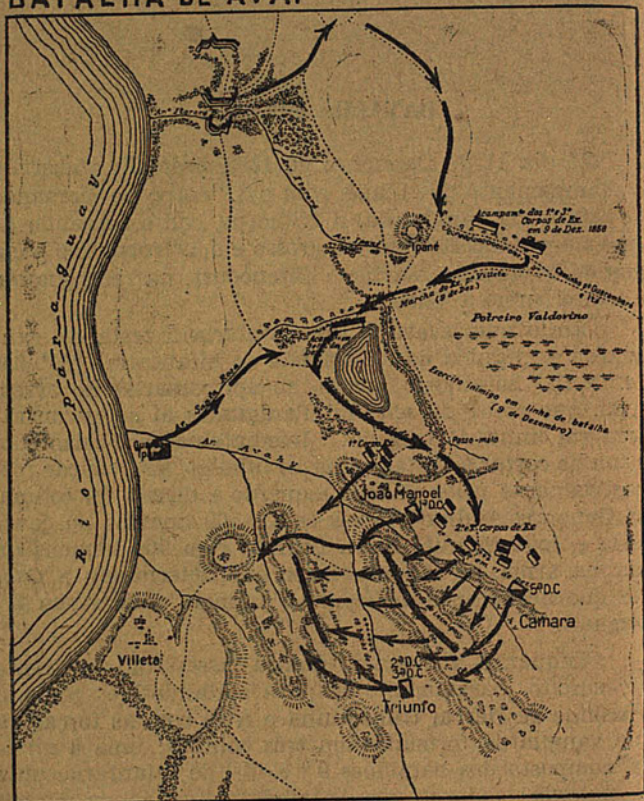
BATALHA DO AVAÍ

No dia 11 de Dezembro de 1869, evaciu o exército o acampamento de Ipané, com o 3.^o corpo de comando de Osório na vanguarda, o 2.^o corpo, sob o comando de José Luis Meña Barreto, no grosso e o 1.^o corpo sob o comando de Jacinto Machado Bitencourt, na rearguarda, e tomou rumo à Vilela.

Osório que levava a sua cavalaria à testa da vanguarda e seguida da 3.^a brigada de infantaria (3.^o, 9.^o, 14.^o e 15.^o batalhões), notou, ao aproximar-se do arrollo Avaí, que cerca de seis mil Paraguaios aí se encontravam em linha de batalha. Imediatamente Caxias com o fim de cortar a rearguarda ao inimigo fez avançar respectivamente pelos flancos esquerdo e direito da coluna, os Generais Andrade Neves com 2.500 homens de cavalaria e João Manuel Meña Barreto com 900 homens da mesma arma, ao mesmo tempo que determinou a Osório que acometesse de frente o inimigo com a sua 3.^a brigada.

“Enquanto a nossa artilharia, assestada em frente do exército paraguaio, o occupava matando-lhe gente, o Visconde de Herval transpunha o Avaí com as forças da sua vanguarda formadas em três colunas; uma à direita, composta dos batalhões 9.^o e 15.^o de infantaria, uma à esquerda, composta dos batalhões 3.^o e 14.^o da mesma arma e uma na rearguarda, composta dos corpos de cavalaria da 5.^a divisão. O seu objectivo era manobrar pela direita e atacar a rearguarda do inimigo, porque, se o chegasse a flanquear por aquele lado, o fazia perder no momento as posições que occupava e o punha mesmo em situação crítica e arriscada. Mas, para se executar

BATALHA DE AVAÍ



Segundo a carta publicada pelo Gen. Tasso Fragoso

um movimento desta ordem, era mister (pelo menos) o duplo da força que marchou, e não deixar em Avaí mais do que uma brigada do 3.º corpo como reserva.”

Osório fez avançar as suas colunas, rompeu o fogo da artilharia da vanguarda contra o inimigo que respondeu alvejando a testa da coluna da vanguarda e ousadamente saiu do arroio, subindo a colina onde se achava o inimigo.

Nessa ocasião desencadeou-se um violento temporal, com chuvas copiosas que logo alagou todo o terreno do combate.

Não obstante êsse contra-tempo, a 5.^a divisão carregou pela esquerda sôbre o inimigo que recuou numa grande porção do terreno que foi ocupado por outras tropas da vanguarda. Os Paraguaiois contra-atacaram essa esquerda, flanqueando o 9.^o e 15.^o que formavam a direita do nosso dispositivo de combate. Nessa ocasião o 3.^o e o 14.^o de infantaria avançam impetuosamente com o Coronel Wanderlei à frente da coluna e teriam terminado o combate se horrível borrasca de chuva e vento não tivesse desencadeado com tanta impetuosidade naquele momento.

Aproveitando a situação, os Paraguaiois carregam com a sua cavalaria sôbre a nossa infantaria que não teve tempo necessário para defender-se convenientemente, só podendo então manejar as suas baionetas, perdendo nessa ocasião alguns dos seus bons oficiais e o próprio comandante Tenente-Coronel Francisco de Lima e Silva.

A situação tornava-se grave e Osório ordenou a Câmara que carregasse com a sua cavalaria o inimigo para aliviar a infantaria enganjada em rude combate.

Câmara cumpriu com denodo a ordem, mas os Paraguaiois jogaram contra êle as suas reservas de cavalaria e uma parte da sua infantaria que o obrigaram a se deter ante o esforço do inimigo mais numeroso.

Nessa ocasião Herval ordenou que todo o resto da infantaria do seu comando passasse para a margem esquerda do Avaí dando-lhe instruções especiais e dirigiu para a colina por onde desciam acossados pala cavalaria inimiga os batalhões da 3.^a brigada.

“O inimigo, percebendo êsse movimento, cobriu-os de metralha, mas não os pode deter. Eles transpuseram a posição, repeliram à baioneta a força que lhes era oposta, e, sempre debaixo do fogo, chegaram ao centro da colina.

Os Paraguaioi carregaram novamente contra eles e os detiveram no seu glorioso avanço.

Então, a 3.^a brigada, atacada de frente e pelos flancos, retrogradou, deixando grande número de soldados mortos e feridos no declive da fatal colina.

Nessa ocasião é que o Visconde de Herval, a quem o fogo do inimigo havia sempre respeitado, foi ferido no rosto por uma bala de fuzil.”

Foi então designado para substituí-lo o General José Auto Guimarães.

Percebendo toda a gravidade da situação, Caxias lançou para frente as divisões de infantaria do 2.^o corpo e do 3.^o, engajando esta última pelo flanco esquerdo.

“A infantaria transpõe o arroio com água pelos peitos; segue-a a artilharia. Sobem a colina como uma torrente que tudo devasta em sua passagem.

Nada pode deter o ardor com que eles se atiram ao combate. O ataque é impetuoso; a resistência obstinada, e os combatentes dos dois Exércitos se ilustram pelos mais belos feitos das armas.” (Manuscrito de 1869).

Depois de grande esforço, os Brasileiros conseguiram ocupar o planalto e capturaram quase todos os canhões do inimigo.

Aproveitando o êxito da investida, Caxias mandou a 5.^a divisão de cavalaria sob o comando de Câmara atacar a linha paraguaia que recuava pela encosta da colina e, embora tivesse sido atacado pelos flancos por esquadrões inimigos, Câmara conseguiu recuperá-los com grandes perdas.

“Ao passar o comandante da 5.^a divisão, conta Borman, pela frente do marechal, fez-lhe a continência: Ge-

neral (disse Caxias a Câmara) louvo-o pelas suas cargas brilhantes. O Coronel Câmara considerou-se General."

Continua Borman: "Houve alguns momentos de descanso em que só se ouviam os nossos canhões, de tal modo declinara a fuzilaria. Essa parada era necessária não só para se recuperar alento, como também para dar algum tempo a que, pela rectaguarda, surgissem as divisões de João Manuel Mena Barreto e de Andrade Neves.

O inimigo estava, pois, irremediavelmente perdido; o fogo da fuzilaria que quase havia cessado, recomeçou e foi pouco a pouco se avigorando, recrudescendo de ambos os lados."

Caxias, observando o movimento das duas divisões de cavalaria, determinou uma carga de conjunto contra o inimigo, quando também a 5.^a divisão recalrava o centro.

Caballero tentou, neste momento, tomar nova posição, mas era tarde, pois que tinha cortada a sua retirada e só lhe restava morrer ou depor as armas.

"Debalde os batalhões e regimentos inimigos pretendem romper o círculo; mas encontram as baionetas e as lanças que lhes opõem uma barreira de morte. Então a luta é indescritível. A coragem do inimigo toca às raias do heroísmo com o desespero de ser vencido. Tudo é em vão. Os nossos gritam-lhes que se entreguem; a resposta, porém, é o crepitar da fuzilaria e o sibilar das balas."

Assim cercados, os Paraguaiois tentam subtrair-se ao círculo de ferro e alguns conseguem fugir pela estrada de Vilela e outros pela colina na direcção de Lomas, contando nese número o próprio Caballero com cerca de 200 homens.

Os Paraguaiois tiveram mais de dois mil prisioneiros e cerca de quatro mil mortos com 600 feridos que foram recolhidos aos hospitais brasileiros.

Os Brasileiros tiveram apenas 773 homens fora de combate, entre mortos, feridos e contusos.

Logo depois da batalha do Avaí, o exército brasilei-

ro acampou em Vileta que passou a ser a nossa base de operações.

Havia certa necessidade de descanso para a tropa que devia estar estenuada com as marchas e o combate que fora bastante rude para todos.

Além disso, tornava-se urgente providenciar sobre o reabastecimento e aprovisionamento da tropa e sobre as evacuações dos enfermos para os hospitais de Palmas e Humaitá.

Por tudo isso, é claro que Caxias tinha de estacionar por algum tempo em Vileta, pois nenhuma nova operação era aconselhável empreender-se imediatamente, sem que se tomassem todas essas providências.

O Almirante, segundo instruções de Caxias, determinou que o Silvado, sob o comando do capitão-de-fragata Costa Azevedo e o Lima Barros, sob o comando do capitão-de-fragata Joaquim de Abreu, fossem buscar em Palmas o aprovisionamento necessário ao exército e para isso aqueles navios desceram rio abaixo forçando na ida e na volta a passagem de Angostura.

Concomitantemente com estas providências, Caxias determinou que se levantassem trincheiras em torno de Vileta para prevenir qualquer surpresa por parte do inimigo e ao mesmo tempo lançou para frente uma exploração de cavalaria, sob a direcção do General João Manuel Mena Barreto. Este à frente de sua divisão (1.^o), alcançou as imediações de Capiatá e Areguá.

Ao mesmo tempo foi incumbido Andrade Neves de vigiar com a sua 2.^a divisão de cavalaria os lados da Lomas, naturalmente para barrar qualquer infiltração que por aí tentasse o inimigo.

Ao mesmo tempo que determinava todos esses reconhecimentos, Caxias organizou um ataque à cavalaria paraguaia, composta de dois regimentos que sob a forma de vanguarda haviam sido colocados no caminho de Angostura — Vileta. (Segundo Centurium).

O coronel Vasco Alves foi incumbido desse ataque e

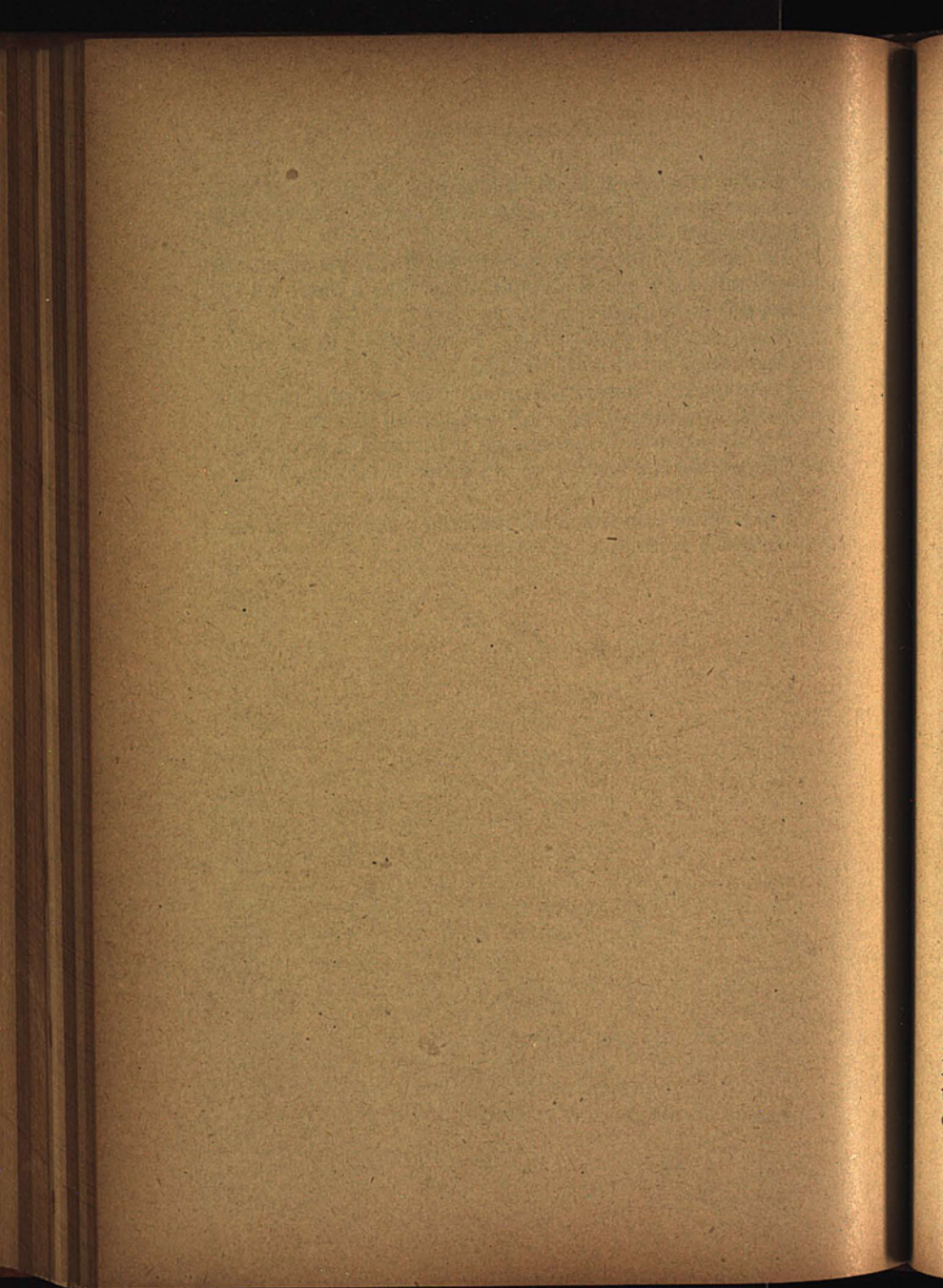
com a sua 3.^a divisão de cavalaria emboscou-se convenientemente durante à noite afim de surpreender o inimigo na madrugada seguinte.

De fato, o inimigo foi acometido pela rectaguarda, conseguindo fugir um dos regimentos, mas o outro foi inteiramente aniquilado.

Nesta refrega perderam os Paraguaioes 140 mortos e 53 prisioneiros inclusive 5 officiais.

Completando esses movimentos de reconhecimentos, Caxias acompanhado pela 5.^a divisão de Corrêa da Câmara e mais dois mil homens de infantaria, avançou até meia légua de Ita-Ivaté e aí reconheceu com atenção a posição de Lopez.

Terminado esse trabalho, resolveu o seu plano de ataque contra o inimigo.



LOMAS VALENTINAS

A linha do Pikicirí, como bem se pode apreciar na carta junto, era constituída por um traçado contínuo de trincheiras ao norte do arroio do mesmo nome, desde as barrancas do rio Paraguai até os terrenos alagados do estero Ipoá.

A Oeste desta linha, estavam as baterias de Angostura, ao longo da margem do rio Paraguai, e aí colocadas naturalmente para obter a circulação dos navios naquele rio.

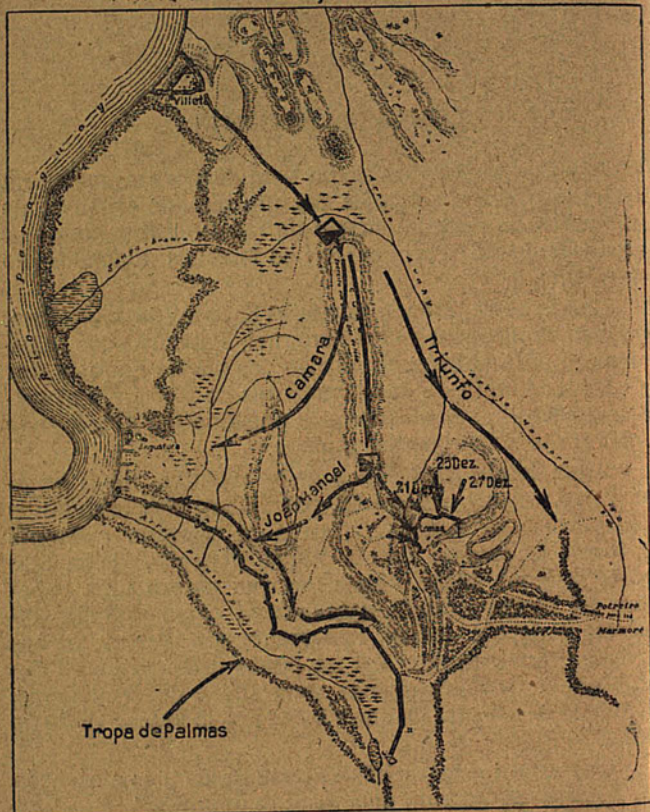
Do lado nordeste das trincheiras do Pikicirí, elevava-se uma cochilha, conhecida pelo nome de Ita-Abaté, onde Lopez tinha o seu quartel general.

“Uma feição topográfica dessa cochilha, diz o general Tasso, “é que ela avança para o norte apresentando uma espécie de degráu. Depois do planalto existente no cume, o terreno descia nessa direcção, deixava-se cruzar por um filete d’água, ao que parece uma cabeceira da Santa Branca, apresentava outro planalto ou degrau, e depois descia novamente até perder-se aos terrenos convizinhos. Foi na borda desse primeiro degrau que Lopez estabeleceu uma linha de trincheiras, quando se deu conta de que o inimigo o ia atacar vindo do Norte.

Esse aspecto da cochilha atraiu desde logo a atenção dos Brasileiros, quando dela se aproximaram.”

É claro que Lopez não teve o tempo sufficiente para construir com eficiência uma linha de trincheiras desde Angostura até o seu quartel general, com a frente para o Norte, donde agora vinha o adversário, nem possuía gente bastante para um trabalho de tão grande envergadura.

ATAQUE A' POSIÇÃO DE PIQUICIRÍ



Segundo a carta publicada pelo Gen. Tasso Fragoso

“Lopez juntou a gente que pode, “diz Thompson,” e reuniu em seu quartel general cerca de três mil homens e grande quantidade de canhões. Abriu um fosso de 2

pés de largura e 2 de profundidade, amontoando a terra na frente, de maneira que os soldados podiam ficar um tanto resguardados dos tiros de fuzil. Tôda a trincheira do Pikicirí ficou confiada a 1.500 homens e estava artilhada com peças de vários calibres."

Caxias tinha agora por objectivo tomar posse desse conjunto de fortificações, atacando Ita-Ibaté e as trincheiras do Piyicirí, fixando ou mascarando Angostura.

Diz o general Tasso: "A cochilha de Ita-Ibaté representava a chave da situação táctica; uma vez conquistada, todo o resto cairia por si. A tomada simultânea da linha de Pikicirí, acarretava a abertura da estrada de Palmas e destarte facultava drenar daí para o norte, se houvesse mister a força que guarnecia êsse ponto.

As missões seriam assim distribuídas: o generalíssimo atacaria Ita-Ibaté com o grosso, o general João Mena Barreto, com a sua divisão de cavalaria, reforçada com infantaria e artilharia, as trincheiras de Pikicirí, enquanto Câmara vigiaria Angostura."

Antes de pôr em execução o seu plano de manobra, Caxias lançou a seguinte ordem do dia: "Camaradás! o inimigo, Vencido por vós na ponte de Itororó e no arroio Avaí, nos espera em Lomas Valentinas com os restos do seu exército.

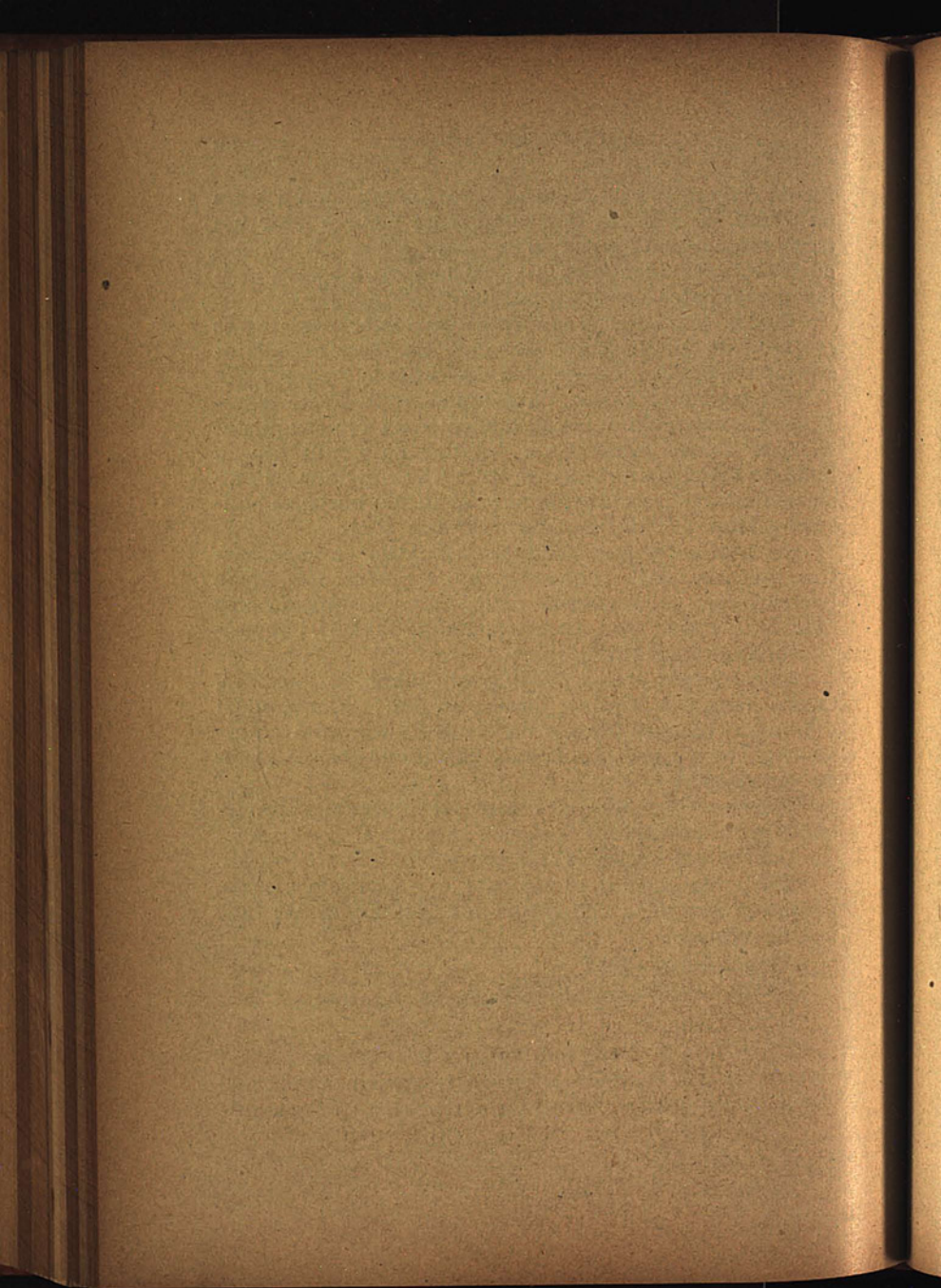
Marchemos sobre ele, e com esta batalha mais, teremos concluído nossas fadigas e provações.

O Deus dos Exércitos está conosco!

Eia! Marchemos ao combate, que a vitória é certa, porque o General e amigo que vos guia ainda até hoje não foi vencido.

Viva o Imperador!

Vivam os exércitos aliados!



O ATAQUE

Pondo em execução o seu plano, Caxias dividiu o seu exército em um centro, formado por duas colunas paralelas respectivamente comandadas pelo brigadeiro Machado Bitencourt e General José Luíz Mena Barreto e sob o seu immediato comando, e duas delas compostas, a primeira pela 2.^a divisão (2.500 homens) sob o comando do General Barão do Triunfo, e a segunda (ala direita) composta de cavalaria infantaria e artilharia sob o comando do General João Manuel Mena Barreto.

Outra coluna de cerca de 900 homens sob o comando do General Corrêa da Câmara tinha por objecto aproximar-se de Angostura a fim de immobilizá-la contra as outras colunas.

No manuscrito de 1869, lê-se o seguinte: "Todavia, não podendo marchar com perto de 20 mil homens por um mesmo caminho, ordenou Caxias que os corpos comandados pelo Brigadeiro Bitencourt e Brigadeiro José Luíz Mena Barreto, seguiriam, formados em duas colunas, pelas diferentes veredas que de Vilela vão ter a Lomas.

Estes corpos, partindo assim da margem esquerda do Paraguai e marchando em distância conveniente uns dos outros podiam apoiar-se reciprocamente e convergir sem o menor obstáculo para o ponto comum de Lomas."

Caxias havia determinado o início da marcha de aproximação para o dia 19 de Dezembro de 1868, mas uma chuva torrencial, desabando à noite e prolongando-se até o dia seguinte, fez que fosse transferido o ataque projectado para o dia 21, às duas da madrugada, quando a tropa

de mochilas aliviadas, decampou de Vileta para o objetivo traçado.

Perto de uma hora antes do início do movimento do Exército de ataque, Caxias deu a missão ao General Andrade Neves com a sua coluna de cavalaria com cerca de 2.600 homens, de contornar o inimigo nas Lomas Valantinas, "Levantar todo o godo que encontrasse e tornear pela rectaguarda a posição do inimigo."

Andrade Neves, Barão do Triunfo, dirigiu-se para Marmol com a 3.^a divisão na testa da sua coluna, sob o comando de Vasco Alves Pereira.

Diz Borman: "O Generalíssimo, ansioso por acabar com a importância militar de Angostura para flanquear as comunicações fluviais, além das instruções já dadas ao Barão do Triunfo, em marcha para Lomas, ordenou ao bravo General João Manuel que com sua divisão de cavalaria, uma brigada de infantaria e uma bateria de artilharia atacasse a linha fortificada do Pikicirí pela rectaguarda.

Iam, pois, ser investidas pela rectaguarda as famosas linhas, que não nos podendo cair nas mãos por um ataque de frente sem enormes sacrifícios, obrigara a manobra brilhante pelo Chaco para contorná-la".

De fato, João Manuel arrojou-se com sua gente contra as linhas inimigas e num primeiro ímpeto arrebatou-lhes 45 canhões, fazendo 700 mortos e 200 prisioneiros.

Estes acontecimentos iam tendo curso ao mesmo tempo que o Generalíssimo marchava com as colunas dos Generais José Luiz e Jacinto Machado para o objetivo determinado.

"Em marcha recebeu Caxias comunicação de que o denodado Barão do Triunfo havia arrebanhado 4.000 ovelhas, 400 cavalos e tomado muito armamento. Por ordem do Marechal, o Barão do Triunfo com a sua cavalaria reuniu-se ao exército, depois de conduzido para Vileta tudo quanto acabava de aprender, e deixou no potreiro

Marmoré o bravo Coronel Vasco Alves com a divisão do seu comando.

Antes, pois, de se trocarem em Lomas Valentinas os primeiros tiros no reconhecimento à viva que se ia fazer, tínhamos a brilhante vitória em Pikicirí que nos abria as comunicações por terra com Palmas, nossa base de operações, guardada pelos nossos aliados, auxiliados pelas nossas forças. Esse triunfo isolava completamente Angostura."

Depois de uma série de operações preparatórias, Caxias desencadeou o ataque (3 horas da tarde) contra a face noroeste das trincheiras inimigas:

Jacinto Machado havia arremessado a sua coluna com entusiasmo, atravessando a linha de abatizes que amparavam a frente das trincheiras e transpondo os fossos conseguiu alcançar as posições inimigas.

Compreendendo que era necessário um auxílio mais eficaz, Jacinto Machado engaja a outra divisão da sua coluna no combate, comandada pelo General Salustiano.

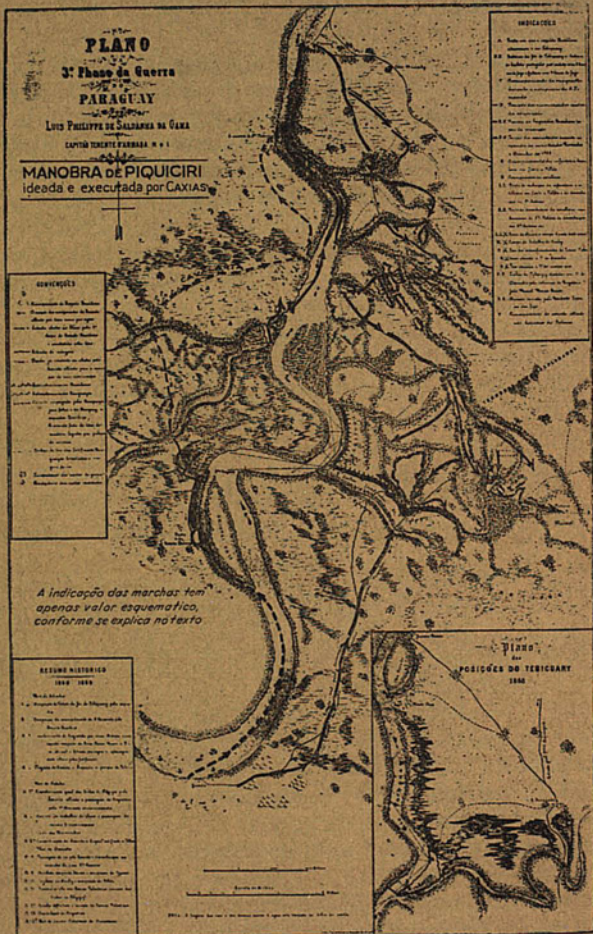
A luta torna-se terrível e muitos caem em meio do combate.

Nessa ocasião, Caxias compreendeu que se tornava necessário o auxílio da cavalaria de Andrade Neves e mandou que fosse, pela companhia de pontoneiros, sob o comando do capitão Martins, aberta uma brecha que desse acesso à cavalaria citada.

Com este recurso, avançou rapidamente o Barão do Triunfo com sua cavalaria (6.^o, 7.^o, 9.^o e 20.^o) da 3.^a e 8.^a brigadas sobre o interior das trincheiras.

A luta recrudescceu e todos fazem esforços desesperados para ganhar o alto da colina. Nesse momento, infelizmente, foi ferido o Barão do Triunfo e o ataque não teve o êxito esperado, pois que também por sua parte os Paraguaiois batiam-se com indômita bravura.

A colina de José Luís Mena Barreto também não logrou o seu objetivo pois que o inimigo enfiava a estrada com sua artilharia.



Desta forma, Caxias, embora tivesse bastante reservas para efetuar um novo ataque de conjunto contra o adversário, julgou que devia agir com segurança e mandou que a sua força se aferrasse ao terreno, pois que além disso caía a noite e os feridos careciam de cuidados especiais.

"Todo o exército brasileiro, "diz o general Tasso," bivacou no próprio campo da peleja. Os oficiais, a partir do Generalíssimo, deram invejável exemplo de constância e serenidade não arredando pé do ponto em que tinham ficado.

A noite de 21 para 22 foi passada em contínuo alerta. No decurso dela, fez o inimigo vários contra-ataques, nada menos de quatro, segundo o manuscrito de 1869, mas foram sempre repelidos."

"Quase ao escurecer," diz Borman, "alguns batalhões descem pela encosta para retomar a trincheira; agora, porém, os nossos soldados estão entrincheirados, porque em poucos momentos se havia preparado o terreno de modo a servir de abrigo aos nossos soldados a fortificação que fora pouco antes do inimigo."

Durante os dias 22 e 23, passaram para o acampamento fronteiro a Ita-Ivaté pela linha do Pikicirí, os Argentinos e Orientais que se encontravam em Palmas.

"Relativamente ao assunto; diz apenas o diário do exército que Caxias mandara convidar os Generais Gelly y Obes e Castro para, se quisessem, virem tomar parte na operação decisiva que tinha de dar-se com o fim de bater o inimigo."

"Borman diz que Caxias assim procedera para cumprir fielmente a promessa feita a Mitre de não esquecer o concurso dos Argentinos."

A noite anterior fora terrível para os combatentes, pois que desencadeara tremenda chuva em forma de calamitosa borrasca.

No meio da intensa fuzilaria que não parava um só momento de agir, um frio húmido de chuva batida por

vento rijo molestava o bravo Caxias que ao lado do outro bravo Jacinto Machado, ali serenos permaneciam resolutos no cumprimento do dever.

Conta Borman o seguinte: "O marechal tinha apenas durante o dia tomado ligeira refeição, preocupado com os seus misteres de General chefe em frente do inimigo.

Alta noite, o seu médico Dr. Bonifácio de Abreu, cirurgião-mór honorário do Exército, depois Barão da Vila-da-Barra, íntimo amigo do Marechal, envia-lhe, por uma ordenança, uma xícara de café para que ele a tomasse.

O Marechal fixou atentamente o soldado e disse-lhe: "Eu não quero; beba você camarada." Depois dirigindo-se ao seu Estado-Maior que o cercava observou: "Quando os meus soldados estão morrendo à chuva, nesta saraivada de balas não posso dar-me nenhuma regalia, por pequena que seja." Nessa ocasião estava Caxias todo molhado, debaixo de bastas laranjeiras, a cada instante varadas por balas de artilharia."

INTIMAÇÃO A LOPEZ

No dia 24, Caxias reuniu os Generais Gely (argentino) e Castro (oriental) e com eles deliberou enviar uma intimação a Lopez, para que se rendesse dentro do prazo de 12 horas, a contar daquele momento.

Assim dizia a intimação: "Acampamento em frente a Lomas Valentinas, 24 de Dezembro de 1868, às 6 horas da manhã. — A S. Excia. o Sr. Marechal Francisco Solano Lopez Presidente da República do Paraguai e General Chefe do seu Exército. — Os abaixo-assinados, Generais Chefes dos Exércitos Aliados, e representantes armados dos seus governos na guerra a que as suas nações foram provocados por V. Excia., entendem cumprir um dever que a religião, a humanidade e a civilização lhes impõem, intimando em nome delas a V. Excia., para que, dentro do prazo de 12 horas, contadas do momento em que a presente nota lhe for entregue, sem que se suspendam durante elas as hostilidade, deponha as armas, terminando assim essa já tão prolongada luta.

Sabem os abaixo-assinados quais são os recursos de que pode V. Excia. dispor hoje, tanto em relação às forças das três armas, como a respeito de munição.

É natural que V. Excia. pela sua parte conheça a força numérica dos Exércitos Aliados, seus recursos de todo o gênero e a facilidade que sempre têm para fazer que sejam eles permanentes.

O sangue derramado na ponte Itororó e no arroio Avaí devia haver persuadido a V. Excia. a poupar as vidas dos seus soldados no dia 21 do corrente, não os forçando a uma resistência inútil. Se a obstinação cega e

inesplicável for considerada por V. Excia. preferível a milhares de vidas que ainda se podem poupar; os abaixo-assinados responsabilizam a pessoa de V. Excia. perante a República do Paraguai e o mundo civilizado, pelo sangue que vai correr a jarros, e pelas desgraças que vão aguentar as que já pesam sobre este país. A resposta de V. Excia. servirá de governo aos abaixo-assinados, que a tomarão como negativa se no fim do prazo não tiverem recebido qualquer resposta à presente nota. — Marquês de Caxias, Gelly y Obes, Henrique Castro.”

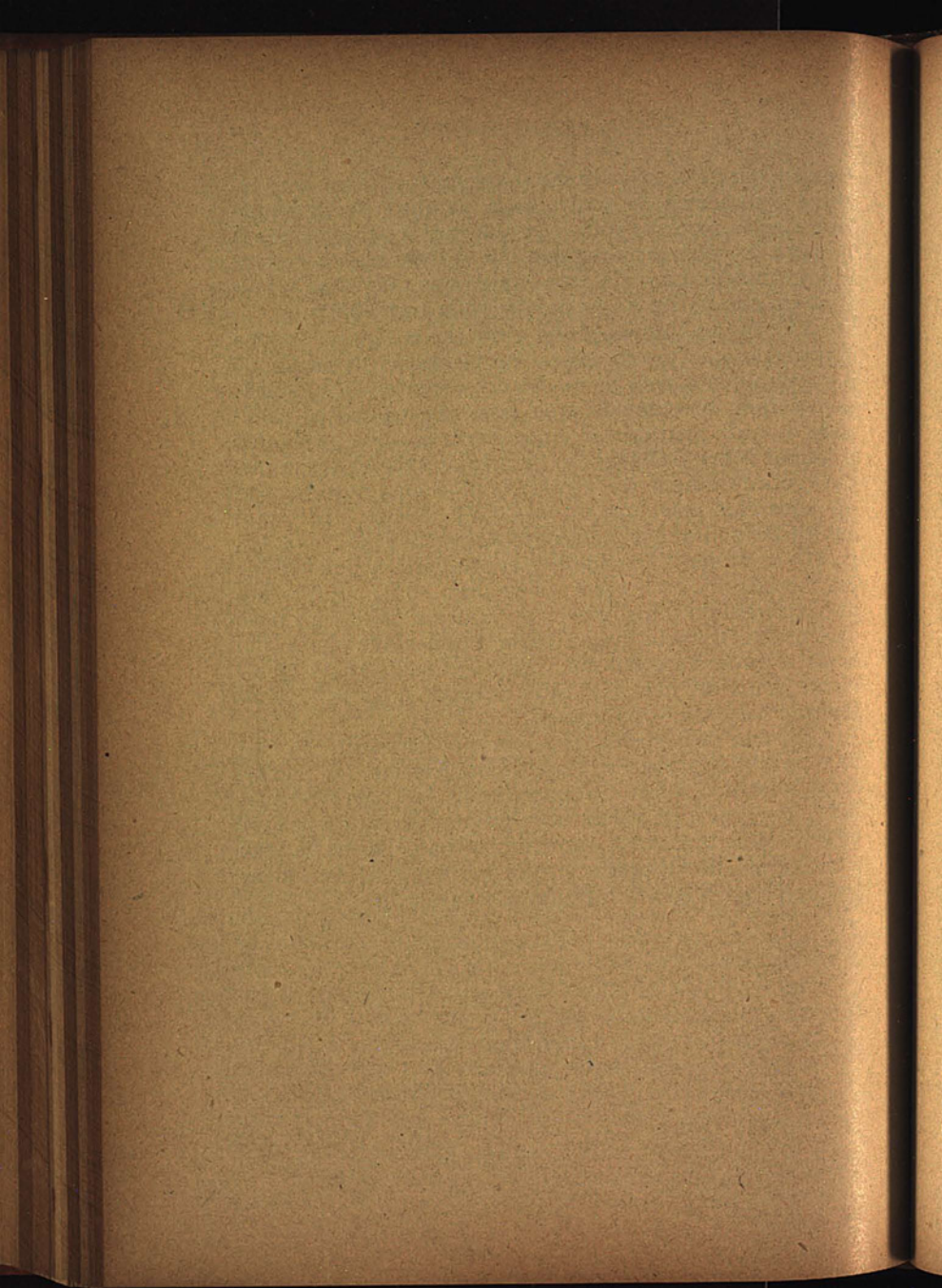
Todos pensavam que Lopez, não aceitando a proposta dos aliados, também não respondesse à intimação tão enérgica a ele feita.

Todavia, o ditador respondeu no mesmo dia com os seguintes termos: “Quartel General em Pikicirí, 24 de Dezembro de 1868, às 3 horas da tarde. O Marechal Presidente da República do Paraguai deverá talvez dispensar-se de dar uma resposta escrita a SS. Excias. os Srs. Generais Chefes dos exércitos aliados na luta com a nação a que presido, pelo tom e linguagem desusada e inconveniente à honra militar e a magistratura suprema, com que SS. Excias. julgaram a oportunidade de fazer-me a intimação de depor as armas no termo de 12 horas, para terminar assim uma luta prolongada, ameaçando lançar sobre a minha cabeça o sangue já derramado e que ainda tem de derramar-se, se não me prestasse à deposição das armas, respansabilizando a minha pessoa perante a minha pátria, as nações que SS. Excias. representam e o mundo civilizado; contudo, quero impor-me o dever de fazê-lo, rendendo assim homenagem a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem, assim como ao sentimento da religião, humanidade e civilização que SS. Excia. invocam na sua intimação... VV. Excias. julgam dever comunicar-me o conhecimento que têm dos recursos do que actualmente posso dispor, julgando que eu também posso saber qual a força numérica do exército aliado e seus recursos, que

crecem dia a dia. Não tenho conhecimento disso; mas tenho a experiência de quatro anos, de que a força numérica e esses recursos nunca impuzeram à abnegação e à bravura do soldado paraguaio que se bate com a resolução do cidadão honrado e do cristão que quer uma sepultura em sua pátria antes do que vê-la humilhada.

VV. Excias. julgam dever recordar-me que o sangue derramado em Itororó e Avaí devia ter-me determinado a evitar o que correu no dia 21 do corrente; VV. Excias. esqueceram, sem dúvida, que esses mesmas actos poderiam de ante-mão provar quão certo é o que acabo de ponderar sobre a abnegação de meus compatriotas, e que cada gota de sangue que cai em terra é uma nova obrigação contraída pelos que vivem... VV. Excias. não têm o direito de acusar-me perante a República do Paraguai porque a defendí, defendo-a e continuarei a defendê-la. Ela me impõe esse dever e eu me orgulho de cumprí-lo e demais, legando à história os meus actos, só a Deus devo dar contas. Eu pela minha parte, estou ainda agora disposto a tratar da conclusão da guerra sobre bases igualmente honrosas, mas não estou resolvido a ouvir uma intimação para depor as armas..."

Em face da resposta de Lopez que foi realmente digna e teria muito valor se fosse de um homem que não tivesse estorvado a paz e o progresso do seu país em benefício da sua própria vaidade e orgulho pessoal, Caxias resolveu reunir um maior número possível de bocas de fogo para em magnífica preparação de artilharia, desencadear ataque decisivo com a infantaria e cavalaria.



O ASSALTO

No dia 25, foram assestadas 46 bocas de fogo para o ataque de Ita-Ibaté e realmente às seis horas da manhã desencadeou contra as suas fortificações o bombardeio que durou cerca de hora e meia.

Lopez supôs que os aliados iriam logo desembarcar o assalto e, portanto, preparou-se com suas forças em linha de batalha.

Diz Borman: "Assim, pela manhã do dia de Natal, sobre as Lomas Ita-Ivaté caíram 2.300 granadas que além de produzirem graves perdas ao inimigo incendiaram matas e parte do acampamento.

Se o vigoroso bombardeamento havia cessado, não se calara de todo, entretanto, o canhão. Uma ou outra vez, uma bateria nossa, postada na frente, jogava sobre o inimigo as suas granadas; ao passo que outra, na esquerda, metralhava a mata em que se apoava o seu flanco direito.

A noite de 25 para 26 correu sem novidade. Os canhões, entretanto, e as espingardas, às vezes, ribombavam, crepitavam."

No dia 26 o Marechal fez um reconhecimento pessoal às proximidades de Angostura que pretendia atacar logo que se desembarcasse de Lomas e de volta resolveu o ataque desta última, para o dia seguinte (27 de Dezembro de 1868).

Assim pela manhã desse dia (27), a artilharia sob o comando do bravo Emilio Mallet fez intensa preparação, enquanto Caxias à frente de 6.000 homens com 2.000 Argentinos sob o comando de Rivas, procurava contornar a

posição inimiga pela esquerda até uma distância de meio tiro de espingarda de sua rectaguarda.

O ataque de frente ficara a cargo dos Generais Jacinto Machado Bitencourt, com tropas do 1.º corpo de exército, Gelly y Obes com o contingente argentino, e Henrique Castro com um punhado de Orientais, ao mesmo tempo que o bravo Coronel Vasco Alves atacaria o flanco esquerdo com a sua divisão de cavalaria.

Todos esperavam o sinal de ataque e de um momento, ao meio-dia, deu-se por três lados o assalto, o ataque que foi coroado de um êxito completo.

Diz Borman: "O fogo atinge a sua suprema intensidade, o seu ponto-mais culminante. O fogo de canhão e de espingarda, de nossa parte, não dura muito; porque, abaladas as linhas inimigas, a lança, a espada e a baioneta entram em acção.

A nossa cavalaria carrega pela rectaguarda e pela esquerda; os batalhões de infantaria atiram-se à baioneta, e, assim o inimigo quase completamente cercado, se reorganiza e, em confusão, recua para as matas da posição.

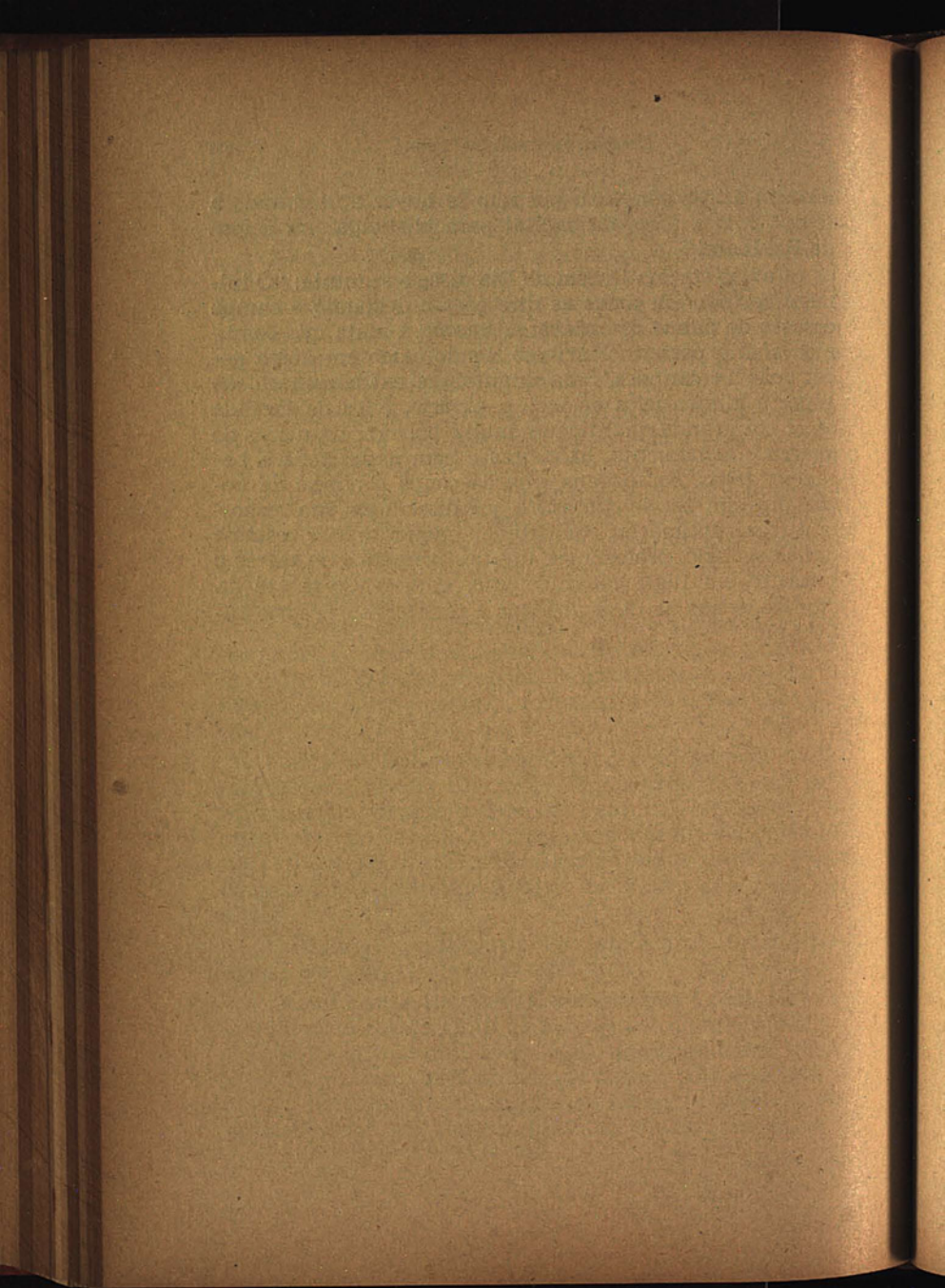
Então, Lopez reconhece que havia chegado o momento de se afastar do campo de batalha para não cair prisioneiro. Chama o General Resquin e retira-se com este e o seu Estado-Maior por uma picada aberta na mata, no potreiro Marmoré ou Marmol, e segue para o passo do Auquerí com destino a Cerro Leon sem que o soubéssemos.

Entretanto, prossegue o combate à arma branca nas matas em que o inimigo se refugiara.

"Centurión e Resquin confessam que Lopez foi perseguido pela cavalaria até as imediações do arroio Auquerí. Aquele afirma que, se ela a cavalaria houvesse ultrapassado o arroio, teria alcançado Lopez, pois que este se apeiou no campo, logo depois do sobredito arroio. Foi nessa ocasião que chegou Caninos, Ministro da Guerra,

a quem Lopez censurou por não se haver apresentado a tempo com a força da capital para participar na defesa de Ita-Ibaté.”

Caxias em sua Ordem do Dia disse o seguinte: “O inimigo cortado em todas as direcções e deixando o campo coberto de pilhas de cadáveres, buscou a mata que comunica com o potreiro Marmoré, tendo caído em nosso poder mas 14 canhões, uma quantidade extraordinária de gêneros alimentícios de toda a espécie, rolos de fazenda de lã em grande quantidade, muita pólvora, munições de guerra e armamento, bandeiras e bem assim toda a bagagem, trens, equipagens, guarda-roupa e papéis de Lopez, que, em vez de cumprir o que dissera em sua resposta à nossa intimação, combatendo enquanto lhes restasse um só soldado, preferiu ser um dos primeiros ou talvez o primeiro em fugir cobardemente, esquecendo-se até da dignidade que se deve guardar e manter no próprio infortúnio.”



RENDIÇÃO DE ANGOSTURA

Depois desses acontecimentos ocorridos em Lomas-Valentinas, Caxias reuniu os Generais Gely y Obes e Henrique Castro e mostrou-lhes a conveniência de uma intimação de rendição à guarnição de Angostura.

Esta guarnição isolara-se desde alguns dias dos elementos de Lomas-Valentinas, em virtude da acção do General João Manuel Mena Barreto, atacando a rectaguarda das trincheiras do Pikicirí e abrindo caminho para Palmas.

A guarnição de Angostura constava, segundo Thompson, de três chefes, 50 oficiais e 684 soldados. Com a tomada da trincheira do Pikicirí, a guarnição teve um aumento em seu efetivo de 61 oficiais e 685 soldados que ali evacuaram, de forma que a situação naquela praça se tornou difícil sobretudo quanto a alimentação e meios normais de reabastecimento.

Recebida à intimação de rendição, o comandante de praça respondeu que os aliados deviam entender-se com Lopez sobre esse respeito, julgando naturalmente que o ditador ainda estivesse em Lomas Valentinas.

"Debalde os oficiais, seus compatriotas, "diz Borman", declararam que Lopez tinha sido completamente derrotado no dia anterior e fugido; mas o comandante da praça não os acreditou, julgando-os trânsfugas.

A vista disso, o marechal Caxias deu ordem de marcha para o dia seguinte e, com efeito, no dia 29 o exército se pôs em movimento com o Marechal à frente do mesmo".

Quando tudo estava disposto em colunas de ataque

para entrar em acção (9 horas da manhã), appareceu um grupo de officiaes paraguayos com bandeira branca.

Os portadores da bandeira branca traziam um protesto de Thompson e Carrilo (sobrinho de Lopez) contra um monitor brasileiro que, diziam elles, havia abusado do direito parlamentar, quando com bandeira branca se aproximara das baterias da praça e logo após a ida de um escaler para receber o parlamentar, o referido monitor fez-lhe fogo e voltou água acima.

Caxias não deu crédito a êsse facto que apenas mais lhe parecia um pretexto para novos entendimentos sobre a rendição da praça.

Por isso, Caxias respondeu o seguinte: "Aproveitando a oportunidade intimo os commandantes de Angostura para renderem-se com as forças que comandam dentro do prazo de seis horas."

Diz Caxias em um officio dirigido posteriormente ao Ministro da Guerra: "Hora e meia depois voltaram os mesmos commissários trazendo outro officio dos commandantes acima mencionados, no qual diziam elles que, querendo satisfazer os desejos manifestados pelas tropas de seu commando, e com o fim de mais facilmente as poderem convencer sobre a necessidade de rendição, pediam, sem que duvidassem um só instante do que eu lhe havia mandado dizer, que uma comissão de officiaes paraguayos viesse ao nosso acampamento e fosse por sí mesma verificar que Lopez, depois de sofrer completa derrota, fugira abandonando aqueles seus soldados que não haviam socumbido no combate. Cinco officiaes paraguayos de diferentes patentes vieram ao nosso acampamento e mandei-os acompanhados por dois de meus ajudantes de campo e escoltados por um esquadrão de cavalaria visitar o teatro dos últimos acontecimentos nas Lomas-Valentinas e verificar a derrota dos seus compatriotas."

As 6 horas de manhã do dia 30 de Dezembro de 1868, recebeu Caxias a seguinte mensagem: "A S.S. Excias. os Generais aliados em guerra contra a República do Pa-

raguai. Havendo tomado em muita consideração a resposta de V.V. Excias. e consultado os senhores chefes e oficiais desta guarnição, resolvemos evacuar Angostura, contando que o façamos com todas as honras de guerra, conservando cada um a sua graduação actual, seus ajudantes e camaradas, garantindo que as tropas depositarão suas armas em lugar conveniente, sem que esta condição se estenda aos chefes e oficiais, que conservarão as suas. Deus Guarde a VV. Excias. Jorge Thompson, Lucas Carrillo."

Após estes acontecimentos, às 13 horas teve lugar a rendição e a bandeira paraguaia foi arriada da praça de Angostura e hasteada as três bandeiras respectivamente do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

O início da rendição teve começo com a entrada na praça de um destacamento composto de três batalhões das três nações aliadas.

Uma comissão nomeada para relacionar o material encontrado em Angostura e dividi-lo entre os exércitos aliados, lavrou a seguinte acta: "Aos 31 dias do mes de Dezembro do ano de 1868, nos entrincheiramentos de Angostura, reunida, por ordem do Exmo. Sr. Marechal Marquez de Caxias, comandante chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguai, a comissão composta dos membros abaixo firmados, com o fim de relacionar e dividir entre os três Exércitos aliados artilharia e armamentos tomados ao inimigo nos 27 e 30 do corrente, passou a dar cumprimento a esta ordem, encontrando 42 bocas de fogo, 2 obuzes, 1 morteiro tudo com grande quantidade de munições, 5.630 fuzis, 138 carabinas, 76 mosquetes, 900 baionetas, 429 espadas e 99 lanças, etc.

As perdas inimigas nesta gloriosa campanha do mês de Dezembro começada no dia 5 com o desembarque em Santo António e terminada na rendição de Angostura, foram avaliadas em 14.000 mortos, quando os aliados ti-

veram 4.149 mortos Brasileiros, 800 Argentinos e 200 Uruguaios, segundo o Marechal Borman.

Terminada a jornada das Lomas Valentim e da Angostura, uma divissão da esquadra transportou uma pequena expedição de 1.700 homens, sob o comando do Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, (1 de Janeiro de 1869) para Assunção onde desembarcou sem resistência, tomando conta da cidade.

No dia 31 de Dezembro, havia o exército iniciado a sua marcha para Vileta e, no dia seguinte tomava destino para Assunção, onde no dia 4 acampou nas suas imediações.

Sòmente no dia 5, pela manhã, Caxias com o seu Exército entrou em Assunção, sem ter encontrado nenhum obstáculo, durante a sua marcha para aquela cidade.

Diz Borman: "A cidade estava deserta; apenas um ou outro estrangeiro; uma ou outra mulher idosa contempylava o desfilar do exército por aquelas ruas por onde a população, não havia ainda muito tempo, vagava dia e noite, delirante de entusiásmo ao receber as notícias mentirosas das vitórias de Lopez, transmitidas do seu quartel general.

As bandas marciais do exército vencedor, as aclamações e os vivas dos soldados pareciam pouco a pouco restituir a vida à cidade-cadáver; quebrar-lhe o seu silêncio e mudez, rasgar-lhe a mortalha, erguê-la, enfim, de seu tímulo.

Com efeito, aquarteladas as forças, menos a cavalaria que acampou nos arrebaldes aonde havia excelentes pastagens, os oficiais e soldados espalharam-se pela cidade dando-lhe um aspecto festivo."

No dia 6, Caxias deu nova organização ao seu exército, compondo-o sòmente com dois corpos: o 1.º sob o comando de Osório e o 2.º sob o de Argolo que estariam respectivamente comandados por José Luís Mena Barreto

e Jacinto Machado Bitencourt, enquanto estivessem enfermos aqueles dois outros generais.

Infelizmente no dia 9, faleceu o General José Joaquim de Andrade Neves, Barão do Triunfo que tão relevantes serviços prestou ao Brasil.

Com sua saúde profundamente abalada, Caxias sentia necessidade de um repouso e por isso oficiou ao Ministro da guerra nos seguintes termos: "Achando-me muito fatigado e principiando a arruinar-se a minha saúde, com o excessivo calor deste país e sendo-me impossível continuar no comando do exército, rogo a V. Exia. encarecidamente que me mande um sucessor ou que designe a quem dos officiais generais que aquí se acham devo entregar o exército; prevenindo a V. Exia. que o Visconde do Herval e o Marechal Argolo se acham feridos e que antes de três meses não poderão prestar serviços.

No caso que o Governo julgue em sua sabedoria que me não deve dimitir, rogo a V. Exia. que ao menos, em remuneração dos serviços que eu penso aqui ter prestado, me conceda três meses de licença, para ir tratar de minha saúde onde me convier, prometendo voltar logo que me ache melhor."

Infelizmente, a saúde de Caxias não comportava mais esforços contínuos e durante uma solenidade na catedral de Assunção foi acometido de uma síncope que o prostou bastante.

Assim estava demonstrando o seu grande abatimento físico e os próprios médicos julgaram que o grande Marechal precisava urgentemente de repouso.

Depois de passar o comando do exército ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa, retirou-se Caxias para Montevideú, onde aos 9 de Fevereiro, quando deixava esta cidade com destino ao Rio de Janeiro, lançou a seguinte ordem do dia: "Achando-me gravemente enfermo e tendo obtido do governo imperial licença para tratar de minha saúde no Brasil, é com o coração oprimido pela dôr

que sinto, ao separar-me do Exército, a quem me coube a honra de comandar, que dirijo aos meus camaradas para dizer-lhes os meus adeuses, restando-me unicamente o consolo de os deixar aos cuidados do bravo e destinto General Guilherme de Sousa, que os saberá levar sempre pelo caminho da glória que até hoje tem trilhado.

Se por ventura, tiver ainda a fortuna de restabelecer-me nos lares pátrios, contem os meus bravos companheiros de glórias e fadigas, que ainda voltarei um dia para continuar a ajudá-los na árdua campanha em que nos achamos empenhados.

Espero e tenho inteira confiança que a estima, consideração e amizade que de todos mereci, desde o General meu imediato até o último dos seus soldados as suas ordens, como o sempre foram as minhas. Assinado — Marquês de Caxias”.

Logo em seguida afastava-se também de Assunção e do comando da nossa Esquadra o bravo Visconde de Inhaúma, pelos mesmos motivos de moléstia.

O seu sucessor Barão da Passagem (16 de Janeiro de 1869) assumiu interinamente o comando até a vinda do Almirante Elisiário António dos Santos.

Por sua vez, retiraram-se também Osório, e Argolo. Outras figuras de relevo militar, além de Andrade Neves,, como Gurjão, Jacinto Machado Bitencourt e outros faleceram na própria capital inimiga.

A CAMPANHA DA CORDILHEIRA

Logo que presentiu a sua derrota em Lomas Valentinas, Lopez fugiu para Cerro Leon e depois para Ascurra, e reuniu tão depressa quanto pode um novo Exército para opor novas resistências aos aliados.

Assim era de prever que se desencadearia uma nova campanha para eliminar definitivamente estas novas forças reunidas por Lopez.

"É óbvio, "diz o general Tasso," que Lopez estava irremessivelmente perdido; não podia alimentar a mais leve esperança de vencer os seus inimigos, dada a superioridade numérica e a situação moral deles.

Ser-lhe-ia, todavia, fácil procrastinar a solução definitiva do conflito aproveitando as dificuldades, os diminutos recursos nele existentes, a pobreza da rede de estradas, e sobretudo a falta de cartas.

Os aliados tinham, pois, de marcar um tempo de pausa, para reconstituir as unidades, organizar os reaprovisionamentos na previsão de uma marcha para o interior, explorar na direcção do inimigo para situar-lhe o grosso e conhecer o terreno que teriam de percorrer.

Depois de concebida a manobra para arpoar o ditador com esperança de bom êxito, restava-lhes executá-la levando prèviamente o Exército a uma conveniente base de partida."

Os aliados tinham nessa ocasião a preocupação muito natural da destruição de todos os recursos que Lopez pudesse obter para o aprovisionamento dos seus soldados.

Assim, com êsse objetivo houve várias incursões de destacamentos a Rosário, São Pedro e Vila-Rica e sobre-

tudo a tentativa da destruição dos restantes navios paraguaios internados no Manduvirá.

Além desses citados movimentos para destruir os recursos de Lopez, houve o da destruição da fundição de Lopez no Ibicuí e consequente exploração para determinação do contorno da cordilheira e seus caminhos de acesso.

Todos esses movimentos tiveram lugar em parte durante o comando-chefe do General Guilherme de Sousa (de Janeiro a Abril de 1869) e os restantes já no comando do Marechal Gastão do Orleans, Conde d'Eu, genro do Imperador.

O estudo desses movimentos deve ser apreciado sobre a carta da região, em que eles tiveram lugar, para sua melhor compreensão.

OS PRIMEIROS CONTACTOS NA NOVA CAMPANHA

O comandante-chefe dos exércitos aliados, General Guilherme de Sousa que tinha o grosso de sua força em Assunção com a sua vanguarda em Luque, determinou que se restabelecesse a linha férrea e estabelecessem as ligações telegráficas, primeiramente entre Assunção e Luque depois daí ao rio Juquerí e se construísse uma ponte sobre esse rio.

Para essa missão haviam sido destacados os elementos necessários para a sua construção e observação do inimigo além da ponte, compostos de uma ala do batalhão de engenheiros, de uma brigada de cavalaria e de um batalhão de infantaria.

Quando este trabalho ia tendo o progresso esperado, de modo que as locomotivas que partiam de Luque já atingiam a ponte, foram os nossos soldados inopinadamente atacados na margem oposta daquele rio por forças inimigas avaliadas em 200 homens de infantaria transportados em uma locomotiva com quatro vagões. (10 de Março de 1869).

O combate foi violento, mas o comandante da força de proteção, Tenente-Coronel Isidoro Fernandes, colocando atiradores em linha sobre a ponte e acima da mesma, lançou o 13.º corpo de guardas nacionais rio-grandenses sobre o flanco inimigo que foi obrigado a bater em retirada.

Logo que teve conhecimento dessa ocorrência o General Guilhêrme de Sousa mandou a vanguarda para junto do arroio Jurerí e que o 1.º corpo com cerca de 8.300 homens sob o comando do general João Manuel

Mena Barreto se trasladasse para Luque, com o 1.º regimento de artilharia a cavalo.

Depois da ocorrência da ponte, os nossos lançaram explorações para os lados do Patino-Cué, onde pelas informações havia uns 300 homens de cavalaria inimiga com alguns infantes.

Já em Areguá uma exploração de um esquadrão do 5.º de caçadores a cavalo, sob o comando do capitão Bruce, havia descoberto uma partida de uns 20 homens inimigos que foram desbaratados.

Todos estes movimentos de vedetas e partidas inimigas demonstravam a intenção de Lopez de continuar a campanha e de atrair a atenção dos aliados para os lados do interior do seu país.

No dia 5 de Abril, marchou para Luque o 2.º corpo de Exército que se achava em Assunção, e logo em seguida deslocou-se para Lambaré, situado entre Juquerí, a uma légua mais ou menos desta povoação.

Em Assunção, ficou o Coronel Hermes da Fonseca com apenas uma guarnição militar.

Já desde 21 de Março o General Guilherme de Sousa havia escrito ao General José Gomes Portinho, comandante da 4.ª divisão estacionada em Aguapei, região das Missões, o seguinte: "Convindo cortar ao inimigo todos os seus recursos e fazer convergir sobre ele as nossas forças, restringindo-lhe o terreno que ocupa, cumpre que V. Excia. o mais breve possível, se dispõe dos elementos necessários, transponha o Paraná com a divisão sob seu comando no ponto em que julgar mais conveniente, dirigindo suas operações sobre Vila-Rica como ponto objectivo, devendo logo que ali chegar, pôr-se em comunicação com o grosso do Exército, que em breve marchará sobre as cordilheiras na direcção do Paraguari."

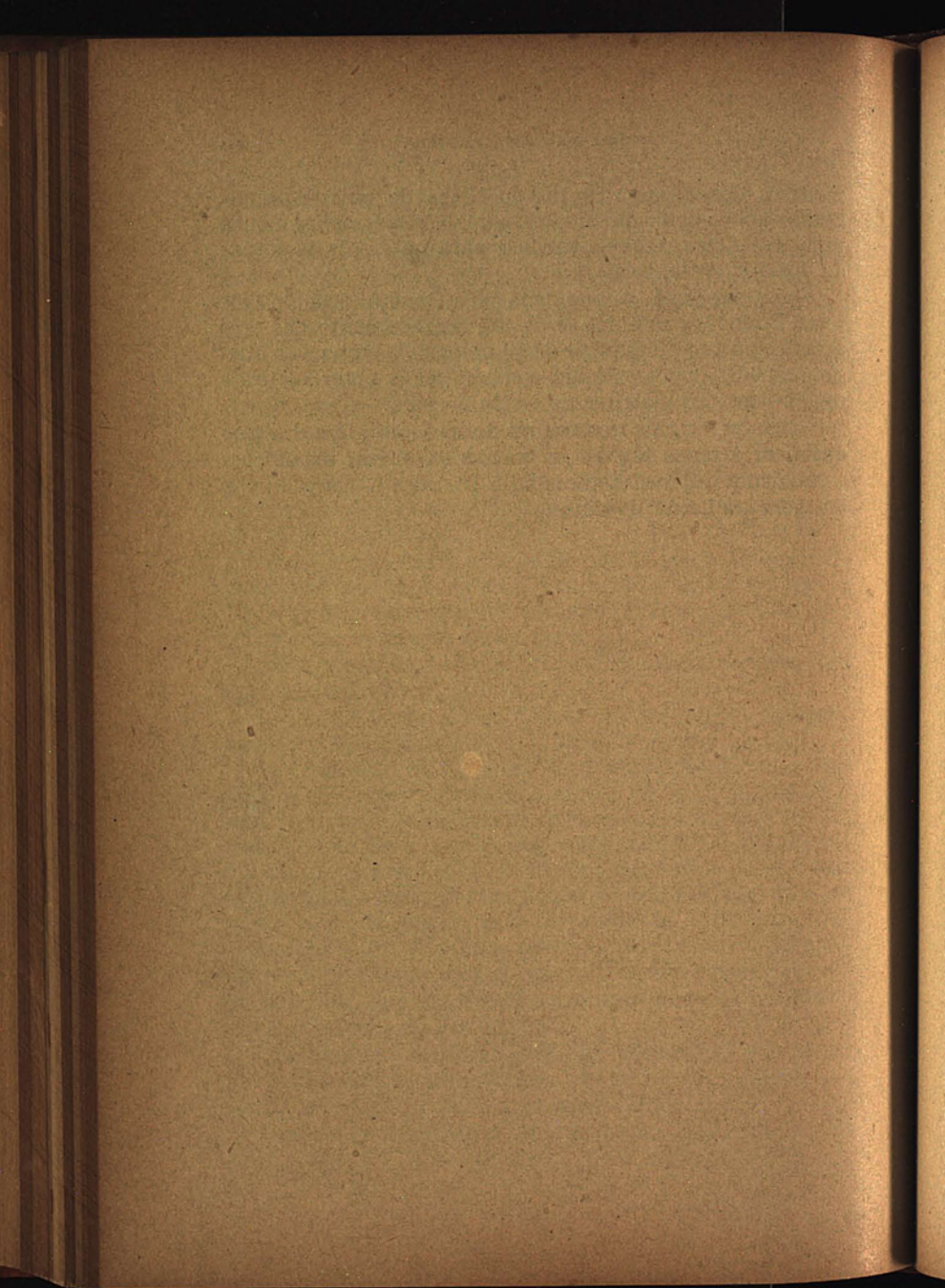
De facto, o General Portinho respondeu dando informações dos seus movimentos e sobre os recursos que pedira a esquadra para a travessia do Paraná.

Tendo conhecimento de que Lopez tirava todos os

recursos dos departamentos do Norte do país, especialmente gado, determinou o General Guilherme de Sousa uma expedição naquele sentido para bater ali as forças do ditador (7 de Abril).

Esta expedição comandada pelo General José de Oliveira Bueno, compunha-se de um destacamento das três armas com um efectivo de 3.000 homens, e tinha por missão impedir que o inimigo continuasse a obter recursos económicos nos distritos do Norte do país.

Suas principais missões militares eram além das que ditassem o senso táctico no momento, enviar expedições a Itacurubi e Santo Estanisláu e partidas a Vaca-Hu e à margem esquerda do Jejuí.



COMPOSIÇÃO DO EXÉRCITO ALIADO EM ABRIL DE 1869

O exército aliado, em Abril de 1869, com seu Quartel-General do Comando-Chefe, estacionado em Luque, estava constituído da seguinte tropa: Q. G. do Comando-Chefe, total 3.803 distribuídos em empregados do comando e de diversas repartições, em um batalhão de engenheiros, uma brigada de artilharia com 885 homens, uma brigada auxiliar com dois batalhões e em um corpo de voluntários, e um serviço de transporte (8.º corpo).

1.º corpo-efetivo total: 7.663 soldados, assim distribuídos — 2.ª divisão de cavalaria com três brigadas num efetivo de 1.565 homens; 2.ª divisão de infantaria com quatro brigadas de infantaria num efetivo de 5998 homens.

2.º corpo-efetivo total: 8013 soldados, assim distribuídos — 1.ª divisão de cavalaria com duas brigadas, num efetivo de 857 homens; 3.ª divisão com quatro brigadas num efetivo de 1.542 homens; 1.ª divisão com três brigadas de infantaria num efetivo de 5.614 homens. Estes dois corpos de Exército, em resumo, ficaram com o total de 15.576 homens.

Além disso havia a força expedicionária de Rosário com um efetivo de 1.914 soldados com uma brigada de cavalaria e outra de infantaria, e a Guarnição de Assunção também com uma brigada de cavalaria e outra de infantaria num total de 2.856 soldados.

Afastados em outras missões havia ainda a Guarnição de Humaitá com um batalhão de artilharia a pé e um corpo provisório de cavalaria num total de 2.084 homens e a divisão de Aguapí com duas brigadas de cavalaria num total de 1.394 soldados. Em resumo, o total das forças aliadas em operações contra o govêrno do Paraguai, era avaliado em 27.907 homens.

A NOMEAÇÃO DO CONDE D'EU PARA COMANDANTE-CHEFE

No dia 8 de Março de 1869 foi nomeado o príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu consorte da herdeira presuntiva do trono, para o cargo de comandante-chefe do exército em operações no Paraguai.

Era claro que o Imperador procurou com esta nomeação recomendar o seu genro à nação por um grande serviço, naturalmente para despertar-lhe os sentimentos patrióticos. Por isso não se lhe podem atribuir queixas por ter preterido para essa grande missão alguns dos nossos generais de valor comprovado já em campanhas anteriores, mas por outro lado não deixou de causar certa estranheza esta nomeação com a facilidade quase à pressa da demissão de Caxias.

A notícia da nomeação do Conde d'Eu foi bem recebida no acampamento, quando principalmente se soube que Osório e Polidoro em breve estariam novamente no teatro de operações.

O Conde d'Eu saiu no vapor Alice do Rio de Janeiro em 30 de Março, passando respectivamente por Montevideu e Buenos Aires em 5 e 7 de Abril.

No dia 14 de Abril, Sua Alteza Real chegou a Assunção e aos 16 assumiu em Luque as suas funções de comandante-chefe dos exércitos aliados, publicando a seguinte ordem do dia: "Nomeado por Decreto Imperial, de 22 de Março próximo passado, comandante-chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguai, assumo nesta data tão espinhoso cargo.

As heróicas tropas que se acham reunidas sob o meu comando, tem posto o Brasil suas mais caras esperanças.

Cabe-nos, por último esforço, conseguir plenamente o fim que pôs à Nação Brasileira as armas na mão, restituir à nossa querida pátria a paz e a segurança indispensável ao pleno desenvolvimento de sua prosperidade.

Tendo em mente tão sagrados objectos, cada um de nós cumprirá sempre o seu dever.

Volta hoje o aniversário do dia em que, guiados por um general de inexcedível heroísmo, efetuastes em presença do inimigo uma das mais atrevidas operações militares.

As inúmeras provas de bravura e de resignação que, depois como antes deste dia sempre memorável, têm dado o Exército, a armada, os voluntários-da-pátria e a guarda-nacional, têm feito brilhar as armas brasileiras de uma glória imorredoura.

O Deus dos exércitos não há-de permitir que seja perdido o fruto de tantos sacrifícios e de tanta perseverança.

Ele coroará mais uma vez os nossos esforços e os dos nossos leais aliados; um triunfo definitivo em quatro nações os benefícios da paz e da liberdade e vitoriosos tornamos a ver o céu ameno da Pátria.

Camaradas, pronto me achareis sempre a advogar perante os poderes do Estado os vossos legítimos direitos.

Obrigado, quando menos o esperava, a vir tomar o lugar dos Generais cuja experiência vos tem conduzido por entre as provanças de uma prolongada guerra, confio em que encontrarei em cada um de vós a mais cordial cooperação.

Ela me habilitará a cumprir com todas as obrigações da árdua comissão que me tem imposto minha entranhável dedicação à grandeza do Brasil.

Viva à Nação Brasileira
Viva Sua Magestade, o Imperador
Vivam os nossos aliados.

Gastão de Orleans, Comandante-Chefe".

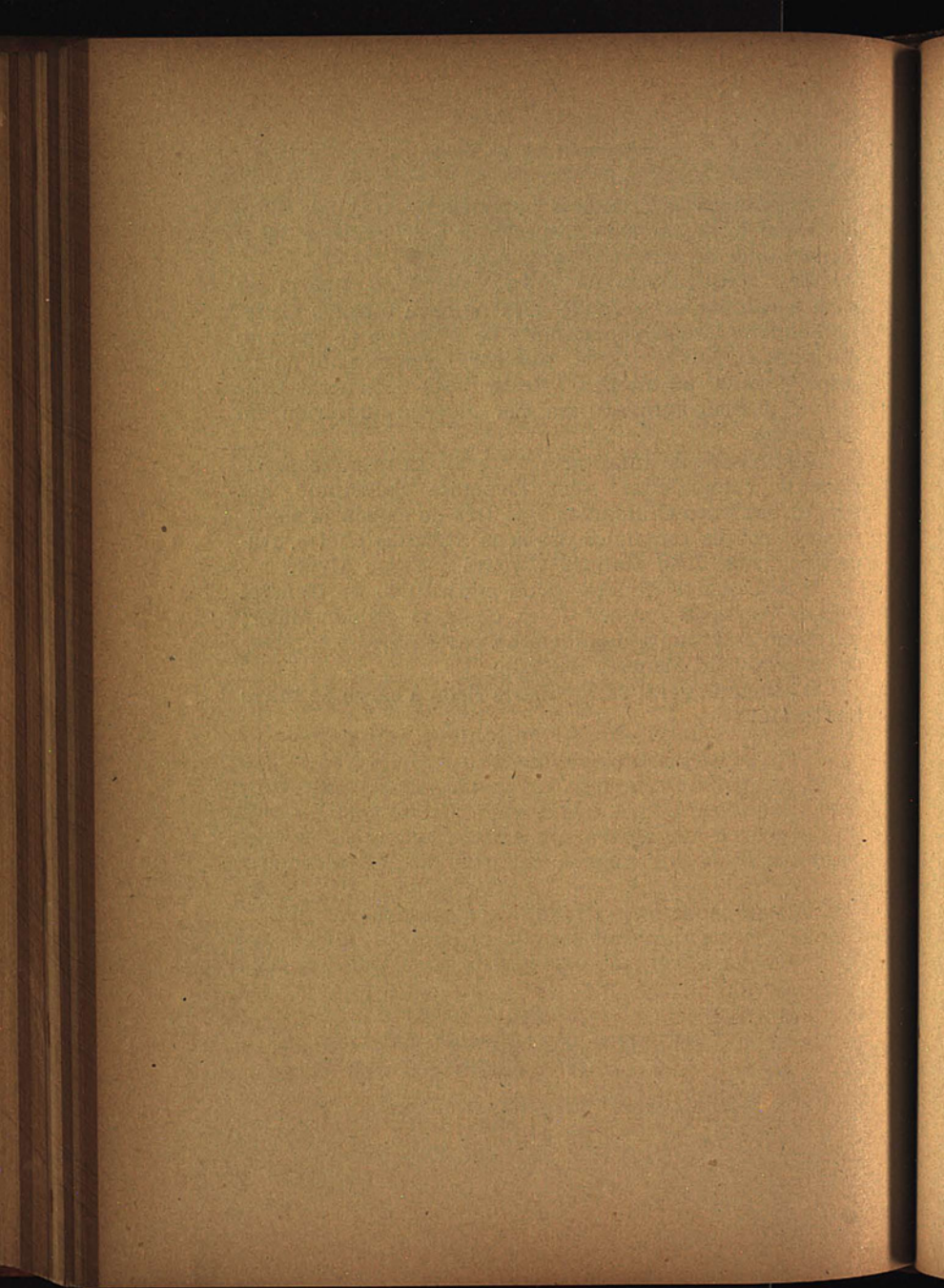
Assentadas as primeiras providências, o Conde d'Eu, de Luque foi a Lambaré inspecionar o 1.º corpo e daí a Juquirí onde se achava a vanguarda.

Em consequência da nova orientação que ia ser dada à campanha, o Conde d'Eu nomeou o bravo General Polidoro Jordão, comandante do 2.º corpo de Exército e o glorioso Osório, ainda ausente, comandante do 1.º corpo, ficando ad-interim à testa deste o General Guilherme já bem agravado em sua doença adquirida em campanha.

As divisões de infantaria 1.º e 2.º ficaram respectivamente comandadas pelos Generais Salustiano dos Reis e José Auto Guimarães e as três de cavalaria continuaram sob os comandos dos seus distintos chefes, respectivamente, João Manuel, Câmara e Vasco Alves.

O seu quartel-general ficou constituído do General João de Sousa da Fonseca Costa, chefe do Estado-Maior; secretário e ajudante-de-ordem na parte naval o capitão-de-fragata João Menezes Salgado.

O comando geral da artilharia ficou a cargo do bravo Emilio Mallet.



EXPEDIÇÃO AO MUNDUVIRÁ

O Marechal Conde d'Eu logo que assumiu o comando das forças, assentou com o comandante-chefe da Esquadra Elisário Antônio dos Santos nova expedição no intento de descobrir os restos dos navios de Lopez. Nesse sentido determinou ao comandante da 1.^a divisão, capitão-de-mar-e-guerra Vitorino José Barbosa de Lomba que mandasse proceder uma expedição até as cabeceiras do Manduvirá, onde se achavam refugiados, desde Janeiro, os últimos navios de Lopez (18 de Abril de 1869).

Foi, então, organizada a expedição para aquele fim sob o comando do bravo capitão-de-fragata Jerónimo Francisco Gonçalves que levou sob seu comando os monitores Santa Catarina, Piauí e Ceará e as lanchas de vapor João-das-Botas, Jansen, Müller e Couto.

Esta esquadilha partiu na madrugada de 18 de Abril e foi encaminhada por Lomba até a entrada propriamente do rio Manduvirá onde Gonçalves navegou até a duas milhas do lugar onde em Janeiro haviam sido metido a pique pelos Paraguaiois alguns vapores e um patacho com o fim de obstruir o rio.

Na margem esquerda, uma força de cavalaria paraguaia acompanhava o itinerário da esquadilha, desde o dia 21.

Não obstante perceber que o inimigo o flanqueava em uma das margens com forças de cavalaria, Gonçalves avançava com firmeza explorando os arroios Hondo e Mubutuí e assim conseguiu chegar às proximidades da vila da Caraguataí, onde divisou os vapores inimigos com três deles colocados a seco.

Mas a precária situação tornava difícil atingir a vila

em vista de o rio baixar as suas águas diariamente de um a dois pés.

Nem com duas lanchas pode o destemido comandante avançar para incendiar, pelo menos, os navios que estavam a seco, pois que as águas ainda mais baixavam a cada momento.

Em vista disso, Gonçalves que tinha pedido recursos a Lomba, verificou que não podia esperá-los no local onde se encontrava, pois que durante a noite ouviu os golpes de machado na queda das árvores destinadas a entulhar o rio para obstruí-lo à sua passagem.

Assim resolveu que a flotilha, navegando em marcha-ré em virtude da estreiteza do rio que não permitia virar de bordo, voltasse abrindo caminho por entre todos os obstáculos que fosse encontrando.

Mas a situação ainda se tornou mais perigosa, quando a esquadilha teve de atravessar em frente ao logar fortificado de Jecaió .

Dis o diário do Exército: "O passo era fortificado com uma bateria a barbete de duas peças, uma grande trincheira guarnecida por mil-e-cem homens, três cabos de manilha sustentados em carretas respeitáveis. E' o Ceará que abre o caminho; avança a todo o vapor, estaca por momentos pela resistência dos cabos, rompe-os, porém, corta com o seu choque as ramas enredadas e mais abaixo, espera sobre as rodas os seus companheiros de penosa viagem.

Esses, debaixo de fuzilaria, não se fazem esperados; dois torpedos que o inimigo lança, não arrebentam, e toda a esquadilha se reúne, deixando longe as fortificações de terra."

Já o bravo Gonçalves havia alcançado um grande triunfo, mas disso não se contentou e ordenou que a esquadilha voltasse águas acima para o combate, com a intenção de bombardear a trincheira inimiga.

Foi então terrível a troca de fuzilaria entre os do rio

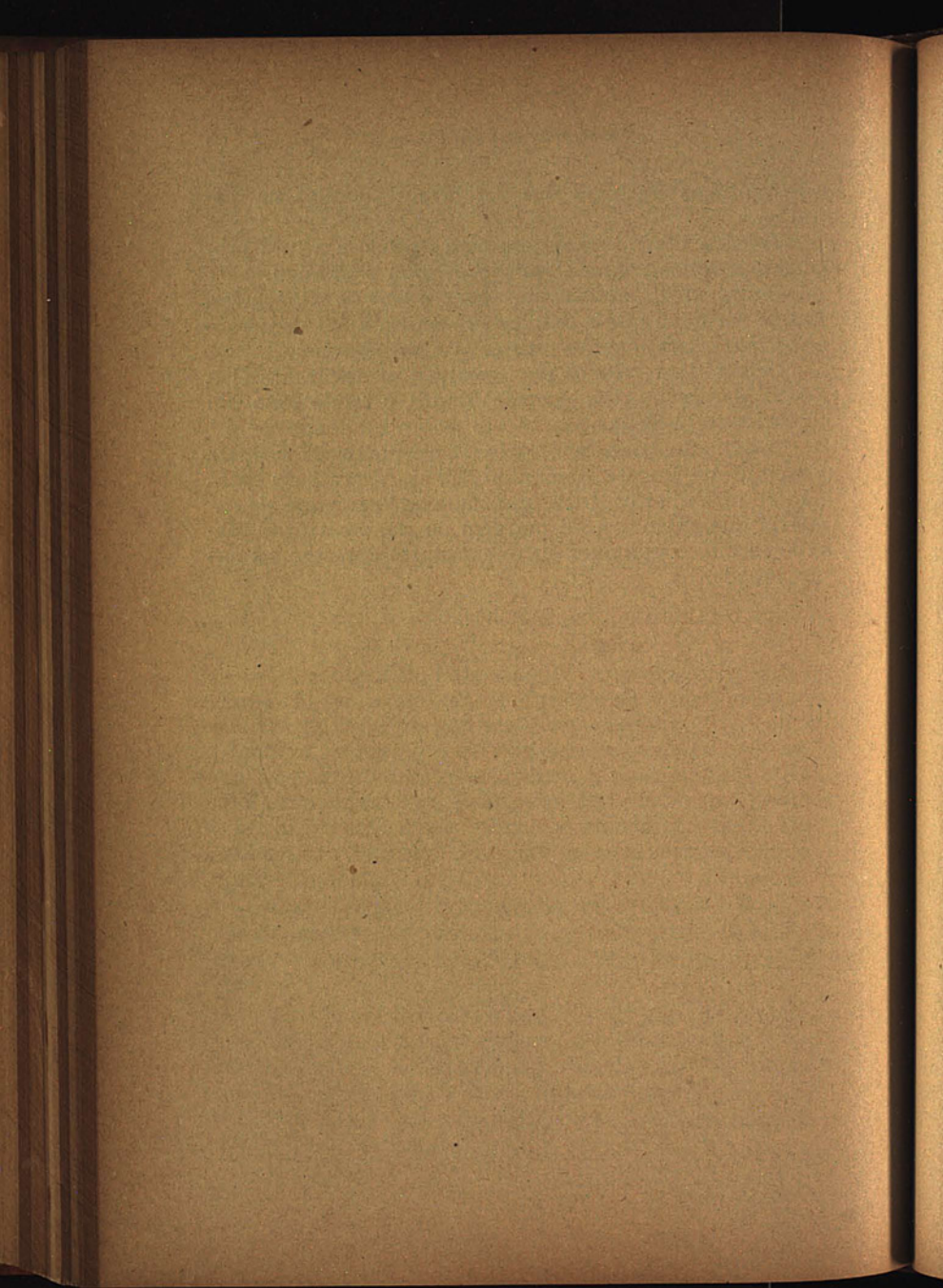
e os inimigos em terra que arrojavam golfadas de metralha.

Todos a bordo combatiam com denodo e a luta prolongou-se sem nenhuma vantagem para o inimigo.

Houve um desembarque por ordem de Gonçalves, mas se verificou que o inimigo era muito mais numeroso e por isso o contingente retirou-se e reembarcou.

Depois disso, Gonçalves resolveu alcançar afinal a foz do Manduvirá, sem grandes danos, e tendo feito um percurso de 70 léguas.

“Conta Resquim que Lopez fizera partir de Ascurra o capitão- de fragata Romualdo Nunes, á frente do batalhão de marinheiros, para, associado ao regimento de cavalaria que explorava na margem do rio, obstruir o passo de Jecaió ou qualquer outro e destarte apressar os navios brasileiros.”



O CONDE D'EU DETERMINA A OCUPAÇÃO DE VILA-RICA

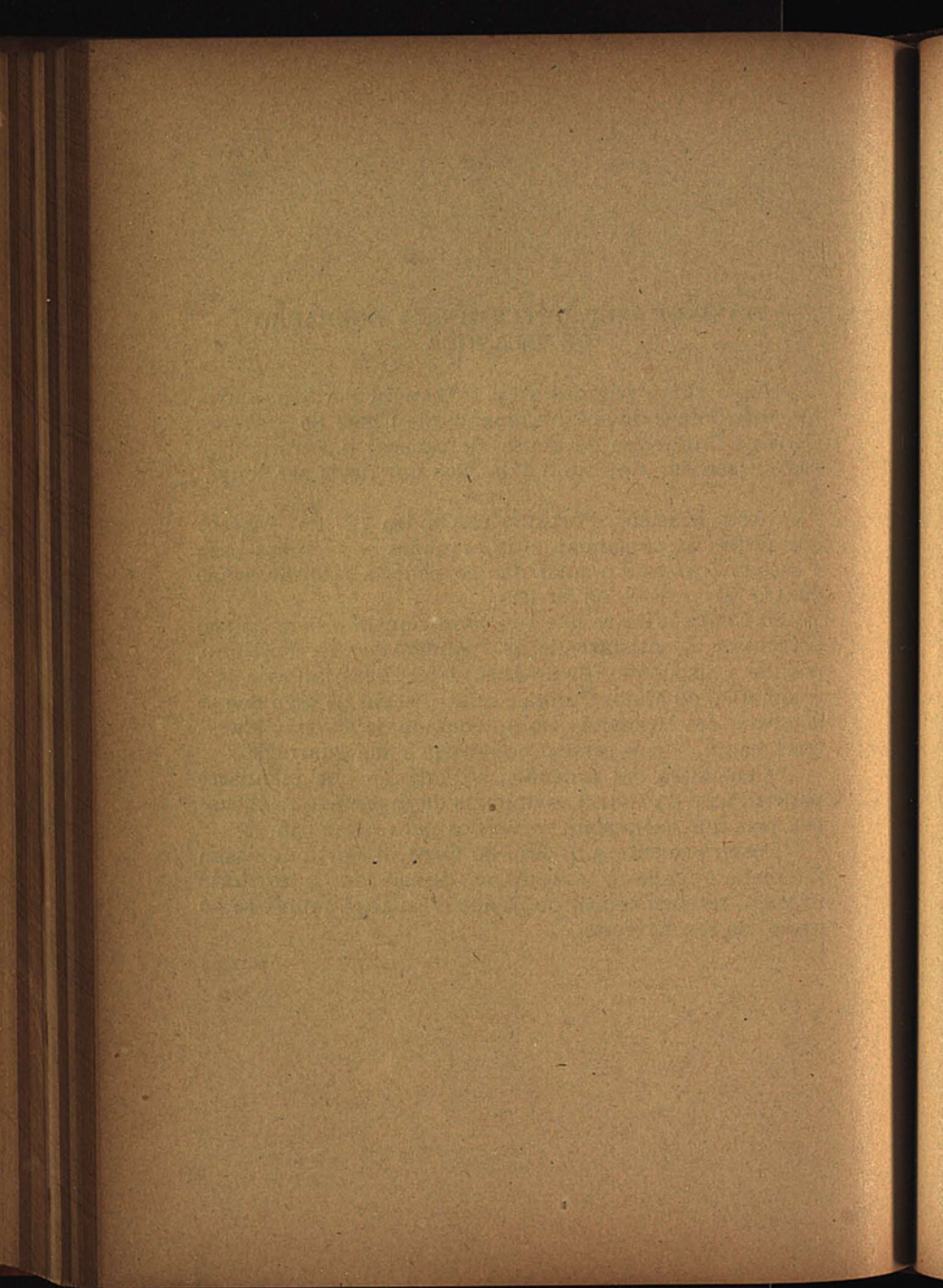
Como vimos páginas atrás o General Portinho havia recebido ordens do então Comandante-Chefe do Exército, General Guilherme de Sousa, de transportar o Paraná com sua divisão em direcção a Vila-Rica que devia ser ocupada.

Nessa ocasião, Portinho respondeu (27 de Março) que pedira ao comandante da esquadra os recursos para a citada travessia a qual não se poderia realizar senão dentro talvez de 40 ou 50 dias.

O Conde d'Eu resolveu reiterar aquela ordem do seu antecessor e, satisfazendo as ponderações de Portinho, pôs-lhe a disposição (29 de Abril) o 12.º de infantaria, sob o comando do Major Cunha e quatro bocas de fogo que se achavam em Humaitá, sob o comando de Capitão Ewer-ton Quadro, com o pessoal necessário à sua guarnição.

Além disso, foi ordenado a Portinho que mandasse para o Passo da Pátria os animais de invernada de Agua-peí, pois que daí seriam remetidos para Assunção.

Posteriormente a divisão do General Portinho assim reforçada e tendo já invadido por aquele lado o território inimigo, recebeu ordem do Conde d'Eu para reunir-se ao grosso do seu Exército.



EXPLORAÇÃO SOBRE O SUDOESTE

(4 de Maio)

O Conde d'Eu naturalmente com a intenção de esclarecer as posições e as intenções do inimigo para os lados do sul e preparar um avanço naquela direcção, determinou que naquele sentido se fizessem duas explorações pelas estradas que, partindo de Luque, se dirigissem para aquelas regiões por Itauguá e por São Lourenço.

Assim saíram daquela localidade duas expedições comandadas respectivamente pelos Coronéis João Nunes da Silva Tavares com o 17.º e 21.º de cavalaria, os 10.º e 5.º batalhões de infantaria, quatro bocas de fogo do 1.º de artilharia e com 50 homens do batalhão de engenheiros, e Antônio Pereira Junior com uma brigada de cavalaria.

Além dessas forças, seguiu como protecção ao Coronel Tavares outra sob o comando de Bento Martins que tinha por missão dirigir-se até Patinho-Cué.

Bento Martins tinha sua coluna composta do 5.º de caçadores a cavalo, do 18.º de infantaria e duas bocas de fogo.

As duas primeiras colunas nada encontraram durante os seus percursos e verificaram que as estradas ofereciam trânsito livre para o grosso do exército, mas a de Bento Martins assinalou na direcção Norte da ponte de Patinho-Cué, onde existia uma bifurcação de estradas, alguns elementos inimigos emboscados no mato, donde abriram fogo do outro lado da ponte. (Uns 150 homens mais ou menos).

Bento Martins permaneceu de observação sem atravessar a ponte que não estava na sua missão e por isso re-

gressou, uma vez que havia cumprido o que lhe fora determinado.

“Não havia inimigo em uma grande superfície de terreno ao Sul dos aliados e a Oeste da linha Areguá-Itaguá-Itá. “Foram, pois, realizados os meus intentos sem prejuízo sensível”, escreve o Conde d’Eu ao Ministro da Guerra, “percorrendo as nossas forças uma zona bastante extensa e cujo conhecimento topográfico é para nós de grande importância”.

EXPEDIÇÃO A IBICUI

Outra expedição de grandê importância e relevo foi efetuada pelo major do Exército oriental Hipólito Coronado na direcção de Ibicuí

Por informações, sabia-se que Lopez fundia canhões em uma fábrica em Ibucuí, onde havia certa quantidade de ferro e onde se trabalhava com certa actividade na construção de projecteis e diversos outros materiais de guerra.

Por isso resolveu o Conde d'Eu determinar ao General Henrique Castro, comandante do Exército oriental, que enviasse um destacamento com a missão de destruir aquela fábrica de Ibicuí

Assim, com apenas 80 homens, partiu de Assunção o Major Hipólito, no dia 5 de Maio, e, no dia 8, já havia atingido Franca-Isla, onde encontrou um piquete de 7 homens desertores do Exército aliado, que foi dizimado em virtude da resistência que opôs à ordem de rendição.

Prosseguindo em sua jornada, soube Coronado que Ibicuí tinha pequena guarnição e, tomando caminho pela capela de Ibicuí, onde aprisionou 12 homens, alcançou sucessivamente o arroio Taquari, lagoas Janes e Caballero, Santa-Hú e afinal a própria localidade da fábrica (dia 13) seu objectivo verdadeiro.

"Aí chegando, "escreve Coronado," ordenei imediatamente que 50 homens com uma guerrilha à frente, avançassem a galope sobre o estabelecimento; esta guerrilha chegou quase a apoderar-se da posição sem um tiro, porque quando alí se apresentou mal acabava de armar-se a guarnição para se defender.

O official que dirigia a guerrilha aproximou-se do

portão do estabelecimento e pode conversar com o tenente Moreno, um dos oficiais paraguaios que ali estavam empregados, o qual se mostrou disposto a render-se; porém o Capitão Insfran, chefe da posição, mandou pegar em armas, não quis ouvir as condições conciliatórias que se lhe ofereciam e foi assim considerado responsável pelas consequências.

Em seguida, começou o fogo de parte a parte. Mandei por pé em terra a atiradores e lanceiros, e carregar sobre o inimigo; este, que ainda não tinha podido estabelecer ordem nas suas fileiras, não suportou o nosso choque e a posição foi tomada depois de uma hora de combate.

Cairam prisioneiros o comandante da posição, Capitão Julio Insfran, o 2.º Tenente Moreno, o Alferes Ventura Cárceres e 53 homens de tropa. Ficaram mortos 23 soldados; os restantes fugiram para o mato contíguo aos edifícios do estabelecimento.

A guarnição compunha-se de quatro oficiais e 421 praças e salvaram-se do martírio que lhes impunha Lopez, 96 presos, que estavam encerrados em calabouços; destes, 87 são prisioneiros do Exército aliado e 9 são Paraguaio detidos por causas políticas.

O Capitão Insfran mandou três vezes ordens para que matassem 40 prisioneiros que estavam trabalhando em uma carvoeira, sob as ordens do Alferes Cárceres porém, este não obedeceu e é por isso que estes infelizes ainda vivem.”

Depois desta vitória, Coronado tratou de destruir tudo quanto encontrou na fábrica, como máquinas, armamentos, etc.

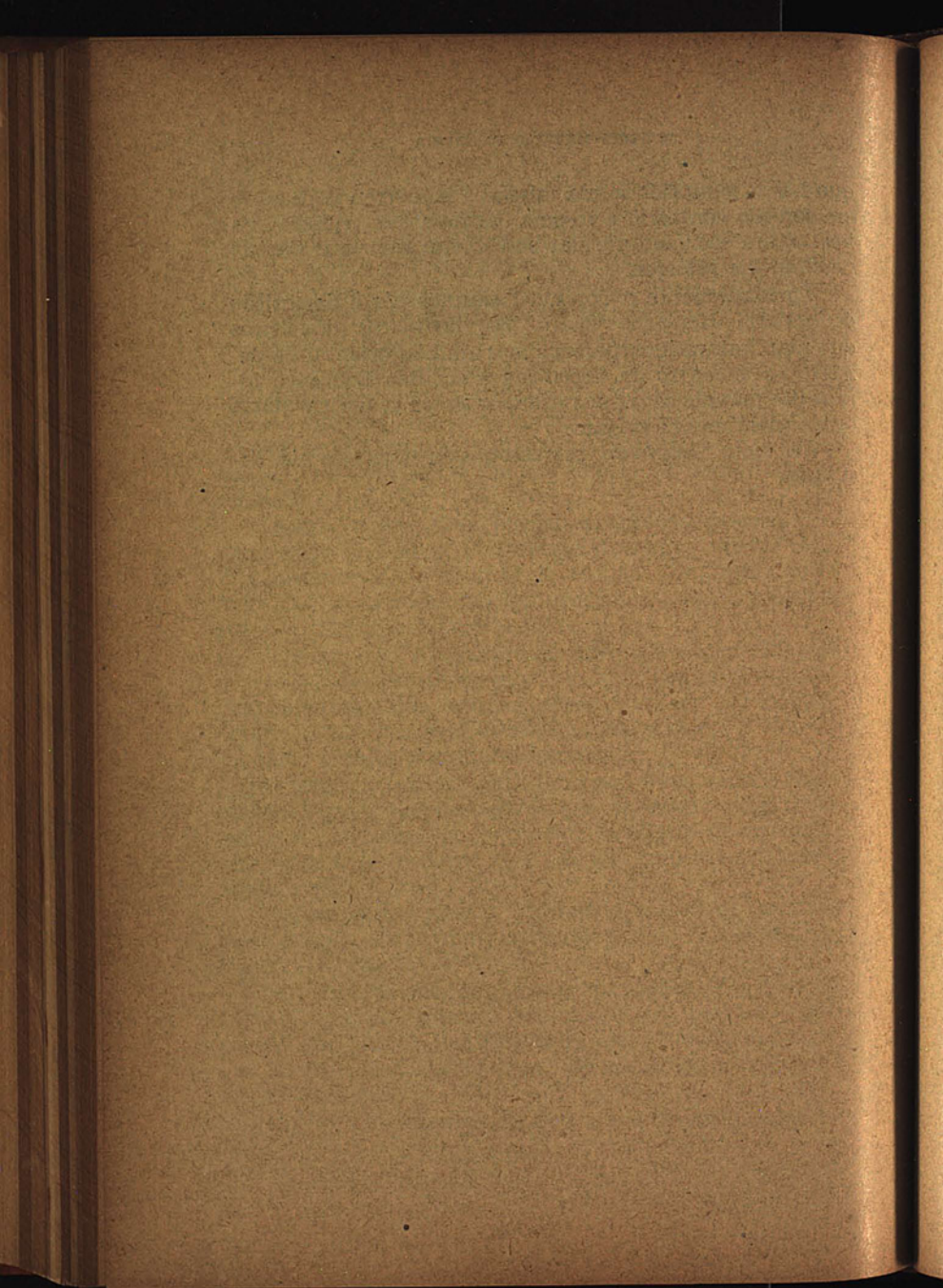
Em seguida mandou passar pelas armas o Capitão Insfran, que de facto era realmente um perverso, acto porém, não muito justificável em se levando em conta que Insfran era apenas um inconsciente instrumento brutal de Lopez.

No dia 13, Coronado iniciou a sua retirada, uma vez

que havia cumprido a sua missão e percorrendo de novo em sentido contrário a mesma estrada que trilhara na ida, tratou de tudo informar ao General Henrique Castro, pedindo-lhe reforços.

Imediatamente o Coronel Paranhos pôs à disposição do General Henrique Castro, 80 clavineiros brasileiros que marcharam incorporados ao batalhão oriental 24-de-Abril, ao encontro da expedição e em São Lourenço foram-lhe mandados alguns esquadrões da nossa cavalaria com aquela mesma missão.

De facto Coronado regressou sem novidade até Assunção.



**O DESTACAMENTO DO GENERAL CAMARA
REFORÇADO COM O DO ROSÁRIO
DIRIGE-SE PARA S. PEDRO**

No dia 15 de Maio, o Coronel Oliveira Bueno que se achava em Rosário teve conhecimento de que o inimigo com cerca de 1.200 homens se achava localizado entre Sargento Lomas e S. Pedro, ao Norte do rio Jejuí

Não achando prudente, em virtude das dificuldades do terreno, investir contra o inimigo naquela posição, o Coronel Bueno deu conhecimento ao Conde d'Eu do que se passava, pedindo-lhes instruções a respeito.

Imediatamente o Comandante-Chefe do Exército determinou que o Coronel Bueno se incorporasse às tropas do General Câmara, comandante da 2.^a divisão de cavalaria, e todos tomassem como base de ataque contra o inimigo localizado, não a povoação do Rosário, mas a de S. Pedro, para onde deveriam ser transportados por via fluvial.

Assim o Conde d'Eu deu ao General Polidoro as seguintes instruções: "Passando ora a estar debaixo do comando de V. Excia. as forças que se acham estacionadas na vila do Rosário e, bem assim a 2.^a divisão de cavalaria 4.^a, 9.^a e 10.^a brigadas comandada pelo Brigadeiro José António Corrêa da Câmara, V. Excia. determinará que o mencionado Brigadeiro, pondo-se à testa das forças ora existentes no Rosário, reforçadas com a 10.^a brigada de cavalaria, 1.^o batalhão de infantaria e duas peças de montanha, das que tem em Assunção o 4.^o corpo provisório de artilharia, se dirija a bater ou aprisionar uma força inimiga de 1.200 homens, que, pelos depoimentos de diferentes passados, consta existir entre a

margem direita do rio Jejuí e a do seu afluente Aguaraí no lugar denominado por uns "Sargento Loma" e por outros Tuíputan, inteiramente isolado, portanto, do grosso do Exército de Luque".

Recebida a ordem, imediatamente o General Câmara tomou todas as providências de modo que no dia 16 passava em Luque e no dia 17 já embarcava em Assunção com o 23.^o de voluntário, seguindo-lhe imediatamente os 11.^o, 19.^o e 21.^o corpos de cavalaria e duas bocas de fogo.

Navegou rio acima aquela coluna até a foz do Cuareputí, onde na margem direita e a meia légua, se achava a vila do Rosário.

Aí recebeu Câmara somente uma parte das forças de Bueno por falta de transporte, mas providenciou para que as restantes seguissem o mesmo destino das primeiras e, seguindo nos transportes marítimos rio acima, chegou no dia 20 no potreiro Iponã.

Depois de uma pequena folga, avançou por extensos brejais e alagadiços, precedido de uma vanguarda de cavalaria, comandada pelo Coronel João Nunes da Silva Tavares com 600 homens de cavalaria.

Esta vanguarda tomou contacto com o inimigo de surpresa nas imediações da vila de S. Pedro (dia 21), e aí fez Tavares vários prisioneiros e vários mortos que haviam resistido obstinadamente.

"O caminho seguido pela vanguarda, "diz Octaviano de Sousa," deparava-se impraticável à infantaria e a artilharia. Por isso, largou-se a expedição rio acima, deixando a vanguarda entregue a si mesma; e desembarcou em ponto conveniente e daí, por dificultosos pantanos, foi à vila de S. Pedro, onde acantonou a 23.

A vila, uma das melhores do Paraguai, estava deserta, os habitantes haviam abandonado e fugido para longe."

Diz Dionísio Cerqueira: "A povoação ressuscitou à nossa chegada, por encanto. As portas abriram-se, ilu-

minaram-se as casas, as chaminés fumegaram, os sinos da capela bimbalharam repicando, tocaram as bandas de música, as ruas encheram-se de gente armada e mulheres passavam a pé e a cavalo, umas só, outra com crianças na garupa ou escanchadas ao lado, acima da cintura.

Mais tarde, à noite, esmertaram-nos a saudade as canções monótonas do Sul ao choro do violão e as lânguidas tiranas do norte, acampanhadas na viola plangente. S. Pedro era uma das melhores cidades daquela terra."

Depois do repouso necessário, Câmara, na madrugada de 28 de Maio de 1869, rompeu a sua marcha, levando as seguintes unidades: 1.º, 18.º, 19.º e 21.º corpos de cavalaria; 11.º, 23.º, 35.º e 53.º batalhões de voluntários e a artilharia, e na tarde de 29 acampou no povoado de Tupiritá.

Câmara soube logo que o inimigo sob o comando do Major Galeano aí havia estado acantonado e dali saído nas vésperas da sua chegada.

Imediatamente foi mandado ao seu encalço um regimento de cavalaria sob o comando do Coronel Israel Ramires da Silva Couto que alcançou à noite a rearguarda inimiga.

Não querendo perder tempo, Câmara, na madrugada desta mesma noite, levantou o seu acompanhamento e, com uma vanguarda de cavalaria, atingiu Dommeque às 11 horas da manhã e logo seguiu com dois corpos de cavalaria para reconhecer o acampamento de Tupiritá, que constava ter trincheiras inimigas.

Todavia, encontrando tudo deserto soube depois que Galeano havia batido em retirada na direcção de Lima, ocupando Tupí-Hu, por onde tentava passar o Aguaraí guassú.

Imediatamente Câmara determinou que dois esquadrões de cavalaria sob o comando de Silva Tavares tomas-

sem contacto com o inimigo e soube por este que os Paraguaiois ainda se achavam no mesmo lado do rio.

"Adiantou-se até a última colina que se levantava no plano coberto d'água e atoladores, que leva ao Tupí-Hu". (Parte de Câmara).

"Chegando ao alto da cochila, "diz Dionísio Cerqueira," avistámos ao longe, na grande Várzea do Tupí-Hu, o carretame do Major Galeano e suas forças estendidas em batalha. Pela sua rectaguarda apparecia a faixa da mata que borda as margens do rio Aguarí-guassú, afluente do Jejuí".

"Eram dez horas da manhã, "diz Octaviano de Souza", enquanto a infantaria se desdobrava em atiradores a marche-marche para a frente, os esquadrões galopavam pelos flancos da linha de ataque, procurando envolver o adversário, acalorados pelo troar da artilharia em posição dominante à rectaguarda.

Levado com viva rapidez, o combate em breve decidiu-se à arma branca. O inimigo foi desbaratado: deixou 500 mortos e perdeu muita gente afogada no caudaloso Aguarai."

"Da impetuosidade e valor das forças que tive a honra de comandar, "diz Câmara,"resultou o brilhante e feliz successo que obtivemos. Só ele pode compensar as fadigas inúmeras que, com a mais sublime resignação, têm sabido suportar os meus soldados nesta penosa expedição."

DESLOCAMENTO DO EXÉRCITO PARA A REGIÃO PIRAJU-TACUARAL

Desde o dia 18 de Maio que o Conde d'Eu havia determinado aos corpos de Exército brasileiros instruções para fixarem em Piraju, sobre a linha da estrada de ferro, as bases de operações para a campanha da cordilheira.

De facto, no dia 20 de Maio, partiu de Luque uma columna sob o comando do General João Manuel Mena Barreto, composta da 1.^a divisão de cavalaria, da 2.^a e 6.^a brigadas de infantaria e do 2.^o regimento de artilharia na direcção São Lourenço-Capiatá-Itá-Piraju, donde uma brigada de cavalaria e uma bateria de artilharia seriam destacadas para o Paraguari e aí proteger a linha ferrea.

Dois dias após este movimento, os dois corpos de Exército (1.^o e 2.^o) levantaram seus respectivos estacionamentos e tomaram a direcção de Luque para Areguá-Patino-Cué-Piraju. Em Luque ficou o 1.^o batalhão de artilharia.

Nessa ocasião por se ter agravado o estado de saúde do General Guilherme de Sousa, foi-lhe dada uma licença para tratamento de saúde e em virtude disso assumiu o comando do seu Corpo de Exército o General José Luiz Mena Barreto.

"As 7 horas da manhã de 23," diz o general Tasso, "o 1.^o corpo pôs-se em marcha apesar da chuva, passou em Patino-Cué e foi estacionar em Itaguá. O 2.^o deslocou-se para Patino-Cué.

No dia 24 de Maio, o grosso não se moveu. O Conde d'Eu limitou-se a expedir na madrugada desse dia uma vanguarda para Tacuaral, composta de uma bri-

gada de infantaria, um corpo de cavalaria e 10 bocas de fogo do 1.º regimento de artilharia, sob o comando do Coronel Manuel Deodoro da Fonseca.

Sua missão era ocupar Tacuaral e atacar de revés a posição que constava estar ocupando o inimigo entre Tacuaral e Patino-Cué.

Deodoro percorreu o trecho da linha ferrea entre dois pontos; achou intactas as pontes e pontilhões; apenas encontrou um princípio de trincheira, que o inimigo sem dúvida preparava, na suposição de um avanço dos aliados pela linha férrea. Também reconheceu os três passos do rio Piraju mais chegados à lagôa Iparacáí."

Havia então dois caminhos de Itaguá a Piraju, passando respectivamente por Itá ou por Guazuvirá. Por este último preferiu o Conde d'Eu por ser mais próximo à linha férrea e então determinou que a ele se reunisse o General João Manuel e prosseguiu a marcha com o 1.º corpo coberto à esquerda por um flanco-guarda sob o comando dos Coronéis Manuel Deodoro da Fonseca e Manuel Cipriano de Morais.

"Tendo atravessado o caminho estreito e bordado de matos que constitui o desfiladeiro de Guazuvirá, "diz o Conde d'Eu," desembarcámos na planície ou largo vale que os Paraguaioes denominam o Caixão-de-Piraju, que é limitado pela Cordilheira detrás da qual se acha refugiado Lopez.

Na base desta Cordilheira avistou-se, então, um acampamento ao qual o inimigo acabava de por fogo." "Ao chegar à planície que sucede ao desfiladeiro de Guazuvirá, "diz Borman", dissipava-se a cerração e víamos no fundo enormes montanhas azuladas cujos cumes pareciam esconder-se nas nuvens; eram as Cordilheiras."

O Conde d'Eu com o 1.º corpo estacionou em Piraju jogou para frente uma vanguarda sob o comando do General Mena Barreto com a missão de ocupar a estação de Cerro Leon em frente ao acampamento paraguaio e

apossar-se da ponte sobre o rio Piraju. Nesta ocasião o 2.^o corpo deslocou-se de Patino-Cué para Tacuaral.

O inimigo com a aproximação das nossas forças punha fogo ao acampamento situado na base das cordilheiras, quando o Conde d'Eu determinou ao Coronel Manuel Cipriano de Moraes que fosse até aquele acampamento com sua força composta do 7.^o corpo e do 20.^o e verificasse se ali ainda havia alguma guarda inimiga.

Depois de alcançar o acampamento, o destemido Coronel Cipriano dirigiu-se para os lados do Cerro-Leon e aí descobre outro acampamento, surpreendendo o inimigo que derrotado e aterrado, fugia apressadamente pela mata, deixando 30 prisioneiros.

"Fronteiro a esse acampamento, "diz Borman", havia uma estação de estrada de ferro que foi logo ocupada pelo General João Manuel. Nela encontrámos 6 vagons e algumas locomotivas. A linha férrea terminava em Paraguari.

Para que de toda ela nos apoderássemos, faltavamos ocupar a pequena região entre Piraju e o ponto terminal."

Foi, então, lançada uma vanguarda até Paraguari (26 de Maio) sob o comando do General Vasco Alves com duas brigadas de cavalaria, com o fim de reconhecer e ocupar o trecho final da linha férrea citada.

Este General cumpriu rigorosamente sua missão e aprisionou toda a guarda que existia em Paraguari, apoderando-se também de vários carros e vagons de estrada de ferro.

Depois desses movimentos, o grosso do Exército aliado estava de posse de toda a linha férrea diante de Ascurra e onde se julgava ser a principal posição de Lopez. (25 de Maio).

"Assim, no dia 25 de Maio," diz Borman, "estávamos acampados em frente ás posições das Cordilheiras, ocupadas pelo Exército inimigo.

Já no dia seguinte o General-chefe tratou de reco-

nhecer a posição do inimigo à frente de algumas forças sob o comando do Coronel Deodoro da Fonseca.

Nada se colheu de importante, porque a posição estava mascarada pelas matas e não convinha um reconhecimento a viva força."

"Em sua parte, declara Deodoro que marchou com os seguintes elementos: (Op. Cit.) — 3.^a brigada de infantaria (10.^o, 16.^o e 27.^o corpos), 8.^a brigada de artilharia (7.^o e 20.^o corpos), duas baterias do 2.^o corpo de artilharia. Conta ainda nesse documento, "diz o General Tasso", que se avistaram três extensas linhas de infantaria e dois grupos de casas e que o inimigo bateu em retirada. Os elementos avançados dos atacantes chegaram até á fralda da montanha, donde os adversários fizeram poucos tiros de fuzil."

AS FORÇAS DE LOPEZ DEPOIS DA FUGA DE ITA-IBATÉ

Depois de sua fuga de Ita-Ibaté parece que Lopez dirigiu para Cerro-Leon e daí para Ascurra.

“Os dispersos da batalha de 27 de Dezembro de 1868, “diz o General Tasso”, trataram de caminhar para leste e ganhar a Cordilheira. Muitos foram obrigados a atravessar o grande esteiro Ipecuá, que é alimentado pela lagoa Iporá, estende-se desde o potreiro Marmól até o departamento de Carapeguá e desagua no rio Paraguari após um percurso de cerca de nove léguas.

Vários sucumbiram nessa travessia. Entre os que seguiram essa rota encontrava-se o General Caballero, que se encaminhou a Cerro-Leon e depois a Ascurra. Os fugitivos foram chegando por grupos; muitos feridos puderam alcançar Piribebuí, então capital da República, e aí foram atendidos em hospitais improvisados.

Com as forças regulares que lhe trouxe Caninos e alguns contingentes esparsos, formou Lopez o núcleo de seu novo Exército.”

Diz Resquim que em 30 de Janeiro de 1869, já o ditador possuía um Exército de cerca de 13.000 homens com 18 peças de artilharia e que este efetivo era ainda maior quando os aliados atingiram a Piraju. (25 de Maio de 1869).

Sobre a disposição e localização das forças de Lopez, não ha cabal certeza, mas presume-se que estivesse, no momento, quando as nossas tropas ocupavam o Piraju, o seu grosso em Ascurra, com pequenos elementos em Cerro Leon, Altos e Piribebuí e do lado da vila de S. Pedro.

Anteriormente à nossa ocupação em Piraju, aí estava estacionada a divisão de cavalaria de Caballero com elementos sobre o Tacuaral.

"Em Ascurra," diz Resquin, "se levantaram trincheiras e Lopez ficou na fralda da Cordilheira, saindo dali para o cimo dela nas vésperas de o Exército brasileiro chegar a Piraju.

O Exército de Lopez continuou sempre a receber gente. Nessa posição, Lopez só esperava ser atacado por Ascurra ou talvez por Altos. Quando ele declarante lhe dizia que o Exército brasileiro subiria pela direita em um ponto distante de Ascurra, ainda que só tivesse por objectivo cortar-lhe os recursos, Lopez ria-se.

Insistia o declarante, dizendo que, se Portinho ocupasse Ibitimi, se o Exército brasileiro desse volta por S. Jorge, se fosse a Caraguataí ou ainda se manobrasse entre Piribebui e os caminhos que de Caa-Cupé e Pobaté vão a esse povoado, ficaria o Exército paraguaio completamente cortado de todos os recursos de alguns destacamentos que tinha no Norte, ocupados em recolher gado para mandar para o Sul.

Em qualquer desses casos, Lopez a não querer aceitar um combate desigual, ver-se-ia forçado a fazer uma retirada precipitada por alguns caminhos que por ventura os brasileiros deixassem abertos por deficiência de forças, sujeitando as suas tropas aos terríveis azares de um movimento dessa ordem feito nas proximidades de um Exército superior a todos os respeitos.

Lopez lhe respondia: Você está sonhando. O Exército brasileiro não poderá fazer nunca uma marcha de flanco como essa, que requer tantos meios de mobilidade.

Entretanto, quando viu que a expedição do General João Manuel foi a Ibitimi, mandou fortificar e guardar o Sapucaí e chamou para S. José, que começou logo a fortificar, as forças de Caá-Cupé."

EXPLORAÇÃO DO GENERAL JOÃO MANUEL

No dia 31 de Maio, o Conde d'Eu fez partir de Piraju uma divisão de cavalaria, com 4 bocas de fogo sob o comando do General João Manuel Mena Barreto, com a missão de atingir as proximidades de Vila-Rica e Ibitimi onde se encontravam famílias em estado miserável de vida, e completar a destruição da fábrica Ibicuí e reconhecer o terreno ao Sul da posição de Lopez.

Logo ao atingir o desfiladeiro de Sapucaí, no contra-forte da Córdilheira de Ibitirapé, a expedição travou combate com o inimigo localizado em uma trincheira que foi tomada e desbaratados os seus defensores.

Continuando a marcha para Leste, pela estrada de Vila-Rica e depois pela de Ibitimi, encontrou aí João Manuel milhares de famílias famintas e pediu providências ao General-Chefe.

"No extremo estado de miséria, o aspecto dessa gente era o mais contristador que se pode imaginar: mulheres, crianças e alguns velhos de muita avançada idade achavam-se acumulados junto aos bosques, em mal abrigados ranchos de palha, ou em carretas, em quase completa nudez, mostrando-nos semelhante sinais evidentes de fome, de frio e de desânimo." (Parte do Capitão Jerônimo Jardim).

"Na manhã do dia 4, o comandante de divisão, "diz o General Tasso," fez partir pela estrada de Ibicuí, o alferes Luiz Lopez de Rosa. No dia 5, ele estava de regresso, com ordens do Conde d'Eu para que João Manuel voltasse pela estrada de Ibicuí, trazendo consigo as famílias que se haviam apresentado."

João Manuel cumpriu imediatamente a ordem e no

dia 6 já estava de marcha na direcção de Ibicuí, pela estrada de Vila-Rica até 4.200 ms. de Ibitimi, donde se passou para a de Ibicuí.

A sua rectaguarda vinha o Coronel Bento Martins de Menezes com o 17.^o corpo com a missão de proteger as famílias que vinham na esteira da expedição.

Prosseguindo a sua marcha, o General João Manuel depois de atravessar desfiladeiros e potreiros e atingir a vasta planície que se estende até o Paraguai, atingiu as vertentes do Ibicuí, a uma légua desse passo para esperar a rectaguarda.

Aí nessa parada, recebeu o General João Manuel um aprovisionamento de víveres e milho proveniente de Piraju e uma informação do Conde d'Eu que avisava ter notícia que de Ascurra havia partido uma força inimiga de mil homens comandada por Caballero que se destinava atacar Portinho.

Todavia achava que se devia defender contra aquela força inimiga.

Nessa mesma ocasião apresentou-se (dia 7) no acampamento um ajudante do Coronel comandante da rectaguarda, informando-lhe que em vista da grande massa de famílias que sua tropa conduzia, não lhe era fácil transportar-se com maior velocidade.

Ordenou o General ao dito ajudante que regressasse para junto do comandante da rectaguarda e lhe dissesse que se unisse ao grosso da coluna com todo o esforço possível. Aconteceu, porém, que o ajudante não pôde transmitir a ordem por ter sido interceptado por forças inimigas.

Em vista disso, o General João Manuel, tomou as providências necessárias para imediatamente prestar socorros à rectaguarda ameaçada pelo inimigo.

"Concluí disto," escreve João Manuel, "que o inimigo se havia interposto entre mim e aquele Coronel; e resolveu voltar para acudir-lhe, e marchar, foi obra de momento.

Era meio dia. Às duas da tarde, estava eu na boca da picada Sapucaia a braços com o inimigo, que entrincheirado me esperava.

Estava perfeitamente defendido, porque para chegar-se à guarnição de abatizes e trincheiras que de muito havia feito, tínhamos de descer um forte desfiladeiro.

A posição era fortíssima, mas tratava-se de salvar os companheiros que nos ficavam à retaguarda. Dispondo os clavineiros dos corpos de cavalaria, com a reserva de lanceiros a pé, porque o terreno não permitia marchar-se a cavalo, mandei que rompesse o combate.

Os nossos soldados carregaram como uns bravos, a artilharia que eu levava despejava metralha incessantemente, e entre os vivas à nação brasileira, ao Imperador e ao General-Chefe, em menos de duas horas, montões de cadáveres inimigos juncavam a picada, e a posição era nossa, avançando a artilharia por cima dos cadáveres inimigos e tomando-se duas bandeiras.

Duzentos mortos e alguns prisioneiros, e duas bandeiras, que apresento a V. A., foram os troféus dessa luta desigual, tendo respeito ao terreno e às armas que se encontraram, pois lutámos com a infantaria e a artilharia.”

Pelas informações obtidas, soube João Manuel que a força inimiga que tinha derrotado compunha-se de 600 homens da vanguarda de Caballero e era comandada pelo Major Manuel Bernal.

A força de Caballero foi assinalada por um reconhecimento feito pelo Coronel Oliveira Bueno que comprovou a presença daquele General paraguaio com forças das três armas à saída do desfiladeiro, e avaliada em mais de 1.500 homens.

Em presença de forças mais numerosas e tendo conhecimento de que o Coronel Bento Martins com a guarda da retaguarda havia sido arrojado para longe do sítio de acção, o General João Manuel retirou-se em plena ordem e sem perseguição do inimigo para aquém do rio Ca-

nabê, distante duas léguas do local onde se dera o combate.

Prosseguindo em marcha de regresso, João Manuel tomou a direcção de Paraguarí e daí, depois de um dia de descanso continuou a marcha na direcção de Piraju, encontrando no caminho uma divisão de infantaria sob o comando do Coronel Herculano Pedra com uma bateria de artilharia que vinha em seu auxílio.

O Marechal, Conde d'Eu, que acompanhara a divisão de Pedra, ao encontro da expedição, ouviu de João Manuel a narração de todas as circunstâncias ocorridas.

Foi-lhe então narrado que antes da contra-marcha para bater o inimigo o General João Manuel havia mandado uma força de 80 homens sob o comando do Capitão Maurício Costa para completar a destruição da fundição de Ibicuí, começada por Coronado, como já tivemos ensejo de relatar.

Cumprida cabalmente a missão, o referido oficial com sua gente incorporou-se novamente à força expediçãoária.

Quanto à força de Bento Martins, depois de cumprir o que João Manuel havia determinado, pôs-se em marcha, (6 de Junho) acompanhada por um grande número de famílias em estado de última miséria, em direcção do potreiro da Sapucaia.

Prosseguindo a sua marcha, Bento Martins, com a intensão de transpor a serra, verificou que havia sido interceptado em sua frente por uma trincheira inimiga com artilharia ao mesmo tempo que a sua rectaguarda era seguida por forças inimigas de infantaria e cavalaria.

Nessa situação, resolveu enfrentar o inimigo que vinha à sua rectaguarda, pois logo percebeu que estava inteiramente envolvido por duas fortes linhas de infantaria.

Julgou, porisso, que, em tal situação, o único meio de salvar a sua gente, era o de lançar a confusão nas fileiras inimigas, e para isso determinou Bento Martins que

o Major Manuel José Soares carregasse sobre o centro do dispositivo adversário.

Sem perda de tempo Bento Martins em meio de grande confusão e algazarra investiu sobre a direita da linha inimiga e num grande esforço conseguiu rompê-la e alcançar o esteiro onde se localizava a força de reserva do adversário.

Nessa circunstância e em meio de grande confusão por ele já provocada e já livre do perigo, acrescenta em sua parte o próprio Bento Martins; "deixei aos cuidados do Tenente-Coronel Godinho e Major Soares a gente que com ele se achava, atravessei o esteiro sob vivo fogo de uma linha destacada da coluna de reserva, com a qual o inimigo pretendia ainda cortar-me, e fui tratar de salvar não só mais 100 homens dos quais uns faziam a guarda da rectaguarda e outros vinham auxiliando a marcha das famílias, como também o 1.º corpo da cavalaria do comando do Tenente-Coronel Chananeco, que na véspera eu tinha recebido participação de que estava para a nossa rectaguarda, indo encontrá-lo no potreiro Garaí.

Alí ouvia-se distintamente o troar da artilharia e logo compreendi que se tratava do ataque do General João Manuel contra as trincheiras inimigas em nossa protecção.

A grande distância em que já nos achávamos das forças inimigas, e a certeza que eu tinha de nenhuma vantagem resultaria se eu levasse de novo um ataque à dita força, atenta a superioridade em número e o estado de nossa cavahada, impediram que tentasse incorporar-me às forças do General João Manuel e, reunindo a gente que me acompanhava à do citado Tenente-Coronel Chananeco, repassamos imediatamente o Tebicuari e, caminhando légua-e-meia à direita passamo-lo no ponto donde se dirige a estrada para Vila-Rica, pernoitando poucas quadras além dele e atento não só ao estado da nossa cavahada, como à segurança da força; resolvi tomar o caminho das Cordilheiras em direcção a Ibicuí."

Depois de uma marcha realmente penosa contra a rústica natureza e o iningo próximo seguindo-lhe as pedregadas, Bento Martins depois de várias explorações atingiu com sua gente (15 de Junho) o povoado de Ibicuí, onde acampou a meia légua acima.

Diz o próprio comandante da força: Durante esta penosa peregrinação, desnecessário é dizer que passamos toda sorte de miséria que se podem imaginar; só nas proximidades de Ibicuí é que encontramos algumas laranjas, canas, abóboras e milho, a que se atirou fome a nossa força, porque até então o seu único alimento era água puramente.

Todos os nossos companheiros, quer os que se achavam na ocasião do combate, quer os que somente me acompanharam nos duros trabalhos de fuga, são dignos dos maiores elogios, tanto pela bravura e calma, como pela resignação e constância que em todas as ocasiões mostraram; é com a maior satisfação que eu recomendo os seus nomes que constam da nota inclusa."

OS PREPARATIVOS PARA O GRANDE ATAQUE

Com as forças instaladas na região Tacuaral-Piraju, o Conde d'Eu depois de providenciar sobre o restabelecimento do tráfego da linha férrea, do reabastecimento e aprovisionamento do seu Exército, da organização defensiva de pontos estratégicos e principalmente da exploração do terreno provável de operações afim de precisar mais exatamente as posições ocupadas pelo inimigo e a natureza do terreno a ser percorrido como a das regiões vizinhas do inimigo, deliberou ouvir as opiniões de alguns dos seus generais sobre o plano geral de ataque contra as forças de Lopez.

"Pelos princípios de Junho voltara o General Osório ao teatro da guerra. A chegada do ínclito soldado a Piraju foi um verdadeiro triunfo. "(R. Pombo)." Às duas horas da tarde de 6 de Junho de 1869, (Domingo) chegou à estação de Piraju o General-Visconde do Herval, a quem S. A. foi receber, ao desembarcar do tram-road, em que fora desde Juqueri.

Na véspera, de Assunção, fora parte de que o General pretendia partir nesse dia para Piraju, no trém das sete da manhã. Depois dos primeiros cumprimentos, aquele general assumiu o comando do 1.º corpo de Exército que debaixo das ordens do seu comandante interino o brigadeiro José Luíz Mena Barreto, se achava formado em revista.

Quando o vulto varonil do notável guerreiro assomou nas dobras do acampamento, um entusiasmo, quase delírio, quase loucura, apoderou-se do Exército.

Apenas apertou-lhe a mão, o Conde d'Eu galopou a

toda brida deixando-o atrás para que ele recebesse sô-zinho as continências de toda a tropa.

Os soldados, infringindo as severas regras da disciplina, saíram da forma, à carreira, em tropel, e cercavam o valente cabo-de-guerra.

Vivas, hurras, tirar de bonés, agitar de braços, causando-se aos sons das bandas marciais, tal foi a recepção nos campos de Piraju.

Os mais sófregos, os mais entusiastas apoderaram-se das rédeas do cavalo, e Osório exausto de comção, pedia, suplicava que o deixassem passar e o herói passou entre alas de soldados, que bemziam a chegada do mensageiro da vitória. (Lobo Viana-História do General Osório por Fernando Osório)."

Quando haviam chegado os fins de Junho de 1869 e tomadas todas as medidas necessárias ao ataque decisivo ao inimigo e antes de determinar a sua ordem de marcha a todas as forças aliadas, quis o Marechal Conde d'Eu ouvir as opiniões como já dissemos acima, dos Generais Emílio Mitre e Osório sobre o plano de manobra contra o inimigo bem instalado nas zonas das cordilheiras.

No dia 26 de Junho, o Marechal Conde d'Eu recebeu do General argentino Emídio Mitre um apanhado de sugestões sobre o plano geral de ataque contra Lopez.

O General Mitre (irmão do ex-presidente Mitre antigo Comandante-Chefe dos Exércitos aliados) depois de descrever as posições de Lopez nas Cordilheiras apresentou três hipóteses de ataque que foram minuciosamente estudadas pelo Conde Comandante-Chefe do Exército brasileiro.

"O inimigo," diz o general Mitre, "ocupa em nossa frente uma serrania, que tem seus caminhos precisos em uma extensão de 12 léguas aproximadamente, desde Emboscada até Bocaiaiti, que é a subida mais próxima à nossa extrema direita e fica como a duas léguas de Pa-

raguari. De Bocaíati a Chololó, que é a subida em frente a Paraguari, há légua e meia; de Chololó a Cerro-Leon, meia légua; deste ponto a subida de Ascurra ou Pedrosa, uma légua; daí à subida de Cabana, meia légua; deste ponto para Altos, três léguas, de Altos a Atirá, legua e meia, e deste último ponto o Emboscada, uma légua do rio Paraguari. Estes vários caminhos são desfiladeiros: Chololó, Cerro-Leon, Aucurra e Cabanas. Para guardar estes diferentes caminhos conta o inimigo, 8.000 homens, segundo as notícias obtidas... Dada a posição do inimigo, suas forças e as nossas, teremos à nossa disposição vários modos de ataque: — 1.º Deixando as atuais posições guardadas por 12.000 homens de Chololó, Bocaíati e Valenzuel para sair em Piribebuí, na rectaguarda do Exército paraguaio, de onde aquele Exército avançaria para atacar Caá-cupé, tomando contacto com as forças deste ponto pelo caminho de Cerro-Leon;

2.º O dito Exército, em vez de marchar pelo nosso flanco direito, poderia fazê-lo pelo esquerdo, desembocando por Emboscada e dirigindo-se por Altos para Caá-cupé, pondo-se em contacto pela baixada de Altos com as forças que aqui ficarem.

3.º Ataque principal de frente, flanqueado por um só dos flancos ou pelos dois.”

Mitre, depois de fazer considerações sobre os três planos por ele apresentado, opinou pelo terceiro, ou ataque de frente pelos desfiladeiros de Ascurra e Cabanas com 5.000 homens de infantaria e 500 e cavalaria quando 2.000 cavalarianos e 500 infantes atacariam por Bocaíati. Simultaneamente Cerro-Leon seria atacado por 2.00 infantes apoiados por 300 cavalarianos, quando 6.00 de infantaria com 1.500 de cavalaria atacariam por Emboscada na direcção de Altos e Atirá para Caá-cupé, flanqueando o ataque de frente de Ascurra e Cabanas.

De posse dessas sugestões, o Conde d'Eu, submeteu-as a Osório que depois de elaborar uma crítica ao 3.º pla-

no de Mitre e evidenciar que este plano necessitaria de maior Exército que não tínhamos pela divisão de forças para atacar uma montanha fortificada e de máus caminhos, opinava pelo primeiro modo de ataque proposto e que Mitre não achava conveniente.

Assim com as actuais posições guarnecidas e um Exército penetrando por Valenzuela (S. José) para alcançar a rectaguarda inimiga por Piribebuí e Caá-cupé com um efetivo de 16.00 homens, tinha a vantagem do inimigo ou de reconcentrar em Ascurra ou abandonando esta posição, para oferecer combate em Piribebuí.

Além disso é mais fácil o acesso por Valenzuela e matos daquele lado até alcançar Piribebuí. Diz Osório: "Esta marcha estratégica nos separa bastante da base de operações, que não nos poderá dar meios de subsistência, e é preciso levarmos conosco, mas, em compensação, deve prejudicar muito ao inimigo a aparição de nossas forças no centro de seus recursos e linha de retirada, e poderemos em um só combate conseguir o fim da guerra."

As opiniões entre Mitre e Osório divergiram bastante, pois enquanto o primeiro desejava um ataque principal frontal pelo desfiladeiro e outros dois secundários pelos flancos, Osório opinava pela manobra com o ataque principal com o grosso (16.000 homens) pela rectaguarda inimiga por Valenzuela, e guardando a base de operações.

Sobre o segundo plano de Mitre, achava Osório que redundava num movimento muito lento, o que dava tempo ao inimigo de tomar melhores disposições de defesa e até de retirar-se tranquilamente, levando consigo tudo o que pudesse servir-nos.

Em vista disso, resolveu o Conde d'Eu reunir um conselho de generais em Piraju afim de traçar definitivamente as linhas gerais do plano de ataque às forças de Lopez.

Nesse magno conselho estiveram presentes além do Marechal Conde d'Eu, os senhores generais Visconde do

Herval, Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, respectivamente comandantes dos 1.º e 2.º corpos de Exército, Elisário Antônio dos Santos, comandante-chefe da esquadra, conselheiro, José Maria da Silva Paranhos, plenipotenciário nas repúblicas do Prata e o general Emilio Mitre, comandante do Exército argentino.

Dessa reunião transcrevemos alguns trechos da acta da sessão (7 de Julho) extraída da Hist. da Guerra da tríplice Aliança do General Tasso Fragoso, e onde se vêem as deliberações do conselho: "Com os recursos e forças de que dispõem os aliados, tudo anunciando que o inimigo pretende retirar-se para o lado de Leste, acreditava que a operação a empreender-se consistia, por enquanto em tomar-se e ocupar-se o povoado de S. José (Valenzuela). A ocupação desse povoado não só cortará a retirada do inimigo por aquele lado, como também, colocará as forças aliadas na sua rectaguarda.

Que para isso era necessário que uma coluna das três armas, forte de 15.000 homens, flanqueasse a Cordilheira.

Convindo, porém, grandemente, manter em segurança a linha de comunicação do Exército aliado com a sua principal base de operações, Assunção, ao menos na parte correspondente à porção da estrada de ferro que actualmente funciona, e sendo também de grande vantagem para os suprimentos de que careça a coluna expedicionária, que nesta vila de Piraju, transformada assim em base secundária de operações se estabeleçam depósitos que não podem ficar desprotegidos, declarou, S. A. que o resto do exército aliado sob o comando do General Mitre, ficaria de guarda a esses pontos, devendo, entretanto, cooperar com a coluna expedicionária, logo que esta, tendo tomado a rectaguarda do inimigo, devesse atacar."

A manobra para o grande ataque às forças de Lopez devia então consistir primeiramente no deslocamento do Exército da região Tacuaral-Piraju, sobre Piribebui, envolvendo, pelo Sul, a posição inimiga, enquanto outros

elementos do Exército ficariam numa nova base de operações guardando as comunicações e depósitos e ameaçando de frente, para atacar o inimigo, pelo Norte, quando fosse oportuno em cooperação com o grosso envolvente. Haveria ainda um destacamento flanco-guarda sobre Ibitimi.

A MARCHA DE APROXIMAÇÃO

Tomadas todas as medidas necessárias à execução da manobra, o Exército aliado ficou dividido em um grosso composto dos 1.º e 2.º corpos de Exército brasileiro e um contingente de Argentinos, Orientais e Paraguaiois associados; um destacamento de flanco; e as tropas que deviam permanecer no vale do Piraju para a defesa da linha férrea e da base de operações.

Sua composição era a seguinte: 1.º corpo de Exército sob o comando de Osório com a 3.ª divisão de infantaria (Coronel Silva Pedra), composta de duas brigadas com três batalhões cada um, e a 3.ª divisão de cavalaria (Brigadeiro Vasco Alves), composta de duas brigadas da mesma arma; 2.º corpo de Exército, sob o comando de Polidoro com a 2.ª divisão de infantaria (Coronel Carlos Resin), composta de quatro brigadas de infantaria; flanco-guarda, sob o comando de João Manuel Mena Barreto, com um batalhão de engenheiros e um corpo de ponteiros.

Estas forças faziam parte dos três grupamentos que deviam subir a Cordilheira sob o comando do Conde d'Eu.

As unidades que ficaram no vale do Piraju sob o comando do General Mitre eram assim constituídas: uma divisão de cavalaria, duas brigadas de infantaria, o 12.º batalhão de infantaria que posteriormente, sob o comando do General Auto Guimarães deveriam participar com o grosso na manobra da Cordilheira e mais as forças restantes que ficaram para guardar a base, a linha de comunicações e a guarnição de Assunção (quatro batalhões de infantaria, dois corpos de voluntários, dois corpos de cavalaria e dois batalhões de artilharia a pé).

“Segundo o General Tasso, o efetivo dos aliados era o seguinte:

Osório (1. ^o corpo)	7.440
Polidoro (2. ^o corpo)	7.710
João Manuel (Flanco-guarda) ..	4.040
Auto Guimarães e Paranhos	7.277
Forças de Assunção	2.040
	<hr/>
Total	28.507 homens

“Ascendem à Cordilheira no primeiro momento:

Brasileiros	19.190
Argentinos	900
Orientais	1.000
	<hr/>
Total	21.090”

No dia 28 de Julho de 1869, teve início o movimento do Exército aliado com a saída do destacamento do General João Manuel Mena Barreto, 1.^o escalão de marcha que avançou rumo a Paraguari, com destino a Ibitimi, onde chegou aos 5 de Agosto.

No dia seguinte à saída de João Manuel, por ordem do Conde d’Eu, foi Ascurra atacada por uma coluna composta pela 9.^o brigada de infantaria, por uma de cavalaria, quatro estativas de foguetes, quatro canhões de montanha do 1.^o batalhão e quatro do 2.^o regimento de artilharia com o fim de distrair o inimigo da marcha em execução. Esta acção foi acompanhada pelo próprio Conde que presenciou o lançamento de mais de 300 granadas sobre o inimigo, que se limitou a alguns tiros de fuzilaria contra os nossos atradores.

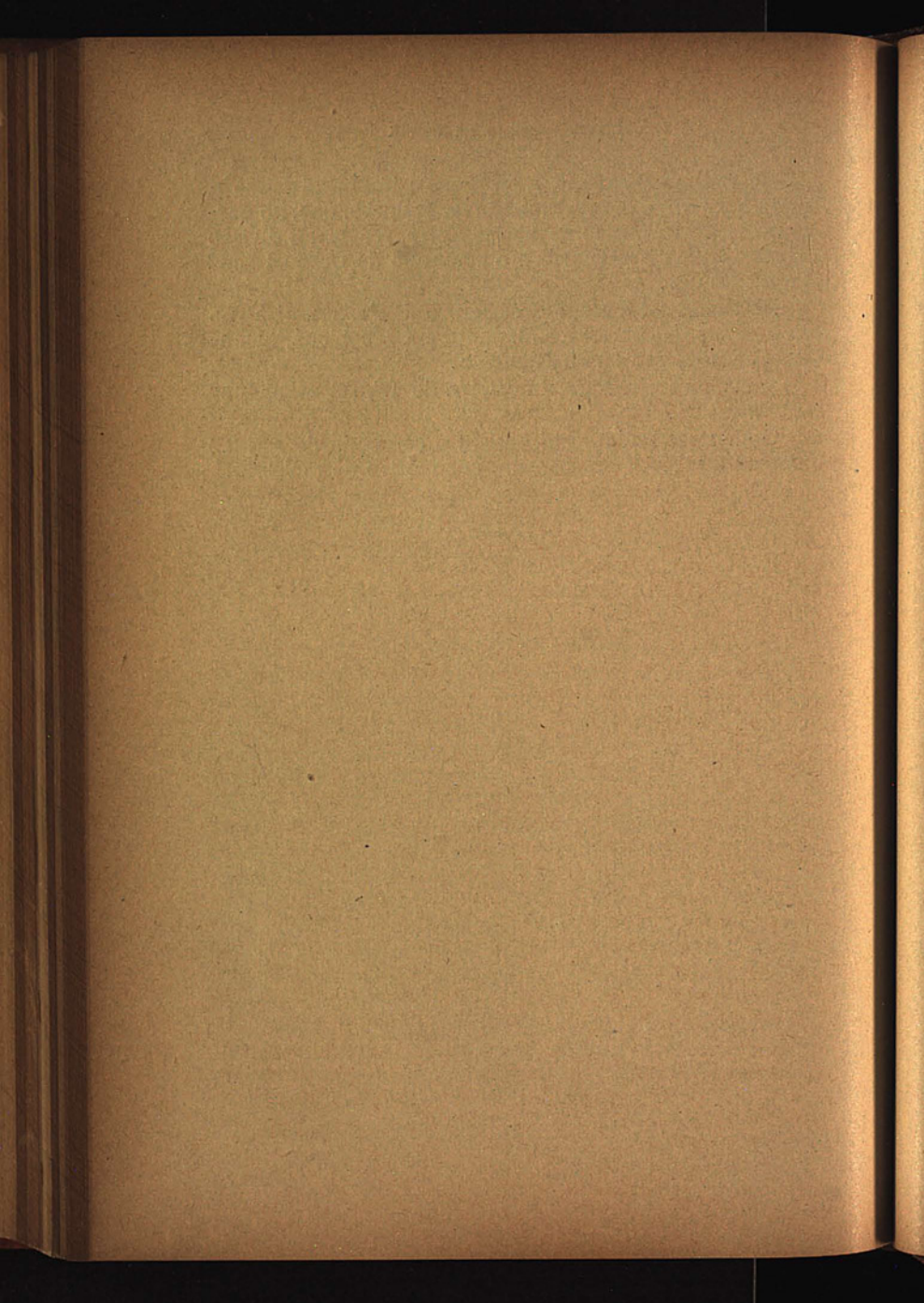
No dia 1.^o de Agosto, o 1.^o corpo sob o comando de Osório partiu de Piraju rumo a Paraguari, onde se lhe juntou o contingente oriental do comando do General Henrique Castro.

Na manhã do dia 2, marchou de Tacuaral rumo a Piraju o 2.º corpo sob o comando de Polidoro, que, ao passar pelo acampamento de Emílio Mitre, recebeu a divisão argentina (900 homens) sob o comando do Coronel Luíz Maria Campos.

No dia 3, o 1.º corpo deslocou-se de Paraguari e no dia 4 depois de um estacionamento em Mbobicuá, alcançou a boca da picada de Sapucaia.

O 2.º corpo, sempre na esteira do 1.º, foi estacionar em Paraguari.

O General Polidoro aí passou o comando do seu 2.º corpo ao General Carlos Resin, por motivo de moléstia.



A PASSAGEM DO DESFILADEIRO DE SAPUCAIA

Ao atingir as proximidades do desfiladeiro de Sapucaia, verificou o General Osório que aquele desfiladeiro se achava ocupado por forças inimigas e imediatamente procurou recalcar os elementos avançados inimigos que defendiam aquela posição.

“O passo entrincheirado,” diz o diário do Exército, “achava-se no prolongamento do grande aterro da estrada de ferro que já havia delineado até lá, estando concluído os mais importantes trabalhos em pontilhões e pontes. Uma trincheira alta defendida por abatizes fortíssimos, dominava toda a estrada.

Sua Alteza mandou construir uma bateria com sacos de areia e durante o resto do dia trocaram-se, com pouca intensidade, tiros de parte a parte.

Na madrugada de 5, principiaram os trabalhos de abertura das picadas, os da picada da direita sob a direção do Major Anfrísio Fialho, e os da esquerda pelo Capitão Jerónimo Jardim e Tenente Emídio Jourdan. Enquanto se executava essa tarefa, bombardeava-se a posição inimiga, cuja artilharia respondia, ora com metralha, ora com balas rasas.”

Pois bem, por aquelas picadas, infiltraram-se as nossas forças, respectivamente comandadas, na da direita, pelo General Emílio Mallet e Coronel Francisco Lourenço de Araújo com a 6.^a brigada de infantaria e quatro bocas de fogo do 2.^o regimento que, após escasso tiroteio, penetraram na trincheira já abandonada pelo inimigo que se havia refugiado no mato; e na da esquerda, o General Henrique Castro com a divisão oriental seguida das 1.^a e 4.^a brigadas de infantaria, respectiva-

mente comandadas pelos Coronéis Pereira de Carvalho e Vanderlei Lins.

Desta forma, sem grande resistência as nossas forças dominaram inteiramente o desfiladeiro de Sapucaia que foi imediatamente transposto pelo 1.º corpo logo que atingiu o lado oposto, na estância, e quando dele se destacou uma brigada de infantaria sob o comando do Coronel Valporto com a missão de tomar contacto com a coluna João Manuel, em Ibitimi. Ambos entraram depois no acampamento do 1.º corpo.

Continuando a marcha, o 1.º corpo depois de atravessar os brejais e extensos banhados de Costapocu foi acampar no entroncamento das estradas para Ibitimi e Valenzuela.

Nesse mesmo dia 6, avançou o 2.º corpo através da estância de Sapucaia para a região do grande banhado da Costapocu onde acampou em suas imediações.

A SUBIDA DA CORDILHEIRA

Nessa nova situação determinou o Conde d'Eu que se achava com o seu quartel general junto ao comando do 1.º corpo de Exército, que o Coronel Manuel da Cunha Vanderlei, comandando uma vanguarda composta da 4.ª brigada de infantaria (8.º e 23.º batalhões), dois esquadrões de cavalaria e quatro bocas de fogo de montanha, explorasse e reconhecesse o terreno à frente na direcção da planície de Valenzuela e, avançando sempre descambasse a cordilheira, reconhecesse Valenzuela, e se possível marchasse na direcção de Itacuruí.

De facto, o Coronel Vanderlei cumpriu a sua missão e, depois de ocupar a desembocadura da picada na planície de Valenzuela, encontrou uma pequena força inimiga que foi por ele recalcada e, sempre avançando, descambou a cordilheira perseguindo o inimigo que recuava à sua frente e posteriormente ajudado pela divisão argentina entrou vitorioso em Valenzuela, que não era mais que um pequeno povoado, onde tudo era miséria sem recursos materiais de espécie alguma.

Assim com a estrada livre, pode entrar o Príncipe com seu estado-maior, o 1.º e 2.º corpos com a coluna de João Manuel em Valenzuela sem nenhuma resistência, onde no dia 7 todo o Exército estacionou.

Aí chegando, determinou o Conde que a cavalaria da vanguarda sob o comando de Vasco Alves Pereira marchasse para Itacuruí, onde constava que havia uma fábrica de enxofre, que, segundo diziam, não era senão uma fazenda pertencente à mãe do ditador.

Cumprindo sua missão, Vasco Alves atingiu a referida fábrica que foi destruída e onde prendeu 40 dos seus

empregados e libertou várias senhoras paraguaias que aí se encontravam detidas por ordem de Lopez.

Em Itacurubi, na fazenda da mãe de Lopez, foi encontrada uma grande quantidade de cálices, turíbulos, lâmpadas e outros objectos de grande valor, pois todos estes eram de prata macissa, que naturalmente representavam uma imensa presa arrancada pelo ditador às igrejas paraguaias.

APROXIMAÇÃO SOBRE PIRIBEBUÍ

No dia 8, pela manhã marchou o Exército contra Piribebuí, objectivo de certa importância, pois que então gozava de foros da capital da República.

Esta cidade estava construída na encosta de uma colina, cercada de outras mais altas, e bastante fortificada e defendida por 19 bocas de fogo com cerca de 3.000 homens decididos ao combate até o último alento. A sua povoação era quase formada de palhoças, ao pé da qual corre o arroio que deu nome á vila. Várias estradas daí partiam: para Barreiro-Grande e Caraguataí ao Norte; para Itacuruí e S. José a Leste; para Valenzuela a Sueste; para Mobicuá ao Sul; para Cero-Leon e Paraguari a Sudoeste; e para Ascurra e Caacupé a Oeste.

Determinou o Conde d'Eu com o fim de ganhar tempo e encurtar as comunicações, que o Coronel dr. Pinheiro Guimarães com o 13.^o batalhão de infantaria, meio batalhão de engenheiros e um corpo de cavalaria, desobstruísse a estrada de Mobicuá. Realmente esta estrada, de Paraguari dava mais rápido acesso a Piribebuí.

Realizada a missão, o exército prosseguiu o seu movimento e no dia 9 o Conde lançou sobre Barreiro-Grande uma divisão (1.^a de cavalaria) sob o comando do Coronel Manuel de Oliveira Bueno com o fim de observar as comunicações que daí partiam em direcção a Piribebuí.

No dia 10 de Agosto, continuando o seu movimento, o Exército alcançou as proximidades da vila de Piribebuí que não deixava de ser uma posição forte avançada do

ditador que estava com o grosso de sua tropa em Ascurra.

Diz Octaviano de Sousa: "Depois de atravessar um mato espesso, vários arroios pedregosos, nos quais a estrada exigiu conserto para a passagem da artilharia, que tornaram a marchar lenta, só podendo a cavalaria avistar Piribebuí, o Exercito acampou próximo a esta vila."

O 2.^o corpo estacionou próximo à direita da estrada Piribebuí-Valenzuela e o 1.^o corpo à esquerda do 2.^o com a cavalaria na estrada que daí dava acesso a Ascurra.

A vila de Piribebuí, como vimos, tinha sido edificada na encosta de uma pequena colina, rematada por declividade suave, mas circunvalada por extensa linha de fortificações, que lhe dava um aspecto de resistência que só podia ser abalada com grande custo e tempo. Mas acontece que a vila era dominada pelas colinas das vizinhanças.

Aproveitando esta circunstância, o Conde determinou ainda a 10, que aí fossem postas baterias de artilharia para o preparo da acção investida contra a vila.

Uma notícia imprevista chegou ao conhecimento do Conde d'Eu, por intermédio do Coronel Oliveira Bueno que havia recebido a missão de efetuar explorações contra Barreiro-Grande, e dizia este Coronel que depois de ocupar Barreiro-Grande, sem resistência, tivera conhecimento estar-se aproximando naquela direcção uma força inimiga de mais de 2.000 homens com artilharia.

O Conde logo mandou em socorro de Bueno, o General Resin com a infantaria argentina e duas brigadas de infantaria brasileiras, adiando por isso o ataque a Piribebuí.

Mas, logo que lá chegou o General Resin com sua força, já Bueno havia batido o inimigo que se retirou na direcção de Caacupé, naturalmente para se juntar ao Exército de Lopez.

O ATAQUE A PIRIBEBUI

Todas as disposições foram tomadas para o ataque de Piribebuí que estava defendida por uma extensa linha de trincheiras (2.500 metros mais ou menos) com 19 bocas de fogo de vários calibres e uma guarnição de 1.900 homens de infantaria e artilharia sob o comando do Coronel Pablo Caballero.

Do alto da colina, as baterias aliadas em suas posições aguardavam o momento para com seus tiros de enfiada, de revés e escarpa, abafar com a impetuosidade do ataque a vila que então era o principal objectivo dos aliados.

O ataque teve o seguinte dispositivo segundo escreve o próprio Conde d'Eu: "Formou a coluna da esquerda o 1.º corpo de Exército, sob o comando do Visconde de Herval, com a incumbência também de observar a estrada de Ascurra por onde era provável que o grosso do Exército inimigo procurasse vir em auxilio da praça sitiada, tarefa esta que foi confiada ao Brigadeiro Henrique de Castro, comandante da divisão oriental.

A coluna da direita, cuja direcção imediata assumi, compôs-se das 1.ª e 4.ª brigadas da 1.ª divisão de infantaria, e da divisão auxiliar argentina, sob o comando do Brigadeiro Carlos Resin.

Por fim, no centro devia simular um ataque sobre o saliente de fortificação inimiga o resto do 2.º corpo, debaixo das ordens imediatas do inclito Marechal-de-Campo Vitorino José Carneiro Monteiro, que, desde o dia 7, assumira o comando interino daquele corpo de Exército."

Na hora indicada (6 horas da manhã do dia 12 de Agosto de 1869), com os artilheiros a postos e as baterias

apoiadas pela infantaria, rompeu o bombardeio sobre as fortificações inimigas, derrubando-lhes os obstáculos e preparando o terreno para o avanço da infantaria.

As 8 horas, cessado o fogo da artilharia, ouviu-se o toque de avançar dado por ordem do Conde d'Eu e do local em que ele se encontrava.

A tropa aproximou-se com grande entusiasmo das fortificações inimigas que ainda com suas baterias procuraram impedi-la no avanço.

Mas nada impediu que continuasse o avanço das nossas linhas de atiradores que já, então, se abrigavam na esplanada e no fosso, dizimando de perto os artilheiros inimigos.

Diz o Marechal Borman: "As colunas de ataque avançam com os atiradores na vanguarda: pelo Norte, a brigada Vanderlei e o batalhão de engenheiros; pelo Sul o 1.º e 2.º corpos de Exército; e pela parte oriental, a divisão argentina.

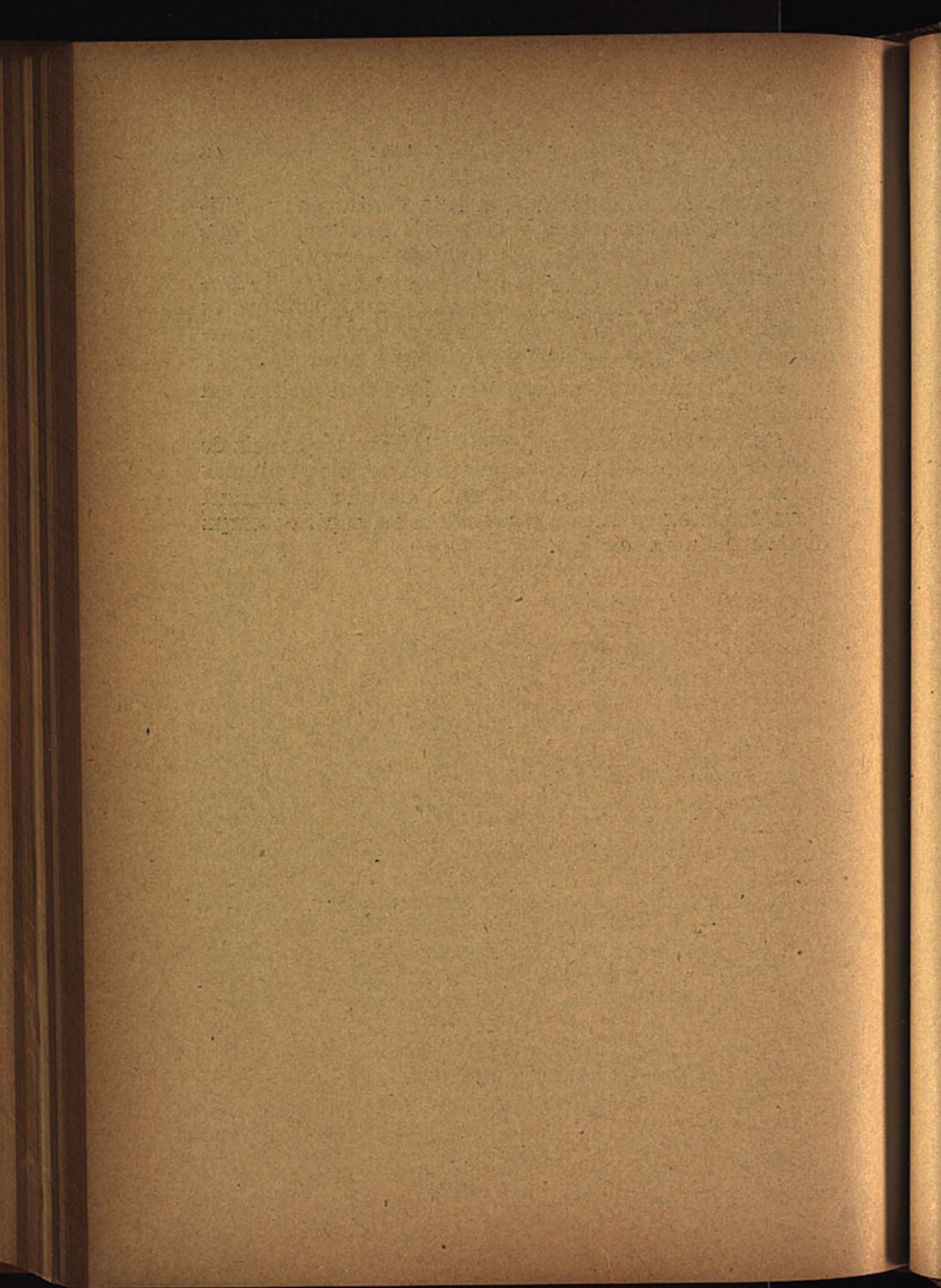
Os atiradores começam vigorosos tiroteios contra os artilheiros inimigos, que recebem a metralha os assaltantes; as colunas, porém, marcham sempre a passo acelerado, e em poucos minutos, postadas na contra-escarpa do fosso, ou espinguardeam as guarnições das baterias, construídas à barbete, ou travam à queima-roupa violenta fuzilada com a infantaria que defende as cortinas, enquanto alguns engenheiros entulham os fossos e outros procuram apoiar na berma as extremidades dos pranchões que foram conduzidos para facilitar o assalto. Nesse certame, em que os próprios generais parecem contender entre si pela maior messe de glória, cai mortalmente ferido, junto à contra-escarpa, e expira alguns minutos depois, o intrépido General João Manuel Mena Barreto, um dos bravos cujos nome e serviço a pátria nunca deve olvidar.

O inimigo vê aproximar-se o momento supremo em que os parapeitos vão ser galgados, e por consequência a defesa redobra de fúria e desesperação.

Os defensores sustentam a luta dentro das fortificações, por algum tempo com aquele heroísmo de que deram constante provas; mas, finalmente muito dizimados, procuram evadir-se pela retaguarda da posição, onde se acham as forças de cavalaria para tolher-lhes os passos. São 11 horas da manhã e as nossas bandas marciais tocam o hino nacional e os clarins a alvorada.

Registrou-se mais uma glória: Piribebuí estava em nosso poder.”

Os Paraguaiois tiveram cerca de 120 mortos e mais de 1.100 prisioneiros e as nossas perdas teriam sido mínimas (25 mortos e 192 feridos), se o bravo General João Manuel Mena Barreto não tivesse caído morto na contra-escarpa duma trincheira inimiga.



OS MOVIMENTOS DO EXERCITO ALIADO DEPOIS DA VITÓRIA DE PIRIBEBUI

Depois da nossa vitória de Piribebuí, a situação do ditador Lopez tornou-se ainda mais precária nas cordilheiras.

Assim o Conde d'Eu viu que tudo dependia da manobra a ser traçada para esmagar imediatamente o ditador que se achava em Ascurra, com o grosso do seu exército, segundo as informações do momento.

Com um pouco de reflexão, via-se que Lopez não podia fugir para Leste, onde o caminho lhe estava fechado pelas forças aliadas, a menos que pretendesse forçá-lo e nesse caso, se tivesse êxito o que era pouco possível, ver-se-ia na contingência de ficar sem recursos locais que somente eram obtidos com menos dificuldades no Norte.

Portanto, tudo levava a crer que o ditador deveria fugir para o Norte e assim a manobra deveria ser traçada de forma a fechar os pontos prováveis de fuga do inimigo, nesse sentido guardando com forças consideráveis e em constante vigilância os pontos Barreiro-Grande e Tobati, este último com as forças de Mitre que aguardava o momento de entrar em acção .

O Conde d'Eu opinou por um movimento do grosso sobre Caacupé e enviou apenas uma divisão de cavalaria sobre Barreiro-Grande para vigiar o inimigo, na direcção de Caraguataí.

Diz o próprio Conde d'Eu o seguinte: "Com a occupação de Piribebuí, ficara definitivamente cortada a retirada para Leste do Exército estacionado em Ascurra.

Oferecia-se naturalmente ao meu espírito a conveniência de cortá-lo igualmente pelo lado do Norte, única

que lhe restava aberta, para o que devia ser o primeiro passo a occupação definitiva de Barreiro-Grande por parte do nosso Exército.

Cedendo, porém, a opiniões autorizadas, tive de renunciar a essa combinação, que poderia ter dado resultado pouco satisfatório, pois, como mais tarde ficou comprovado, cada uma das metades do Exército expedicionário era bastante inferior à força de que dispunha o inimigo.

Além disso, admitindo mesmo que fosse essa operação feliz, não teria dado resultado decisivo, pois, como depois soubemos, além da estrada que conduz de Caacupé ao Barreiro-Grande, não só existe em direcção ao Norte a que vai para Tobati, como ainda uma intermediária, que é a que, por mais directa, o ditador parece ter seguido na sua retirada.

Resolvi-me, pois, procurar como único objectivo Caacupé, ponto que, segundo as notícias adquiridas, dominava as únicas saídas do acampamento de Ascurra."

AVANÇO SOBRE CAACUPÉ

Depois de mandar, no dia 13, o Coronel Bueno, com a 1.^a divisão de cavalaria, estacionar em Barreiro-Grande afim de vigiar os passos do inimigo, quando este tentasse fugir de Ascurra, o Conde d'Eu moveu-se com grande parte do seu Exército em direcção a Caacupé. Diz o general Tasso: "O 1.^o corpo avançou três quartos de léguas e o 2.^o meia légua para diante de Piribebuí.

Aquele deteve-se num ponto donde irradiaram três estradas: a da esquerda levava a Cerro-Leon, a da direita a Caacupé e a do centro a Sanga-hu, acampamento habitual de Lopez. Deste último ponto saíam duas outras estradas: uma para Ascurra e outra para Caacupé.

No dia 15, o Conde abalou com o 1.^o corpo, deixando o 2.^o para vigiar a entrada do caminho de Ascurra. Como supõe que Lopez continúa na sua posição de Ascurra, deixa atrás de si Vitorino Monteiro, para o ameaçar de frente com o 2.^o corpo enquanto ele contornará com o 1.^o por Caacupé. Infelizmente o plano não surtiu efeito."

"Achava-se à meia distância de Caacupé," diz o Conde d'Eu, "quando um prisioneiro, mandado apresentar pela cavalaria da vanguarda, declarou que o ditador tinha na véspera marchado de Caacupé em direcção ao Norte com todo o seu Exército".

Realmente tudo isso havia acontecido e Lopez fugia às manobras dos seus perseguidores, frustrando os planos aliados e ganhando a direcção do Norte do país.

"Foi uma verdadeira desilusão," diz Octaviano de Sousa. "Sua Alteza ficou desapontado; e o seu desapontamento foi tão grande, que avulta nesse pequeno trecho

do seu relatório ao Barão de Muritiba, então Ministro da Guerra: "V. Excia. compreenderá minha dor ao saber de tão deplorável quão imprevisito acontecimento, que nos veio roubar uma vitória certa e definitiva."

Diante de tal acontecimento, o Conde não quis perder tempo e determinou a Vitorino que o 2.^o corpo contramarchasse para Piribebuí e daí seguisse para Barreiro-Grande, enquanto ele com o 1.^o corpo seguiu em direcção a Caacupé, onde chegou à uma hora e meia da tarde, do dia 15.

Foi um espectáculo triste e pungente que se ofereceu aos olhares das tropas aliadas quando estas entraram em Caacupé. Mulheres e velhos que só se nutriam com farinha extraída da palmeira macaúba, aí viviam como esqueletos ambulantes e famintos, no último grau de marasmo que já se transparecia uma verdadeira apatia moral. Os pseudos hospitais aí existentes eram um fétido depósito de feridos e doentes que respiravam o ar infectado pela putrefacção de cadáveres insepultos.

O Exército, sob as ordens directas do Conde, pouco se demorou em Caacupé e já no dia 16 de Agosto de 1869 tomava pela mesma estrada que Lopez tinha seguido de Caacupé-Caraguataí.

"A marcha," diz o Diário do Exército, "fez-se por picadas em alguns pontos estreitas, em outros atoladiços e logo aos primeiros passos foram reconhecidos os sinais da marcha precipitada que levava a rectaguarda de Lopez, na verdade ao princípio viam-se carretas abandonadas, trastes, etc., etc.; depois crianças e mulheres mortas, afinal famílias inteiras desfalecidas de fadiga e metidas no mato."

O número dessa gente foi progressivamente augmentado e, como observassem o tratamento simpático que recebiam, saíam ao nosso encontro e voltavam para Caacupé formando comprida procissão de mulheres, crianças e velhos. Caminhou assim perto de légua e quarto."

BATALHA DE CAMPO GRANDE

Como vimos, o Conde d'Eu com o 1.^o corpo abalou de Caacupé na direcção da mesma estrada que seguia Lopez, quando, cerca das 7 horas da manhã do mesmo dia em que iniciara a marcha (dia 16), se começou a ouvir troar a artilharia do 2.^o corpo.

O Marquês do Herval, por motivo de doença havia passado o comando do 1.^o corpo ao General José Luiz Mena Barreto que então exercia o cargo de Chefe-do-Estado-Maior.

Logo, pouco depois de serem ouvidos os ruídos da artilharia, o Conde soube por informações do Brigadeiro Vasco Alves que a sua cavalaria de vanguarda escaramuceava com uma força numerosa da rectaguarda inimiga. Nessa ocasião, o Conde d'Eu mandou que a infantaria arreasse as mochilas e então o 1.^o corpo, já sob o comando do Brigadeiro Herculano Sancho da Silva Pedra que substituiu o falecido General João Manuel Mena Barreto, com sua infantaria já desequipada avançou acelerado e desembocou em um vasto campo denominado Nhuguassú, pelos Paraguaiois, ou Campo-Grande.

Em vista desta nova situação, o Conde d'Eu determinou o desdobramento do grosso em duas colunas justapostas com a 2.^a brigada de infantaria sob o comando do Coronel João António de Oliveira Valporto que avançou sobre o flanco esquerdo da linha paraguaia e à esquerda do dispositivo de manobra, a 6.^a brigada sob o comando do Coronel Francisco Lourenço de Araújo, que atacou o flanco direito paraguaio.

As duas colunas eram apoiadas por artilharia do 1.^o regimento e baterias de foguetes a Congrêve.

O inimigo com o centro coberto por mato fechado, deu ocasião a um ataque duplamente envolvente, por duas entradas que davam acesso aos flancos do adversário, onde as duas brigadas atacaram simultaneamente.

Estas colunas eram apoiadas pela cavalaria que atacava os flancos extremos paraguaios.

Diz Octaviano de Sousa: "O inimigo está em franca resistência, metralhando, em chuva. Parte de sua infantaria carrega à lança a nossa infantaria e a outra parte, movendo-se com perícia, despeja, de suas fileiras, nutridas salvas de mosquetaria.

Corre assim a luta encarniçada e indecisa. O inimigo apenas vai recuando palmo a palmo, aglutinando-se no flanco esquerdo, apoiado no Piribeubí, cujo passo está a procurar, como já o procurava às 8 horas da manhã, ao ser picado à retaguarda, pela nossa cavalaria.

Chega ao campo a 3.^a brigada de infantaria, composta de quatro batalhões e quatro peças de artilharia, sob o comando do Coronel Deodoro de Fonseca. Dois batalhões vão desenvolvidos e os dois outros de apoio, toda a força contra a direita do adversário, em manobra envolvente."

Nessa circunstância, os Paraguaios são forçados à beira do Piribeubí, onde procuram transpô-lo.

"Por toda a parte ouvem-se os trovões da artilharia e o estampido da fuzilaria," diz Borman, "e nesse espetáculo aumenta agora de horribilidade, porque de vários pontos do terreno arrebatam grossos rolos de fumaça, densas nuvens, ora pardacentas, ora esbranquiçadas, rasgadas por enormes línguas de fogo.

É a macega que cobre o campo da batalha que está em chamas.

As labaredas vão carbonizando os mortos; e os feridos que podem fugir lá vão soltando gritos e lamentações ao aproximar-se aquelas serpentes de fogo.

No meio destas cenas de horror, o General-Chefe observa que o flanco direito inimigo, com o decorrer da

batalha, está completamente no ar, isto é, sem apoio; manda, pois, envolvê-lo por alguns batalhões e dois corpos de cavalaria."

Compreendendo a gravidade da situação, Caballero recua a sua linha de batalha e numa resistência desesperada, passa para o outro lado do arroio, onde então se desemrolam terríveis encontros quase corpo a corpo.

Nesse momento, havia chegado como reforço uma brigada de cavalaria brasileira ao mesmo tempo que já se ouvia a fuzilaria do 2.º corpo de Exército que se havia enganjado com a rectaguarda do dispositivo de combate do inimigo.

Aquela cavalaria, em sucessiva carga sobre o inimigo, conseguiu pô-lo em desordem e, então, começaram a aparecer os inícios de derrota dos Paraguaios que, já acoçados pela infantaria do 2.º corpo e dizimados pela frente pela metralha e fuzilaria do 1.º corpo e cuteladas da cavalaria se entregaram à derrota pondo-se em fuga os sobreviventes da acção.

A batalha durara 5 horas e meia e custou-nos 450 baixas, mas o campo ficou juncado de mais de 2.000 cadáveres e fizemos 500 prisioneiros além de 800 feridos que se recolheram aos hospitais.

A acção do 2.º corpo foi também notável pela presteza dos movimentos e execução das ordens emanadas do Comando-Chefe.

Achava-se o 2.º corpo na estrada do caminho do Ascurro, quando o Conde d'Eu, como vimos, ordenara ao seu comandante, General Vitorino, que voltasse imediatamente para Piribebuí e daí seguisse com presteza sobre Barreiro-Grande, pois que soubera que o ditador havia abandonado Caá-cupé e fugia em direcção do Norte.

Tinha, pois, o 2.º corpo a missão de interceptar o inimigo que tomara o caminho de São José ou provavelmente o de Caraguataí.

Vitorino Monteiro aprestou logo o seu exército, lançando à frente uma vanguarda composta da 2.ª divisão

de cavalaria e duma ala do 1.º regimento de artilharia, tudo sob o comando do General Câmara, com a seguinte missão: "impedir que o inimigo conseguisse em sua retirada apossar-se da picada de duas léguas de extensão que leva a Caraguataí, ponto objectivo de sua retirada".

Com essas deliberações, o Conde dividia o exército aliado em duas fracções, isto é, ele próprio assumia o comando directo do 1.º corpo com a 3.ª divisão de cavalaria (Vasco Alves), seguindo na esteira de Lopez e mandava Vitorino cortar-lhe a retirada com o 1.º corpo do seu comando e mais cinco brigadas de cavalaria.

Vitorino, às dez horas do dia 15, já se achava em Barreiro-Grande e a sua cavalaria de vanguarda, tomando a dianteira, foi esbarrar com o inimigo na região de entroncamento das estradas Caacupé-Caraguataí e Barreiro-Grande-Caraguataí.

Câmara, com sua divisão procura, empenhar-se em combate contra o inimigo, avaliado por ele, de cerca de 2.000 homens e soube logo em seguida que tropas adversárias mais numerosas, sob o comando Caballero, se encontravam em sua imediações.

Todavia, quando já reforçado com dois batalhões (Coronéis Vanderlei e Floriano Peixoto), procurava empenhar-se em combate, notou que o inimigo fugia protegido por uma linha de atiradores.

Com esta nova situação, urgia que não se perdesse o contacto com o inimigo e Chananeco avançou com a cavalaria em sua perseguição e notou que esta tropa adversária vinha perseguida de perto pelas forças do Conde d'Eu.

"Urge, pois, barra-lhe o caminho," diz o general Tasso," e coadjuvar a acção do 1.º corpo de Exército.

Vitorino enviou para o lado da 1.ª brigada de cavalaria, quatro batalhões, às ordens de Resin, e oito bocas de fogo, tudo sob o comando de Mallet.

Câmara pede permissão para acompanhar esse reforço e é atendido. Segue na frente a 10.ª brigada de in-

fantaria (Hermes), depois a artilharia e atrás o 40.^o de voluntários.

Todos esses elementos aproximaram-se do ponto em que Chananeco estava empenhado. Forma-se assim um destacamento para acometer Caballero pela retaguarda, o qual é depois reforçado por Câmara com o 10.^a brigada de cavalaria e com o 3.^o regimento de linha e o esquadrão de clavineiros do 16.^o corpo, ambos, da 9.^a brigada de cavalaria (Sabino Mena Barreto). Chega-lhe, afinal, a hora decisiva. Caballero faz um supremo esforço e desfere o seu derradeiro contra-ataque, contra o destacamento Mallet, utilizando a última reserva. Mas nessa ocasião, já a 4.^a brigada de cavalaria (Hipólito Ribeiro) do 1.^o corpo, havia transposto o Piribebuí e se colocado à esquerda do destacamento do 2.^o corpo.

Quando os Paraguaios acometem, num derradeiro e furioso avanço, Hipólito aproveita a oportunidade e lança-lhes pela retaguarda o 10.^o corpo e o 24.^o que os aniquilam."

CAMPANHA DE PERSEGUIÇÃO

O DESTACAMENTO EMÍLIO MITRE

Como tivemos ocasião de notar, o destacamento Emílio Mitre, quando o Conde d'Eu movimentou o seu exército para a manobra de Piribebuí, havia permanecido no vale do Piraju, para a defesa da linha férrea e da base de operações.

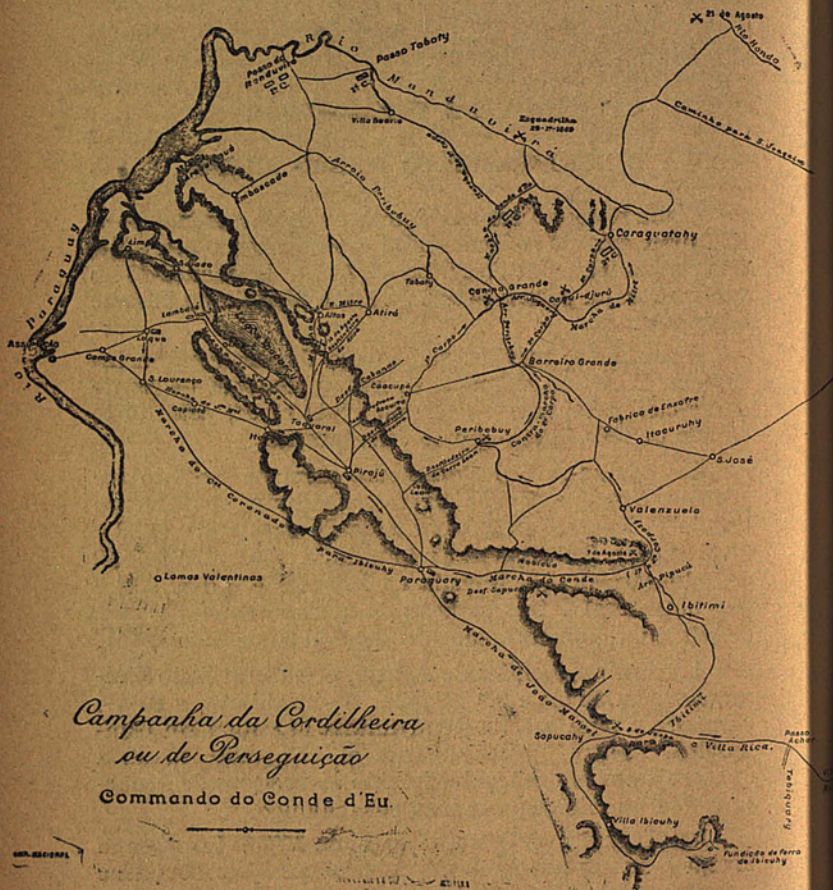
Além dessa missão, tinha este destacamento a incumbência de, em momento oportuno, ameaçar de frente o exército paraguaio e cooperar mais tarde, pelo Norte da sua posição, com o grosso dos atacantes.

Compunha-se o destacamento além do exército argentino, menos a divisão Campos, mais um grupamento brasileiro formado das 5.^a brigada de cavalaria (12.^o e 14.^o corpos), 5.^a brigada de infantaria (30.^o, 35.^o e 50.^o de voluntários), 9.^a brigada de infantaria (18.^o, 22.^o e 50.^o batalhões) e três baterias de quatro canhões e uma de seis, tudo sob o comando do General Auto Guimarães.

Logo nos princípios de Agosto, o General Auto Guimarães com as 5.^a e 9.^a brigadas de infantaria, a 9.^a de cavalaria e uma bateria de artilharia acampou em Guazuvirá. Mitre, posteriormente aí chegando, mandou que se fizesse um reconhecimento às posições de Ascurra e Pedrosa, ainda ocupadas pelo inimigo.

Em seguida, o destacamento de Mitre transpôs o Piraju e acampou em frente àquelas posições ocupadas pelo inimigo.

Diz o general Tasso: "Às nove horas da noite de 11 de Agosto, Emílio Mitre abala difinitivamente com o seu



Segunao a carta publicada por Pereira de Sousa

destacamento para a Cordilheira, tomando o rumo de Altos.

A vanguarda era comandada pelo Coronel Camilo Mércio Pereira e compunha-se de um esquadrão de cavalaria do 14.^o corpo, do 18.^o batalhão e de dois corpos argentinos.

Em marcha o General Auto Guimarães recebeu do Conde d'Eu a comunicação da previsão do ataque de Piribeubí que, segundo afirmava o Conde, estava defendida por 1.000 homens e 16 canhões. Nessa mesma comunicação dizia o Conde: "Torna-se pois, de grande conveniência para cercar Lopez que a força do comando de V. Excia. suba quanto antes a ocupar Atirá. Lembro-me de que V. Excia. tinha perto de 7.000 homens; porém mando mais à sua disposição o 12.^o batalhão e os voluntários de Mato-Grosso que se acham em Assunção, o que lhe dá um aumento de uns 1.000 homens e com 4.000 que suponho no exército argentino, perfaz um total de 12.000 homens.

Destes 5.000 me parecem de sobra para guardar Piraju e Tacuaral; penso, pois, que o General Mitre pode vir a Atirá com 7.000 homens. Repito que, chegando a Atirá, não se deve perder tempo em destacar a cavalaria para reconhecer e, se for possível, ocupar Tobati, que procurarei também alcançar do meu lado".

No dia 16, o General Auto recebeu comunicação do Conde de que o inimigo havia deixado Ascurra e Caá-cupé com destino a Caraguatí.

Diz o General Tasso: "José Auto chegou de noite, no dia 16 a Tobati, com o Exército argentino e no dia seguinte abalava daí e ia acampar junto ao 2.^o corpo de Exército. (Nota do Diário do Exército).

Quando se deu a batalha de Campo Grande, Emílio Mitre estava ainda em Altos por onde se vê que, em vista da distância que se achava, não pode cooperar na batalha acima referida de 16 de Agosto, como se havia previsto.

Aconteceu que o inimigo fugia, como vimos, em direcção a Caraguataí e o Conde em vista da sua superioridade numérica, com suas colunas (1.º e 2.º corpos) já reforçadas com as forças de Mitre e Auto Guimarães (7.000 homens) resolveu avançar também para Caraguataí dando a seguinte ordem, segundo diz o general Tasso: "O General Vitorino atacará os defensores da picada com o 2.º corpo e prosseguirá depois por ela; à sua direita avançará o destacamento de Emílio Mitre, inclusive com as forças brasileiras de José Auto, e à sua esquerda o 1.º corpo com o Conde d'Eu.

Dest'arte as colunas das alas poderão envolver o inimigo e atacá-lo pela rectaguarda, caso ele demore na picada central".

A PERSEGUIÇÃO

Terminada a campanha da Cordilheira, fazia-se mister que se elaborasse um novo plano de manobra para precipitar o término da luta com o aniquilamento completo do inimigo.

Logo um dia depois da batalha de Campo-Grande, marchou o Exército sobre Caraguataí, como vimos dividido em três colunas.

O General Vitorino tinha por missão abrir a picada de Caaguijuru, defendida pelo inimigo que assim cobria a retirada de Lopez.

Eram 7 horas e meia da manhã do dia 18 de Agosto, quando a 4.^a brigada de infantaria (Vanderlei) apoiada pela 6.^a bateria do comando do Capitão Leite de Castro e do 1.^o regimento de artilharia a cavalo atacaram de frente a referida posição ao mesmo tempo em que os flancos eram atacados pela 10.^a brigada de infantaria (direita) do comando de Hermes e 3.^a brigada de infantaria (esquerda).

Diz o General Tasso: "Atacado assim de frente e envolvido pelos flancos, ou melhor cercado por oito batalhões, estava o inimigo irremessivelmente perdido.

No momento que lhe pareceu oportuno, depois de uma luta pelo fogo de mais de hora e meia, Vitorino mandou tocar carga.

Câmara julgou azado o momento para fazer sentir a sua acção directa e mandou abrir caminho para a cavalaria, seguindo depois pela picada de Caaguijuru em perseguição do inimigo."

O General Câmara sempre no encalço do inimigo, era por sua vez seguido, por ordem de Vitorino, pelas 1.^a,

3.^a e 4.^a brigada de infantaria do comando do Tenente-Coronel Antonio Tibúrcio como apoio àquela cavalaria.

Pouco depois, Vitorino punha-se em marcha com o grosso de sua tropa e acampou nos subúrbios de Caraguataí.

Enquanto assim agia o 2.^o corpo, o destacamento Mitre partindo do seu acampamento já então junto ao 2.^o corpo, pelo caminho de Tacuarí também atingiu pelo Norte o mesmo Caraguataí, ao mesmo tempo que o 1.^o corpo que tinha caminho maior a percorrer, foi obrigado a estacionar nas cercanias do Afonso, onde o Conde d'Eu teve conhecimento do combate havido com o 2.^o corpo.

Nessa nova situação, os aliados, com o 2.^o corpo e o destacamento Mitre acampados em Caraguataí e o 1.^o corpo no Afonso, não podiam deixar de seguir o rastro do inimigo e então a coluna Mitre encarregou-se dessa missão.

Assim, com uma vanguarda composta da 1.^a divisão de cavalaria do comando de Bueno ronpeu na manhã do dia 19 de Agosto o grosso do destacamento do General Mitre ao encalço do inimigo.

No dia 19, depois de passar por Iagúí, atingiu Bueno o rio Saladilo, onde encontrou o regimento San Martin que já estava em contacto com a rectaguarda inimiga.

Em visita da alta das águas do rio, não pôde Bueno atravessá-lo imediatamente, só o fazendo no dia seguinte, quando o inimigo já se havia retirado, mas que não o inibiu de continuar no seu encalço.

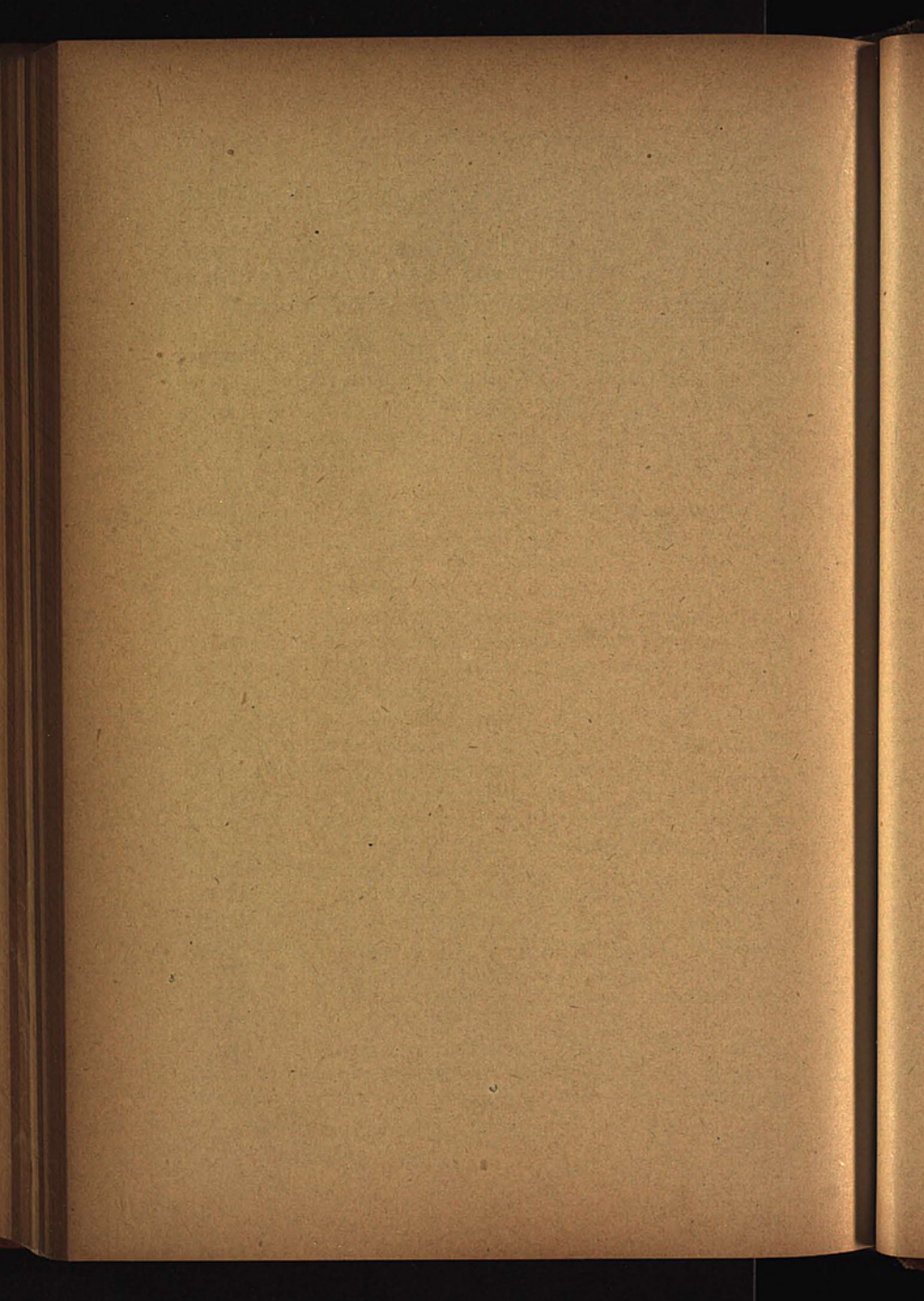
Nessa ocasião designado por Mitre havia chegado o Coronel Carlos Bethézé de Oliveira Neri, novo comandante da vanguarda, que no dia 20 já no comando da mesma, quando o grosso havia atingido Saladilo, continuou a marcha para frente, tomando novamente contacto com o inimigo.

Depois de alguns encontros, no caminho, com alguns troços inimigos, a vanguarda alcançou Bagendi e no dia seguinte marchou em direcção ao rio Hondo para desa-

lojar o inimigo que se havia aproximado da região de mato que precedia aquele arroio.

Mas, aconteceu que o inimigo conseguiu escapar à perseguição do Exército aliado, no rio Hondo e se embrenhou para o Norte, dificultando as operações que se vinham processando.

Com o regresso dos Generais Mitre e Auto Guimarães a Caraguataí cessara por algum tempo a perseguição ao que restava do Exército paraguaio.



NOVAS MEDIDAS EM VISTA DA FUGA DE LOPEZ PARA O NORTE

Em vista dos acontecimentos que tivemos ocasião de relatar, tornava-se necessário um novo plano de manobra para obstar novas acções de Lopez na sua desesperadora resistência.

Era preciso sobretudo evitar que Lopez obtivesse novos meios favoráveis à prossecução da luta e além disso devia o Exército aliado impedir que o ditador caminhasse para o Sul com seus agentes, na procura de recursos económicos mais abundantes nessa região.

A execução dessa tarefa tão complexa não era coisa fácil de se realizar, ainda se levando em conta as más condições das comunicações e a falta de boas cartas, pelo menos geográficas.

Diz o general Tasso: "Em vista de tudo isso, resolveu o Conde d'Eu:

1) — Deixar o 2.º corpo na região de Caraguataí, encarregando-se da vigilância na região do Sul e enviando destacamento a S. Joaquim e Ilhu.

Além disso a divisão Portinho, que lhe ficava subordinada, avançaria de Assunção para Vila Rica e trataria de abrir de Vila Rica a Encarnação uma nova linha de comunicação com o Sul, de onde poderiam vir, pelo menos, tropas de gado e cavalos para o Exército.

Feito isso, e depois de deixar em Vila Rica os elementos necessários à segurança dessa linha, marcharia para S. Joaquim.

O 2.º corpo também se deslocaria mais tarde de Caraguataí para São Joaquim.

2) — Levar o 1.º corpo, pelo rio Paraguai até Rosário, e daí avançar contra Sto. Estanisláu ao encontro do inimigo.

Este movimento seria conjugado com outro do 2.º corpo, em momento oportuno, no rumo do Norte, de São Joaquim para o potreiro Capivari.

3) — Enviar um destacamento para Conceição, sob o comando de Câmara, afim de vigiar a zona ao Norte do rio Jejui, limpá-la dos destacamentos reaprovisionadores de Lopez, arrebanhar o gado aí existente e encaminhá-lo para onde pudesse servir aos aliados.

A só presença de Câmara na referida zona ameaçaria de frente o ditador e mais tarde, se este progredisse afoitamente para o Norte, poderia aquele general acometê-lo de frente ou de flanco, conforme as circunstâncias.”

A EXECUÇÃO DA MANOBRA

Como vimos, o 1.^o corpo que, desde 19, estava acampado em Afonso, iniciou, sob o comando do General José Luís Mena Barreto, a marcha em direcção (21 de Agosto) de Vila Duarte e daí para o passo Tobatí aonde chegou aos 27 de Agosto e onde ficou em contacto com elementos da nossa esquadra, da divisão Lomba.

Mais tarde, depois de reconhecer o caminho na direcção do rio Paraguai o 1.^o corpo foi estacionar no passo do Manduvirá.

O 2.^o corpo, sob o comando do General Vitorino, teve ordem de permanecer em Caraguataí e enviar, como foi feito, uma coluna das três armas com ordem de ocupar São Joaquim.

Esta coluna, sob o comando do General Resin tinha por missão interceptar as comunicações com Villa-Rica que foi ocupada pela coluna do General Portilho que, partindo de Assunção, onde se achava, marchou naquela direcção, passando por Ricoleto, Campo-Grande, Inquiri, Areguá, Piraju, Passo-Achar e que somente aos 22 alcançou Vila-Rica.

A ordem que o Conde deu ao General Vitorino salientava a sua idéa de manobra e acrescentava que Villa-Rica e São Joaquim eram os dois principais objectivos, dizendo que se sabia que o inimigo com cerca de dois mil homens e 20 bocas de fogo se encontrava em São Estansláu, 20 léguas ao norte de Caraguataí.

Depois de transmitir esta ordem, o Conde deixou Caraguataí com destino ao lugar onde se achava o 1.^o corpo. Ao mesmo tempo e com o mesmo destino havia partido a 2.^a divisão de cavalaria do General Câmara

com uma ala de engenharia, e 12 bocas de fogo do 4.º de artilharia, que acampou três quartos de légua acima do 1.º corpo em Afonso.

Logo que o Conde chegou a Gonzalez (7 de Setembro de 1869), determinou a mudança de acampamento do 1.º corpo que, então, estacionou em Arecutaguá, na margem esquerda do Paraguai.

De Gonzalez, o Conde voltou a Assunção e daí, em serviço de inspecção passou por Luque, Areguá, Tacauzal e, tomando a direção de Ascurra, na Cordilheira, chegou a Caacupé, depois de um percurso de cerca de duas léguas e um quarto.

De Caacupé, o Conde dirigiu-se para Caraguataí onde conferenciou com Vitorino e Mitre e combinou-se, então, a partida do resto do 2.º corpo para São Joaquim.

No dia 16, o Conde chegou a Assunção e dá as providências para o deslocamento, por via fluvial, do 1.º corpo para o Rosário, (dia 20), donde conta sair o mais depressa possível em direcção a Santo Estanisláu.

Nessa ocasião, escreveu a Vitorino o seguinte: "Quão conveniente seria que, simultâneamente com minha chegada, V. Excia. se achasse em S. Joaquim com, pelo menos, 5.000 homens, de modo a penetrar daí para o potreiro de Capivarí, tomando assim o inimigo pela rectaguarda ou, saindo-lhe no flanco, se empreendesse nova fuga."

"No dia 23," diz o general Tasso, "já estava em terra na Vila do Rosário toda a infantaria; a divisão do General Auto Guimarães acampou ao redor de Vila e a divisão Pedra na várzea junto ao rio.

No dia 24, desembarcou a divisão argentina Calvet, composta de quatro corpos; e ainda no dia 25 continuava o transporte de bagagens e cavalhadas.

Aos 26 chegou Osório e aos 27 assumia o comando do 1.º corpo, indo o General José Luíz Mena Barreto para a chefia do Estado-Maior e Pinheiro Guimarães ao seu antigo cargo de ajudante-general.

Antes de embarcar para Rosário, o Conde escreveu

a Vitorino cientificando-o de sua nomeação para comandante efetivo do 2.º corpo e a de Polidoro para o das forças do sul de Manduvirá.”

Sòmente depois de 17 dias de permanência em Rosário, pode o Conde movimentar suas forças para o destino previsto. (8 de Outubro).

No dia 8 de Outubro, o 1.º corpo, sob o comando de Osório, rompeu de Rosário a marcha com destino a Santo Estanisláu que só foi alcançado pela vanguarda no dia 11 à tarde.

Aconteceu, porém, que Lopez não estava nem em Santo Estanisláu nem em Curuguataí, como havia previsto o Conde d'Eu, e já havia, desde 30 de Agosto saído daquela localidade e de Curuguataí que foi então declarada vila capital de República e onde ficou o Vice-presidente Francisco Sanchez, como presidente interino, pois que aos 7 de Setembro já Lopez havia alcançado a margem direita do Capivari, onde pouco se demorou.

No dia 10, Lopez continuando em seus movimentos de fuga atingiu a margem direita do rio Tandéi, perto de uma légua distante de Curuguataí (parte sul), e daí prosseguindo na fuga, já aos 20 de Outubro estava o ditador acampado entre o Jejuí-guassu e o Jejuí-mirim, donde se passou, no dia 23 para uma légua ao sul de Igatemi.

Desta forma o Conde d'Eu não logrou alcançar o ditador, quando chegou a Santo Estanisláu, como supunha, e teve, portanto, de elaborar novo plano de acção contra aquele Presidente paraguaio.

Lopez, em seu percurso de fuga, obrigava as famílias a acompanhá-lo, e em Santo Estanisláu mandara executar bárbaramente inúmeras pessoas, a pretexto de uma fictícia conspiração.

Mas o Conde d'Eu continuou no seu intento de alcançar o ditador, julgando entretanto que para essa missão bastava só o 1.º corpo, pois assim não acumula-

ria excesso de forças que tornaria mais difícil o seu reabastecimento.

Determinou ao 2.º corpo que se deslocasse para Rosário por S. Joaquim, devendo, nesta última localidade ficar uns 3.000 homens.

Depois de tomar uma série de medidas concernentes à segurança e abastecimentos das suas forças, o Conde d'Eu, em Santo Estanisláu, lançou para frente na esteira do inimigo, uma vanguarda sob o comando do Coronel Fidélis Paes da Silva, composta de dois batalhões de infantaria (18.º e 48.º) e um regimento de cavalaria. (dia 14).

Dois dias depois, o Conde avançou com o grosso de suas forças pela estrada de Santo Estanisláu-Curuguati, e, atravessando terrenos alagados e com difíceis acessos com carros de artilharia em situações bastante embaraçosas, estacionou numa colina denominada Potreiro-Capivarí, distante 5 léguas de Santo Estanisláu.

Daí, continuou a vanguarda a sua marcha na direcção de Curuguati, sob o comando do Coronel Fidélis que sabendo da existência de um troço de paraguaios nessa região, avançou rapidamente contra eles que foram batidos, deixando grande quantidade de mortos e prisioneiros, assim como muito material de guerra.

O Coronel Fidélis com sua vanguarda permaneceu em Curuguati até 1.º de Novembro, quando à frente de 200 infantes e 150 cavalarianos, seguiu para o Norte em exploração, para os lados do rio Jejuí, voltando em seguida para Curugauti.

Nessa ocasião, o Conde d'Eu, ainda com o propósito de perseguir Lopez naquela direcção, achando-se em Capivarí, como vimos, resolveu aligeirar a sua coluna e mandou que algumas unidades de sua força se recolhessem a Rosário.

Feito isto e tomadas outras providências, o Conde com o resto do seu grosso, (cinco batalhões de voluntários, uma ala do batalhão de engenheiros, dois corpos

de cavalaria e parte do batalhão de artilharia, conduzidos pelos Brigadeiros Emilio Mallet e Silva Pedra) avançou uma légua na direcção do rio Capivarí que foi então transposto, e foi estacionar na bifurcação das estradas Rosário-S. Joaquim (16 de Novembro).

Mandou, então, o Conde que o Coronel Fidélis novamente fizesse explorações sobre Curuguati e Igatemi com uma vanguarda constituída de dois batalhões de infantaria, uma bateria de artilharia, um corpo de cavalaria e uma ala de batalhão de engenheiros.

Com esta missão, Fidélis soube em Curuguati, aonde chegou aos 18 do mesmo mês que Lopez tinha uma vanguarda com 600 homens e 2 peças em Jejuí-guassu comandada por Delgado, e estava com um grosso aproximadamente de 500 homens a oito quadras para trás da vanguarda.

Imediatamente depois de acampar ao Sul do passo do Jejuí-guassu, Fidélis procurou tomar contacto com o inimigo e atacando-o de frente com sua artilharia, efetuou a clássica manobra de transpor o rio por surpresa e atacá-lo em outro ponto mais afastado, obrigando-o a um recuo da posição ocupada, inteiramente desbaratado.

Depois desta vitória, Fidélis prosseguiu na perseguição do grosso inimigo que tomara posição do outro lado do rio.

Todavia, não pode o inimigo resistir ao ataque da tropa de Fidélis e foi inteiramente derrotado.

Continuando na execução de sua missão, Fidélis avançou em direcção a Igatemi de onde lançou um reconhecimento até Itanárá, mudando já no dia 29 o seu acampamento para o passo do Jejuí-mi.

Daí o Coronel Fidélis informou ao Conde sobre o paradeiro de Lopez que, segundo as informações obtidas, estava em Panadero, muito desmoralizado em vista da grande deserção dos seus, pela falta de víveres e disciplina de marcha.

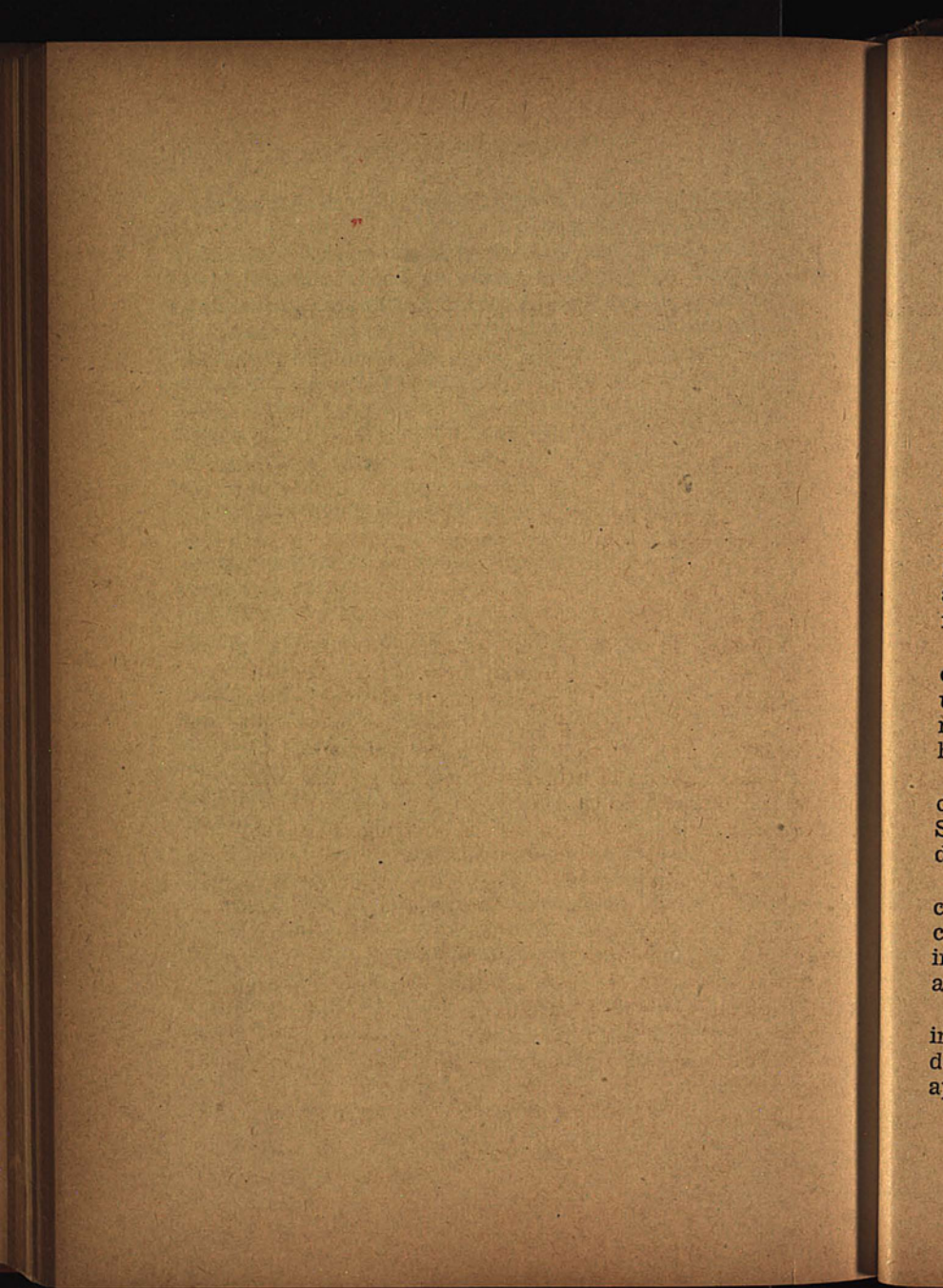
O Conde em vista das informações de sua vanguar-

da, resolveu avançar com o grosso na mesma direcção e estacionou em Curuguati.

Em Curuguati, o Conde d'Eu fez várias conjecturas a respeito da posição e prisão de Lopez e trocou ideias através de ofícios com Vitorino e Câmara, chegando à conclusão, segundo ele próprio escreve, da impossibilidade de empreender contra Lopez em Panadero uma ofensiva decisiva e conclui: "Não vejo facilidade nem probabilidade em que as forças aqui existentes em Curuguati possam empreender contra o Panadero um movimento ofensivo que seja decisivo e o Brigadeiro Câmara não deve contar com o concurso delas para o êxito das operações que lhe são confiadas no território compreendido entre os rios Jejuí e Apa".

Prevista a situação de dificuldade de terreno e abastecimento de tropas e a grande distância que se achava de Câmara, resolveu o Conde deixar em Curuguati o General Auto no comando e transferiu o seu quartel-general para Rosário. (7 de Janeiro de 1870).

De passagem por Santo Estanisláu, soube o Conde da tomada de uma trincheira inimiga pelas forças de Câmara no rio Verde, e então tinha já certeza por informações recebidas da retirada de Lopez do Panadero e, portanto, da necessidade de se concentrar a sua atenção para Ponta-Porã, para onde Lopez naturalmente se encaminharia.



OPERAÇÕES DO GENERAL CAMARA

Como vimos, o General Câmara enviado a Conceição, por via fluvial de Arecutaguá (13 de Outubro), tinha por missão vigiar a zona do norte do rio Jejuí, limpá-la dos destacamentos reaprovisionadores de Lopez, arrebanhar o gado ali existente e encaminhá-lo para onde pudesse servir aos aliados. Nessa ocasião foi feita a seguinte reflexão sobre sua conduta: A só presença de Câmara na referida zona ameaçaria de frente o ditador e mais tarde, se esse progredisse afoitamente para o Norte, poderia aquele General acometê-lo de frente ou de flanco, conforme as circunstâncias.

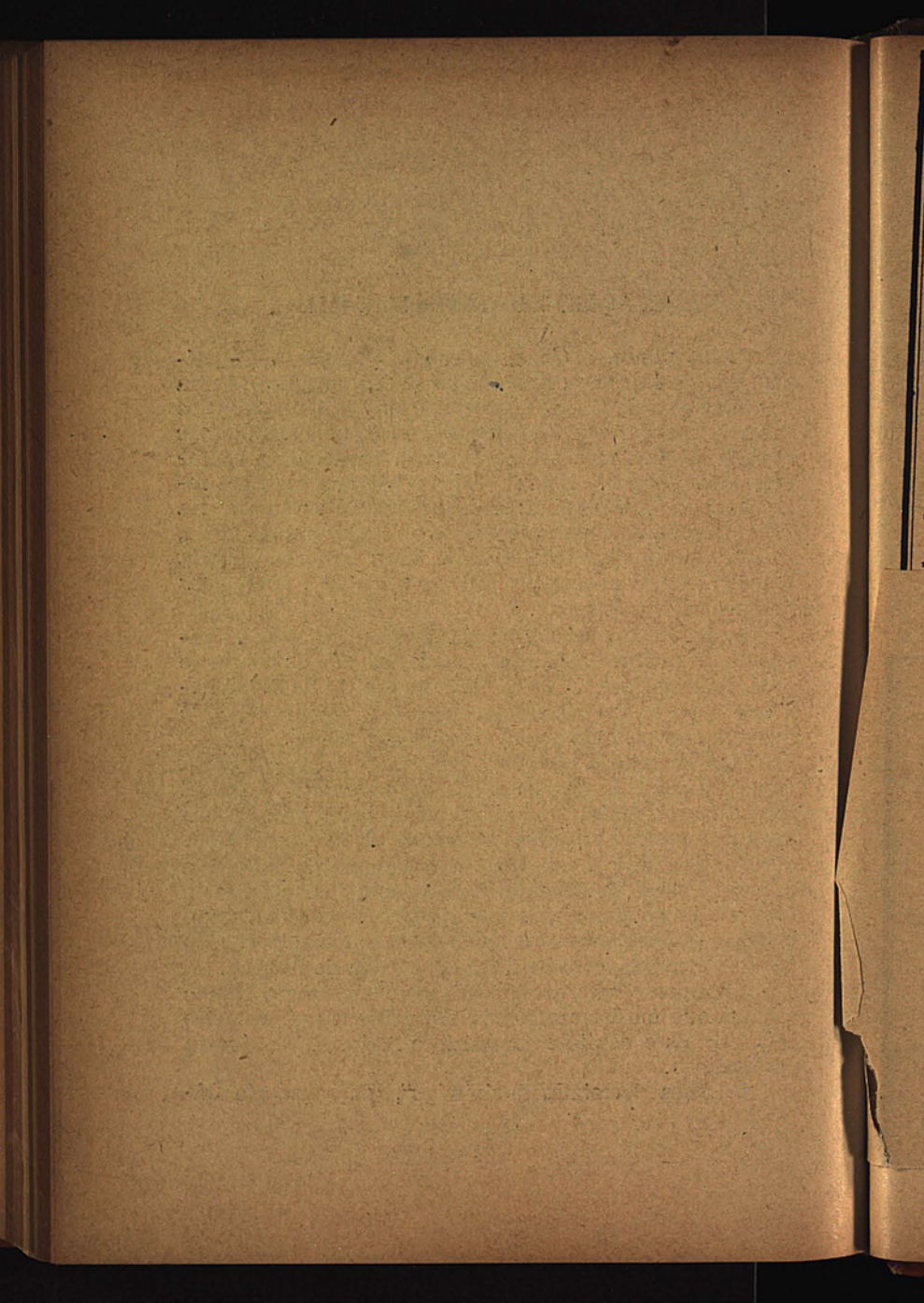
Assim de Conceição, aonde chegou com três brigadas de dois corpos cada uma, sendo duas de cavalaria e uma de infantaria, Câmara com um efetivo de 2.600 homens marchou em direcção a Belén-Cué, onde soube que havia um troço inimigo em situação defensiva.

Mas quando lá atingiu a sua vanguarda, composta da 1.^a brigada de cavalaria sob o comando do Coronel Silva Tavares, soube Câmara que o inimigo já havia abandonado a posição e tomado a direcção de Sanguina-Cué.

Continuando a perseguição, a vanguarda reforçada com o 1.^o corpo de Chananeco conseguiu tomar contacto com o inimigo junto ao arroio Apitigó, mas outra vez o inimigo rapidamente evacuou a posição na direcção do arroio Naranjaí, cerca de 4 léguas e meia de Apitigó.

Finalmente aí a vanguarda travou combate com o inimigo que foi derrotado com 195 prisioneiros, inclusive dois oficiais e muito armamento e material de guerra apreendidos.

“A força derrotada do inimigo”, diz o próprio Câ-



PLANTA DA REPUBLICA
DO
PARAGUAY

Companhia Cartographica Das Republicas Unidas em 1896-97-98-99-1900



PERSEGUIÇÃO A LOPEZ
Operações finais de CAMARA em torno de Conceição

Segundo a obra do Gen. Tasso Fragoso



mara, "comandada pelo Tenente Canete, que veio há poucos dias substituir o Coronel Galeano, se compunha de 900 homens das três armas, como consta do mapa junto, e dela havia duzentos e tantos em diligência.

Tendo regressado a Conceição, mandou Câmara um destacamento comandado pelo Tenente-Coronel José Maria Guerreiro Vitória na direcção de Boa-Vista e outro comandado pelo Major Martins a Tacuatí. Estes destacamentos tinham missões de exploração e a de arrebanhar gado suficiente para equilibrar o reabastecimento da sua força.

Posteriormente (24 de Novembro), soube Câmara que forte coluna paraguaia comandada pelo Coronel Romero havia chegado a Tacuati com cinco regimentos de cavalaria e um batalhão de infantaria, com duas bocas de fogo.

Imediatamente contra aquela tropa inimiga marchou Câmara com toda a sua divisão de infantaria (duas brigadas de dois batalhões cada uma) e duas brigadas de cavalaria (com dois corpos cada uma) com quatro bocas de fogo.

Quando, porém, havia alcançado Tacuati, soube que o inimigo já há quatro dias havia abandonado aquela localidade.

Em vista disso, Câmara tomou novo rumo em direcção a Tacuará e lançou uma forte vanguarda no rastro do inimigo.

Assim conta o próprio Câmara: "—Nas proximidades da estância de Tacuarita encontramos o rastro de uma força inimiga do comando do Coronel Romero, que se retirava demandando um forte banhado denominado Perí-Pocu que pode ser transposto em dois dias, em um vau, denominado Toropasso. Esse chefe (Romero) se dirigia pela estrada do Taropasso."

Câmara ordenou que sua vanguarda seguisse na esteira do inimigo que, embora derrotado nas suas colunas

de cobertura, conseguiu que o seu grosso, sob o comando imediato de Romero, escapasse com os seus 800 soldados.

Em vista disso Câmara, depois de uma pequena demora em Tacuari, regressou a Conceição com sua força.

No dia 14 de Dezembro, Câmara determinou ao Tenente-Coronel António Joaquim Fernandes de Assunção que, com o 31.º de voluntários e duas bocas de fogo, se enrincheirasse à margem direita do Ipané, junto ao Tacuati para opôr qualquer tentativa de avanço, do inimigo por essa região, e ao mesmo tempo para construir um armazém para estação de víveres.

Três dias depois (20 de Dezembro), saiu também de Rosário o Tenente-Coronel Mesquita com o 14.º de voluntários e estacionou com sua tropa no mesmo local no passo do Ipané.

Câmara somente no dia 26 deixou Rosário com o mesmo destino, levando como tropa o 15.º batalhão e 220 homens de cavalaria da brigada Tavares (5.º), alcançando a margem do Ipané no dia 29 do mesmo mês.

Marchando com o propósito de aniquilar as tropas de Lopez, na região do rio Verde e Cambacibá, Câmara somente a 1.º de Janeiro alcançou as proximidades daquele rio, de onde lançou para frente a cavalaria de vanguarda do Coronel Silva Tavares.

Pegados de surpresa, ante impetuosa carga, os Paraguaiois opuseram pouca resistência e logo se jogaram em fuga para o mato próximo.

No dia seguinte o 14.º batalhão avançou sobré Cambacibá onde o inimigo tinha uma pequena guarnição que foi inteiramente dispersada.

Depois desse successo, Câmara achou melhor não avançar até o Aguaraí-guassú e atacar os elementos que aí tinha Lopez, pois além de tudo já tinha conhecimento de que o ex-ditador tomara a direcção de Cerro-Corá e principalmente porque tinha conhecimento da presença de um destacamento paraguaio, comandado por Genes que se encontrava à sua rectaguarda.

Assim em vista dessas circunstâncias, retrocedeu no dia 3 de Janeiro e foi acampar na margem do rio Verde.

Diante disso, Câmara mandou construir um reduto na entrada da picada de Jaguareteú, que dava acesso ao sítio onde se devia encontrar o inimigo e determinou ao Major António Martins que de Conceição viesse com 100 homens de cavalaria reforçar o reduto já então artilhado e guarnecido com 300 infantes.

Câmara então seguiu a estrada de Lima, atravessando o Aguarí-guassú no passo acima e novamente transpô-lo no de Tupiú, atingindo no dia 11 a estância do Rosário, já abandonada pelos Paraguaiois e daí se dirigiu para Lamarágua, perto de S. Pedro.

Nesse sítio, já o esquadrão da vanguarda comandado pelo Capitão Marques Xavier, trocava tiros com os elementos avançados do inimigo e, ante esta situação, Câmara aproximou o grosso de sua força ao inimigo e empenhou-se logo em combate.

“O dispositivo de combate”, diz o General Tasso, “foi o seguinte: o 15.º batalhão de frente, procurando ao mesmo tempo envolver o flanco direito do inimigo; o 14.º pela direita, para contornar a esquerda do adversário e o 31.º de voluntários em segundo escalão, atrás do 15.º, estendido em linha.”

“O inimigo numerava cerca de 600 homens.” “Estava em linha, “conta Câmara,” e apoiava a esquerda em um laranjal e o centro em duas grandes casas; a direita estendia-se pela aberta de um antigo roçado. A sua frente inteiramente mascarada, só à curta distância podia ser vista. A resistência não foi tenaz, nem duradoura. Os que não sucumbiram ou não caíram prisioneiros, buscaram salvar-se, embrenhando-se nos matos da vizinhança.”

Com esta derrota os Paraguaiois deixavam de manter destacamentos nas imediações de S. Pedro e Conceição.

Desta forma, Câmara eliminou da região que lhe

estava confiada, toda a disseminação de elementos inimigos, destacamentos ou grupos que então só existiam inteiramente isolados e por vezes fugitivos que se congregavam sem outra preocupação senão a de colher recursos para fugir à morte pela fome.

Diz Centurion: "Tal foi o triste fim da campanha do departamento de vila Conceição. Ajudado por traidores que pululavam em toda a parte, os aliados impediram com suas perseguições que as forças paraguaias, desprovidas de alimentos enviassem ao Exército, uma rês sequer, sendo esse aliás o seu objetivo."

OS MOVIMENTOS DE LOPEZ DESDE A TOMADA DE PIRIBEBUÍ

Lopez achava-se em Ascurra, quando se deu a tomada de Piribebuí e no dia seguinte à tarde o seu Exército (11.000 e tantos homens e 1.800 feridos segundo Resquin) dividido em dois corpos de Exército, pôs-se em movimento (13 de Agosto), com destino a Caguataí.

O 1.^o corpo, sob o comando imediato de Lopez com 5.000 e tantos homens marchou toda a noite de 13 para 14 pelo caminho denominado Encruzilhada, isto é, o que de Piribebuí se dirige a Caacupé e caminhando mais dois dias com pouco descanso, em marcha somente a 15 alcançou Caraguataí.

Na retaguarda deste, ia o 2.^o corpo sob o comando de Caballero que estava encarregado de escoltar o parque e o material pesado de guerra, como também de cobrir a retaguarda contra os ataques de persiguição por parte dos Brasileiros.

Diz Resquin: "A tropa estava cansadíssima, não tendo comido nem dormido durante todo esse tempo.

O 2.^o corpo, porém, que vinha muito pesado foi alcançado pelo Exército brasileiro e completamente derrotado, perdendo não somente grande quantidade de artilharia como também o parque geral do Exército, víveres, arquivo, etc."

Outra tropa de cobertura com cerca de 900 homens que Lopez destacara do 1.^o corpo sob o comando do Coronel Hermosa foi também inteiramente derrotado (25 de Agosto).

Continuando a marcha, o 1.^o corpo, depois de passar

por Caguí, alcançou já no dia 18 a vila de Santo Estanisláu.

Daí então marchou sempre acochado pelos brasileiros até chegar ao arroio Hondo, quando então ficou aliviado das perseguições.

Conta Resquin que "no dia 30, Lopez fez uma grande promoção e que ele (Resquin) e o General Caballero foram promovidos a Generais-de-Divisão e Roa e Delgado a Generais-de-Brigada, etc.

Nesse tempo, uma mulher e um indivíduo que a acompanhava foram presos perto de Curuguataí por suspeitos, pois o homem era paraguaio e andava armado.

Este escapou-se e a mulher foi conduzida ao Quartel-Genaral de Lopez em Santo Estanisláu.

Foi fuzilado um sargento de urbanos, por ter deixado escapar o homem e a mulher foi sujeita a um interrogatório, no qual declarou ser espia do Exército aliado, estar em inteligência com o alferes Aquino da escolta de Lopez, com quem anteriormente, quando o Exército paraguaio estava ainda em Ascurra, se entendera para que Aquino, com parte da escolta do mesmo Lopez, se sublevasse e o assassinasse; que, desde que o Exército paraguaio se moveu, ela recebia de Aquino informações, que transmitia ao Exército brasileiro e que fora encontrada perto de Curuguataí, porque vinha da Vila-Rica por Aios e S. Joaquim a juntar-se com o Exército paraguaio, para de tudo que visse dar parte ao general brasileiro.

O Alferes Aquino, confrontado com ela, tudo negou a princípio, mas, depois de castigado com chicote e cepo, tudo confessou ao próprio Lopez que nessa ocasião mandou dar-lhe comida e aguardente.

Aquino denunciou alguns indivíduos como seus cúmplices; estes denunciaram a outros e assim de uma assentada foram fuzilados 86 praças e 16 oficiais, entre os quais o Coronel Mongiló, comandante da escolta, o Major Rivero, seu imediato, não por terem tomado parte na conspiração, mas sim por se haver urdido no corpo

sob suas ordens um trama tal e eles não o descobriram.

Outros oficiais, antes de serem fuzilados, foram surrados à vista de Lopez, até prestes a expirar”.

De Santo Estanisláu, o Exército paraguaio marchou em direcção a Iгатemí e em seguida depois de passar em Pacorá, alcançou Capivarí, onde permaneceu 6 dias.

Durante estes dias, em Capivarí, foram feitas novas investigações sobre o processo de Santo Estanisláu e novamente houve novos fuzilamentos em massa, continuando presa a mulher denunciante da trama.

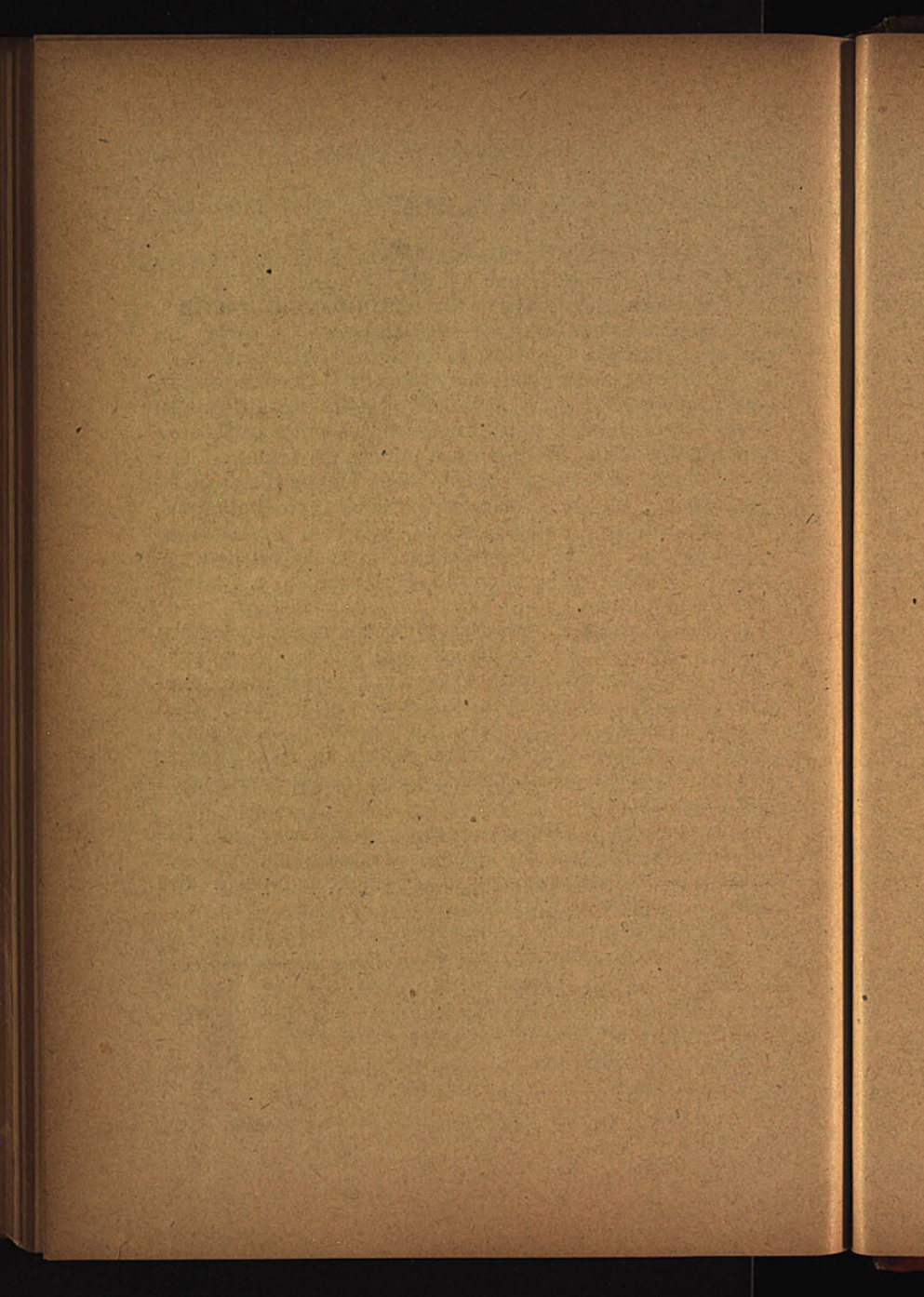
Continuando sempre a fugir das tropas aliadas, Lopez teve a intenção se demorar algum tempo em Tandéi, nas proximidades de Curuguataí, mas com a notícia da chegada das forças brasileiras em Santo Estanisláu, resolveu levantar acampamento em direcção a Iгатemí (16 de Outubro).

“Em Curuguatí, “diz Resquim,” apareceu uma nova história de conspiração; Lopez disse que sua mãe, suas irmãs e seu irmão Venâncio com o Coronel Marcó haviam tramado envenená-lo no dia 16 de Outubro. Sua mãe foi imediatamente presa no quartel general, mas suas irmãs que estavam soltas, foram de novo presas. Marcó foi preso pela primeira vez e assim marcharam para Iгатemí.”

Em Iгатemí, o Exército começou a sentir grande falta de abastecimento pois os recursos de abastecimentos foram abalados com a ocupação, por parte dos aliados, da vila de Conceição.

De Iгатemí, onde se demorou perto de 30 dias, Lopez seguiu logo para Panadero, donde nos primeiros dias de Janeiro tomou rumo do Cerro Corá.

A retirada de Lopez do Panadero foi consequência, como vimos, da ocupação do rio Verde pelas forças do General Câmara.



A MANOBRA FINAL PARA APRISIONAR LOPEZ FIM DA GUERRA

Em princípios de Fevereiro de 1870, o General Câmara, em Conceição, oficiou ao General Vitorino comunicando-lhe as informações que havia obtido a respeito das intenções do ex-ditador, de um grupo de paraguaias que, perseguidas pelas forças do Major Urbieta, ali se refugiaram.

Disseram elas que Lopez seguia o caminho de Dourados, abandonando todas as suas carretas na margem do rio Amambáí.

Estas e outras informações de desertores do inimigo, sempre impelidos pela fome, deram ao General Câmara a certeza das intenções de Lopez.

“Em consequência destas declarações”, escreve Câmara a Vitorino, “a que dou inteiro crédito, porque estão de acordo com todas as que têm vindo ao meu conhecimento e combinam com o resultado certo e são consequências lógicas do estado em que de há muito Lopez se sustentava em uma guerra de recursos, sem meios para prolongá-la, guerra de extermínio para os próprios que o acompanham, mais do que para os que o combatem, vou fazer seguir na próxima madrugada um batalhão de infantaria para reforçar o Coronel Bento Martins de Menezes.

A esse Coronel vou dar instruções de acordo com estas notícias para que previna o que estiver em seu alcance e esteja de sobreaviso, para não termos de dizer no desfecho da campanha: eu não cuidei”.

“Eu mesmo pretendo por-me daqui em marcha nestes quatro dias, com os recursos que tenho”.

Antes, porém, para melhor esclarecimento dos factos que se vão passar, daremos uma apreciação do panorama da região onde se passaram essas notáveis cenas, tirada da História de Pereira da Costa: "Nos distritos da Conceição e S. Salvador, nos campos denominados Iguatemi e Amambáí, no Sul do distrito de Miranda e na extrema do chapadão da Vacaria, passaram-se cenas notáveis.

O teatro extenso, deserto como é, tem majestade. De um lado a Oeste fica o rio Paraguai, do outro a 70 léguas, em sentido longitudinal, corre quase paralelamente o rio Paraná.

À meia distância desses dois imensos caudais, ergue-se a serra de Maracaju, abrupta na sua vertente ocidental, e na oriental, um "plateau" immenso, suave, e que vai morrer nas águas do rio Paraná.

Dessa serra nascem para a esquerda os rios Jejuí, Ipanê, Aquidaban, Apa, Miranda e Nioac; para a direita o Iguatemi, o Dourados, o Ivinheima e Brilhante.

No Apa terminam os terrenos da vencida república, e contravertente do Apa sai o rio Dourados que vai na direcção de Este procurar as águas do Ivinheima e do Paraná.

Os afluentes do Apa do lado da República são o Guazu e o Apa-mirim, do lado do império os ribeirões da Pedra-de-Cal, de José-Carlos, Sombreiro, os de Chapéu, Taquarassu, Gabriel-Lopez e Lageado que foram todos transpostos pela expedição de Mato-Grosso, em 1867.

Outro rio importante, cuja embocadura se encontra ao subir o Paraguai, é o Miranda ou Mondego, chamado pelos Paraguaioes, Uboteti, o qual recebe primeiro o Nioac, no ponto chamado Forquilha, depois o Aquidaúana, a que os Paraguaioes deram o nome de Blanco para levarem até aquélas margens as raias de sua atrevida occupação.

Com acção fantástica sobre estas solidões, ficava

Lopez no seu retiro de Panadero, vendo pela fome esbo-
roarem-se os últimos restos de seu poder.

Alí ainda os Brasileiros não o deixaram descançar.
Câmara tomou a estrada do rio Verde, marchou 32 lé-
guas, apoderou-se da trincheira que defendia o rio Agua-
raí e ocupou Cambacibá.

O ex-ditador deixou então precipitadamente aquela
guarida e seguiu caminho da imensidade; foi a princípio
para N. N. E. pela estrada de Chiriguelo, como que bus-
cando o rio Apa; retrocedeu depois.

Em seguida Lopez subiu a todo custo a serra, e atra-
vessou duas vezes o Aguarai, fazendo uma volta de cinco
léguas para fugir de um grande salto e atingir o chapa-
dão do Amambai”.

Assim como vimos antes, o General Câmara plane-
jou um golpe que pusesse termo àquela campanha, já
irremediavelmente perdida para Lopez que tantos sofri-
mentos proporcionava também aos seus infelizes compa-
triotas.

Eis como se desenrolaram os movimentos de Câmara
para o desfecho da campanha: Bento Martins, desde De-
zembro de 1869, havia partido para Bela-Vista com o 17.^o
corpo e o 35.^o de voluntários, lá chegando aos 18 de Ja-
neiro de 1870.

Em Bela-Vista encontrava-se o 18.^o corpo com ordem
de regressar a Conceição quando lá chegou Bento Mar-
tins e não obstante, o General Câmara para lá também
mandou de Conceição o 1.^o corpo e o 20.^o.

Posteriormente, ainda Bento Martins ficou com suas
forças reforçadas com o 12.^o batalhão e, portanto, num
total de um batalhão (o 12.^o), um de voluntários (o
35.^o) três corpos de cavalaria (1.^o, 17.^o e 20.^o).

No dia 9 de Fevereiro, partiu Câmara de Conceição
em direcção a Bela-Vista e já aos 13 havia transposto o
passo Barreto com o 13.^o batalhão e, segundo o General
Tasso, com mais dois regimentos de cavalaria (19.^o e 21.^o
Corpos).

Assim diz o General Tasso: "No dia 14, parte o Coronel Mesquita com os 14.^o e 15.^o batalhões e, provavelmente, com a artilharia. Encaminham-se todos para Bela-Vista, a fim de juntar-se com Bento Martins. Mesquita alcança o General Câmara no dia 15".

O Coronel Silva Paranhos, com um batalhão de infantaria (o 9.^o), um de voluntários (o 36.^o), um corpo de cavalaria (o 18.^o), um contingente do batalhão de engenheiros e duas bocas de fogo, avançou pela linha de retirada do inimigo com a missão de alcançar a sua retaguarda, sem entretanto oferecer combate decisivo, marchando pela picada do Chiriguelo como se estivesse desembaraçada e dirigiu-se para Dourado, ponto de reunião das forças.

Em caminho, o Coronel Paranhos soube por comunicação do Capitão Pedro Rodrigues, do 18.^o corpo provisório, que as forças inimigas se achavam acampadas em Cerro-Corá e que iriam tomar direcção do arroio Guassu e acampar no potreiro aquém desse rio.

Disto deu conhecimento ao General Câmara com a seguinte comunicação: "V. Excia., portanto, deve tomar todas as precauções logo que se aproximar do referido arroio, de modo a não ser surpreendido, nem se ver forçado a aceitar combate.

Eu continuo minha marcha, conforme tinha tencionado, para os Dourados. Estou a 6 léguas distante de Bela-Vista."

Em vista dessas informações, o General Câmara resolveu voltar com suas forças para junto do Coronel Paranhos, no rio Negla, e não mais reunir-se às de Bento Martins, naturalmente para melhor, juntos poderem acometer o inimigo já localizado, deixando Bento Martins realizar a missão de cerco pela picada do Chiriguelo do lado do Leste.

Assim explica o General Câmara: "Mudando imediatamente de resolução, acampe as forças e parti para Bela-Vista, donde fiz seguir pela estrada de Dourados o

Coronel Bento Martins de Menezes, cujas forças aumentei de duas bocas de fogo e uma ala de um batalhão de infantaria.

Ao Coronel António da Silva Paranhos ordenei que marchasse sem perda de tempo sobre o rio Negla, cujos passos occuparia, aguardando nesse ponto a junção de minhas forças."

Logo que pode realizar o que pretendia (dia 25 de Fevereiro de 1870), soube Câmara, por intermédio de alguns desertores do inimigo que Lopez ignorava a sua marcha, e disto procurou tirar proveito.

Em vista dessas circunstâncias, o ataque contra Lopez tomava o aspecto de um verdadeiro golpe e o General Câmara, sem perda de tempo, marchou precipitadamente sobre o inimigo.

Uma vanguarda composta de dois corpos (19. e 21.), dois esquadrões de clavineiros e um batalhão de infantaria (9.º), sob o comando do Coronel João Nunes da Silva Tavares, avançou sobre o Guassu, aonde Câmara chegou, com todo o seu destacamento no dia 28 de Fevereiro.

Daí lançou Câmara uma vanguarda sob o comando do Tenente-Coronel Francisco António Martins (28 de Fevereiro) com a missão de surpreender o inimigo que defendia o passo da Tacuara com duas bocas de fogo e alguma infantaria.

De facto, Martins com bravura e tenacidade attingiu o passo Tacuara sem ser pressentido, na madrugada de 1.º de Março.

Tomado o passo Tacuara, depois de violento combate, Câmara sem perda de tempo, determinou que um esquadrão de cavalaria se emboscasse na picada que precede o rio Aquidaban, até que ele alí chegasse com a força para atacar o passo guarnecido com três bocas de fogo e alguma infantaria.

Assim diz o próprio Câmara: "O inimigo se tivesse notícia de nossa aproximação reforçaria o ponto, e, as

defesas naturais assim aumentadas, prestar-me-iam o intento de prevenir a retirada de Lopez.

A parte que a guarnição de Tacuara enviava todas as manhãs tardava de lhe chegar, e pouco depois mandou ele (Lopez) um de seus ajudantes de campo saber o que ocasionava tal demora e tão grande falta.

Os poucos tiros que se ouviram de seu acampamento não lhe anunciavam que forças superiores lhe estivessem próximas, e antes supôs que alguma pequena partida se avizinhasse do passo, cujos defensores a houvessem repellido.

O ajudante de campo do ex-ditador transpunha a picada e só se apercebeu de nossa emboscada, quando era por ela surpreendido e feito prisioneiro.

Após ele, logo que tinha alguma demora, dois maiores e 11 praças foram mandadas para render a guarnição de Tacuara.

Seis eram os clavineiros que eu tinha emboscado no meio da picada.

A luta travou-se entre eles e a nova guarnição, que ora os fazia recuar, ora recuava, até que, sofrendo uma descarga e vendo mortos dois dos seus, dispersou-se em debandada para o mato, onde quase todos tiveram a sorte daqueles."

Depois desse acontecimento e tomadas todas precauções que o momento exigia, conta Câmara o seguinte: "Os lanceiros, lançando-se a galope pela picada, envadiram o passo ao tempo em que os clavineiros e a infantaria, precipitando-se à voz dos seus chefes sobre o rio, acometiam o inimigo, cujas metralhas lhes passavam por cima da cabeça.

Nenhum homem caiu-nos morto nesse combate contra a artilharia em posição jogando metralha; a artilharia inimiga ficou em nosso poder e poucos escaparam dos seus defensores.

Aos lanceiros tinha eu ordenado que, logo que invadissem o acampamento do ex-ditador, lhe contornassem

os flancos e tomassem a estrada de Chiriguelo, para impedir que algum chefe importante pudesse por ali evadir-se.

Cumprindo esta ordem, transpondo a picada que conduzia àquele acampamento, se dividiram e inundaram pelos flancos da planície de Aquidabannighi, em cujo centro estavam as forças inimigas.

O Coronel Silva Tavares, os oficiais do seu Estado-Maior e alguns clavineiros que os seguiam, assim como alguns infantes, tomaram a estrada do centro, e foram arremessar-se sobre a força a cuja a frente se achava o ex-ditador.

O Coronel Silva Tavares não lhe deixou mais tempo para respirar; carregando sobre ele, dizimando seus defensores, mutilando seu piquete de oficiais, ceifando com o gládio da vitória aquelas vidas, que, como anjos do mal, se opunham à paz e à regeneração de um povo, levou-o de envolta no pó e no fumo, de encontro ao mato que margeia o Aquidabannighi.

A tão encarniçada perseguição não pode o tirano fazer face.

Abandonando-se à fuga, lançou-se para o interior do mato, onde de perto o seguiu um punhado de bravos, que lhe juraram extermínio, até que ferido, desanimado, exausto, apeando-se de seu cavalo, dirigiu-se para àquele arroio, que tentou transpor, caindo de joelhos na baranca oposta.

“Foi nesta posição que, tendo-me apeado,” continua o general Câmara, “e seguido em seu encalço, o encontrei.

Intimei-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que lhe garantia os restos de vida como general que comandava aquelas forças.

Respondeu-me atirando um golpe de espada.

Ordenei então a um soldado que o desarmasse acto que foi executado no tempo em que exalava ele o último suspiro, livrando a terra de um monstro, o Paraguai de um tirano e o Brasil do flagelo da guerra.”

Há várias versões relativamente à morte de Lopez, como a versão do Coronel Silva Tavares, do próprio General Câmara em officios ao Ministério da Guerra, das fontes paraguaias de Resquin e Centurion, e de outros que emprestam as cores da imaginação aos sucessos dessa ordem mas aqui não há lugar para estas considerações, pois damos por satisfeito desde que relatamos a descrição do próprio General Câmara que julgamos com grande autoridade no assunto.

Dentre os mortos desse último lance da guerra, destacavam-se o Vice-Presidente da República, Dr. Francisco Sanchez, o Ministro Caminos, os Coronéis Aguiar Avalos, Juan Francisco Lopez, Filho do ditador, Bernardini Diniz, Tenente-Coronel Orzu e alguns capelães, etc.

Foram feitos prisioneiros os Generais Resquin e Delgado, 4 Coronéis, 8 Tenentes-Coronéis, 10 Majores, 3 médicos e 8 padres, assim como madame Lynch e 4 filhos do ditador e mais 205 combatentes, entre officiaes e subalternos e soldados.

A mãe e as irmãs do ditador que foram encontradas no campo de acção, aí estavam presas por ordem de Lopez e no mesmo dia em que ele morreu, todas elas tinham de ser executadas por força da sentença que assim determinara.

Com estes últimos acontecimentos, terminaram as operações da guerra da Tríplice Aliança, e em sua ordem do dia de 15 de Fevereiro, de que apenas transcrevemos alguns trechos escrito em Rosário, assim se expressou Conde d'Eu: — Faltam expressões para, não só devidamente louvar e exaltar os serviços prestados à causa pública pelo General Câmara, como também para especificar as qualidades militares por ele demonstradas, a sua actividade sem igual, a sua bravura e a sua intelligência excepcional."

Na parte por ele apresentada, e que ora é publicada, vêm apontados todos os incidentes dessa notável ex-

pedição, que foi buscar o tirano nas fraldas da serra de Maracaju, quase na raia do território paraguaio.

Semelhante resultado, que foi tanto além de todas as esperanças e que corôa as aspirações da Nação Brasileira, é devido unicamente, posso dizê-lo, ao General que o conseguiu e que viu os seus cálculos perfeitamente executados pelos que operavam debaixo de suas ordens, à testa dos quais figuram os distintos Coronéis Antônio da Silva Paranhos, Frederico Augusto de Mesquita, João Nunes da Silva Tavares e Bento Martins de Menezes...

Se, porém, fosse lícito repartir com outros a glória que pertence aos triunfadores de Cerro-Corá, a maior parte deveria, depois deles, tocar ao Exmo. Sr. Marechal-de-Campo Vitorino José Carneiro Monteiro, comandante das forças ao norte do rio Manduvirá, a cujo zêlo pelo serviço e incansável providência se deve terem aquelas forças podido desempenhar a custosa tarefa, sem que, por momentos, lhe faltassem os sustentos e os meios imprescindíveis de mobilidade..."

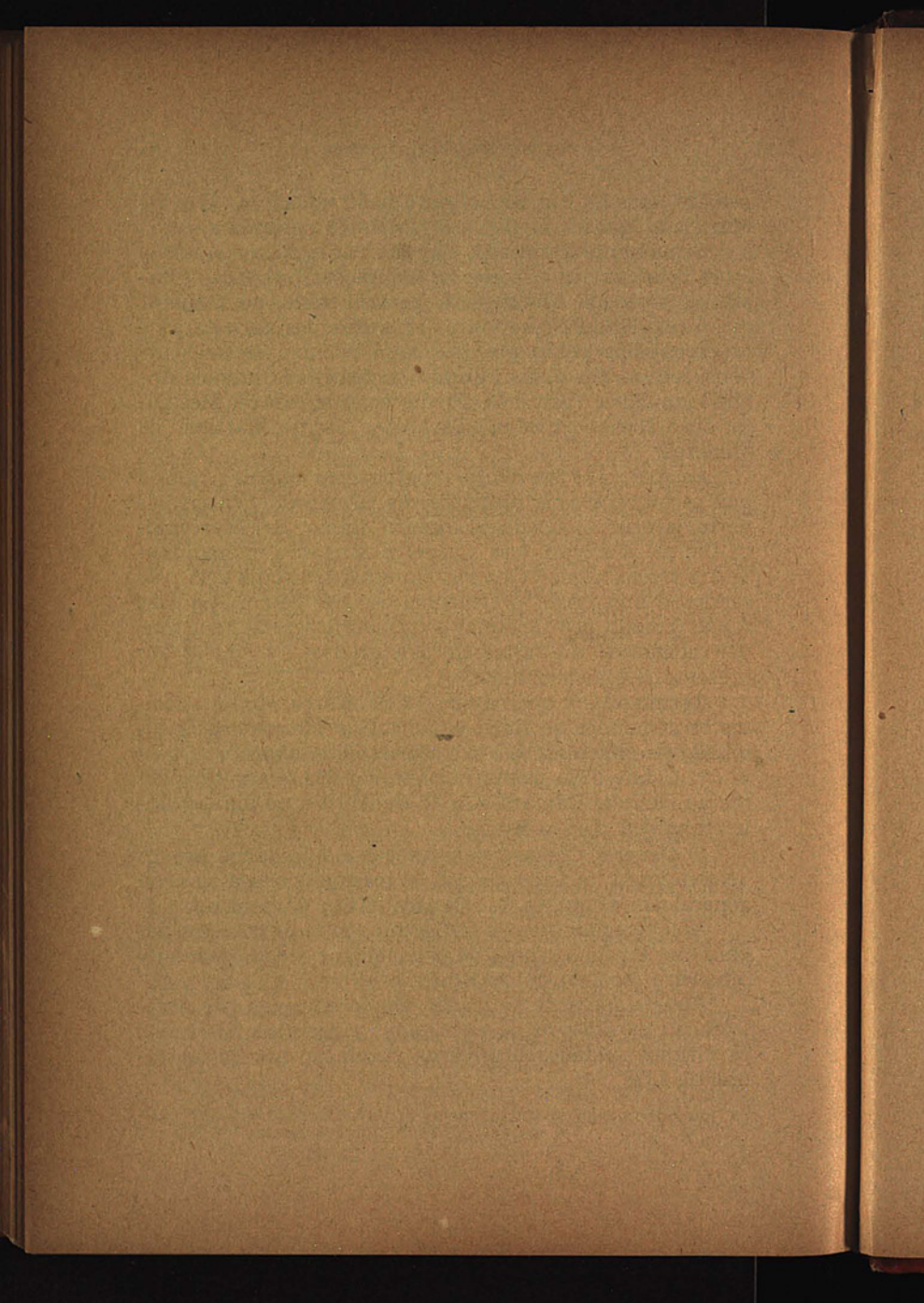
Terminada a guerra, em 15 de Março, foram extintos os comandos ao Norte e ao Sul do Manduvirá, a comissão de engenheiros e o hospital de Assunção.

O Conde d'Eu passou o comando das forças brasileiras ao General Câmara, aos 16 de Abril e no dia seguinte embarcou para o Brasil.

O General Câmara permaneceu no comando até 1.º de Setembro, quando passou o mesmo, no seu quartel general em Humaitá, ao General Auto Guimarães.

No Paraguai, depois de terminada a guerra, apenas permaneceu uma força de ocupação e todo o exército brasileiro recolheu-se ao Brasil.

Aquela força de ocupação ali permaneceu até a celebração do tratado de paz com a Argentina, deixando os últimos soldados brasileiros, Assunção aos 22 de Junho de 1876.



INDICE

	Pág.
A guerra do Uruguai	9
A guerra do Paraguai	23
A situação militar do Brasil	33
A ofensiva paraguaia no rio Paraná	41
A batalha do Riachuelo	47
As operações do rio Paraná	57
A invasão do Rio Grande do Sul	59
Considerações gerais sobre a rendição de Uruguiana	69
Ligeira apreciação dos fatos estudados	75
O fim da ofensiva paraguaia	79
A campanha de invasão	83
O desembarque em território paraguaio e as ofensivas contra Itapiru e Passo da Pátria	89
Combate de Estero Belaco	97
A marcha para Tuiuti	105
Batalha de Tuiuti	109
Situação dos aliados depois da batalha de Tuiuti	119
Combate de Itaiti-Cora	125
Combate de 18 de julho de 1866	131
O exército de Porto Alegre	135
Missão do 2.º Corpo de Exército	141
Operações preliminares para o ataque de Curuzu	147
O ataque de Curuzu	151
Nova orientação no plano de manobra	155
O ataque de Curupaiti	161
Algumas considerações sobre a derrota de Curupaiti	167
A nomeação do Marquês de Caxias	171
Nova orientação no plano de manobra	177
O novo plano de Caxias	185
Combate de Tataiba	193
Combate de Potreiro Ovelha	213
Combate de Tali	215
Nova investida de Lopes contra os aliados em Tuiuti	217
Campanha preparatória	225
Forçamento do Passo de Humaitá simultaneamente com a con- quista do reduto do estabelecimento	229
Tomada de Laureles	237
Abordagem de 2 de maio de 1868	241
A tomada de Curupaiti	245
Sítio de Humaitá	249
Expedição ao Chaco	251
Combates de 4 e 8 de maio de 1868	255
O plano de manobra para a tomada de Humaitá	257

	Pág.
Caxias determina o reconhecimento do Tebiquari	261
Nova abordagem à nossa esquadra	269
Combate de Humaitá	273
Combate de Acahuasa	277
Ocupação de Humaitá	281
A perseguição dos fugitivos	285
A campanha decisiva	289
Combate do Passo Real do Tebiquari	293
Combate de Surubii	297
Reconhecimento de Pickiciri	299
Plano de manobra contra Pikiciri	307
Combate de Itororó	307
Batalha do Avaí	315
Lomas Valentina	323
Intimação a Lopez	333
Rendição de Angustura	341
A campanha da Cordilheira	347
Composição do exército aliado em abril de 1869	353
A nomeação do Conde d'Eu para comandante chefe	355
Expedição ao Manduvirá	359
Exploração sobre o sudoeste	365
Expedição a Ibiçuí	367
O destacamento do General Câmara dirige-se para São Pedro ..	371
Deslocamento para a região Piraju-Tacuaraal	375
As forças de Lopez depois da fuga de Ita-Ibaté	379
Exploração do General João Manuel	381
Os preparativos para o grande ataque	387
A passagem do desfiladeiro de Sapucaia	397
A subida da Cordilheira	399
Aproximação sobre Piribebui	401
O ataque a Piribebui	403
Os movimentos dos aliados depois da vitória de Piribebui	407
Avanço sobre Caacupé	409
Batalha de Campo Grande	411
Campanha de perseguição	417
A perseguição	421
Novas medidas	425
Operações do General Câmara	435
Movimentos de Lopez	441
Manobra final — Fim da guerra	445